#1 *NEW YORK TIMES* BESTSELLING AUTHOR

JODI ELLEN MALPAS



Bestselling Author of the THIS MAN Series

His scars run deep.
His love runs fierce.

Gentleman *sinner*

AVISOS

Prezem pelo grupo, não distribuam livros feitos por nós
em blogs, páginas do facebook e grupos abertos.

Nunca falem sobre livros que foram feitos por nós para autoras,
digam que leram no idioma original.

Prestigiem sempre os autores comprando seus livros,
afinal eles dependem disso não é mesmo?

NÃO GOSTOU DA TRADUÇÃO?
LEIA NO IDIOMA ORIGINAL.

A presente tradução foi efetuada pelo grupo Queens of Shadows (QOS), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição.

O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo QUEENS poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo QUEENS de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

Gentleman Sinner

Moderadoras

Lilly Draconi, Meghan Williams & Kamylee Bennett

Staff

Tradução
Rainha das Sombras

Revisão Inicial
Red Dream

Revisão Final
Cris Queen

Leitura Final
Keli Queen & Thania Queen

Conferência
Flávia A. Queen

Formatação
Meghan Williams

Disponibilização
Equipe Queens of Shadows

2019

Gentleman Sinner

Jodi Ellen Malpas

Izzy White sabe da escuridão deste mundo. Afinal, ela escapou há muito tempo. Determinada a não deixar seu passado vencê-la, Izzy tem uma vida segura e estável com um trabalho que ela ama em enfermagem.

Mas um ato de gentileza subverte completamente tudo o que ela tão cuidadosamente construiu, colocando-a de volta na mira do perigo que ela está tão desesperada para evitar.

Quando Theo Kane aparece como um cavaleiro de armadura brilhante, Izzy não pode deixar de pensar que ela foi salva de uma ameaça e exposta a outra. Seu físico imponente, as linhas duras de seu rosto e a cautela de todos que chegam perto são apenas algumas pistas da notória reputação de Theo Kane.

O homem é positivamente aterrorizante. Mas com Izzy, ele é terno e um cavalheiro completo, e seu fascínio pelo misterioso homem se torna poderoso demais para ela ir embora.

Quando os demônios de Theo vêm à luz, correr se torna ainda mais impossível.

E ficar juntos poderia condenar os dois.

CAPÍTULO

Um

Eu luto com os dedos agarrados ao redor do meu pescoço, (fazendo força) para afastá-los. A força por trás de seu domínio desafia a razão e está começando a me fazer suar. Minha traqueia está sendo esmagada, me fazendo suspirar. Porra, ele vai me estrangular até a morte. *Flashbacks*[1] me bombardeiam, seu rosto, sua voz carregada de má intenção.

Eu estou em um hospital, é o que me lembro. Eu estou internada em um hospital. A lembrança é difícil de aceitar quando você está engasgando até a morte. Sem nenhuma outra opção, eu aperto o botão vermelho de emergência acima de mim na cama, batendo com meu punho antes de tentar novamente com a outra mão tirar os dedos do meu pescoço.

—Izzy! — - Eu ouço meu nome sendo gritado, e de repente mais mãos estão ao redor da minha garganta, me ajudando. —Frank, deixe-a ir. — - Susan avisa tão severa quanto de costume. —Alguma ajuda aqui seria ótima, Pam!

Pam também aparece, obrigando Frank a voltar para a cama pelos ombros. Eu quase caio de bunda quando sou solta das garras do velho, suas longas unhas se arrastando pela delicada carne do meu pescoço enquanto ele é forçado a me largar. Cambaleando para

[1] *Flashbacks* - interrupção de uma sequência cronológica narrativa pela interpolação de eventos ocorridos anteriormente

trás, eu ofego precisando de oxigênio, respirando com urgência enquanto deixo Susan e Pam acalmarem Frank.

Minhas mãos passam suaves ao longo do lado do meu pescoço, a dor me fazendo reclamar um pouco.

—Merda. — - Eu respiro, verificando as pontas dos meus dedos em busca de sangue. Não há nenhum, mas, Jesus, dói como o inferno. Frank solta alguns gritos inúteis antes de ceder ao pequeno exército de enfermeiras e cair de costas na cama, bufando e gemendo por ter sido mantido prisioneiro.

—Agora basta, Frank. — - Susan o aplaude, parecendo toda alegre. —Isso não foi muito bom, foi? — - Ela dá um tapinha nas cobertas ao redor das pernas dele. —Izzy só estava tentando ajudá-lo.

—Sheila vai questionar onde estou. — - Frank grita, apontando um dedo para Susan antes de virá-lo para mim. —Vocês suas nazistas! Vocês não podem me manter aqui!

Pam me dá um olhar preocupado, e eu balanço a cabeça, dizendo que estou bem, antes de me endireitar e me mover para ajudar Susan.

—Vamos ficar bem e você poderá ir para casa. - Digo suavemente. Eu pego um pouco de água e lhe entrego o copo, sendo super vigilante por qualquer sinal de que ele possa tentar torcer meu pescoço novamente. Ele bufa, mas pega a água e bebe com a mão tremendo. O pobre homem não vai ficar bem e não vai para casa. Sheila, sua esposa de cinco décadas, está morta há quinze anos, nas graças de Deus. Sua filha não pode mais cuidar dele e ele não

pode mais viver sozinho. Não é seguro, então ele deverá ficar no hospital até que alguns arranjos alternativos possam ser feitos. Sempre que puder ser feito.

Eu endireito e pego o monitor de pressão arterial, empurrando-o para longe. Susan, a enfermaria chefe, fica ao meu lado, verificando o relógio.

—Você foi empurrada e puxada toda esta semana, Izzy. — - Ela reflete me dando um sorriso de lado. – —Vamos dar uma olhada em você.

Eu aceno minha mão levemente, afastando-a.

—Não é nada.

—Eu vou ser o juiz disso. — - Ela repreende, me puxando para perto e empurra meu cabelo preto ondulado na altura dos ombros para longe do meu pescoço.

—Pensei que você tinha pedido a Pam para cortar as unhas dele.

Eu estremeço, não querendo colocar minha colega em apuros.

—Eu pedi?

Susan revira os olhos a minha ignorância fingida.

—Vamos lá. É o final do seu turno. Vamos fazer a entrega do turno para que você possa ir para casa. —

Ela se vira e caminha para seu escritório, seu traseiro redondo balançando, e eu sigo enquanto sinto minha pele dolorida, me

condenando por não ter conseguido passar por essa troca ilesa. Significa apenas mais papelada.

Depois de meia hora de troca e preenchimento de formulários, vou até a maternidade para ver Jess antes de ir para casa. Eu a vejo através do vidro de portas duplas, e seu rosto se ilumina enquanto ela caminha pelo corredor para me deixar entrar. Seus cachos loiros são puxados para trás em um coque arrumado, com alguns fios rebeldes aparecendo aqui e ali, indicando que ela está bem em seu turno. Ela abre a porta e me leva para dentro, e o som de bebês chorosos me atinge em todas as direções.

— Jesus, há alguns exercícios sérios de pulmões acontecendo hoje à noite. — Digo com uma risada. Minha melhor amiga acena concordando e limpa as mãos na frente do vestido. Ela é uma parteira e é ótima. Nós nos conhecemos na faculdade e dividimos um apartamento desde os dezoito anos. Ela é literalmente minha única família.

— Deve haver uma lua cheia. — diz Jess, seus olhos pousando no meu pescoço. — Uau, isso está ruim.

Eu alcanço e sinto novamente, estremecendo, meus dedos deslizando sobre o creme antisséptico.

— Frank fez uma investida pela liberdade.

— Porra, garota, você deveria ter seguido meu exemplo. Bebês não podem te estrangular.

— Não, mas as mulheres em trabalho de parto podem.

— É por isso que temos parceiras de parto. — Ela pisca e eu rio, abotoando o casaco, pronta para enfrentar o frio.

— Que horas você encerra? — Eu pergunto.

—Seis horas da manhã.

Meu rosto se contorce em solidariedade. A mudança da madrugada.

— Não me acorde quando você entrar. — Eu me abaixo e beijo sua bochecha, quando um poderoso berro atravessa o ar, uma mulher em trabalho de parto gritando para o alto do céu. — Eu nunca vou ter filhos. — Eu estremeço, me afastando para a porta.

— Sim, eu também. — Jess confirma. — Ei, apenas uma semana para entrarmos em férias!

A menção da nossa próxima viagem me faz sorrir como uma idiota.

— Vegas, baby. — Digo, ouvindo mais gritos. Eles comprimem nossos sorrisos e nos lembram que temos mais algumas coisas a serem feitas antes que possamos ficar realmente animadas. — Há uma vagina à espera da sua presença.

Jess suspira e se afasta.

— Já vi vaginas suficientes para lembrar em uma vida inteira, mas planejo neutralizá-las com nada além de um pênis em Vegas. — Ela olha por cima do ombro, toda tímida, e uma risada ressoa da minha barriga, entrando em erupção e abafando os apelos por drogas que vêm do quarto ao longo do corredor. — Hora de

trabalhar, querida! — ela canta toda entusiasmada com a paciente enquanto desaparece. Eu sorrio e me saio da maternidade.

Depois de pegar um chá para viagem, vou para a noite fria de inverno e começo a longa caminhada para casa. O ar fresco instantaneamente começa a acalmar meu corpo cansado depois do meu longo turno. Andar a pé para o trabalho não é apenas por necessidade. No caminho para o hospital, a rápida caminhada de meia hora faz um grande trabalho de me acordar, preparando-me para o meu turno. A caminho de casa, o passeio preguiçoso me ajuda a limpar minha mente e a me acalmar. Além disso, eu não poderia comprar um carro, mesmo que fizesse sentido ter um. O que não poderia. A viagem provavelmente levaria o dobro da caminhada e o estacionamento no Royal London era quase impossível.

Enquanto tomo meu chá, verifico meu telefone, observando em uma fração de segundo quando vejo uma chamada perdida de um número desconhecido. Eu limpo a tela e viro a esquina, tentando não deixar minha imaginação correr solta. É provavelmente apenas uma chamada de vendas, digo a mim mesma. Ou uma daquelas pesquisas de marketing irritantes. Não poderia ser ele depois de todo esse tempo. Dez anos desde que fugi. Faz dez anos desde que eu escapei dele.

Enfio minhas mãos nos bolsos do meu casaco, erguendo meus ombros até meus ouvidos para manter o frio à distância, e ando rapidamente no meu caminho, afastando as memórias, mas nunca a mágoa. Hoje à noite está particularmente frio, mas eu sorrio, pensando que Vegas estará quente, quente, quente. Minhas primeiras férias em anos. Eu não posso...

Um barulho alto vindo de trás me assusta, e eu paro para olhar, cautelosa, antes de procurar na rua por outros pedestres. Não há nenhum, apenas o brilho das luzes da rua na escuridão. Os armazéns do outro lado da rua estão vazios por tanto tempo quanto me lembro, e a fileira de casas do mesmo lado que estou parece quase toda fechada. Jess me incomodava constantemente quando descobria que eu tomava esse pequeno atalho, a tal ponto que eu disse a ela, que não caminharia mais por aqui. Mas eu faço isso há anos e isso diminui dez minutos da minha jornada. Geralmente há alguém seguindo o mesmo caminho. Mas não esta noite.

Os cabelos na parte de trás do meu pescoço se levantam quando outro barulho ecoa ao meu redor. Isso faz com que meus pés voltem à ação, e eu começo a me afastar urgentemente dos sons, constantemente olhando por cima do meu ombro. Minha apreensão diminui à medida que chego ao fim da rua, em direção à estrada principal, mas depois um gemido baixo e cheio de dor, algo me faz parar abruptamente. Eu me viro, ouvindo o som de um carro guinchando na direção oposta. E assim que o ruído alto do motor diminui, mais gemidos são ouvidos. O instinto entra em ação e me leva de volta à rua, apesar da minha inquietação. Alguém está ferido. Eu não posso simplesmente ir embora. Talvez seja a enfermeira em mim. Ou talvez seja simples natureza humana.

Eu acelero em uma corrida, tentando manter meus passos tão silenciosos quanto possível, para que eu possa ouvir de onde o barulho está vindo. Eu escuto outro grito baixo. É uma mulher. Eu aumento velocidade, alcançando a entrada de um beco. Eu não consigo ver nada.

— Olá? — Eu chamo, pegando o meu telefone da minha bolsa.

— Por favor, ajude-me. — uma mulher implora, com angústia evidente em sua voz. — Por favor.

— Estou aqui. Só um segundo. — Eu ilumino com o meu telefone, procurando o recurso de luz, ligando-o e clareando o beco escuro. Uma mulher aparece à vista, encostada a uma parede de tijolos. — Oh meu Deus, você está bem? — Corro em direção a ela, usando meu telefone para me guiar, até que estou agachada ao seu lado, avaliando-a. Ela parece atordoada, e quando eu reflito em seus olhos, concluo muito rapidamente que ela está machucada. Eu examino seu corpo de forma leve, procurando em seu corpo por ferimentos. Suas roupas instantaneamente me fazem pensar se ela é uma prostituta. Infelizmente, eu as vejo no hospital o tempo todo.

— Qual o seu nome? — Eu pergunto, empurrando seu cabelo do rosto e encontrando um corte fresco sobre a sobrancelha. Meus dentes rangem e ela não responde, com a cabeça pesada e rolando. — Você pode me ouvir? — Eu pergunto, caindo de joelhos e colocando minha bolsa no chão. Ela ainda não responde então eu trabalho rápido, mas com cuidado, colocando-a na posição sentada. — Estou pedindo ajuda. — Digo a ela, ligando para uma ambulância.

Mas antes que a chamada se conecte, duas mãos me agarram por trás e me puxam, empurrando-me para o lado com um grunhido irritado. Eu grito, chocada, e meu telefone cai e bate no chão. Minha única luz agora se foi, deixando-me cega e em pânico. Eu me arrasto de volta na minha bunda, meus pés deslizando pelas pedras sujas do beco. O medo me rasga tão rápido que meu ritmo cardíaco vai de firme a selvagem em uma batida. É um medo familiar, e isso só amplifica meu pânico.

Não consigo ver nada, mas posso sentir o cheiro, e meu nariz é assaltado pelo fedor de suor e álcool, enquanto flashbacks me atacam, batendo nos altos muros que luto para manter intactos. Um gemido baixo me lembra a mulher que quase não está consciente ao meu lado, e eu a alcanço, tentando encontrar seus dedos para que eu possa transferir alguma confiança a ela.

A dor mais aguda passa pela minha mão quando é insensivelmente chutada para longe, e eu grito, trazendo-a para o meu peito de forma protetora e sugando minhas lágrimas. Eu acabei de entrar em perigo. O que eu estava pensando? Como eu poderia ser tão idiota? Mas parte de mim não pode se arrepender por se aventurar aqui, por tentar ajudar. No mínimo, espero ter reduzido pela metade os golpes que a mulher ao meu lado está sendo submetida. Afinal, eu posso levá-los. Não será nada que eu não tenha sentido antes. Eu fecho meus olhos e vejo o monstro que me atormentou, e então a mão dele voa pelo ar em direção a minha bochecha.

Pow!

Eu estremeço, meu rosto ardendo quando uma mão, que não é das minhas memórias, se conecta com a minha bochecha. Mas eu segurei minhas lágrimas, localizando a coragem que chamei há muitos anos, mas não precisei desde então, a coragem e a força para apenas sobreviver. Eu fechei minha mente e esperei o próximo golpe, respirando mais calma.

— Você deveria ter continuado andando, cadela.

Seu odor fétido está começando a descer pela minha garganta, me fazendo vomitar, e meu corpo se agita para frente quando ele

agarra a frente do meu casaco, me puxando para cima, respirando em cima de mim. Abro os olhos, não apenas para me lembrar de que não conheço esse homem, mas porque seu rosto está próximo e posso ter um vislumbre na escuridão. Dentes, dentes sujos, podres e pontiagudos são a primeira coisa que vejo, lábios rachados riem ao redor deles.

— Tentando ajudar a pobre escória, hein?

Eu olho para cima e vejo o mal puro e imundo em seus olhos, suas pupilas dilatadas. Eu já vi olhos assim antes. Eles são olhos cheios de intenções cruéis. Eu mantenho minha boca fechada, sabendo que eu não deveria contribuir com a situação, mas quando sua mão suja alcança minha coxa e acaricia meu estômago, e então vai para meu peito, eu choramingo, meu medo alcançando novas alturas. Eu posso dar alguns tapas, mas isso. Não, não posso ir para lá de novo. Eu vou lutar com ele tudo o que tenho.

— Por favor, não.

— Hummm. — Ele cantarola seu sorriso desagradável se alargando. — Acho que vou sentir o seu gosto, já que você parece tão...

Ele foi interrompido quando o ronco de um motor atravessou o ar, e o beco foi subitamente iluminado por faróis. Eu olho ficando cega pelo brilho repentino, e pisco de volta, forçando meus olhos enxergarem para obter algum foco, meu coração batendo descontroladamente. Eu posso sentir o seu aperto ao soltar-me.

– Porra. — Ele amaldiçoa com sua voz agora trêmula, em vez de ameaçadora.

Eu ouço uma porta do carro bater. Eu ouço passos se aproximando. E então meu atacante de repente está sendo jogado para trás com um grito assustado, sacudindo-me bruscamente enquanto suas mãos eram arrancadas do meu casaco. O som do corpo dele caindo nos tijolos da parede oposta me faz recuar, e quando minha visão clareia, eu recuo, vendo as costas de um homem bastante grande se elevando sobre o corpo trêmulo do monstro que estava prestes a...

Eu sacudo minha cabeça violentamente, não preparada para permitir que minha mente vá até lá. Quem acaba de chegar parece tão ameaçador, embora definitivamente mais bem vestido. Ele está vestindo um terno, seu cabelo loiro ondulado caindo em seus ouvidos. Os faróis banhando o beco me dão uma visão perfeita, enquanto ele arrasta o babaca que prendia meu rosto na parede por meu suéter. Sou atingida pelo arregalar de seus olhos, a suspeita dele ser da divisão de narcóticos diminuindo a cada segundo, sendo substituída pelo medo.

— Não, por favor —Meu atacante grita, arrastando-se contra a parede.

O estranho vestido não diz nada, apenas segura-o pela garganta contra a parede, fazendo os olhos do homem se arregalarem. Eu não posso me mexer. Não me atreveria também. Mas quando um gemido fraco chega aos meus ouvidos, olho para a mulher ao meu lado. Ela está inquieta, suas pernas nuas estão se movimentando, sua cabeça rolando de um lado para outro. Meu instinto natural me coloca no chão ao lado dela em um piscar de olhos, sem consideração por estranhos senhores, homens grandes e bundões drogados.

Eu a silencio gentilmente e me aproximo, sentindo-me tão triste quando ela vira o rosto para mim e faz carinho no meu pescoço, como se estivesse se escondendo. Como se ela estivesse procurando por proteção. Eu não sei por que, mas sinto que está aqui agora.

— Tudo bem. — Eu sussurro.

Esfregando o seu braço nu, sentindo o quão fria ela está. Eu rapidamente verifico seu pulso e, em seguida, removo meu casaco, lutando para colocá-lo em torno de seus ombros, focando nela e não o que poderia ser uma cena muito desagradável a poucos metros de distância. Eu não tenho tolerância para os homens que derrubam as mulheres. Mas também não posso suportar a violência.

Minha atenção permanece na mulher até ouvir o som de uma porta de carro fechando no ar. O som de vários sapatos que chegavam ao chão enche meus ouvidos, quase ameaçadoras em sua aproximação. O cara do uniforme ainda está do outro lado do caminho segurando meu atacante em pânico contra a parede, o que me diz que os passos são de outra pessoa. Eu envolvo meu braço em volta dos ombros da mulher e lanço os olhos para a direita até que eles encontram o carro, o que eu notei através do meu choque, é um Bentley. E então minha visão é repentinamente prejudicada por pernas cobertas de calças. Pernas longas. Pernas grossas. Pernas fortes. Meus olhos lentamente começam a subir, sobre as coxas, um torso coberto por uma jaqueta, um pescoço...

Até eu chegar a um rosto.

Seus penetrantes e brilhantes olhos azuis me forçam a piscar de volta.

Eu engulo, inalo e prendo a respiração enquanto ele se aproxima de mim.

Ele pode estar vestindo um terno, mas sua força não está escondida. Ele tem um corpo musculoso de um homem. Minha boca cai um pouco frouxa, seguindo minha expiração, minha mente incapaz de compreender tal poder formidável. Ele parece assustador, mas aqueles olhos de cor azul cobaltos mantêm uma suavidade dentro deles enquanto olha para mim, seu cabelo castanho liso caindo em sua testa.

— Quem é você? — Sua voz profunda e áspera penetra minha pele.

Eu permaneço muda, apenas olhando, com minha mente trabalhando duro para tentar me dizer, se eu deveria estar com medo.

— Quem. É. Você? — Ele exige, soando ameaçador.

— Eu estava indo para casa depois de sair do trabalho. – Tento me explicar. — E ouvi... — Minhas palavras desaparecem quando percebo que não sei o nome da mulher em meus braços.

— Penny. — Ele pede, apontando para a mulher. — O nome dela é Penny.

Eu engulo nervosamente, incapaz de impedir meus olhos de examinar a pilha de músculos e poder sobre mim. Ele conhece essa mulher?

— Eu ouvi Penny. Ela parecia angustiada.

Sua cabeça se inclina em questão.

— E você veio ajudar?

Eu franzo a testa um pouco.

— Sim.

Seu olhar começa a queimar minha pele, tão intenso que me faz querer desviar o olhar antes de virar pó. Ele é positivamente assustador, mas algum instinto primitivo me diz que não estou em perigo. E nem Penny. O outro homem, no entanto, definitivamente está.

O cara parado em cima de mim lança seu olhar para seu colega brevemente antes de pousar em Penny por um segundo, obviamente checando-a, e então se encosta em mim. O calor profundo que repousa sob a minha pele me faz sentir desconfortável. Ele é um homem bonito. Eu posso ver além da dureza de sua expressão, sua mandíbula firme, seu enorme e tenso corpo. Mas, Deus, qualquer um teria que ser certificadamente louco para mexer com ele. Não posso deixar de absorver o máximo dele, e há muito dele. É tudo inapropriadamente impressionante. Eu me pergunto onde meu medo e terror se foram. É ele. Sua presença, sua voz. No segundo em que ele apareceu, eu não estava mais com medo, e isso é simplesmente estranho, já que ele é assustadoramente grande e realmente assustador. Mas seus olhos contradizem sua personalidade aterrorizante.

E então me vejo encostando ainda mais quando olho a curva minúscula na borda de seus lábios retos. Não é um sorriso maligno; estou muito familiarizada com isso. É um sorriso divertido, revelando uma covinha que é fofa demais para ele.

Olhando para trás, para o seu amigo, ele balança a cabeça, uma instrução silenciosa, e o cara segurando o cafetão em um estrangulamento começa a empurrá-lo, forçando o braço para cima e chutando os pés para movê-lo, ignorando seus apelos por misericórdia.

— O que você vai fazer com ele? — Eu falo, observando enquanto ele é empurrado pelo beco com gritos constantes de pânico, que se intensificam quando um caminhão estaciona. Ele é jogado no banco de trás, a porta se fecha calmamente e o caminhão se afasta um segundo depois.

Volto minha atenção para o gigante diante de mim, descobrindo que ele não se moveu um centímetro. Ele não me responde.

— Aqui. — Ele me oferece sua mão.

Eu aperto meus lábios e seguro minha respiração, instintivamente me preparando para o contato. Está além de mim, mas quando eu chego para frente e ele chega para pegar minha mão, sinto uma explosão imediata no meu peito. Ele me dá um olhar quase sujo, misturado com aborrecimento, enquanto sua mão aperta a minha. Estou de pé em um segundo, sentindo-me tonta. Intoxicada. Totalmente instável. Que porra é essa?

Ele rapidamente puxa a mão dele, e eu dou alguns passos para trás enquanto ele me observa colocando distância entre nós, olhando profundamente e perdido em pensamentos.

— O quê? — Eu pergunto, apenas para quebrar o silêncio repentinamente desconfortável.

— Suas mãos estão tão quentes. — Ele diz baixinho, olhando para elas. — E está tão frio hoje à noite.

— Eu queimei você? — Eu pergunto com uma risada nervosa, e ele franze a testa, mais uma vez ignorando a minha pergunta quando ele se vira para o outro homem bem arrumado, que está de volta e pegando Penny do chão, embalando-a em seus braços e levando-a para o Bentley.

— Leve ela de volta para o Playground. — O cara à minha frente ordena bruscamente.

— Ela está com uma concussão. — Eu digo. Não faço ideia do que é o Playground, mas percebo que não é um hospital.

Ele avança um passo, quase ameaçadoramente. Eu não me movo, encontrando a força que preciso para permanecer firme, e ele está surpreso, a julgar pela leve inclinação de sua cabeça.

— Concussão? Como você sabe disso?

— Sou enfermeira. — Explico. — Ela precisa ir a um hospital.

— Você é uma enfermeira?

Eu aceno e a curiosidade surge em seus olhos.

— Ela precisa de cuidado médico. Eu estava chamando uma ambulância antes dele... — Minhas palavras pretendidas desaparecem. Eu não posso terminar.

Seus lábios torcem a aversão desenfreada em sua expressão, tirando uma fração de sua boa aparência. A visão, embora realmente

muito assustadora, enche-me de confiança, ainda mais do que sua presença formidável.

— Não, sem hospital. — Ele declara, não deixando espaço para discussões, dando um passo à frente novamente.

Sem hospital? Isso é loucura. Eu não me importo quão grande ele é, ou quão assustador ele aparece. Essa mulher precisa de tratamento.

— Receio ter que insistir — digo com firmeza, libertando-me de seu olhar de ferro para ver seu colega baixando Penny cuidadosamente no banco de trás do Bentley. — Não me importo de acompanhá-la, se a sua presença for um problema, ou desencadear perguntas indesejadas. — Eu não sou idiota. Eu não conheço esse homem, mas tudo está me dizendo que as pessoas que investigassem as circunstâncias dos ferimentos de Penny não o aceitariam com gratidão. Ou pessoas interessadas *nele*, para esse assunto.

— O que te faz pensar isso? — Sua voz é profunda e baixa. É áspera, mas sedosa, ameaçadora, mas reconfortante, e seus olhos azuis cobalto parecem se movimentar enquanto eu olho para ele. Ele está ficando um pouco excitado com a minha abordagem. Ele gosta de mim desafiando sua autoridade.

— Instinto.

Seus lábios se esquivam de um movimento, aquela covinha se formando novamente, suas sobrancelhas subindo em diversão. Seu humor me irrita agora, e eu me forço e dou um passo à frente, mostrando a ele minha determinação. O olhar de choque em seu

rosto me fascina. Ele está surpreso que eu esteja de pé com ele. Francamente, eu também estou.

— Ela precisa de um hospital.

Sua covinha se aprofunda.

— Qual é o seu nome, garota?

— Izzy. — Eu não hesito em contar a ele, e não tenho ideia do motivo. — Izzy White

— Izzy White. Eu sou Theo. Theo Kane. — Eu caio vítima de seus olhos novamente, maravilhada. Há certa beleza além da dureza de seu rosto, fazendo-o parecer mais jovem do que eu pensava inicialmente, mas sua presença é a de um homem muito mais maduro.

Ele se aproxima, oferecendo sua mão. Eu olho para ele e rolo meus ombros para me livrar do tremor de apreensão.

— Pegue, Izzy.

Eu faço, imediatamente, e ele me puxa para frente, vindo perigosamente perto da dele. Ele engole em seco, sua mão começando a tremer, e ele se afasta, mas não solta o aperto, como se estivesse brigando consigo mesmo sobre se deveria ou não me deixar ir. Eu olho para ele em questão, vendo aquela batalha em seus olhos. Perto disso, eu realmente aprecio sua altura, minha visão de nível caindo logo abaixo de sua garganta. Jesus, ele é uma montanha.

Construindo sua mão ao redor da minha, ele dá outro pequeno passo à frente, quase como se estivesse se aproximando de mim com cautela. Sua personalidade e comportamento podem ser

interpretados como intimidantes, mas não sinto nada além de curiosidade. Ele está me estudando de perto. A barba aguçada da sua mandíbula é perfeitamente uniforme, seus lábios separados apenas uma fração.

— Você tem mãos suaves. — Ele murmura baixinho. — Quente e macia. Eu gosto da sensação delas.

Oh meu Deus.

Eu olho para longe, completamente atordoada.

— Ela precisa de cuidados profissionais. — Digo sem pensar, sentindo seu aperto ao redor do meu. Eu tento me afastar, mas ele ri diante da minha força, segurando-me.

— Eu recomendo vivamente que você a leve para o hospital. É o melhor lugar para ela.

— Você não acha que eu posso cuidar dela?

— Perdoe-me, mas você não parece do tipo que tem algum conhecimento médico.

— Mas você sim. — Ele responde gentilmente, parecendo não se ofender, a mão dele se deslocando um pouco na minha, perambulando e sentindo através dos meus dedos. — Então você vem comigo.

— O quê? — Eu deixo escapar, meus olhos se lançando para cima. Ele é louco?

— Sua preocupação com Penny está me tocando. — Ele continua.

Agora ele está tentando se libertar do meu alcance, mas os nervos de repente me fizeram apertar. Sua mandíbula endurece e ele se solta com um silvo. Meu braço cai para o meu lado enquanto eu olho para um rosto que está pairando na linha entre irresistível e perigoso.

— Vou garantir que tudo que precisa esteja esperando por você quando chegarmos.

— Não sou médica. — Indico. — Eu sou uma enfermeira. Meu conhecimento médico não é tão amplo quanto o de um médico.

— Eu tenho fé em você. — Theo gesticula em direção ao grande e impressionante Bentley observando enquanto eu sigo seu braço estendido. — Não tenha medo. Eu não vou te machucar, Izzy — ele diz em um mero sussurro, virando aquelas mãos grandes e me mostrando as palmas das mãos. — Isso eu prometo a você.

Não tenho motivos para acreditar nele, e apesar de sentir que ele não é um perigo para mim, sei que deveria ser inteligente. E eu não seria sensata em entrar naquele carro com esses dois homens enormes. Eu balanço minha cabeça e recuo.

— Por favor, você não pode simplesmente levá-la a um hospital?

Com um suspiro, ele alcança de volta sob o paletó, puxando algo para fora.

— Eu não posso fazer isso. — Ele segura algo para mim e olho para baixo para ver o que.

Uma arma.

— Oh meu Deus. — Eu murmuro desajeitadamente dando um passo para trás, minha compostura há muito desaparecida. — Ok, eu vou. — Eu levanto minhas mãos.

— Ei, acalme-se. — Ele diz, gentilmente, considerando que ele tem uma arma apontada para mim. O que ele espera? Mas então a razão me encontra, e eu espio a arma na mão dele. Ele não está segurando. Está simplesmente colocada na palma da mão dele. — É para você. — Ele avança e pega minha mão, colocando a arma em minhas mãos. — Uma apólice de seguro.

O peso me surpreende e eu olho para ele, confusa.

— O quê?

—Se você sentir que está em perigo, vá em frente e atire em mim. — Ele sorri aquele sorriso fofo novamente, e sou forçada a desviar o olhar. — Sinto muito por assustar você.

Com seu pedido de desculpas, caio imediatamente sob o encanto da suavidade e dureza contraditórias de seu olhar. Ele não vai me machucar. Ou Penny. Eu conheço os sinais de um homem que joga seu peso ao redor. Aposto que Theo joga seu peso por toda parte, mas não com as mulheres.

Eu engulo e endireito meus ombros, devolvendo sua arma.

— Eu não acho que vou precisar disso.

Ele inclina a cabeça com interesse quando a aceita.

— Por quê?

— Porque eu tenho a minha própria. — Eu brinco e reviro os olhos, e ele me dá aquele sorriso maroto de novo. Maldito sorriso. Não deveria gostar dele. — Onde você mora? — Pergunto, imaginando quem é Penny para ele.

— Você não precisa se preocupar com um endereço. — Ele desliza a mão no meu ombro, e eu pulo sob seu domínio, fogo correndo em minhas veias. Está fazendo minha cabeça girar. — Você vem comigo e eu vou mandar meu motorista levá-la para casa assim que você tiver cuidado de Penny. — Seu aperto flexiona sua grande mão praticamente cobrindo todo o meu ombro. O calor estranho se funde profundamente em mim enquanto eu me movo em direção ao carro, estou confusa, e eu não consigo pensar além do barulho de sangue bombeando em meus ouvidos. Quem diabos é esse gigante?

CAPÍTULO

Dois

Eu digo a mim mesma que o bem— estar de Penny é a única razão pela qual estou atualmente afundada em um assento de couro macio, em direção a só Deus sabe onde, mas eu estou mentindo. Theo me reduziu a uma idiota. Eu devo estar muito louca. Ele tentou me dar uma arma para atirar nele se eu julgasse necessário. Uma arma sangrenta! Mas ele também apareceu e parou o imbecil antes de...

Um arrepio frio percorre meu corpo enquanto eu gentilmente abro a pálpebra de Penny para verificar suas pupilas antes de avaliar o corte em sua sobrancelha. Ela parou de sangrar, mas vai exigir alguns pontos. Sinto-me momentaneamente culpada por ser grata em ter Penny para me concentrar, porque ele ainda está me observando, e isso está fazendo meu coração disparar implacavelmente.

— Você está nervosa de novo. — Theo invade meus pensamentos com sua declaração suave, e minhas mãos tremem em seus movimentos. Sim, estou nervosa, mas não pelas razões que deveria estar. — Você realmente acha que eu vou te machucar? Minha oferta não foi garantia suficiente?

— Você não vai me machucar. — Eu confirmo sem hesitar, me forçando para longe de Penny e descansando de volta no meu lugar.

Suas longas pernas estão dobradas nos joelhos, seu grande tronco reclinado, relaxado, e seu braço espesso está descansando ordenadamente na borda ao lado de seu assento. Está escuro, mas ele é tão claro para mim como seria no auge do dia. Ele comanda a atenção. Exige respeito. Grita poder. Jesus, ele é tão intimidador quanto um homem poderia ser. Eu mudo no meu lugar, querendo olhar para longe, mas incapaz de quebrar o encontro dos nossos olhares.

— E confio no meu instinto -acrescento em uma respiração engolida.

Theo também se remexe um pouco, levando o dedo indicador aos lábios, pensativamente, roçando a extensão do arco do cupido.

— E o que o seu instinto está lhe dizendo, Izzy?

— Essa coisa de mulheres machucadas não é seu estilo. — Eu deixo de fora tudo o que eu acho que poderia ser o estilo dele. Pode demorar um pouco, e não acho que insultar esse homem seria uma jogada inteligente.

— Seu instinto está certo. Não vou tolerar a violência quando se trata de mulheres.

Meus ombros devem ter caído visivelmente de alívio, porque a cabeça dele se inclina e, de repente, estou ciente de que inadvertidamente dei a ele um pequeno pedaço de quem sou.

— Isso é bom. — Digo baixinho.

— E de onde vem esse instinto em você?

Fico tensa no meu lugar, olhando para longe dele, recompondo-me. Quando volto minha atenção para ele, está sorrindo um pouco. Esse sorriso é simpático e esculpe uma fração da dureza que corta seu rosto bonito, deixando-o ainda mais belo. Ele é tão lindo.

Theo deve sentir que não haverá resposta de mim, então ele olha para Penny, seu sorriso suave caindo. A dureza de seu rosto retorna.

— Ela é filha de um velho amigo. — Ele diz baixinho, e eu sigo seu olhar para a mulher inconsciente ao meu lado. Seu cabelo loiro está emaranhado de sangue ao redor da orelha, o rosto machucado e pálido. — Ela saiu dos trilhos quando seu pai morreu. Ela desapareceu. Eu tenho tentado encontrá-la. — Seu peito estremece ao som de uma risada fria. — Vinte e um anos e vendendo o próprio corpo. — Ele murmura, parecendo pensativo e talvez um pouco triste. Isso traz a minha atenção de volta para ele, assim como ele volta a dele para mim.

— Sinto muito. — Ofereço, vendo a tristeza genuína além do exterior de aço do homem musculoso. — Você era próximo de seu pai?

— Você poderia dizer que sim. — Ele limpa a garganta e olha pela janela, um sinal de que a conversa termina aí. — Casa.

Eu tenho que forçar o suspiro de surpresa de volta pela minha garganta. Grandes portões de ferro estão se abrindo, revelando lentamente uma mansão de proporções épicas. A estrutura está brilhando sutilmente à distância, iluminada por holofotes espalhados pelo terreno.

— Puta merda. — Eu respiro, perdendo a batalha para conter o meu espanto. — Você vive aqui? — Eu provavelmente poderia colocar todo o nosso apartamento sob a garagem dossel na frente da casa.

— Eu moro aqui, trabalho aqui... — A porta se abre, cortesia de um homem velho de cabelos prateados e óculos redondos de aro de metal, que está claramente esperando nossa chegada. — Deixe aqui.

Eu lancei um olhar arregalado para Theo, encontrando-o me estudando novamente. Desta vez, tenho que desviar o olhar. Deixe? A porta do outro lado do carro se abre, e outro homem se inclina e pega cuidadosamente Penny em seus braços, outro homem enorme como o do beco. Seu cabelo loiro cai sobre os olhos quando ele chega para ela, sua mandíbula macia apertada, as narinas de seu nariz reto queimando. Ele não é tão grande quanto Theo, mas ainda parece uma força a ser considerada, se for um pouco mais bonito.

— Depois de você.

Theo faz um gesto para que eu saia, e eu viro meu pescoço enquanto estico meu corpo, olhando em volta. As enormes portas duplas diante de mim estão bem abertas e os pilares de concreto ladeando a grande entrada, são guardados por outros dois grandes homens. Homens bem vestidos, ambos de aparência mesquinha, que acenam quando passamos. Tento não parecer tão impressionada quando entramos, quando percebo a grandiosidade da casa de Theo. Uma escadaria dupla curva os dois lados do extenso hall de entrada, estendendo-se até um patamar com galerias que circunda o espaço, um enorme lustre suspenso no teto alto, os cristais escorrendo quase até o chão onde estou de pé.

O homem que segura Penny começa a subir as escadas do lado esquerdo, e eu me viro quando ouço o barulho das portas atrás de mim, encontrando os dois grandes homens que estavam guardando-as agora do lado de dentro conosco. Então uma senhora aparece segurando uma bandeja que tem um copo de líquido escuro posicionado no centro. Ela para a uns dois metros de distância de Theo com a bandeja estendida, apresentada a ele, obrigando Theo a se aproximar para alcançar sua bebida.

— Você sempre recebe alguém em casa de forma tão elaborada? — Eu pergunto com uma risada nervosa.

Ele sorri, tirando a jaqueta e entregando-a a senhora antes de pegar o copo e levá-lo aos lábios. A perda de sua jaqueta deixa minha respiração presa em minha garganta, o tecido branco de sua camisa moldando cada centímetro de seu enorme torso, que eu posso ver que é alinhado, duro e definido. Eu olho para cima, meus olhos seguindo o caminho de seu copo até seus lábios. Eu recuo e alcanço a minha bolsa, precisando escapar do agarre daqueles olhos antes que eles me tornem incapaz de qualquer coisa, exceto tentar compreender sua pura presença.

— Eu tenho um pessoal muito atencioso. — diz ele, colocando o copo vazio na bandeja. — Gostaria de uma bebida?

— Estou bem, obrigada. — Eu vasculho minha bolsa para encontrar meu telefone, não que eu saiba o que vou fazer quando eu colocar minhas mãos nele. Eu não tenho ninguém para ligar, já que Jess ainda está no trabalho. Eu só preciso de algo para me distrair. Minhas mãos congelam na busca, e o som de um telefone quebrando na minha cabeça me faz lembrar que meu celular não existe mais. Eu poderia rir. Estou em uma casa estranha, com muitos homens

estranhos e grandes, e não tenho telefone. Movimento inteligente, Izzy. Realmente esperta.

— Perdeu alguma coisa? — Theo pergunta, deslizando as mãos nos bolsos.

Eu me endireito e levanto o queixo.

— Sim, minha arma.

Seus olhos brilham e ele levanta as mãos em sinal de rendição.

Eu suspiro em uma sacudida incrédula da minha cabeça.

— Eu deveria ver Penny e ir embora.

— Claro. — Ele chuta seus pés em ação e passa por mim. — Eu vou te mostrar o caminho.

Respirando um pouco de firmeza em mim mesma, começo a segui-lo, concentrando-me em qualquer coisa à minha volta, exceto a imponente estrutura do homem alguns passos à frente, a arte elaborada pendurada nas paredes, o tapete listrado com barras de ouro na curva de cada degrau. O intrincado teto de cornijas.

As costas dele.

Sua bunda.

Suas coxas.

Eu mordo meu lábio e subo um degrau.

— Merda. — Meu rosto cai para frente, indo para as costas das coxas dele.

— Cuidado. — Theo gira e me pega, sua bunda dando um passo enquanto ele segura meus quadris. Eu estou ajoelhada no degrau abaixo dele, suas longas pernas bem abertas. Seu aperto fechado junto com sua mandíbula. Sinto-me sufocada, meus olhos fixos em seu peito diante de mim. — Você está bem? — Ele pergunta, com certa tensão em sua voz.

— Seu tapete listrado me deixa tonta. — Murmuro como uma idiota, mentindo através dos meus dentes. É ele que me deixa tonta. Só ele. Sua beleza física, sua voz, seu corpo. O toque dele.

— Talvez eu devesse carregar você. — Ele sugere, mas não há indício de uma piada de provocação. Ele está muito sério, e embora seja uma sugestão totalmente ridícula, não posso deixar de me perguntar o quão incrível seria me sentir completamente envolvida por Theo. Quão seguro seria. — Você gostaria disso?

Eu rio, já que nada mais vem para mim.

— Não seja bobo. — Eu zombo, empurrando suas mãos para longe da minha cintura, mas ele se move e se levanta como um relâmpago, quase em pânico. Eu olho para ele, atordoada, enquanto me coloco de pé. Ele olha para as mãos por um momento, depois de volta para mim, com a confusão em seus olhos. Alguns segundos estranhos passam, seu olhar passando de suas mãos para várias partes do meu corpo. *Que diabos?*

— Você passou muito medo. — Ele murmura, balançando a cabeça e girando. — Não há nada bobo sobre a minha oferta.

Eu o insultei. Ele se ofereceu para me ajudar e eu ri na cara dele.

— Eu não pretendia ofender você. — Digo, permanecendo no degrau a meio caminho da escada. — Eu sinto muito. — Não sei por que sinto vontade de me desculpar, mas não posso ignorá-lo.

Theo se afasta para a esquerda.

— Eu não fico ofendido, Izzy. Não desse jeito.

Eu franzo a testa, meus pés dando os passos cuidadosamente. Isso é estranho, porque ele parece *muito* ofendido.

Uma vez que não o conheço, tomo uma decisão consciente de manter a boca fechada, cuidar de Penny e dar o fora daqui. E a julgar pela súbita frieza de Theo, e pelo fato de que agora ele está se recusando a olhar para mim, ele pode estar pensando na mesma linha. Ele gira a maçaneta em uma porta, abre, então fica a alguns metros atrás, abrindo o caminho. E olha para mim. Um olhar frio.

Eu suspiro estranhamente chateada por tê-lo aborrecido. Ele é um homem grande. Um homem muito grande. Não me diga que ele tem sentimentos sob todos esses músculos.

Primeiro, vejo Penny enfiada em uma enorme cama de madeira, depois ao lado dela um carrinho equipado com todos os suprimentos médicos que uma enfermeira pode precisar. Eu não tenho ideia de como ele conseguiu tudo isso tão rapidamente, e não vou perguntar. Farei o que tem que ser feito e sairei. Nenhuma pergunta, nenhuma conversa. Eu nem deveria estar aqui, e Penny também não deveria. Ela deveria estar em um hospital.

Eu começo a trabalhar ouvindo a porta fechar atrás de mim e olho para trás para constatar que estou sozinha. Sou grata. Ele perturba meu equilíbrio. Eu caminho até a cama e rapidamente

verifico seus sinais vitais, descobrindo que ela não está melhor do que a última vez que chequei no carro, mas, o mais importante, ela não está pior. Puxando as cobertas para trás, vejo que ela foi despida até a calcinha. Sua nudez revela mais ferimentos, e meu rosto se arrepia de repugnância ao ver as contusões espalhadas, algumas frescas, outras com uma coloração amarela que sugerem feridas antigas. A pobre mulher parece ter recebido uma boa surra regularmente.

Eu engulo. Ela está segura agora.

Depois de lavar o corte na testa de Penny, eu o fecho com alguns pontos e faço o meu melhor para limpá-la e deixá-la confortável. Sua pulsação é constante e sua respiração continua, e a dilatação de suas pupilas agora parece normal.

Soltando seu pulso, olho por cima do ombro quando ouço um som baixo. Theo está de pé na porta, apenas me observando. Há quanto tempo ele está lá?

— Eu não ouvi você voltar. Há algo que você precise?

— Não.

Eu ando pelo lado da cama de Penny, pelo menos por ter algo para fazer.

— Então por que você está aqui?

— Eu gosto de ver você trabalhando.

Eu olho para ele confusa.

— Por quê?

Seus grandes ombros se encolhem, e algo me diz que é toda a resposta que vou receber.

— Vou deixar você fazer isso. — Ele diz, afastando-se, olhando para mim e pegando a maçaneta da porta. Ele sai e há um leve gemido de Penny e um breve movimento de suas pálpebras.

— Ei. — Eu digo gentilmente. — Você pode me ouvir? Você pode me dizer seu nome? — Eu pergunto, querendo verificar se há algum sinal de perda de memória antes de ir.

— Penélope. — Ela murmura, e eu sorrio, colocando-a firmemente. — Mas as pessoas me chamam de Penny.

— Eu acho que você vai ficar bem, Penny. Você está com dor?

Ela balança a cabeça e rola um pouco, aconchegando-se.

— Sem dor.

— Isso é bom. — Eu olho para a porta fechada onde Theo simplesmente desapareceu, contemplando minha intenção. Eu já experimentei o perigo antes. Conheço os sinais e, embora Theo apresente muitos sinais de ser perigoso, não sinto que seja para Penny. Mas tenho que ter certeza. É o que eu fui treinada para fazer, e eu não deveria esquecer isso, não importa o quanto Theo me desequilibre. Eu descanso meu traseiro na beira da cama e pego a mão de Penny.

— Existe alguma coisa que eu possa fazer para ajudá-la, Penny? Alguém para quem eu possa ligar? — Talvez a mãe dela ou um amigo.

— Theo. Diga Theo.

Eu me vejo olhando para a porta novamente, imaginando suas costas grandes indo embora.

— Você está na casa de Theo.

— Então estou segura. — Ela murmura sonolenta. Ela cochila novamente. Bem desse jeito. Suas palavras me aquecem. Ela se acalmou assim que soube onde estava e com quem estava. Theo a ajudaria. Sua presença a conforta. Onde estava esse tipo de homem quando eu precisava dele?

Eu não posso pensar muito nisso. Estou aqui e viva. E milagrosamente, estou mentalmente estável.

Pego minha bolsa e meu casaco e deixo Penny descansar, procurando encontrar um dos grandes caras que vagueiam pela mansão e dizendo— lhe o que ficar de olho, finalmente, perguntando se algum deles pode me levar para casa. Abrindo a porta silenciosamente, eu saio e a fecho com igual cuidado.

— Senhorita?

Viro-me para encontrar o homem mais velho de óculos redondos e cabelos prateados que nos recebeu quando chegamos.

— Ela está bem.

— Isso é um alívio. O senhor Kane ficará satisfeito. — Ele estende a mão. — Sou Jefferson, o mordomo.

Ele tem um mordomo*?* Eu mentalmente reviro os olhos e pego a mão dele com um sorriso.

— Sou Izzy, a enfermeira.

Ele ri, seus quentes olhos castanhos brilhando com diversão por trás de seus óculos redondos.

— Prazer em conhecê-la.

— E eu a você, Jefferson. A ferida no olho de Penny precisa ser limpa duas vezes por dia. Ela está responsiva, mas se ela apresentar sinais de deterioração, tontura, dores de cabeça, confusão ou perda de memória, então você deve levá-la ao hospital sem demora. — Eu puxo minha bolsa para o meu ombro enquanto ele acena com a sua compreensão. — O senhor Kane disse que haveria alguém para me levar para casa, isso ainda está de pé? — Eu pergunto educadamente.

— Oh, sim. — Ele diz. — Mas primeiro acredito que o senhor Kane gostaria de ver você. — Ele se vira e vagueia pelo corredor, deixando-me em um estado de apreensão repentino, imóvel e sem vontade de fazê-lo. Eu não quero ou preciso ver Theo novamente.

—Se é tudo a mesma coisa, preciso ir para casa. — Eu pareço tão desesperada quanto me sinto, não que tenha muito impacto no velho que ainda está se afastando de mim. Eu sei que ele me ouviu. — Jefferson — eu chamo indo atrás dele, batendo com urgência nas escadas curvas e tendo a certeza de observar meus pés no tapete listrado.

— Tenho certeza de que ele não vai ocupar muito do seu tempo, já que você já doou muito.

Eu cerro meus dentes, seguindo-o até o saguão, onde nos encontramos com a senhora que entregou a bebida de Theo e pegou sua jaqueta. Ela sorri.

— Posso lhe trazer uma bebida?

— Não, obrigada. Eu partirei em breve. — Eu deveria ter pedido um pouco de água porque, de repente, estou ansiosa pela perspectiva de ver Theo novamente.

— Muito bem. — Ela segue seu caminho, deixando Jefferson apontando para uma enorme porta à direita. — É por aqui.

— O que é?

— Escritório particular do Sr. Kane. — Ele indica com um leve aceno de sua cabeça que eu deveria continuar. Eu olho para as portas duplas, inquieta e nervosa como o inferno. — Bata uma vez. — Ele diz.

Bata uma vez. Não duas ou três vezes? Enquanto eu lentamente faço meu caminho, meu coração começa a bater ficando mais alto a cada passo que dou.

— E mantenha distância, senhorita -acrescenta Jefferson, sua voz agora silenciosa. Eu me viro, vendo suas costas desaparecerem através de uma curva do outro lado do corredor. Manter minha distância? Ele está me avisando? Eu olho de volta para a porta, meus nervos acelerando. Demora uma quantidade estúpida de tempo para eu criar coragem suficiente para bater *uma vez.*

— Entre. — A voz profunda de Theo ressoa pela madeira e se espalha pela minha pele. Está cheia de autoridade. Áspero e sexy. Eu fecho meus olhos e me agarro aos meus pensamentos, pegando a maçaneta e inspirando. Empurrando meu caminho em seu escritório, mantenho meus olhos baixos enquanto fecho a porta atrás de mim.

— Izzy.

Ele diz meu nome em um sussurro ofegante, e meu corpo se move com algo que me mistifica, embora eu me recuse a dar tempo para tentar descobrir o que é, porque eu sei, com certeza, que não vou ficar confortável com a minha conclusão.

Diga o que precisa dizer e saia, e me certifico de não olhar para ele enquanto sigo meu plano.

— Ela está bem. — Eu engulo, tentando umedecer minha boca seca. — Espancada, mas bem. Eu dei instruções a Jefferson e contei sobre os sintomas que você precisa ficar de olho.

— Estou feliz, obrigado. Mas e você?

Eu franzo a testa para o tapete vermelho escuro.

— E o que eu tenho?

— Você está bem? — Ele pergunta sua voz ainda baixa, mas ficando mais alta. Ele está chegando mais perto.

Eu recuo, movendo-me sem pensar.

— Eu realmente preciso ir. — Eu não estou nada confortável com as reações que estou tendo com esse homem, muito menos porque eu já o vi carregando uma arma e eu vi um de seus homens realmente estrangular alguém diante dos meus olhos, antes de tê-lo puxado longe para... Onde? Onde eles o levaram? E o mais importante, o que eles fizeram com ele? Ele está morto? Eu recuo, tentando não ir para lá. Eu sacudo meu pensamento para longe. Não deveria importar para mim de qualquer maneira. O que importa é que esse homem é um perfeito estranho e um homem sombrio. Há

tantos sinais que estão gritando para mim que ele é uma má notícia. No entanto, há uma sensação de facilidade que não me é familiar, e não me sinto nada confortável com o quanto gosto dele. Ele salvou Penny hoje à noite. Levou-a para longe do perigo. Não havia homem para me salvar quando eu precisei. Nenhuma besta de macho formidável para chover o inferno sagrado em meu agressor.

Eu não percebo que dei mais que um passo para trás até minhas costas baterem na porta. O contato me assusta, e eu olho para cima sem pensar, encontrando Theo a apenas um metro de distância. Ele poderia me alcançar com a mão se quisesse estendê-la.

— Quem é você? — A pergunta passa pelos meus lábios antes que possa pará-la.

Ele me ignora, seus olhos caindo para o meu pescoço. Sua mão se levanta e me alcança. Eu me pressiono na madeira, silenciosamente implorando para ele não me tocar. Seus dedos roçam as ondas negras em volta do meu pescoço por um momento fugaz, antes que ele as afaste, inclinando a cabeça.

— O que é isso?

Ele pergunta, sua ponta do dedo encontrando minha carne e traçando uma das marcas de arranhões. Eu congelo, forçando o ar da minha boca quando ele faz questão de sentir cada linha no meu pescoço. Minha pele queima, meu coração galopa incontrolavelmente. Eu não posso falar, e depois de alguns segundos tensos, mas agradáveis, dele roçando meu pescoço com seu toque, ele continua.

— Quem fez isto com você?

— Um paciente. — Digo em voz baixa, convencendo a minha mão a levantar e a colocar no meu pescoço, não que eu esteja tentando esconder as marcas, mas tentando me livrar do seu toque para poder me afastar dele. Ele não está me segurando no lugar. Não fisicamente. No entanto, quando ele está me tocando, eu me vejo incapaz de me mover. Mas, um microssegundo antes que minha mão alcance a dele para separá-lo, ele se afasta, poupando-me o problema.

Ele dá um passo para trás, uma leve carranca no rosto.

— Um paciente?

— Ele está doente. É senil. — Eu me vejo correndo para explicar, não gostando da reação dele. Não há maciez em qualquer lugar para ser encontrado agora. — Vantagens do trabalho. — Brinco, sentindo a necessidade de romper a tensão. Ele não ri, nem sequer sorri. Caramba, ele parece furioso. — Eu deveria ir agora. — Eu levanto meu ombro cegamente.

Theo se encolhe, sacudindo a cabeça suavemente.

— Certamente. — Ele enfia a mão no bolso e tira um cartão, entregando-o para mim. — Eu tenho um carro esperando por você lá fora. Callum te levará para casa. Este é o meu cartão, caso você precise entrar em contato comigo.

Meus olhos caem para o cartão preto, levemente preso entre os dedos, com o tipo de escrita em vermelho em uma única linha no meio. O nome dele. E um número de celular.

— Por que eu precisaria entrar em contato com você?

Eu pergunto, não me incomodando em apontar que não posso, porque meu telefone está em um milhão de pedaços em um beco, e eu não estou propensa a ser capaz de substituí-lo até que seja paga na sexta— feira. Mas isso é irrelevante. Eu nunca deveria entrar em contato com ele novamente. Ele é definitivamente um homem que deve ser evitado.

Ele vem para frente e coloca o cartão no topo da minha bolsa.

— Nunca mais volte para casa sozinha no escuro. — Ele avisa, olhando por um segundo. É apenas um segundo, mas seu pescoço esticado revela uma lasca de tinta espreitando sobre a gola de sua camisa. Tinta preta, sombreada sutilmente nas bordas. Eu me esforço para dar uma olhada melhor, implorando silenciosamente para ele virar o pescoço mais longe e revelar mais da arte. Mas ele não faz, olhando de volta para mim.

— Você está me perguntando ou me dizendo? — Eu digo.

— Estou dizendo a você. Nenhuma mulher deveria percorrer as ruas de Londres à noite sozinha.

Faz muito tempo desde que eu tive alguém para se preocupar comigo, para cuidar do meu bem— estar. Bem, Jess se preocupa o tempo todo. Mas é diferente quando a preocupação é da família. O fato de que uma montanha enorme e mal— encarada de um homem estava preocupado com uma perfeita estranha como eu, suaviza meu coração para ele.

— Eu posso cuidar de mim. — Eu digo de qualquer maneira, levando-o a olhar para mim.

— Você não deveria precisar.

— Eu realmente preciso. — Asseguro— lhe, voltando a ver sua tatuagem, mais sombras e linhas indistinguíveis. Antes de me envergonhar e levantar a gola da camisa dele, eu rapidamente corro passando por ele, franzindo a testa quando ele se move rapidamente do meu caminho, colocando um bom espaço entre nós.

— Por quê? — ele pergunta. — Por que você realmente precisa?

Percebo que, sem querer, dei a ele outro indício de algo que eu não queria que ele soubesse. Algo que eu não quero que ninguém saiba.

— Porque eu não tenho um homem enorme como você, para sair do nada e me salvar.

Eu lanço um sorriso insolente, e seus lábios se curvam através de sua pequena carranca. Ele perde tanta dureza de seu rosto quando se diverte. É fascinante.

Ele limpa a garganta, como se acabasse de perceber isso também, e quer defender essa frente de ferro. A dureza retorna.

— Não ande em lugar algum, estando sozinha. — Ele reitera seu olhar intenso queimando meu sorriso.

— Tudo bem — Digo, pegando a maçaneta da porta e saindo rapidamente do escritório dele, caindo contra a porta e respirando fundo algumas vezes.

— Senhorita White? — Uma mão descansa no meu braço, e eu pulo no ar com um som bobo. — Oh querida, eu não queria assustar você. — A mão de Jefferson recua, e seus velhos olhos atrás de seus óculos passam por mim, franzindo a testa. — Você está bem?

— Sim. — Eu respiro, empurrando-me para longe da porta. — Eu sinto muito. — Eu esfrego a manga do meu casaco, minha cabeça começa a doer, e eu sorrio com força para o mordomo amigável de Theo. — Estou pronta para ir para casa agora.

— Callum está esperando por você lá fora. Foi um prazer conhecê-la.

— E a você, Jefferson.

Eu dou passos para as portas gigantes que me tiram desta caixa de pressão, encontrando uma Mercedes em marcha lenta sob a garagem coberta. Callum, o cara loiro que estava no beco com Theo, está segurando a porta aberta para mim, seu rosto inexpressivo. Percebo pela primeira vez que seus olhos são castanhos escuros, quentes, mas eles ainda parecem frios. E incomodados. Quando me aproximo, ele dá um passo para longe do carro, dando muito mais espaço do que eu preciso, e dou— lhe um pequeno sorriso nervoso enquanto deslizo para o assento, um sorriso que não é devolvido.

Enquanto dirigimos para longe, olho por cima do meu ombro pela janela de trás, um pouco confusa com o rumo dos acontecimentos que a minha noite regular tomou. A casa ainda está iluminada, refletindo o terreno, e de repente, cai na escuridão, desaparecendo de vista. Eu me viro no meu lugar, recosto e fecho os olhos. Eu nunca senti tanto perigo em minha vida. E, no entanto, a parte mais perturbadora é como eu me sentia segura.

Qual é a história de Theo Kane? Quem é ele?

CAPÍTULO

Três

— O que você está fazendo acordada? — Pergunto a Jess enquanto ela entra sonolenta na cozinha, esfregando os olhos. São oito da manhã. Ela só deve ter chegado do trabalho há uma hora. Ela encosta-se em uma cadeira e eu imediatamente começo a fazer um café para ela.

— Eu tomei um banho quando entrei. Eu nunca deveria tomar um banho quando chego da troca de turno.

Ela aceita com gratidão o café que eu entrego a ela e toma um gole faminto.

— Dormiu bem? — ela pergunta.

Não quero hesitar, mas a batida do silêncio não passa despercebida, e ela me olha interrogativamente. Era uma pergunta padrão que geralmente é respondida de maneira padrão: mais ou menos. Eu nunca durmo particularmente bem, muitas vezes inquieta e constantemente dizendo a mim mesma que estou segura, que ele nunca me encontrará. Mas a noite passada foi um tipo diferente de inquietação. Quando finalmente cheguei na cama à meia-noite, achei impossível clarear a mente e parar de pensar em Theo Kane.

— Izzy? — Jess pressiona, largando a caneca.

— Algo muito estranho aconteceu a caminho de casa. — Eu me sento em frente a ela, precisando tirar tudo do meu peito.

— O que?

— Eu fui atacada.

Ela engasga e tosse por toda a mesa.

— Oh meu Deus. Você está bem? — Eu posso vê-la imediatamente começar a avaliar meu rosto e peito. — Onde? Você está machucada? Quem foi? — Suas perguntas urgentes vêm uma após a outra, me derrubando um pouco na minha cadeira. — Merda, Izzy, você estava tomando aquele maldito atalho de novo?

Eu dou de ombros, timidamente, e ela me olha furiosa.

— Estou bem. — Asseguro— lhe, ignorando o fato de que poderia ter sido uma história muito diferente, se Theo Kane e sua comitiva não tivessem aparecido.

— Droga, agora eu estou com raiva de você. O que aconteceu?

— Alguém interveio.

Sua boca se fecha quando começo a morder meu lábio, minhas mãos apertando minha caneca com mais força.

— Interveio? Como, salvou você?

— Não só eu. Havia uma mulher que parei para ajudar. Ela foi espancada.

— Oh meu Deus.

— Ela está bem. Apenas um pouco maltratada. Pensei que o responsável tivesse fugido, mas quando tentei ajudá-la, fui atacada. Ele veio do nada. — Eu estremeço novamente, temendo pensar no que poderia ter acontecido. — Mas ele foi interrompido por alguns homens.

Suas sobrancelhas se levantam interessadas.

— Plural?

Eu concordo.

— Dois deles, mas um era... — Eu paro, pensando em como seria melhor pronunciar o status de Theo. — O chefe.

— O chefe?

Eu aceno de novo.

— Importante. Eu não sei. Ele era enorme. Bem, ambos eram grandes, mas ele excepcionalmente.

Jess se inclina para frente sobre a mesa.

— Forte?

Eu estou assentindo novamente.

— Forte de gordura maciça ou forte de músculos?

— De músculos. – Confirmo. — E muito alto.

— Bonito?

— Mortalmente. — Eu acho que quero dizer isso em mais de uma maneira.

— E o que ele fez? – Seus lábios se trazem.

— Me levou de volta para a casa dele. — Seus olhos se arregalam. — Ou mansão. — Acrescento.

— Mansão?

— Isso, era enorme também.

Ela está escondendo um sorriso agora.

— Eu me pergunto o que mais seria enorme.

— Jess!

— Só estou pensando. — Argumenta ela na defensiva. — Quem era ele?

Levanto-me da mesa e lavo a minha caneca, depois a coloco no escorredor da pia.

— Eu não faço ideia. — Refleti um momento, lembrando-me de Theo fugir dessa pergunta quando perguntei com indiferença.

— Eu sei. — diz Jess. — Um homem rico e gostoso, com uma casa grande e, potencialmente, um grande pau.

Meus ombros caem. Ela está obcecada com o pau, provavelmente por causa de todas as vaginas que são empurradas em seu rosto diariamente. Eu vou para o banheiro tomar banho e me aprontar para o meu turno, claro que Jess está em perseguição, com fome de mais informações.

— O que você fez na casa dele? — Ela pergunta, sentando no banheiro enquanto ligo o chuveiro.

— Tomei conta da menina que foi atacada. Vinte e um anos e uma prostituta. O pai dela morreu. Acho que Theo era próximo dele. — Enquanto alimento a curiosidade de Jess, eu também estou alimentando a minha própria. E eu não deveria. A curiosidade é uma coisa perigosa, especialmente quando Theo Kane é o sujeito. Eu nunca deveria ter mencionado isso em tudo. Esquecer isso. Isso é o que devo fazer.

— Theo? O nome dele é Theo?

— Theo Kane. — Eu tiro a roupa e entro no chuveiro, nem um pouco incomodada porque Jess está sentada no vaso me observando, agora aparentemente bem acordada. Eu posso ver sua mente correndo. Eu interiormente rio. E ela nem sequer o conheceu. Não viu a mansão dele. Ou teve uma arma oferecida a ela. Ela não tem ideia.

— Estando lá...

— Não. — Eu a cortei imediatamente.

— Você nem sabe o que eu vou dizer. — Ela protesta.

Eu limpei o vapor e dei a ela uma olhada através do vidro. Eu sei muito bem o que ela ia perguntar, e a resposta será sempre não. Não houve faíscas. Não houve olhares. Não houve choques elétricos cada vez que ele me tocou. Não houve perda de fôlego nem pensamentos lascivos. Eu nunca deveria ir lá.

– Nada. – Finalmente digo.

— Bem, isso é decepcionante. — Ela resmunga, perdendo total interesse pela conversa, e é exatamente por isso que tomei a sábia

decisão de não alimentar mais sua curiosidade. Agora eu só preciso trabalhar na minha própria fome.

***

— Quem continua pegando meu termômetro? — Murmuro baixinho, olhando a cesta no carrinho. — Porra, quantas vezes as pessoas precisam ser avisadas?

— Aqui. — Susan me passa um sobressalente com um olhar conhecedor, tocando no relógio, um lembrete de que meu turno está quase acabando, não que eu tenha muitas chances de sair daqui por pelo menos mais uma hora. Eu tenho entrega para fazer, bem como observações sobre todos os pacientes. Só mais um turno amanhã, digo a mim mesma, vendo o maior mojito esperando por minha chegada em Las Vegas.

Volto minha atenção para meu paciente.

— Vamos ver como você está quente hoje, Mable. — Digo descaradamente, recebendo um barulho maldoso da querida senhora.

— Em chamas. — Ela diz em uma risada. — Ei, quando você vai para Dallas?

— Vou para Vegas e saio no sábado.

— Ohhh, eu aposto que você vai receber um pouco de aperitivo americano.

Eu rio enquanto observo a temperatura dela e checo seus gráficos.

— Como está sua dor, Mable? Numa escala de um a dez.

— Cinco. — Ela responde rapidamente, me fazendo sorrir. Sempre cinco. A pobre mulher teve uma queda e quebrou o quadril, e nenhuma vez ela se queixou disso. Ela é tão afiada quanto um alfinete na velhice madura de noventa e dois anos. — Homens americanos. — Ela pensa, olhando ao longe, um sorriso carinhoso no rosto. — Lembro-me da empolgação quando um navio cheio de marinheiros americanos atracou durante a guerra. Eu e as meninas colocamos batom extra naquela noite antes de dançarmos no pub.

— Você foi uma vadia. — Eu provoco, abanando o dedo para ela. — E os lábios extras valeram à pena? — Eu movimento-me para liberar sua bolsa completa de cateter.

Ela me dá um sorriso diabólico.

— Eu era um bom partido, você sabe. Quando eu era uma menina e meus seios não faziam cócegas em meus joelhos. — Ela dá um rápido olhar de desprezo à bolsa de cateter na minha mão, e me sinto imediatamente culpada por lembrá-la de que não era mais uma mulher jovem. Agora ela é uma velha senhora com memórias de um tempo passado. — Mas então eu conheci meu Ronald. Ooh, aquele homem fez coisas comigo que nenhum outro homem jamais fez.

— Como o quê? — Eu pergunto fascinada pelo brilho nos olhos dela e o repentino rubor de suas bochechas.

— Como me dar borboletas na minha barriga e muitos momentos de parar o coração para lembrar. — Ela suspira, afundando em seu travesseiro. — Ele olhava para mim como um homem deveria olhar para uma mulher.

— Como é isso? — Eu sorrio enquanto endireito seus lençóis com minha mão livre.

— Como se ele estivesse lutando para manter as mãos longe de mim. Como se ele quisesse me violentar da cabeça aos pés. — Ela dá um tapinha na minha mão com uma risada. — Um dia, meu amor. Você o encontrará um dia.

Eu franzo a testa.

— Quem, Ronald?

Ela ri alto, estremecendo um pouquinho de seu movimento repentino, apesar de não gritar ou xingar. Apenas recomeça sem confusão.

— Não, menina boba. Ronald foi brincar no jardim verde de Deus sete anos atrás. Quero dizer sua mudança de vida.

— Minha mudança de vida?

— O homem que vai virar o seu mundo de cabeça para baixo e você não vai se importar nem um pouco. — Ela ri. — Apenas espere. Uma coisa bonita como você não ficará na prateleira por muito tempo.

— Quem disse que estou na prateleira? — Eu pergunto talvez um pouco atrasada, mas ainda assim. Eu tinha convites, apenas sem tempo ou desejo. E nenhum mundo virado, como ela chama.

— Oh meu amor. — Ela parece envergonhada por um momento. — Perdoe-me, mas se há um homem de longa data em sua vida, receio que você esteja desperdiçando seu tempo com ele. Não há brilho nos seus olhos. — Ela dá um tapinha na minha bochecha.

— Não há homem a longo prazo. — Admito. — *Nenhum* homem, na verdade.

— Então você está na prateleira.

— Você faz parecer que eu estou lá para ser levada por quem vier e gostar do que olhar.

— Esse é o longo e curto dele. — diz Mable francamente com um encolher de ombros. — Se um homem te quer mal o suficiente, ele vai te levar.

— E se eu não quiser ser levada por ele?

Ela sorri como se estivesse sabendo de algo que eu não estava.

— Acho que Dot precisa de ajuda. — Ela balança a cabeça no meio do caminho, vejo Dot lutando para se sentar em sua cama, agarrando a mesa para ajudar, mas ela empurra para longe.

— Espere aí, Dot. — Digo, reunindo minhas coisas. — Você não é uma ginasta. Até mais, Mable. — Eu atravesso a baía.

— Preciso fazer xixi. — diz Dot bruscamente.

— Então, vou pedir a alguém para trazer a comadre, ok?

— Faça isso rápido.

— Sim, senhora. — Eu digo baixinho, deixando-a confortável antes de ir para o posto de enfermagem. Eu procuro uma assistente de saúde no meu caminho e peço a ela para ajudar Dot e esvaziar o vasilhame com xixi de Mable, antes de correr pelo resto da minha seção, verificando a observações de todos e entregar o plantão.

Sinto-me completamente exausta quando termino. Depois de dar ao próximo enfermeiro o resumo, eu pego meu casaco e o coloco sobre meus ombros antes de pegar minha bolsa e me despedir.

Quando passo pela cama de Mable, ela assobia, me fazendo sorrir e girar no meio do caminho.

— Obrigada. — Eu rio, observando um dos meus pacientes lutando para se sentar na cama. — Ei, Deirdre, o que você está fazendo? — Eu corro até ela.

— Meu maldito pescoço está doendo. São esses travesseiros. Eles são muito moles.

— Então me deixe arrumar isso para você. – Mexo alguns instantes nos travesseiros e coloco um cobertor enrolado atrás deles para deixá-la mais confortável. — Tente isso. — Eu digo, colocando-a de volta na cama. — Melhor?

— Oh, sim, muito. — Deirdre suspira e aperta minha mão. — Você é um anjo, Izzy.

Eu retorno seu gesto antes de colocar a mão de volta na cama.

— Você precisa de mais alguma coisa antes de eu ir?

— Um novo corpo.

Eu sorrio, embora seja triste.

— Você durma bem esta noite, ok? E te vejo amanhã.

— Ok, querida. Tenha uma boa noite.

Eu a levanto e me afasto, olhando por cima do ombro e sorrindo de satisfação quando a vejo cochilando confortavelmente. Ela vai descansar fácil agora. E também acredito que o farei quando chegar a casa.

Voltando minha atenção para frente, meu coração para, meu sorriso diminui e meu ritmo diminui. E eu tenho certeza que meu mundo acabou de virar de cabeça.

— Izzy.

Theo me cumprimenta baixinho, tão afiado quanto da última vez que o vi. Seu rosto direto me encanta, seus olhos subindo e descendo pelo meu corpo. De repente me sinto autoconsciente, eu arrumo meu cabelo para baixo. Credo, aposto que pareço um horror. *Droga!* Então, rapidamente me pergunto por que estou incomodada com o quão insípida devo estar parecendo no término do meu turno, e o que Theo deve pensar disso. Por que eu me importo? Eu não sei, mas eu sei. Irritantemente, eu *realmente* me importo.

Hoje ele está sozinho, nenhum outro cara grande para ser visto.

— Seu cabelo é perfeito. — Ele diz secamente, e minhas mãos congelam em cima da minha cabeça, minhas bochechas ardendo. — Mas é bom saber que você se importa.

Ele me pegou, então eu não o insulto negando isso.

— Penny está bem? — Eu pergunto, pensando se ela precisa da minha assistência médica novamente.

— Ela está bem.

— Então o que você está fazendo aqui? — Eu sinto os olhos em mim, não apenas os de Theo, e me viro para encontrar Mable provavelmente aguentando sua dor para que possa dar uma olhada melhor na minha visita surpresa. Eu rolo meus olhos e ela sorri me dando um sinal de positivo.

— Eu gosto de ver você trabalhando. — diz Theo, me trazendo de volta para encará-lo, deixando Mable olhando por trás.

— O que?

Ele olha para Deirdre.

— Cuidando das pessoas. É bom ver você fazendo isso.

— É o meu trabalho. — Respondo, reprimindo a risada. Ele parece tão sério.

Assentindo suavemente, Theo se volta para mim.

— Você não ligou.

— Eu não precisei.

— Eu estava esperando que você precisasse. — Sua resposta rápida mexe comigo um pouco. — E então pensei que talvez seja porque você não tem telefone.

— Como...

— Um dos meus homens encontrou os pedaços quebrados.

— Oh. — Eu respiro. Um dos seus homens? Ele pensou? Ele está pensando em mim? Esperando-me ligar? Ele está sendo perfeitamente educado, ainda que um pouco brusco. Eu não mencionei o fato de que ainda tenho o seu número, independentemente da pequena questão que não tenho telefone. Só destacaria que eu poderia tê-lo chamado, e algo me diz que é isso *que* o está incomodando. Ele queria que eu ligasse. E eu não fiz.

— Então, Penny está bem? — Eu pergunto desconfortável com o silêncio que está pairando.

— Em pé. — Ele responde, mas não diz mais nada, dizendo que Penny não é o tópico de conversa que ele tinha em mente. Penny não é o porquê de ele estar aqui. — Eu vim para levar você para casa. — Pisando para o lado, ele abre o braço para eu passar. — Meu carro está esperando.

Eu sorrio um pouco, apesar de estar nervosa.

— Não preciso de um acompanhante, Theo.

— Eu acho que você precisa.

— E eu deveria ouvir você? — O que ele vai fazer? Puxar uma arma para mim?

— Você deveria definitivamente me ouvir. — Há uma pequena ameaça em suas palavras que não me incomoda nem um pouco. Ele pode ser mortalmente bonito, mas a intimidação escoa de cada centímetro de seu imponente corpo. Por alguma razão que eu ainda

não descobri, tudo isso vem em segundo lugar para a atração insana que tenho por ele e seu fascínio perigoso.

— Por que eu deveria ouvir você? — Eu pergunto uniformemente, olhando para ele através dos meus cílios.

— Porque apenas aqueles que são imprudentes não escutam.

— Acho que eu seria muito sensata em não ouvir você. — Eu vejo como seu rosto bonito se contorce um pouco em crescente frustração. Theo não é o tipo de homem que é recusado. Ele é escuro e perigoso. Ele é uma zona proibida para uma garota normal e sensata como eu. Então, por que ele está pensando em mim, quanto mais me rastreando até o meu local de trabalho?

— Sua bravura me intrigou no começo. — Ele diz. — Agora eu acho que isso me irrita mais.

Eu olho para as mãos dele, deixando meus pensamentos vagarem para lugares que eles não deveriam ir.

— Eu não tenho medo de você. — Digo sem pensar, como se para reforçar o que ele já sabe, mordendo meu lábio.

— Eu sei. — Ele suspira. — Você continua me dizendo isso. Então, por que você não me deixa te levar para casa?

— Porque eu tenho medo que você espere mais, e eu ainda estou mais assustada com o que darei a você. — Eu olho para ele, diretamente, sem me arrepender de dizer o que estou pensando. E quando nossos olhares se fecham, seus olhos cor de cobalto estão arregalados, a sua cabeça inclinada em dúvida, e eu sei que meu medo se justifica.

— Por que você tem medo disso? — Ele pergunta baixo e intrigado.

— Estou ocupada. Com trabalho. Eu tenho uma carreira para me concentrar. Eu não estou interessada em alguém como... — Eu paro, percebendo que eu estava indo em direção a um insulto.

— Alguém como...?

— Eu não sei. — Eu não poderia estar com medo, mas também não deveria insultá-lo. Porque isso seria simplesmente rude.

Ele sorri um pouco, divertido.

— Alguém assustador como eu?

Eu rio um pouco.

— Já te disse Theo. Você não me assusta.

— E eu gosto muito dessa noção. É nova. Refrescante.

— Porque todo mundo está com medo de você?

— Bem, sim.

— Por quê?

— Venha jantar comigo.

Meus ombros caem um pouco.

— Você não ouviu nada que eu acabei de dizer?

— Oh, eu ouvi, Izzy. E eu não acredito em uma palavra disso.

Ele se move atrás de mim e pressiona sua frente nas minhas costas. Ele suga o ar ao entrar em contato e eu respiro pesadamente. *Oh meu Deus.* Eu não recuo. Nem um pouco, mas além de nossas respirações audíveis, ouço uma velha senhora ofegar. Isso me lembra de onde eu estou, com Theo atualmente pressionado em mim, desenterrando uma torrente de...

Merda. É luxúria, desejo e necessidade, e está me deixando impotente para me afastar dele. Sua boca cai no meu ouvido. Eu fecho meus olhos e respiro.

— Você está segura comigo. — Ele diz, como se sabendo que essas palavras funcionariam a seu favor. — Vamos lá. — Ele desliza a mão ao redor da minha cintura e dá um passo à frente, me forçando a andar. Ou cambalear. Eu acho que estou cambaleando, embora seja difícil dizer quando Theo está praticamente me carregando. Oh meu Deus, ele está praticamente me levando para fora da ala e tenho uma sensação horrível de que não passou despercebido, não por Mable e nem por minhas colegas.

Eu não olho para trás quando surge uma oportunidade de verificar se há uma plateia, deixando Theo me puxar para fora de lá. Segura. É como se ele soubesse o quão sedutor essa pequena palavra é para mim. Como se ele estivesse usando isso como uma arma.

— Theo. — Eu reclamo, me contorcendo um pouco, mas congelando no segundo em que ele para abruptamente e assobia baixinho.

— Não faça isso, Izzy. — Ele avisa. — Pelo amor de Deus, por favor, não faça isso.

Eu aperto os dentes a ponto de quebrá-los, tentando ignorar a sensação de algo duro comprimido no meu traseiro.

— Eu sinto muito.

— Sim, isso não é ideal. — Ele murmura, limpando a garganta.

Eu franzo a testa.

— O que?

— Nada. — Ele suspira, mantendo sua mão firme em mim. — Apenas me dê um segundo.

— Eu vou deixar você me levar para casa, apenas me solte. — Eu imploro, não me incomodando em tentar me libertar. Seria um esforço inútil, e não posso arriscar sentir essa dureza novamente e, o pior de tudo, gostar disso. — As pessoas estão olhando. — As pessoas estariam olhando se Theo tivesse me segurado suspensa contra o peito dele ou não. O tamanho dele atrai muita atenção. Estou mais do que surpresa quando de repente sinto o chão sob meus pés sem mais necessidade de discutir. – Obrigada. — Eu digo graciosamente, brincando com meu casaco e bolsa. Eu deveria apenas deixá-lo me levar para casa. Será mais fácil e menos estressante, desde que eu evite contato visual e mantenha uma distância segura entre nós. — Onde está seu carro?

Ele limpa a garganta, parecendo um pouco perturbado. É uma visão bastante divertida. Este grande homem feroz, todo quente e incomodado. Sobre mim? Apontando pelo corredor, ele está firme, aparentemente recomposto agora.

— Na frente.

Saio rapidamente, os longos passos de Theo acompanhando-me com facilidade. Quando chegamos ao carro dele, Callum está segurando a porta aberta. Seu rosto é ilegível quando ele acena para mim, e mais uma vez ele se move para trás, me dando muito espaço para entrar. Eu deslizo no assento e descanso minha bolsa no meu colo, ficando confortável enquanto Theo se junta a mim. Ou tão confortável quanto posso estar na presença de Theo Kane. Especialmente agora que parece que temos. Temos o que? O que nós fizemos? Eu me encolho no meu lugar. Talvez devesse dedicar um pouco de tempo para considerar o que fiz. E o que eu fiz é confessar meu medo. Eu disse a ele, claramente, que se ele desse uma cantada, eu provavelmente não o negaria. Eu sou uma idiota. Porque eu fiz isso?

Quando saímos do estacionamento do hospital, eu olho pela janela, desejando poder voltar no tempo para a noite em que encontrei Penny naquele beco. Se eu soubesse o que sei agora, teria continuado meu caminho. Eu não teria voltado para ajudá-la. Eu não teria deixado Theo me levar para a mansão dele. Eu não faria...

Eu paro aí mesmo. Estou brincando comigo mesma. Não há como fugir de uma mulher necessitada. Eu não sei muito sobre Theo Kane, mas o que eu sei é bastante alarmante. E estou furiosa por querer saber muito mais. Como tudo.

— Você parece cansada. — Ele diz, lembrando-me que eu provavelmente pareço um saco de merda. Estou mais uma vez incomodada com isso, e minha mão vai para o meu cabelo e enfio as mechas dos meus cabelos negros atrás das minhas orelhas.

— Um turno de dez horas vai fazer isso com você. — Eu murmuro para a janela, mantendo o meu plano de não olhar para

ele e ficar do outro lado do banco de trás, para que não haja nenhum risco de tocá-lo também. É um bom plano, mas para que funcione, Theo precisa respeitar as regras também. Só que não contei as regras a ele.

Eu sinto algo roçar de leve o lado da minha coxa. Minha temperatura corporal começa a subir e eu tiro minha perna para longe.

— Cansada, mas ainda impressionante. — Outro toque na minha perna.

Oh, meu Deus, eu gostaria que ele parasse. Eu mentalmente calculo, quantos minutos mais neste carro eu preciso suportar com ele antes de voltar para casa. Sete, se o tráfego for bom. Já passou das dez da noite. Eu deveria estar segura. Ele não está dando socos agora. É assustador, mas debaixo da fachada de aço que estou trabalhando duro para manter no lugar, estou aliviada e feliz por ele estar me dando uma espiada em sua mente. Eu me senti atraída por ele no momento em que o olhei. Eu não queria estar. Eu o peguei em pedaços, avaliei o peso de um homem diante de mim e concluí que ele era ruim, más notícias, mas isso nem afetava o encanto, não importava o quanto eu quisesse. Ele é muito magnético. Muito cativante.

É frustrante.

É emocionante.

É... Eu mordo meu lábio e cruzo uma perna sobre a outra, apertando o pulso. Ele é perigoso, mas ao mesmo tempo seguro. É completamente contraditório. Ele parece perigoso, age como

perigoso, e ele definitivamente é perigoso quando estava pressionado nas minhas costas. Minhas coxas apertam, e eu luto para livrar minha mente daqueles pensamentos rebeldes. Eu não consigo controlar minha cabeça quando ele está perto, então é melhor eu ter certeza de controlar meu corpo.

Eu ouço uma risada leve, uma risada que é suave e misturada com o conhecimento.

— Diga-me — diz ele baixinho -o que você está imaginando agora?

Estou tão feliz por estar de costas para ele, porque significa que ele não consegue ver o quão longe meus olhos estão.

— Na verdade, estou imaginando minha cama e como vai ser bom quando eu me afundar nos lençóis. – Isso simplesmente sai de um jeito certo.

— Parece bom. — Ele reflete.

— Será.

— Minha cama seria mais confortável.

Meu plano e minhas regras vão à merda. Eu balanço para encará-lo. Eu não vi a cama dele e não pretendo. Embora eu espere que seja enorme, teria que ser para acomodar seu corpo enorme, e extremamente confortável.

— Eu duvido muito.

— Então devemos testá-la. — Ele parece sério, mas há uma vantagem lúdica lá.

— Testá-la?

— Sim.

— E como isso funcionaria? — Eu pergunto.

— Você quer um diagrama?

— Oh, isso é fofo. — Eu rio.

Ele encolhe os ombros.

— Isso colocará o debate em paz.

Eu abro minha boca para dizer a ele exatamente onde ele pode colocar seu debate, mas fecho quando algo vem para mim. Ele está me provocando. Este homem grande e poderoso está apertando os botões de uma pequena enfermeira. Para quê? Por quê?

— O que você quer de mim Theo? Sexo? — Chegar ao ponto é o único caminho a seguir. — Só um bom alívio?

— Eu lhe asseguro, não tenho escassez nisso.

Eu espero que ele esteja dizendo a verdade, e eu não tenho nenhuma razão para que essa afirmação doa, mas ainda funciona como uma boa saída. Aposto que também são todas bonecas Barbie glamorosas e bem vestidas. Ao contrário de mim, atualmente fedendo a antisséptico e parecendo que estou há uma hora de ser levada para o necrotério.

— Então por quê? — Eu questiono.

Ele agarra meu queixo, apertando minhas bochechas.

— Qual é a sua história, Izzy White?

Seus motivos são de repente muito claros, e isso dói como o inferno. Penny, ele aparecendo do nada, todas as mulheres em sua cama. O fato de eu ter divulgado algumas dicas do meu passado sombrio. Ele quer me salvar. Como ele fez com Penny. Eu retiro meu rosto do aperto dele. Eu não preciso ser salvar. Eu me salvei.

— Você está em algum tipo de missão de misericórdia? — Eu pergunto, inegável ressentimento atando a minha pergunta. — Um homem grande e assustador para salvar todas as mulheres fracas e vulneráveis que ele tropeça?

Ele pisca, e por um segundo, acho que pode ser porque machuquei seu ego. Mas então sinto a raiva, seu rosto duro gravado com linhas de fúria. Isso só alimenta minha própria raiva. O que ele espera que eu faça? Caia de joelhos em gratidão por ele estar invadindo minha vida e acenando com uma espada? Arrancar minhas roupas e oferecer meu corpo em troca de proteção?

— Você não parece muito fraca e nem vulnerável para mim. — Ele grita. — Mas em resposta à sua pergunta, não. Eu não estou fora para te salvar. Eu estou... — Ele se cala e engole em seco. Pegando meu queixo, ele aplica uma pressão que é quase demais. — Estou aqui porque não consigo tirar essa porra da minha cabeça. Eu quero que você venha jantar comigo.

Eu olho para ele em silêncio, atordoada, agora sem palavras. Segundo ele, apenas os insensatos dizem não a Theo Kane. Mas ser imprudente seria mergulhar meu dedo no mundo de Theo. Ser insensata seria explorar as reações que ele evoca de mim. Ser imprudente seria permitir a sensação de segurança que ele oferece

para me distrair da minha missão de me manter segura. E o que ele vai fazer quando eu disser não, afinal? Colocar essa arma na minha cabeça? Eu rio baixinho. Pode vir. Eu vivi metade da minha vida com uma arma imaginária na minha cabeça.

Eu estendo a mão, com a intenção de tirar a sua do meu rosto, mas Theo solta primeiro, e se atira de volta em seu assento, tão longe do outro lado do carro quanto ele pode chegar. Seus olhos estão arregalados, o rosto apertado.

– Vá. — Ele ordena. — Vá antes que eu faça algo que você claramente não quer que eu faça. — O carro para em um sinal vermelho. Ele olha para longe.

— Como o quê? — Eu sei que não significa que ele possa me machucar. — Me beijar? E o que faz você pensar que eu deixaria você?

— Você não teria escolha, e não porque eu forçaria você. — Suas mãos encontram o assento na frente dele, seus dedos arranhando o couro. Ele está se contendo. — Vá, Izzy.

Eu estou fora do carro rapidamente, meus pés batendo no chão ao mesmo tempo da batida do meu coração. As luzes brilhantes e o zumbido de Londres são um mero borrão e ruído branco ao meu redor enquanto eu desço a rua em direção ao meu apartamento, suas palavras sussurrando nos meus ouvidos.

Dando uma olhada por cima do meu ombro, vejo seu carro ainda parado à luz, embora agora esteja verde e o som de buzinas impacientes só aumentam a confusão de barulho ao meu redor. O Bentley finalmente começa a se arrastar, ficando perto do meio—

fio, a uns cinquenta metros de distância. Até o carro dele parece ameaçador, rastejando atrás de mim. Meu ritmo acelera e eu passo a esquina, vendo meu apartamento à frente. A visão não me oferece conforto. Um rápido vislumbre do meu ombro me diz que o motorista de Theo me seguiu até a minha rua, ainda rastejando ao ritmo de um caracol, o fiasco dos carros irritados não o fazendo recuar ou encostar. Porque Theo estará dizendo a ele o que fazer, e apenas os insensatos dizem não a Theo Kane.

— Droga. — Eu murmuro, alcançando os degraus que levam até a porta da frente. Seu Bentley rola até parar, mas ninguém sai. A janela escura da parte de trás me impede de ver Theo dentro, mas sei que ele está olhando para mim, provavelmente ainda mais chateado, e se ele continuar a olhar, acho que ele poderia abrir um buraco no vidro. Eu olho para Callum na frente, sem janelas filmadas para dificultar a minha visão, encontro-o sentado imóvel, as mãos no volante, focado para frente.

Eu alcanço o corrimão que leva as escadas até a porta da frente, mantendo os olhos no carro enquanto dou um passo para trás, esperando que ele saia. Mas ele não faz.

A porta da frente se abre atrás de mim.

— Izzy, o que diabos você está fazendo? — Jess pergunta, descendo os degraus para se juntar a mim. Eu a viro rapidamente, encontrando uma barra de chocolate em seus lábios, seus olhos agora no elegante Bentley ainda parado no meio— fio. — Quem é aquele? — ela pergunta.

— Ele. — Eu respiro, sentindo todos os tipos de instabilidade. O carro começa a se afastar lentamente, deixando a mim e Jess,

seguindo seu caminho pela rua até que ele pega uma curva e desaparece. Minhas pernas doem, levando minha bunda até um dos degraus de concreto. — Oh meu Deus. — Eu suspiro choque chutando dentro de mim.

— Maldito inferno. — Jess se junta a mim no degrau, sua mão chegando ao meu joelho. — O cara do beco? Com a mansão? O que aconteceu?'

— Ele apareceu no trabalho. Insistiu em me trazer para casa.

— Então porque você andou? — ela pergunta. — Eu vi você na janela da cozinha quando eu estava tomando um pouco de vinho.

— Saí do carro. — Explico, levando a mão ao peito e olhando para a rua. — Depois que ele me disse para ir ou faria algo que eu me arrependeria.

Ela se retira incerta.

— O quê?

— Não é assim. — corro para explicar. — Como me beijar. Ele queria me beijar, e ele disse que eu nunca seria capaz de detê-lo. E ele não quis dizer porque ele é construído como uma casinha de tijolos e eu não sou.

— Uau. — Jess sussurra. — Mas você disse que não sentiu nada.

Eu fecho meus olhos e exalo minha confissão.

— Eu menti.

— Mas por quê?

— Porque estou com medo. — Eu admito com um sorriso de desculpas. Jess não é afetada como eu esperava. Ela olha em choque sozinha. — Ele é perigoso. — Eu digo. — Eu não me deveria sentir atraída por isso. — Meus olhos caem. — Mas ele me salvou daquele idiota que...

A mão de Jess alcança a minha e agarra com força. Ela sabe onde eu estava indo com isso.

— Não. — Ela avisa. — Não dê a esse bastardo um segundo pensamento.

Eu balanço minha cabeça, frustrada.

— Eu estou tentando não fazer isso. — Eu olho para ela e sorrio tristemente. — Theo iria rasgá-lo em pedaços sem hesitar nem se arrepender. É assim que deve ser. Um homem deveria proteger uma mulher. Não machucar. E uma mulher deve se sentir segura com um homem, sem medo. Não tenho medo de Theo, Jess. Ele não é perigoso no sentido em que acho que ele me machucaria fisicamente. Ele é perigoso porque me sinto tão segura com ele. Eu nunca me senti segura antes. Não verdadeiramente. Eu gosto disso. E eu não quero.

Minha amiga me dá um sorriso compreensivo, enrolando um braço em volta do meu ombro e me puxando para perto dela.

— O fato de que ele é perigosamente bonito, rico e construído como um gladiador também ajuda, suponho.

— E isso. — Eu concordo em silêncio, descansando minha cabeça em seu ombro, minha mente fugindo comigo. Theo não tinha

intenção de sair daquele carro e vir atrás de mim. Ele estava simplesmente garantindo que eu chegasse em casa em segurança.

CAPÍTULO

Quatro

— Tem alguém na porta. — Jess chama do quarto, obrigando-me a desocupar minha cama aconchegante. Eu ouvi a batida, mas esperava que Jess atendesse para que eu pudesse continuar a refletir o quão confortável é minha cama. Muito confortável, na verdade.

— Eu ouvi. — Eu resmungo, chicoteando os lençóis para trás e me arrastando até a borda enquanto olho para o relógio. Oito horas. Quem diabos está batendo na porta a esta hora da manhã? Eu pego minha camiseta e luto enquanto eu corro pelo corredor até a porta, abrindo-a para encontrar um jovem rapaz em um uniforme de mensageiro.

— Bom dia. — Ele murmura, estendendo uma pequena caixa para mim enquanto ele olha para as minhas pernas nuas.

— Bom dia. — Eu respondo em retorno, pegando o pacote e segurando a prancheta com a outra mão. Eu rabisquei o papel e enfiei em seu peito, me afastando e fechando a porta em seu sorriso extravagante.

Eu faço o meu caminho para a cozinha para buscar café, ouvindo Jess em algum lugar atrás de mim.

— Quem era na porta? — Ela pergunta, com uma toalha secando o cabelo dela.

— Entrega. — Deslizo o pacote para a bancada e começo a fazer o café, colocando uma colher extra de grãos de na minha caneca.

— A que horas você está começando o trabalho? — Ela cai em uma cadeira na mesa e aceita a caneca que eu entrego a ela.

— Às duas. — Recolhendo a caixa eu me junto a ela. — Último turno. — Eu dou— lhe um sorriso que é devolvido, cheio de dentes. — Preciso arrumar minhas malas, encontrar meu passaporte, conseguir alguns dólares.

Eu começo a rasgar o pacote.

— Você ainda não fez isso? — ela pergunta incrédula. — Izzy!

— Eu tenho trabalhado duro. — Eu argumento sem querer sugerir que Jess não faça também. Eu dou— lhe um sorriso de desculpas quando ela abre a boca para mim. — Ou eu não sou tão organizada quanto você. — Eu recuo um pouco, puxando cegamente a caixa aberta. A verdade é que eu precisava esperar até hoje para trocar algum dinheiro. É dia de pagamento, e fiquei apertada na semana passada. Não tenho desculpa para não arrumar as malas ou encontrar meu passaporte. — Ah, e eu preciso de um novo telefone.

— Você precisa? — A testa de Jess se torna um mar de linhas. — Então o que é isso? — Ela acena para a caixa na minha mão, e eu sigo seu olhar, espiando o pacote agora desembrulhado. Uma caixa de iPhone me encara e levanto a tampa para encontrar meu iPhone. Não há um arranhão ou trincado à vista.

— Que diabos? — Eu murmuro, virando-o na minha mão. — Eu deixei no beco em um milhão de pedaços. — Ele toca alto, e eu pulo na minha cadeira, meu telefone pulando também, direto da minha

mão. — Merda. — Eu me atrapalho para pegá-lo e falho, ele cai no chão da cozinha, aterrissando com um estrondo.

— Oh meu Deus, você é a pessoa mais desajeitada que eu conheço. — Jess ri.

Eu olho para o telefone no chão aos meus pés, de bruços.

— Eu não mandei para o conserto. — Eu digo confusa. — Mas aqui está inteiro e brilhante como novo. E está ligado, Jess. — Meus olhos se estreitam. — E uma mensagem chegou.

— Oh. — Ela respira, a ficha finalmente caindo. — Ele?

— Quem mais? — Eu pergunto, minha mente saindo em uma tangente, minhas mãos nervosas começando a torcer a ponta da minha camiseta. Mas e a noite passada? Ele estava tão bravo. E então ele fez Callum rastejar atrás de mim em seu carro grande e vistoso para ter certeza de que eu chegaria em casa em segurança. O homem é uma grande contradição.

Os olhos de Jess estão brilhantes e animados enquanto ela mergulha e recolhe o telefone do chão.

— A tela está rachada. — Ela me entrega do outro lado da mesa enquanto meu coração se dirige a uma vibração no meu peito. Minhas mãos trêmulas aceitam meu iPhone, e ela balança a cabeça, incentivando-me a olhar. Eu respiro fundo e fecho os olhos, vendo Theo tão claro quanto o dia em minha escuridão. O rosto dele; o corpo dele; sua mandíbula afiada e eriçada. Eu ouço suas palavras, ameaçadoras, mas encorajadoras. Eu tremo e abro a mensagem:

Callum vai buscá-la às sete, esta noite. Estou te levando para o jantar.

Você será gentil e aceitará.

Meus tremores aumentam um pouco, fazendo o telefone tremer no meu aperto, Jess está ao meu lado em uma fração de segundo, puxando sua cadeira mais perto e pegando o telefone da minha mão trêmula, substituindo-o por meu café.

— Tudo bem, vamos falar sobre isso. — Ela diz, descansando os antebraços na mesa, como se estivesse pronta para uma reunião do conselho. — O que está te afastando?

— Eu te disse ontem à noite. — Eu deixo de mencionar que acredito que ele não seja exatamente um cidadão cumpridor da lei.

— Você está preocupada se vai se apegar e não vai dar certo?

Eu dou de ombros.

— Acho que sim.

— Mas não seria bom ter sexo com um homem porque você realmente quer, e não porque você simplesmente quer provar para si mesma que você pode?

Ela acertou o prego na cabeça. Sexo sempre foi puramente um meio de provar que eu não estou com cicatrizes para vida toda por causa do bastardo que me atormentou. Isso não significa que eu goste. Isso não significa que eu quero. Meus flertes são quase robóticos para mim e sempre sem apego. Eu não estou arruinada. Eu estou apenas... um pouco quebrada.

Jess se levanta e dá um tapinha no meu ombro, sorrindo suavemente.

— Por favor, Izzy, apenas faça. Ele está obviamente em você. — Ela se afasta, deixando-me à mesa. — Eu nunca vi você em um emaranhado sobre um homem antes. Não tenha medo de se sentir segura. Você merece.

Eu a observo até que ela desaparece da cozinha enquanto olho repetidamente o telefone em minha mão, procurando todas as razões pelas quais eu não deveria ir jantar com Theo. Elas não estão em lugar nenhum. Elas me abandonaram.

***

Eu não estava bem com isso durante todo o meu turno, meu foco e concentração estavam dispersos. Susan me puxou de lado no final do dia, preocupada que eu estava com alguma coisa. Ela insistiu em tomar minha temperatura e, claro, estava normal. Eu disse a ela que estava bem, apenas um pouco cansada depois de turnos exaustivos e consecutivos, ela aceitou, oferecendo-se para fazer a troca de plantão para que eu pudesse sair a tempo e ter uma boa noite de sono. Eu estava imensamente grata, já que eu ainda não arrumei minha mala e tenho uma lista tão longa quanto o meu braço de coisas para fazer antes de partir para Vegas. Incluindo mensagens de texto para Theo, para educadamente recusar sua oferta. Ou quase. Qualquer que seja. Meu telefone tem queimado um buraco na minha bolsa o dia todo.

Depois de pegar minha bolsa e meu casaco, paro na cama de Mable para dizer adeus, esperando que ela não traga para a conversa o mamute de homem que apareceu ontem para me levar para casa. Ela estava sendo radiografada antes e não teve a oportunidade de me irritar desde então.

Seus olhos brilham como diamantes quando eu passo a curva em sua baía.

— Aqui está. — Ela canta, empurrando as palmas das mãos no colchão de cada lado da cintura para se levantar, sibilando e cuspindo.

— Mable, pare de se mexer. — Eu repreendo, passando— lhe o dispositivo de controle para a cama. — Use isto.

Ela tira da minha mão e empurra de volta para a cama, me ignorando. Porque ela tem um assunto mais importante em sua mente.

— Então, o pedaço que estava aqui ontem.

— A fratura não está cicatrizando, então? — Eu digo. É meu jeito de dizer a ela para não ir lá.

— Não, não está. — Ela acena com a mão desdenhosamente no ar. — O pedaço de homem.

Eu murcho meu rosto na derrota. Eu estive cuidando dessa mulher por duas semanas, e a conheço bem o suficiente agora para saber que ela não vai deixar isso passar. Ela é uma velha teimosa.

— E o que tem ele?

Ela me dá um sorriso travesso.

— Você está me dizendo mentiras meu amor?

— Não.

— Você disse que não há homem em sua vida.

— Não há.

— Então, quem era o delicioso pedaço?

— Theo.

Ela inclina a cabeça, me olhando com desconfiança.

— Vamos, Izzy. Dê a uma velha aleijada alguma coisa.

— Então você quer ficar aleijada agora, hein?

— Conte-me. — Ela dá um tapinha no colchão.

— Eu realmente não o conheço. — Eu digo, ignorando a oferta dela de me sentar na cama e preferindo a cadeira. Além disso, é contra as regras sentar na cama de um paciente.

— Você quer mudar isso?

— Não tenho certeza. — Assim que eu respondo, Susan vira a esquina, embora eu não possa ver seu rosto ou corpo, apenas suas pernas curvas. Porque quase toda a sua forma está escondida atrás de um enorme buquê de flores.

Sua cabeça pula para fora do lado.

— Estas foram deixadas para você na recepção. — diz ela, empurrando-os para mim.

Eu tenho que sentar na cadeira para colocá-las no meu colo, o aroma de rosas vermelhas brilhantes enchendo meu nariz.

— Para mim?

— Sim. — Ela confirma, pegando o spray antibacteriano e esguichando um pouco nas palmas das mãos. — Sem flores na enfermaria.

— Sinto muito, eu não estava esperando nada. — Eu puxo o cartão para fora, arrastando as rosas para o lado para lê-lo:

Vejo você às sete.

Eu engulo. Difícil. Não consigo decidir se estou lisonjeada ou incomodada com o gesto dele. Eu me lembro de sua mandíbula enquanto ele me disse para sair do seu carro. Ele estava desesperado para se livrar de mim no momento. O que mudou? Mais uma vez, Theo Kane está jogando sinais mistos. E isso logo me faz concluir que estou aborrecida. Como ele espera que eu reaja a esse enorme e belo buquê de flores? Ligue para ele e agradeça a oportunidade? Desmaie? Eu não sei onde eu estou com ele, eu tenho trabalhado duro para me estabilizar nos últimos anos, para encontrar meus pés e seguir em frente com a minha vida, eu não preciso de um homem mexendo com isso.

— Vou tirá-las daqui. — Digo a Susan, que está de pé diante de mim, os braços cruzados sobre o peito amplo.

— Bem? — Ela acena para o cartão quando eu me levanto.

— Sim, bem? — Mable apoia-a ansiosamente. — Elas são do galã?

— Sim, elas são do galã. — Confirmo, passando as duas mulheres. — Vejo você em uma semana.

— Não se divirta demais. — Susan diz atrás de mim.

— O que? — Mable pergunta, enojada. — Não dê ouvidos a ela, Izzy. Seja má, mas cuidado!

Eu rio enquanto saio da enfermaria, divertindo-me com o conhecimento de que não voltarei por uma semana inteira. Eu pego meu telefone da minha bolsa e puxo a mensagem de Theo, digitando uma resposta e enviando-a rapidamente.

Eu fui gentil.

Eu simplesmente não aceitei.

***

Minha lista de tarefas está crescendo a cada minuto, coisas que vêm para mim enquanto eu procuro meu passaporte e minha nécessaire.

— Protetor solar. — Eu chamo para a gaveta que eu estou atualmente vasculhando, procurando o documento que eu preciso para me tirar de Londres e em direção a Vegas. — Encontrei. — Eu pego meu passaporte e jogo na minha cama antes de correr para a cozinha e adicionar protetor solar à minha longa lista. – Roupa de banho. — Eu grito.

— Você não tem nenhum? — Jess pergunta, relaxando na mesa com um copo de vinho, totalmente embalada e organizada.

— Eu não tiro férias há mais de dez anos.

— Eu tenho um monte de biquínis. Sinta-se à vontade para pegar emprestado.

Eu dou a ela um olhar que Jess lê bem, culpa se aproximando e invadindo seu rosto bonito.

— Não olhe para mim assim. — eu aviso, e ela força o rosto em um sorriso. – Está tudo bem.

— Acho que você deveria usar um biquíni e ser dona disso — diz Jess, empurrando meu vinho para o outro lado da mesa.

— Eu vou ser encarada por todas as razões erradas. — Tomando um gole do meu vinho, encontro minha mão no meu umbigo, circulando o local onde a única lembrança física dele permanece. Eu estremeço e Jess não perde isso.

— Eu posso comprar um novo maiô. — Ela se levanta e vem até mim, beijando minha testa enquanto sorrio. — Há alguns desenhos incríveis nesta temporada.

Seu gesto é doce, mas não é necessário.

— Cale a boca. — Eu digo, gentilmente empurrando-a para longe.

Ela vai com facilidade, pulando para fora da cozinha, deixando-me pensando sobre o que mais precisa ser adicionado à minha lista, numa tentativa de desviar minha mente de pensamentos mais desagradáveis.

— Izzy. — Eu a ouço chamar, e me arrasto em direção ao quarto dela. Mas eu não chego lá, parando no corredor quando a vejo parada na porta. — É para você. — diz ela, mordendo o lábio inferior e abrindo-o o mais amplamente possível, revelando um homem parado na soleira da porta.

Meu alívio é profundo quando noto que não é Theo. É Callum, e ele será muito mais fácil de recusar. Eu ando para frente e troco de lugar com Jess na porta, vendo um carro Mercedes estacionado na frente.

– Oi. — Eu digo, toda sorridente e educada, segurando a ponta da porta.

— Senhorita Izzy. — Callum assente com a cabeça, seu olhar inexpressivo percorrendo meu corpo, provavelmente se perguntando por que estou no meu uniforme de trabalho. Seus olhos castanhos escuros franzem um pouco a testa. — Kane está esperando por você.

— Ele não deveria estar. Mandei uma mensagem para que ele soubesse que eu não conseguiria. — Eu parabenizo-me por manter minha polidez e tom seguro. — Sinto muito que você tenha uma jornada desperdiçada.

O motorista de Theo sorri com firmeza. A impaciência não suavizando suas características.

— Não será desperdiçado se você vier.

Eu me certifico de não romper o contato visual, porque isso mostraria fraqueza. Eu não sou fraca. Eu sou forte, como Callum logo perceberá.

— Como eu disse, sinto muito por você ter uma jornada desperdiçada.

Seus lábios se franzem em uma leve risada reprimida quando ele se afasta.

— Faça do seu jeito.

Ele balança a cabeça num gesto forçado e vai embora, deslizando em seu carro e saindo rapidamente.

Fazer do meu jeito? Sim, eu vou. Eu fecho a porta com um aceno satisfeito e encontro Jess atrás de mim.

— O quê? — Seus lábios estão pressionados juntos.

— E foi isso?

— O motorista do Theo... Eu acho que...

Seu rosto diz tudo.

— O Senhor Todo— Poderoso.

Eu faço o meu caminho de volta para a cozinha, Jess quente nos meus calcanhares.

— Sua calcinha acabou de explodir em chamas, não é? — Eu rio.

— Eu não sei por que você não vai apenas jantar com ele.

— Amanhã vamos a Las Vegas. — Lembro a ela, como se ela pudesse ter esquecido a viagem que está em curso há um ano e que nos deixou sem dinheiro. — Vou poupar minha energia para isso.

— Tudo bem por mim. — Ela canta, encho a taça com vinho e pego com as duas mãos. Eu dou uma para ela, que começa a nos dançar pela cozinha. — Vegas, baby!

Eu comecei a rir, sendo girada em círculos com o sorriso de Jess para mim. Eu já estava animada, mas agora estou tonta com isso. Literalmente.

— Pare! — Eu rio, fechando meus olhos.

E ela faz. Abruptamente. Então eu ouço a batida forte na porta. Meus sorrisos e risadas murcham, mas fico tonta. – Ignore. — Eu exijo minhas mãos ainda segurando Jess. — Ele vai embora eventualmente.

— Você sabe, eu realmente não acho que ele vai. — Jess responde, parecendo preocupada *e* intrigada.

— Ele vai ter que ir. Não estou respondendo. — Fechei a porta da cozinha, bloqueando o eco de sua batida de acompanhamento.

— Então, vamos nos esconder aqui a noite toda? — Jess pergunta com a testa franzida.

—Se for preciso.

— Sério?

Eu rio.

— Sim, muito sério. — Eu pego mais vinho e aceno no rosto dela. — Temos suprimentos. Vamos apenas beber. Não trabalho amanhã — lembro a ela.

— Apenas diga a ele que não, se você está tão determinada. Simples.

— Ele não vai ouvir. — Eu digo, levando a garrafa aos meus lábios e me encolhendo um pouco. — O telefone, as flores, aparecendo no trabalho. Ele é imune à palavra não. Ninguém diz não a Theo Kane. Mais vinho.

Eu devo permanecer forte. Pela primeira vez em muito tempo, sinto que estou progredindo. Estes são pequenos passos, mas são pequenos passos na direção certa. Eu sei para onde estou indo. Quando eu olho para Theo Kane, eu não sei para onde estaria indo se me envolvesse com ele, e isso é um bom motivo para ficar longe. Eu gosto de onde estou na minha vida. Eu gosto de quem eu sou. E isso é uma conquista, porque eu me odiei por tanto tempo. Estou finalmente me libertando do medo que me controla.

— Estou bem sozinha. — Digo a ela. Estou feliz sozinha. Eu estou no controle e sozinha. Quando estou com Theo, não me sinto no controle nem um pouco.

Jess suspira, seus ombros caindo.

— Passe-me essa garrafa. — Ela faz as mãos para mim e eu entrego de bom grado, feliz por ela entender.

Outra batida na porta.

— Então, o que faremos assim que chegarmos? — Eu pergunto, ignorando isso.

— Bebida. — Jess toma outro gole antes de entregar a garrafa de volta para mim. Eu aceito com gratidão e levo aos meus lábios. Ela olha por cima do ombro para a porta da cozinha fechada quando soa mais uma batida.

— E na segunda noite? — Eu corro, precisando distraí-la.

— Eu não sei. Bellagio's?

— Ótimo! — Eu bebo novamente e dou a garrafa para ela. — E na terceira noite eu estava pensando em uma boa refeição e um pouco de aposta. — Eu estou literalmente gritando agora.

— Certo. — Ela diz lentamente, e então ela suspira. — Isto é ridículo. — Ela bate a garrafa e puxa a porta da cozinha para abri-la.

— Jess, não!

— Eu vou dizer a ele não, se você não vai. — Ela segue seu caminho com determinação.

— Jess!

Estou correndo alguns passos para frente e recuando novamente, sem saber o que fazer. Esconder-me. Eu deveria me esconder.

— Diga a ele que eu saí! — Droga! Corro atrás dela, esperando chegar à porta antes que ela faça isso, para impedi-la de abrir.

— Foda-me!

Eu ouço a maldição assustada de Jess quando eu paro atrás dela, descobrindo que ela já abriu a porta da frente e sua cabeça está lentamente se inclinando para trás para encontrar o rosto de Theo. Não consigo ver minha amiga, mas suponho que o queixo dela seja frouxo.

A visão dele, alta e estranhamente refinada atrás de sua frente intimidadora, me faz sentir como se tivesse acabado de bater na cabeça com um taco de beisebol. Ele é uma visão. Seu lábio superior balança quando ele olha por Jess, abandonando minha amiga atordoada em meu favor. E novamente estou enfiando meu cabelo atrás das orelhas, meu olhar caindo. Um dia eu não vou parecer uma bagunça quando ele aparecer do nada.

— Mandei uma mensagem para dizer que não jantaria com você. — Eu solto antes que ele possa perguntar por que não estou pronta.

— E presumi que deve ter sido um deslize dos seus dedos nas teclas.

— O que...? — Eu faço um cálculo mental rápido. — Todas as seis palavras?

— Sete. — Ele responde, chamando minha atenção novamente. Ele me observa com cuidado. — Se você incluir o beijo que você marcou no final.

Minhas bochechas esquentam sob seu olhar atento, Jess anda de um lado para o outro com um olhar acusador.

— Um beijo?

Meus lábios permanecem bem fechados, sem querer me explicar. Embora isso não me impeça de justificar isso na minha cabeça. Eu adicionei como um gesto, isso é tudo. Para suavizar o golpe.

— Sim, um beijo. — Theo confirma. – Disse, obrigada, mas não posso ir jantar. — Ele tira a mensagem da minha memória. — E depois houve definitivamente um beijo. — Ele levanta as sobrancelhas, fazendo beicinho. — Não tire esse beijo de mim, Izzy. Isso vai partir meu coração.

Eu quero sorrir, mas isso estaria alimentando sua brincadeira. E eu não deveria fazer isso, não importa o quão emocionante seja refletir sobre suas brincadeiras leves. Eu ainda estou tentando descobrir o que dizer em seguida, quando Jess abre a porta e gesticula para ele entrar. Ele se abaixa um pouco para desviar do batente e evitar bater a cabeça. O que ela está fazendo?

Eu aponto para ela com um olhar de aço que ela ignora totalmente, a vaca. Porra, eu estou com calor. Minha mão vem para abanar meu rosto sem pensar, provocando outro sorriso conhecedor de Theo. Ele parece adorável quando ele sorri, e eu sinto que ele não faz isso muitas vezes. Seus sorrisos são calorosos e tentadores.

Tentador.

Ele já é assim, mesmo quando está com cara séria e ameaçadora. Com a curva atraente de seus lábios, ele é

simplesmente irresistível. Essa covinha é adorável e definitivamente mal colocada.

O corredor estreito fica muito cheio quando ele entra, e me encolho contra a parede para evitar contato com ele. Eu vou matar a Jess. Lentamente.

— Foi um prazer conhecê-lo. — ela ressoa, correndo, deixando eu e Theo mais ou menos presos no espaço. Eu inspiro para ampliar o pequeno espaço entre nossos troncos quando ele para na minha frente.

— Sua amiga é muito hospitaleira. — Ele diz, demorando-se diante de mim. — Talvez você deva aprender com ela.

Meus olhos se estreitam.

— E talvez ela seja mais fácil de deitar do que eu. Por que você não tenta a sua sorte? — Eu quero me arrepender da minha réplica rancorosa, só porque eu insultei Jess, mas não posso. Ele está me irritando agora, afastando qualquer tentação que eu esteja lutando.

Embora tudo volte quando Theo pega minha mandíbula em sua grande mão e traz seu rosto para perto do meu, mesmo que suas feições bonitas estejam torcidas em desdém. Meus pulmões se apertam enquanto eu luto para respirar. Ele parece verdadeiramente ameaçador agora. Ainda não estou com medo.

Por que não tenho medo dele?

— Isso foi desnecessário. — Ele sussurra ameaçadoramente, mas suavemente, mantendo-me no lugar com o seu aperto, mas mais com os olhos.

Eu cerro os dentes, não me encolho nem recuo.

— Você quer que eu me desculpe?

Seu aperto se solta, indo de segurar para sentir, a palma da mão envolvendo todo o lado do meu rosto.

— Vou desistir de um pedido de desculpas em troca do jantar.

Balanço a cabeça negativamente, exausta pela força necessária para continuar recusando-o. Tudo dentro de mim está me dizendo para ir embora.

— Ainda é não. — Afirmo. — Com todo o respeito, Sr. Kane, não estou realmente interessada em me envolver com um homem. Especialmente não com um homem que carrega uma arma. Mas obrigada pela oferta. — Eu sorrio docemente, e posso dizer que ele está lutando para segurar sua própria diversão.

— Mas você está esquecendo uma coisa, Srta. White. — Ele diz asperamente, e eu inclino a cabeça, fazendo com que ele me lembre. — Se eu quero algo, eu tenho.

— Você a compra? — Eu pergunto, referindo-me ao meu telefone fixo e flores.

— Sim.

— E se não puder ser comprado?

— Então eu pego.

— E se houver luta?

Sugo meus lábios, seu olhar cai para a minha boca enquanto ele se move e me prende contra a parede. Nossos corpos se fundem um no outro. Eu sinto seu peito inflar em uma profunda sucção de ar. Ele parece impressionado, feliz, com a cabeça tremendo levemente como se não acreditasse em como é bom me tocar. Isso é tão bom. Ele traz a boca perto do meu ouvido.

— Então isso torna a vitória muito mais doce quando eu ganhar. — Ele sussurra, sua mão deslizando para a parte de trás do meu pescoço e apertando suavemente, aplicando um pouco de pressão para virar a cabeça e trazer minha boca mais perto da dele. Minha respiração diminui enquanto seus lábios roçam sobre os meus, e eu choramingo, a sensação de sua boca, a sensação de sua língua traçando minha carne, e o calor de sua respiração me arrebatando naquele trecho final. Ele tem um gosto divino.

Apertando os dentes levemente sobre o meu lábio inferior, ele recua devagar até que ele se solta. Minhas mãos encontram a parede atrás de mim e pressiona o gesso, qualquer coisa para segurar exceto ele.

— Você não sente ou soa como se fosse lutar muito, Izzy. — Ele afasta o corpo do meu e abre a porta, observando-me desintegrar contra a parede. — Pense no jantar. — Ele sai, e meus dedos voam aos meus lábios, sentindo suavemente onde sua boca estava um momento atrás.

— Oh... porra... inferno. — Por que eu o deixei fazer isso? Eu olho para a porta da cozinha como se procurasse a resposta lá, mas eu acho Jess em vez disso, parecendo tão impressionada quanto eu. — Vê? — Eu rio, abalada no meu núcleo. — Ele não aceita um não como resposta.

— Você não precisa dizer não para ele. — Jess olha para a porta fechada, suas bochechas estufadas. — Merda, Izzy. Você precisa deixá-lo fazer o que ele quiser com você, porque com certeza parece que seria uma experiência e tanto.

— Eu sei. — Eu parei de negar isso. Eu disse que não iria desistir se ele fizesse um passe, mas ele não me deu uma chance. Ele me deixou pendurada. E eu estou arrasada — Você precisa me levar para Vegas imediatamente. — Eu preciso ficar o mais longe possível de Theo Kane antes de cavar e deixar que ele me possua. Porque é exatamente isso que vai acontecer. Ele vai me possuir. Um breve beijo e estou em todo lugar. Qualquer coisa mais e temo que vá dar minha alma para ele.

Ou ao diabo.

CAPÍTULO

Cinco

Nós realmente fomos para o avião. A classe econômica premium em nosso voo era exuberante, mesmo que tenha absorvido a maior parte das minhas economias. Eu não vou me preocupar sobre isso. Eu nunca tive economias para gastar de forma tão imprudente, e trabalhei com meus dedos até o osso para marcar essa parte da minha lista de desejos.

Jess e eu estamos sorrindo como idiotas enquanto tiramos nossas malas do aeroporto.

— Puta merda. — Eu digo, sendo atingida no rosto com calor.

Jess retira seu chapéu flexível de sua bolsa e empurra-o em sua cabeça.

— Não respire pelo nariz.

Eu vejo meu nome em uma tela do iPad sendo segurada por um homem de terno e aceno para sua atenção.

— Por quê?

Eu olho para trás enquanto puxo a minha mala para ele, encontrando Jess beliscando seu nariz.

— Você pode chamuscar seu pelo nasal.

Eu comecei a rir, entregando a minha mala para o nosso motorista quando ele sorri e gesticula para ela.

— Bem-vindas a Vegas, senhoras.

— Obrigada! -nós cantamos em uníssono, seguindo-o em frente. Ele nos leva a um Escalade preto brilhante e nos deixa confortáveis antes de carregar nossas bagagens

Jess faz um movimento para a garrafa de água posicionada entre nossos assentos e bebe vorazmente.

— Oh, isso é tão bom.

— Hard Rock Hotel? -o motorista pergunta quando ele entra, saindo rapidamente do estacionamento.

— Por favor. — Eu confirmo, dando a Jess olhares excitados, que ela retorna antes de mergulhar em sua bolsa e tirar a maquiagem. Ela começa a se pintar e, embora eu role os olhos, aceito seu pó compacto quando ela me entrega. Sem uniforme de trabalho por cinco dias inteiros. Eu preciso aproveitar ao máximo.

O caminho para o nosso hotel é surpreendentemente rápido, e eu relutantemente desocupo o carro fresco e entro novamente no calor quase insuportável.

ENQUANTO ESTA CASA ESTIVER FUNCIONANDO, NÃO SE INCOMODE EM BATER... ENTRE!

— OK! — Jess grita depois de ter lido o cartaz sobre a entrada do Hard Rock Hotel. — Eu não posso acreditar que estamos aqui.

Eu a sigo e nós duas paramos quando somos atingidas pelo ar frio. Luzes brilhantes clareiam a cada esquina, e uma grande Harley está em exibição.

— Oh, uau. — Eu respiro.

— Vamos fazer o Check-in, despejar nossas bagagens e beber. — Jess faz seus passos para o balcão da recepção insanamente longo e eu estou aliviada por encontrar apenas algumas pessoas na fila, porque parece que eu não fiz nada, além de uma fila após a outra desde que nós saímos casa. Estamos equipadas com nossos cartões chave dez minutos depois, e em nosso quarto dez minutos depois disso.

Eu mergulho na cama e suspiro.

— Precisamos continuar ou nossos relógios biológicos ficarão bagunçados.

Jess franze a testa e gira em direção às longas cortinas, mantendo o quarto escuro.

— O que é esse barulho?

Eu olho para a cortina, onde as batidas vibrantes da música soam além.

— Está vindo de lá.

Jess se aproxima como um tiro, abrindo as cortinas, depois as portas do terraço além delas. A música entra em atividade, alta e bombando. Calvin Harris, se não me engano.

— Porra. Izzy olhe!

Eu pego a cena diante de nós. Uma piscina, toda tropical, com corpos por toda parte bebendo e dançando.

— São duas da tarde. — Murmuro.

— Sim, mas são dez da noite em casa.

Ela começa a dançar ao redor do quarto, cantando no alto de sua voz enquanto eu examino o chão abaixo, e depois o horizonte. Eu não posso acreditar que estamos aqui, e não poderia ter vindo em um momento melhor da minha vida. Um limite de tempo. Um espaço para respirar.

— Aqui, vou deixar meu cabelo solto e curtir minhas primeiras férias de menina. Eu não quero perder um momento disso. Especialmente não com pensamentos.

***

Nós pousamos no bar circular do Hard Rock meia hora depois, frescas e prontas para nossa primeira noite.

— Surpreenda-nos. — Jess diz ao barman, seus cachos loiros livres e soltos. É bom ver o cabelo dela para baixo por uma vez, em

vez de enrolado firmemente em um coque, como sempre está para o trabalho.

— Meu tipo de mulheres. — O barman vai direto para uma garrafa embaixo do balcão e começa a derramar.

Eu puxo meu vestido preto insanamente curto pelas minhas coxas enquanto tento olhar o enorme espaço.

— Estou hipnotizada. — Digo, vendo uma mesa de cartas cercada por homens barulhentos e algumas mulheres espalhadas pelo meio.

— Você acha que elas são prostitutas? — Jess pergunta.

Eu pondero sua pergunta por alguns momentos, olhando as mulheres para cima e para baixo antes de lançar meus olhos para frente. Elas não parecem diferentes de mim, vestidas para a noite às duas e meia da tarde.

— Aqui, senhoras. — diz o barman, e nos viramos para encontrar dois copos altos e claros no bar. — Algumas orientações para você, meninas. — Ele desliza um pequeno prato de plástico em todo o balcão com a nossa conta sobre ele.

Eu assino o pedaço de papel branco para o nosso quarto, ignorando o custo insano de duas bebidas.

— O que é isso?

— O happy hour é das seis às sete. — Ele sorri, obviamente pegando meu olhar mal disfarçado para os cifrões. — Dois por um. — Acrescenta, deixando-nos com nossas bebidas.

Eu me apresso e sento no meu banquinho, devorando a mistura misteriosa e imediatamente estremecendo.

— Maldito inferno.

Jess começa a tossir.

— Jesus. Não há economia nas doses aqui.

— É bom quando você supera o choque inicial. — Eu estremeço e escorrego do meu banco quando vejo alguns canudos no bar. Eu preciso agitar essa coisa. Eu ouço meu telefone tocar e olho para trás enquanto pego dois canudos do suporte, vendo Jess se arrumando e atendendo.

E quando seus olhos se arregalam, tenho uma sensação horrível de saber quem está na linha. E então ela balança a cabeça e confirma meu medo, me fazendo começar a sacudir minha cabeça freneticamente.

— Não, é a Jess. — Ela diz, encolhendo-se. — Ela não está disponível agora. — Eu começo a acenar enquanto eu corro de volta para o meu banco, desenhando uma linha no meu pescoço com a ponta do dedo. — Uh, sim. — Jess franze a testa. — Como você sabe? — Ela está quieta por um tempo, e eu escorrego meu canudo no meu copo, tomando um longo tempo sem mexer nele. A vodka bate na minha garganta e começo a tossir e balbuciar por todo o bar. — Claro. — Ela bate na minha coxa, seus lábios franzidos, seu jeito de me dizer para calar a boca. — Vegas, como você deve saber. — Ela diz bastante sisuda. — E você está interrompendo, então vou me despedir de você. — Clicando para desligar a ligação, ela me passa o meu telefone e eu o coloco friamente no bar, recusando-me a

entreter o rosto interessado da minha amiga *ou o* meu selvagem pensamento.

Ela pega o outro canudo da minha mão, desliza-o em seu copo, o agita e, em seguida, envolve seus lábios ao redor dele, me observando enquanto bebe. Meus olhos se estreitam nela.

— Por que você disse a ele que estamos aqui?

Minha irritação vai muito acima de sua cabeça.

— O sinal internacional nos denunciou um pouco.

— Ainda assim, você não deveria ter atendido.

— Como eu deveria saber que seria ele?

— Quem mais poderia ser? — Eu pergunto com uma risada. — As únicas pessoas que me ligam são você e o trabalho. Você está aqui e eu estou de folga do trabalho.

Seus lábios retos e súbitos me fazem desviar o olhar, minha atenção agora na minha bebida. Eu sei quem mais ela achava que poderia ser. Toda vez que meu maldito telefone toca com um número desconhecido, meu coração começa a chorar de medo. É estupido. Não há como ele me rastrear. Estou à milhas de distância e agora me passando por um nome diferente.

— Só pensei que, se houvesse alguma pequena chance de que fosse ele, ele ouviria uma voz desconhecida e concluiria que ele tem o número errado. Eu sinto muito.

Eu sorrio um pequeno sorriso, voltando minha atenção para a expressão triste de Jess.

— Esta viagem não está começando bem, hein?

— Então vamos consertar isso. — Ela empurra a minha bebida para os meus lábios, e eu tomo um gole quando exigido. — Theo é delicioso de uma forma áspera e persistente, no entanto.

— Pare de tentar me convencer de que ele é uma boa ideia. — Estou a um segundo de contar tudo o que sei a Jess, incluindo o fato de que Theo carrega uma arma. Então vamos ver se ela é tão inflexível que eu deva ceder a seus avanços.

— Eu acho que você está sendo muito desdenhosa. Você nem conhece ele.

— Eu sei o suficiente.

— Ou talvez você *não* saiba o suficiente. — Ela responde, e eu lhe dou um olhar surpreso. — Estou apenas dizendo, tente olhar para os pontos positivos em vez dos negativos. Ele pode surpreender você. Você nunca saberá a menos que abra sua mente.

Mas abrindo minha mente, vou abrir meu coração e me tornar vulnerável. Estou farta de estar vulnerável.

***

Não tenho ideia de quanto tempo depois estamos; não há relógios ou janelas neste lugar, mas estamos encolhidas sobre uma mesa alta, acariciando mais duas dessas misturas misteriosas, rindo como nunca havíamos rido antes. Nós prosperamos na companhia

uma da outra, observamos as idas e vindas e colocamos apostas no status de todas as mulheres que vimos prostituta, esposa, namorada, garimpeira ou solteirona como nós.

Eu dou uma cotovelada na lateral dela quando dois homens se afastam de uma multidão e fazem o seu caminho, sorrindo.

— Oh, olá. — diz Jess, virando-se no banquinho para recebê-los. Ambos são bonitos, um latino, o outro negro, e ambos estão segurando garrafas de cerveja.

— Britânicas? -o cara negro pergunta, apontando a garrafa para cada uma de nós. Sua pele de ébano é impecável, seu físico definido, sua cabeça raspada e suave. Eu estimaria que ele estivesse em seus vinte e poucos anos.

— Americanos? — Eu luto com um sorriso, mergulhando nos pés primeiro.

Ele ri e aponta para seu companheiro, que tem aproximadamente a mesma idade e também se encaixa, mas um pouco mais baixo.

— Este é Kyle. Eu sou Denny.

Eu ofereço minha mão.

— Izzy. Esta é Jess. — Eu inclino minha cabeça para a minha amiga, achando que ela está sorrindo sugestivamente para Kyle.

— Porra, garota, eu amo o seu sotaque. — diz Denny.

— Você faz?

— Sim, continue falando comigo.

Eu rio apesar de tudo, sentindo seu aperto ao redor do meu.

— Junte-se a nós? — Eu pergunto.

— Impressionante. — Ele desliza para um banco suavemente, seguido por Kyle.

— Vê? — Jess bate palmas, deliciada. — Na América, tudo é impressionante.

— Então, o que vocês dizem? — Kyle pergunta, divertido.

— Muito bom! É o que dizemos, mas prefiro muito *incrível*. — Os olhos de Jess se encontram com os de Kyle e, Deus seja maldito, eles se olham como se nenhum deles tivesse visto alguém do sexo oposto antes.

— Eu prefiro *fodidamente perfeito*. — Kyle bate a garrafa com o copo de Jess antes de tomar um gole, mantendo seus olhos escuros em seus azuis. — Nós estamos em Vegas a... Eu não sei quanto tempo. Horas. Estamos bêbadas, conhecemos alguns caras divertidos e até agora estamos tendo uma explosão violenta.

Risos rolam enquanto passamos as próximas horas comparando frases de gíria e palavrões com nossos novos amigos. As bebidas fluem, embora eu garanta que compremos as nossas, e a noite passa tão rápida, odeio a noção de que os cinco dias inteiros podem passar rapidamente.

— Idiota — Jess franze, apoiando-se na mesa. – Idiota.

— Idi... — O queixo de Kyle se projeta – ota...

— Tente *trapaceiro*. — Eu digo com uma risada.

— O que é um trapaceiro? — Denny me lança um olhar confuso, a pele negra e lisa da testa mostra vincos pela primeira vez.

— É um idiota.

— Tipo *idiota*?

— Sim!

— Impressionante. — Denny sorri, jogando o braço em volta do meu ombro e me puxando para um abraço. Eu não pisco uma pálpebra, deixando-o se cobrir em cima de mim.

— Você, meu querido cavalheiro... — Kyle começa com seu melhor sotaque inglês, enquanto aponta para Denny, —...é um vadio.

— Sangrento. — Eu uivo, meu estômago começando a doer de tanto rir. — Esse foi o pior sotaque inglês que ouvi.

— Então você precisa nos ensinar, querida. — Denny sorri. — Quais são seus planos enquanto você está aqui?

Eu olho para Jess, que encolhe os ombros.

— Estou aberta a sugestões.

Kyle sorri de orelha a orelha, espiando antes de pegá-la em uma chave de braço. Ela vai de bom grado, me dando um sorriso tímido, sabendo.

— Bom saber que você está pensando com a mente aberta.

Ela o cutuca de brincadeira.

— Bunda inteligente.

— Bunda! — ele zomba. — Se você vai ser minha amiga, doce, você tem que dizer como eu. Bunda. — Ele bagunça o cabelo dela. — Há uma festa na piscina aqui amanhã. Prontas para isso?

— Sim! — cantamos em uníssono, levantamos nossos copos para brindar o plano para amanhã. Estou tão feliz por ter comprado aquele novo maiô.

***

Eles eram cavalheiros totais, nos acompanhando de volta para nosso quarto, sem sugestão ou sugestões que eles esperavam entrar. Kyle foi recompensado com um beijo de Jess, enquanto eu simplesmente beijei a bochecha de Denny e agradeci por uma noite divertida. Deixando meu cabelo para baixo, ele ainda está nas possibilidades. Só não na primeira noite. Ele estava bem com isso, cantando todas as palavras malditas que aprendeu enquanto caminhava pelo corredor.

Nós caímos na cama e rimos como adolescentes sobre nossa primeira noite em Vegas e, eventualmente, adormecemos em... Eu não sei a que horas. Mas eu estava sorrindo.

***

— Droga. — Os olhos de Jess quase caem de sua cabeça quando eu apareço do banheiro em meu novo maiô. — Seus peitos parecem imensos.

Eu começo a ajeitar os peitos ao redor do meu decote, me perguntando se sou corajosa o suficiente. Meu estômago está escondido, do jeito como eu gosto, mas meus peitos estão em exibição, o decote é feroz.

— Demais?

— Uau! — Jess ronrona, pegando um vestido fino e colocando-o sobre seu biquíni preto, que tem aros de ouro segurando-o entre seus seios e seus quadris. – De uma volta. — Eu faço como ordenado, não que haja muito para ver, como o meu maiô é completamente sem volta. — Eu amo isso. — Declara Jess.

Eu puxo minhas ondas negras despenteadas em um nó, mas imediatamente libero quando Jess balança a cabeça.

— Solto?

— Sim, você tem aquela coisa de desordem na praia. Está quente. Vamos.

Nós vamos para a piscina, e depois de pegar duas toalhas, nos aventuramos na cena louca. Eu me sinto um pouco intimidada pelas multidões de mulheres lindas enquanto nós atravessamos a multidão, procurando um lugar para nos acomodarmos.

— Espreguiçadeiras, senhoras? — Um homem pergunta, indicando uma cadeira dupla com um colchão aconchegante sobre ela. — Duzentos e cinquenta com uma bebida grátis.

— Duzentos e cinquenta dólares? — Eu falo, ignorando o soco do meu lado de Jess. – Para deitar em uma cama?

— Ou vocês podem pegar uma cabana por dois mil. — Ele aponta através do caminho para algumas cabanas.

— Quanto custa colocar no chão? — Eu pergunto.

— Nós vamos ficar com a cama. — Jess salta me lançando um olhar maligno. — Obrigada. — Ela pega sua bolsa e conta uma pilha de notas.

— Você está louca? — Eu sussurro em seu ouvido.

— Acalme-se. — Ela ignora minha preocupação. — Estamos de férias.

— Férias. — Murmuro, espalhando minha toalha no meu lado da cadeira. — As bebidas são melhores.

Jess desmorona rindo enquanto ela desliza sob a sombra e se junta a mim na remoção de nossos trajes. Eu não me sinto autoconsciente. Há mulheres com pedaços de material do tamanho de moedas de libras cobrindo seus mamilos. Nós resolvemos e aceitamos as bebidas trazidas para nós, e eu tomo de volta minha primeira dose de álcool do dia, sentindo-me surpreendentemente saudável considerando a quantidade que consumimos na noite passada.

— Deus, isto é vida. — Jess cai de costas, o pé batendo no ritmo da batida de 'Treasured Soul', de Michael Calfan, enquanto eu passo algum tempo absorvendo tudo.

O sol está brilhando, felicidade e diversão nos cercam, e eu tenho o maior sorriso no meu rosto. Sim, esta é realmente a vida. Pelo menos, é pelos próximos cinco dias.

Eu suspiro e caio de costas, mas volto a subir quando algo do outro lado da piscina me chama a atenção. E antes que eu possa parar, meu copo escorrega do meu alcance e todo som e movimento ao meu redor para.

– Não. — Eu sussurro.

Jess levanta rápido como um tiro, sentando na beira da cama.

— Izzy, que porra é essa? — Ela começa a limpar freneticamente a sua frente, e quando olho para ela sem expressão, eu a encontro encharcada, seus óculos de sol tortos e cubos de gelo espalhados em seu colo.

— Sinto muito — murmuro, levantando-me e procurando freneticamente o outro lado da piscina. Onde ele está. Eu me viro no lugar, minha língua fica pegajosa na minha boca pela secura. Nada.

— Qual o problema com você? — Jess pergunta, olhando para frente incrédula. — Droga!

— Eu o vi. — Digo sem pensar, imaginando se minha mente está brincando comigo. Ele está em meus pensamentos, eu não vou negar, mas eu fiz um ótimo trabalho de empurrá-lo para longe sempre que ele está rastejando para frente.

— Viu quem?

— Theo. — Não hesito em contar, esperando que ela se junte a mim em minha busca enquanto examino a área da piscina. Eu devo

ter imaginado isso. Certamente eu imaginei isso. Por favor, me diga que eu imaginei! Eu puxo o garçom para uma parada quando ele passa. — Mais dois, por favor. Extra forte. — Eu preciso de uma bebida. Eu sei que não tive muito sono, mas... vendo coisas?

Jess circula no local também, seus olhos se estreitam enquanto ela examina a área ao nosso redor.

— Isso é impossível.

Não é não.

— Oh, meu Deus. — Eu sussurro enquanto Jess segue minha linha de visão e deixa escapar um palavrão, obviamente, vendo o que estou vendo. Eu estendo a mão e agarro seu braço para me equilibrar quando ele aparece do outro lado da piscina, seus olhos treinados em mim.

— Merda, ele *está* aqui. — Ela se agita e me agarra, puxando-me para a cama. Eu sinto que estou hiperventilando, minha respiração ficando muito curta.

— Estou tonta. — Digo, deixando minha cabeça cair em minhas mãos. — Jess, o que ele está fazendo aqui?

— Eu não sei, porra. Ele é seu perseguidor, não meu. — Ela direciona o canudo em sua bebida para a minha boca. — Tome um pouco.

Eu engulo o líquido gelado faminta, desejando acordar logo. Em Vegas? Eu quero considerar o fato de que estou enganada, que o cansaço transformou outro homem em Theo, mas todos esses

sentimentos, a instabilidade, a falta de ar, a curiosidade, tudo indica um único homem.

Não preciso que Jess me diga quando ele nos alcança. Todos os pelos da minha nuca se eriçam e um arrepio percorre minha espinha. Eu fecho meus olhos e inutilmente oro por alguém para me ajudar, e quando eu os abro, um par de sapatos está na minha visão abatida. Vestido em sapatos? Em uma piscina? Minha observação estúpida é esquecida quando o calor se espalha pelas minhas costas a partir da sensação da palma de sua mão descansando ali. Eu não recuo. Nada. Estou entorpecida. Choque, eu acho.

— Izzy, você está bem? — Theo se agacha na minha frente, tomando um pulso com a mão livre. Se eu não estivesse sofrendo de descrença, eu riria. *Eu estou bem?* Ele apareceu do outro lado do mundo e está perguntando se estou bem? — Izzy, olhe para mim.

Jess não respira uma palavra, mas ela está segurando o copo de álcool nos meus lábios como uma amiga leal. Eu me agarro ao canudo e sorrio, mas ele é rapidamente removido.

— Não tenho certeza se o álcool é sensato quando ela está passando mal. — critica Theo.

— Desculpe? — Jess retruca indignada, e eu a animo na minha cabeça, esperando que ela o persiga com sua língua de víbora. — Ela está passando mal porque *você está* aqui.

Theo está aqui. Na porra de Vegas. O que, quando, quem e por que diabos? De repente, enlouquecida com tudo isso, eu levanto minha cabeça para cima e meu cabelo para trás, e me levanto. Theo está de pé ainda mais rápido e agora está a poucos passos de mim. É

uma luta e meia para permanecer firme, ainda mais quando meus olhos absorvem cada centímetro dele, calça bege e uma camisa branca casual dobrada, com a gola aberta. Mais da tatuagem em seu pescoço é visível por causa dos poucos botões soltos. Sombras negras, todas ligadas, e eu acho meus olhos colados ali.

Até ele tossir e me empurrar de volta à vida.

— O que em nome de Deus você está vestindo?

Ele deixa escapar, seus olhos arregalados fixos no meu peito. Eu vejo em seu rosto uma beleza mortal que poderia muito bem ser a *minha* morte. O sol está criando uma auréola ao redor de sua cabeça, fazendo com que ela brilhe magnificamente. Como um Deus.

Minha raiva de um momento atrás me abandona, tornando-me uma mulher cambaleante, e sinto-me inclinando para frente, me aproximando de Theo, minha mão se levantando para me salvar antes de eu encarar seu peito.

— Ela está bêbada? — Ele pergunta, pegando minhas mãos em uma das suas e colocando-as em seu peito. Ele está evidentemente preocupado enquanto as segura no lugar, a outra mão deslizando pela minha cintura. Eu posso estar em estado de choque profundo, mas ele está vibrando contra mim, e eu não tenho poder no cérebro para considerar se isso é raiva ou por causa do nosso contato.

— Não, ela está perturbada. — Jess ri. — O que você está fazendo aqui?

— Ela parece bêbada. — Murmura Theo, ignorando a pergunta de Jess e me puxando para o peito. Eu bati contra ele e derreto no contato afiado com seus músculos. Parece bom demais. – Izzy. –

Theo rosna, irritado. — Pelo amor de Deus, você vai olhar para mim? — Ele pega meu queixo e puxa meu rosto branco para ele. Estou totalmente fora disso. Talvez seja choque. Talvez seja um susto. Ou talvez essas bebidas fossem mais fortes do que eu imaginava. Eu não posso ter certeza.

Eu luto para encontrar uma pequena compostura.

— O que... Por quê... Como foi...? — Eu gaguejo, incapaz de ignorar o quão bom ele se sente contra mim.

Seu rosto suaviza e alívio definitivamente flui através de suas feições.

— Você está bem?

Ele está brincando? A gravidade disso tudo parece se agitar para a frente, e eu seguro seus músculos para me empurrar para fora do peito dele. Mais uma vez, ele me move antes que eu possa me mover, pegando meus pulsos e separando nossos corpos, recuando. Eu franzo a testa para ele, me perguntando como diabos ele sabe cada movimento que eu vou fazer antes de eu fazer isso. Ele desliza seus óculos, roubando a visão de seus intensos olhos cobalto, e eu olho para Jess. Há apreensão e talvez até um pouco de temor oculto espalhado em seu rosto.

— Você veio a Vegas para me encontrar? — Pergunto a Theo, incrédula.

— Na verdade, não, eu vim para Las Vegas porque tenho alguns negócios para fazer.

— O quê?

— Você me ouviu.

— Que negócio? — O que ele faz, afinal?

— Não é da *sua* conta.

— Desculpe? — Estou insultada e é óbvio. — Você aparece aqui do nada, e você está me dizendo que não está...

— Ei! São as garotas britânicas! — A saudação não tem tempo para se registrar em minha mente. Alguém me agarra pela cintura por trás me assustando, e eu voo para longe do toque, meu coração pulando na minha garganta. — Merda, não pretendia te assustar. — diz Denny, levantando as mãos pedindo desculpas quando eu me viro.

— Sinto muito — murmuro, envergonhada, quando Jess me alcança e esfrega meu braço suavemente, vendo como estou mortificada. Balanço a cabeça em desespero quando Denny e Kyle sorriem para nós, com os peitos nus escorregadios de óleo bronzeador, os calções curtos nos quadris. Quando nem eu, nem Jess voltamos seus sorrisos, eles passam alguns momentos avaliando a cena, ambos surpresos quando notam Theo, que se moveu a alguns passos de distância. — Uau. — Denny ri, vendo a montanha de homem diante dele e percebendo que ele está conosco. Eu mentalmente me retrocedo. Não, Theo não está conosco. Ele é um penetra.

Eu sorrio desajeitadamente, olhando para minha amiga por ajuda. Ela encolhe os ombros. Ela está perdida também. Theo se aproxima mais de mim, definitivamente possessivo. Não sei se

deveria ficar zangada ou agradecida. Mas sei que preciso quebrar essa atmosfera desconfortável.

— Volto em um minuto. — Digo a Jess enquanto o garçom chega com nossas bebidas.

Ela os pega, mas balança a cabeça discretamente, dando uma olhada para Theo, que agora removeu seus óculos e tem um olhar de morte enraizado nos dois caras americanos que conhecemos na noite passada. A mão de Denny se ergue, alcançando o bíceps de Theo.

— Ei, cara — ele diz, mas seu pretendido gesto amigável de leve no braço de Theo é esquivado furtivamente, e Theo praticamente se inclina para trás para evitá-lo. Os olhos de Denny se arregalam com o movimento rápido e ele recua. O olhar de morte de Theo se intensifica. — Desculpe cara. — Denny diz nervoso como uma merda. — Apenas um alô amigável.

— Então diga. — Theo rosna. — Não me toque.

Eu recuo em sua grosseria, assim como todo mundo no grupo. Isto é horrível. Eu mergulho para entrar no campo de visão de Theo.

— Podemos conversar?

— Sim. — Ele range os dentes e indica algumas mesas e cadeiras afastadas da piscina. — Vou pegar bebidas. — Ele começa a se afastar, mas para, dando a cada um dos meus amigos um momento de seus olhos antes de olhar para mim. — E por favor, cubra-se. — Ele continua seu caminho.

A boca de Jess cai e atinge a borda de seu copo de plástico.

— Ele está falando sério?

Eu ignoro sua pergunta retórica e deslizo minha saída de praia sobre minha cabeça, não porque eu esteja obedecendo a ele, mas porque me sinto exposta o suficiente sem estar seminua em sua presença.

— Vejo você em um segundo.

Eu me afasto de Jess, ouvindo perguntas sussurradas enquanto vou. Eu tenho todo um discurso motivacional acontecendo na minha cabeça, mas quando me aproximo da mesa na parte de trás da qual Theo escolheu para a nossa *conversa*, o som da minha voz determinada e sensível é abafada pela crescente proximidade dele. Estou em apuros. Numa puta de uma enrascada.

Eu coloco meus óculos escuros, esperando que eles ajudem a oferecer alguma proteção de seus olhos cobalto em chamas, e me sento no lado oposto da mesa. Ele desliza um copo sobre a mesa para mim.

— Água? — Eu pergunto.

— Sim.

Em uma inspiração, paro um garçom quando ele passa.

— Uma vodca tônica, por favor — digo com confiança, voltando minha atenção para Theo. — Ele está pagando. — Sua mandíbula está além de apertada, seus olhos queimando buracos em mim. — Seja cuidadoso. — Eu sorrio docemente. — Você vai queimar esse disfarce com aquele olhar sujo, e não podemos ter isso, podemos?

Ele alcança meus óculos de sol, arrastando-os gentilmente para longe do meu rosto. Eu puxo um pequeno engate de respiração, congelando na minha cadeira, meio abatida.

— Eu quero ver seus olhos, então eu sei o que você está pensando além dessa frente corajosa. — Ele coloca-os gentilmente na mesa e coloca seu próprio par de óculos ao lado deles.

— Negócio? — Eu pergunto sarcasticamente.

— Sim, negócios. Por que você não me disse que ia sair de férias?

— Não é da *sua* conta. — Eu sou educada, mas direta, embora borbulhando por dentro com aborrecimento. — Você é apenas um homem que me convidou para jantar. É isso aí. Não lhe devo uma explicação para meus planos.

— Eu não sou *apenas* um homem, Izzy.

— Você é para mim. — Retruco, sabendo que a resistência é o melhor caminho a seguir, embora o lampejo de mágoa em Theo realmente me incomode. Minha vodka cai sobre a mesa e eu a agarro com as duas mãos enquanto Theo empurra uma nota para o garçom, sem sequer olhar para ele. — Estou de férias com uma amiga. — Eu digo. – Tem sido planejada há anos, então eu ficaria grata se você não estragasse tudo.

— Só vai ser arruinado se você deixar isso ser arruinado.

Eu espreito através dos meus cílios.

— O que você quer dizer?

Ele se senta para frente em sua cadeira, aproximando-se. A seriedade em seu rosto é motivo de preocupação.

— Quero dizer, prometo não te incomodar de novo. Eu vou deixar você ter sua pausa de garotas. Mas você tem que me prometer o jantar.

Eu rio da sua audácia.

— Você vai me *deixar* ter minhas férias de menina?

Ele concorda, sem ver a hilaridade de sua declaração.

— Muito obrigada, estranho.

— Jante comigo.

— Não.

— Eu percorri um longo caminho. O mínimo que você pode fazer é me dar o jantar em troca.

Negócios minha bunda.

— Eu não pedi para você vir aqui. Eu não pedi a você para me seguir como um perseguidor. Jesus, Theo. Você não vê como isso é perseguição?

Seus dentes afundam em seu lábio inferior em contemplação enquanto ele me estuda.

— Pare de jogar jogos, Izzy. Minha paciência já está no limite.

Meu queixo se fecha na tentativa de impedi-lo de cair em descrença.

— Eu vou jantar com você. — Eu fico de pé, enojada com o comportamento dele, agora só querendo fugir antes que esse desgosto se transforme em algo que é muito menos fácil de lidar. Como luxúria. Como desejo. Assim como a abordagem de Theo para mim, meus sentimentos são contraditórios. Um segundo eu sou cautelosa com ele, no próximo, estou mentalmente tirando a roupa dele. — Vou ligar para você quando estiver em casa. — Eu passo por ele, mas não dou mais que dois passos. Sua mão dispara em minha direção, me impedindo, embora ele não faça contato. Eu olho para baixo, pairando a poucos centímetros do meu pulso, e então olho para Theo.

— Eu preciso tocar em você. — Ele sussurra, lentamente chegando até mim e agarrando meu pulso, envolvendo seus grandes dedos completamente em torno dele.

Eu me concentro em respirar fundo. O toque dele. Oh, Deus, seu toque. É como um calor intenso e profundo que começa em um ponto antes de se espalhar em todas as direções através da minha pele como vidro rachado. Precisa? Ele *precisa* me tocar?

Theo observa sua mão no meu braço, seu rosto pensativo, com um indício definido de curiosidade.

— Esta noite às oito. — Ele dá sua ordem educada não me deixando outra escolha senão olhar para ele. Ele está olhando para mim, esperando, seus olhos azuis brilhando refletindo esperança?

— Aqui? — Eu pergunto. — Você quer que eu jante com você aqui em Vegas?

— Estou no Bellagio. Me ligue quando chegar e eu vou chamar Callum na recepção. — Ele se levanta e se aproxima, mergulhando e beijando minha bochecha com ternura enquanto sua palma acaricia a curva da minha bunda. Arrepios percorrem minha pele, me fazendo cócegas deliciosamente. Isso me deixa em pânico, e eu me envolvo com os músculos em meus braços para levantá-lo e empurrá-lo para longe. Minhas mãos se levantam, mas elas não se conectam com o torso dele. Theo pega meus pulsos, me impedindo de tocá-lo mais uma vez, prevendo o meu movimento. — Não me decepcione, Izzy.

Ele se vira e está se afastando de mim antes que eu possa sequer pensar em objetar. Eu imediatamente tenho que me sentar novamente para me recompor. A sensação persistente da sua barba por fazer em meu rosto e sua respiração se espalhando pela minha bochecha ressoam, enquanto eu observo suas pernas longas e grossas darem passos firmes. Ele se move com graça e sem esforço para um homem tão grande, entrecortando-se entre as multidões sem nem mesmo escovar o contato com uma única pessoa.

Meu coração está ficando maluco, meus dedos arranhando os braços da cadeira. Demoro uns bons dez minutos me recompondo no meu lugar antes de ficar em pé, levantando-me devagar para garantir minha estabilidade. Ele faz isso comigo. Ele me joga na inépcia, e não importa o quanto eu tente me agarrar ao meu estado de espírito claro e estável, estou fadada a falhar a cada vez. Theo me segura e nem sequer me segurou. Não é uma espera adequada. Onde estarei então, se minha mente já estiver consumida pelo *pensamento* dele em cima de mim, fazendo amor comigo, sua boca tocando cada centímetro do meu corpo? É a fantasia mais vívida que já tive. E a mais perigosa. O que é pior, eu sei que será tão alucinante quanto

imagino que seja, tão intenso e esmagador. Eu nem sequer o conheço... ainda assim, sinto como se conhecesse.

Eu olho para o meu pulso, perdida em meus pensamentos. Ele me disse que precisava me tocar. Eu gosto quando Theo me toca. Eu odeio isso, mas eu gosto. Eu suspiro tão confusa com tudo isso, e especialmente confusa com o homem que é a fonte da minha confusão. Todos ao meu redor parecem intimidados por Theo Kane, não consigo entender por que eu não estou. Não dessa maneira. Pela primeira vez na minha vida, estou desesperada para ter intimidade com um homem por nenhuma outra razão que não seja... por ser apenas íntima. Minha necessidade de provar a mim mesma que não estou quebrada não está aparecendo em meus pensamentos.

— Merda, Izzy — eu respiro enquanto pego minha bebida e volto para a espreguiçadeira, vendo Jess no bar com Denny e Kyle, rindo e bebendo. Eu pego seu olhar, e quando ela faz um movimento para nos afastarmos dos garotos, eu levanto a minha mão na indicação de que eu irei até ela. *Um segundo*, eu indico e ela balança a cabeça, voltando para sua bebida.

Sento-me na beira da cadeira e pego meu telefone, carregando o Google e digitando rapidamente o nome dele. Demora alguns segundos para me dar os resultados, e quando isso acontece, não há nada ligado ao homem bonitão que se infiltrou nas minhas férias de menina. Nem. Uma. Coisa.

Eu franzo a testa e giro o telefone na minha mão, pensando. *Todo mundo* aparece no Google em algum lugar nos dias de hoje. Ok, então eu não estou, mas isso é porque eu fiz questão de não me colocar em *qualquer* plataforma de mídia social que poderia levar a

resultados do Google. Apenas alguém escondendo algo não apareceria online. Então, do que ele está escondendo?

— Izzy! — Jess chama, tirando-me do meu pensamento silencioso e acenando para mim. Eu sorrio e jogo meu celular de volta na minha bolsa, levantando e tirando minha roupa e jogando-a na espreguiçadeira. Ele me disse para me encobrir e eu fiz, mas não porque ele me disse para fazer. Tem sido um longo tempo desde que eu temia repercussões de um homem. Theo Kane não vai mudar isso.

CAPÍTULO

Seis

Nós saímos com os meninos pelo resto do dia, Jess ficando progressivamente mais próxima, literalmente, de Kyle, enquanto Denny estava feliz em rir e mexer comigo depois que ele vasculhou meu cérebro sobre quem era Theo e se ele deveria estar preocupado. Eu ri disso, mas ele deve ter percebido o meu conflito porque ele não fez um passe ou empurrou sua sorte o tempo todo em que conversamos e rimos ao sol. Eu estava agradecida. O mesmo aconteceu com as poucas garotas tomando banho de sol nas proximidades, que Denny levou seus olhos algumas vezes. O fato de eu não ter me incomodado falou muito. Eu não conseguia pensar em nada além da convocação de Theo para jantar e se eu iria, mas mantive meu frustrante debate para mim mesma. Quando Jess perguntou o que havia acontecido com ele, eu lhe dei uma versão filtrada da verdade, e deixei de mencionar o pedido para jantar de Theo. Nós sempre planejamos e esperamos ao mesmo tempo para ter essas férias. Eu me sinto mal o suficiente por Theo ter aparecido e interrompido. Não vou dar motivos para Jess acreditar que será arruinado, além disso. Sem jantar.

Nenhum.

Jantar.

Eu faço um esforço consciente para não ficar totalmente perdida, bebendo sensatamente pelo resto do dia. Eu preciso

manter meu juízo sobre mim. Jess, no entanto, não leva tão fácil. Ela está bem e verdadeiramente chateada quando passamos pelo cassino, indo para os elevadores que nos levarão para o nosso quarto. São seis e meia da tarde e a atmosfera à nossa volta está aumentando.

— Eu tive o melhor dia. — Jess solta, apertando o botão de chamada do elevador. — Vamos tomar banho e sair.

Eu rio quando entramos no elevador.

— Tem certeza de que não precisa de uma soneca? — Espero que seja um retumbante sim, porque estou me sentindo lenta depois de um dia duro tomando banho de sol, socializando e fingindo que não estou com um tumulto interno.

— De jeito nenhum. — As portas se fecham e nos levam até o décimo segundo andar. — Se eu me sentar, não vou me levantar novamente. Isso pode esperar. — Ela levanta o braço para se animar e depois cambaleia para trás. Eu a seguro logo antes que ela atinja a parede.

— Vamos sair à meia-noite. — Eu tento argumentar com ela. — Se sairmos agora, vou levá-la para casa às onze. Denny disse que as coisas só acontecem depois. Tire uma soneca.

— Não. — Ela é inflexível, liderando o caminho quando as portas se abrem, ziguezagueando pelo corredor. — Ninguém dorme em Vegas.

Eu sorrio com uma sacudida exasperada de minha cabeça e pego o cartão— chave de seus dedos desajeitados quando ela falha depois de três tentativas para obtê-lo na abertura.

— Lá. — Eu abro a porta e a deixo ir primeiro antes de segui-la. — Vou pular direto no chuveiro. — Eu digo.

— Vou encontrar o Red Bull.

Eu fecho a porta do banheiro atrás de mim e giro o termostato do chuveiro para esfriar, rapidamente descendo e entrando. Eu gemo, deixando a água cair sobre mim por alguns momentos relaxantes antes de lavar meu cabelo, me depilar e ensaboar.

Eu saio e pego uma toalha.

— Todo seu. — Eu digo ao sair do banheiro, parando ao ver Jess esparramada na cama. Meus ombros caem e dou um suspiro profundo. Ela está inconsciente e roncando levemente. — Ninguém dorme em Vegas. — Digo para mim mesma, puxando a toalha e me acomodando na cama, aborrecida por estar mais do que acordada depois do banho. Eu ligo a televisão e percorro os canais algumas vezes, esperando que o cansaço volte em breve e eu possa me juntar a Jess por algumas horas de sono antes de sairmos.

Quinze minutos depois, ainda estou bem acordada e ficando muito chateada com isso.

— Jess. — Eu a sacudo e recebo alguns roncos em troca. — Acorde.

Nada. Ela está fora para a contagem.

Eu rosno para mim mesma e viro para frente, enterrando meu rosto no travesseiro. Isso não é bom. Não tenho nada para focar exceto as imagens na minha cabeça. Dele.

— Droga. — Murmuro, olhando para o relógio. Sete horas. Eu rolo e olho para o teto, meus pensamentos se acelerando.

Apenas faça isso, digo a mim mesma. *Abra a sua mente.* Eu tenho duas escolhas. Encontrar-me com ele, ou ficar aqui e enlouquecer pensando nele. Eu me sento abruptamente, meus olhos percorrendo a sala escura. Isso é loucura, mas não importa o quanto eu tente afastá-lo, a questão é que eu *quero* vê-lo. Por meus pecados, quero ver Theo Kane. Testar ele. Tentar descobrir sobre ele. Explorar o efeito incrivelmente profundo que parece termos um sobre o outro.

Eu pulo antes que eu possa mudar de ideia, e voo para o guarda— roupa, folheando os cabides de roupas. Depois de muita deliberação, coloco um vestido creme, provavelmente muito apertado, com mangas e uma sandália dourada. Mantendo minha base leve, meus olhos verdes cheios de delineador cinza esfumaçado e meus lábios nus, eu torci minhas ondas em uma bagunça desarrumada e passo os dedos revestidos de creme pelas extremidades, dando— lhe um brilho extra. Eu me afasto do espelho, mastigando meu lábio, nervosa como merda. Mas tenho que fazer isso. Eu estou andando em círculos e Theo está chegando perto. Morda a bala. Mergulhe um dedo do pé. Veja o que acontece.

Escrevo um bilhete para Jess, para o caso de ela acordar, dizendo a ela para me ligar quando acordar e o deixo na cabeceira da cama antes de ir para a porta. Eu vou sair duas horas, no máximo. Espero que ela não acorde dentro desse tempo e eu possa entrar de novo. Ela nunca saberá que fui a qualquer lugar, eliminando minha necessidade de explicar meu raciocínio por ir.

Eu gasto toda a corrida de táxi até o Bellagio passando por cima desse raciocínio, tremendo como uma folha, borboletas em erupção

na minha barriga e enlouquecendo. Eu ando pelo saguão, olhando em volta para o interior de mármore com admiração. Tentando absorver o hall palaciano, eu fico perto da recepção, procurando o motorista de Theo. A área é movimentada, um fluxo constante de pessoas entrando e saindo, máquinas de jogos de azar tocando e torcendo.

— Senhorita Izzy?

Eu me viro para encontrar Callum atrás de mim. Ele está em seu terno habitual, ego sinistro, seu cabelo loiro parece mais claro hoje, talvez do sol.

— Oi.

— Vou levá-la ao senhor Kane. — Ele aponta através do caminho, e eu olho, vendo que ele está indicando para os elevadores.

— Onde ele está? — Eu pensei que seria colocada em um carro e levada para um restaurante, ou talvez apenas caminhasse para um no hotel.

—Se você vier por aqui. — Ele assume a liderança quando eu não consigo, dando alguns passos à frente antes de parar e olhando para mim onde estou enraizada no mármore, começando a me preocupar. — Senhorita Izzy?

— Você está me levando para o quarto dele, não é?

Ele olha para mim com certo desconforto. Ele acha que vou recusar e ser difícil, e posso ver que ele está se preparando para isso.

— Kane tem uma suíte.

— Uma suíte?

— Sim, uma suíte. Não é um quarto, mas muitos quartos.

Se eu não o conhecesse melhor, diria que ele estava rindo de mim. Muitos quartos, incluindo um quarto.

— Entendo. — Eu mexi na minha bolsa, olhando para o elevador novamente.

— Você está jantando com ele em sua suíte privada.

Eu ignoro o fato de que ele acabou de me *dizer* o que estou fazendo e o olho com cautela.

— Privada?

Ele balança a cabeça, juntando as mãos na frente de seu grande corpo.

— Pronta?

Eu levanto meu queixo e endireito minhas costas.

— Sim. – Passo por ele, dando— lhe um olhar curioso quando recua, embora eu esteja fazendo questão de manter uma distância confortável dele. Eu paro na entrada dos elevadores. — Existe uma regra escrita que diz que você tem que ser um grande filho da puta para trabalhar para Theo? — Eu pergunto quando entro em um elevador e olho para ele.

Seus lábios franzem enquanto ele aperta o botão para o andar de Theo.

— Somos mais amigos do que associados no trabalho.

— Você é? — Eu pergunto surpresa. — Pensei que você fosse o motorista dele. Ou seu guarda— costas.

— Eu sou os dois também. — Ele olha para mim. — Mas mais o último.

Eu inclino minha cabeça em questão.

— Por quê? Alguém quer machucá-lo?

Estou procurando informações e não estou nem um pouco envergonhada.

Callum parece querer rir. Eu acho que é muito engraçado. Eu duvido que exista um homem vivo que possa machucar Theo.

— Não exatamente. — diz ele, estendendo a mão quando as portas se abrem.

Eu saio e olho para a esquerda e para a direita, esperando por Callum para me dar algum tipo de indicação de como prosseguir.

— Não exatamente? — Pergunto enquanto nos dirigimos para a esquerda pelo corredor.

— Não. — Ele responde sem rodeios, passando por mim. Meu interesse por esse assunto em particular desaparece quando vejo as portas duplas no final. Os músculos das minhas pernas ficam mais fracos enquanto eu sigo Callum até ele parar. Ele abre a porta e se afasta, novamente colocando um grande espaço entre nós e abrindo caminho para mim. E, mais uma vez, eu lhe dou um olhar curioso quando entro. Ele faz muito isso. Eu o vi se afastar de Theo, e ele sempre me dá muito mais espaço do que eu preciso. Ele tem fobia?

Não posso deixar de me perguntar se ele acha que sou infecciosa ou algo assim.

Meus passos são lentos quando sou atingida pela opulência de proporções ridículas. E a atmosfera. Eu não estou imaginando isso. A presença de Theo está suspensa no ar, e eu nem sequer coloquei os olhos nele ainda. Minhas pernas fracas dão um passo, minha mão alcançando uma mesa próxima que está decorada com um elaborado arranjo de flores.

— O salão é por aqui. — Callum se afasta e eu tenho que tomar alguns momentos para me recompor antes de segui-lo. Quando chegamos na extensa área de estar, a atmosfera se torna mais espessa, me dizendo que Theo está mais perto agora. Eu examino o espaço, observando outra porta no lado oposto da sala. Uma porta para onde? —Sente-se. — Callum instrui, e eu faço rapidamente, precisando sentar e respirar com firmeza. — O senhor Kane estará com você daqui a pouco. — Ele sai, fechando a porta atrás dele.

Sr. Kane? Sério. Eles deveriam ser amigos. Eu coloco minhas mãos no meu colo, querendo que meu coração desacelere antes que eu desmaie. E eu me vejo rindo em voz alta com o pensamento de Theo entrando e me encontrando de cara no chão. Levanto-me inquieta, e então me sento e cruzo as pernas. Então eu troco a posição, incapaz de ficar confortável. Sento-me para frente, depois para o lado, enrolo meu cabelo e bato meus lábios juntos.

Onde ele está? Eu olho para a porta, ficando cada vez mais inquieta enquanto espero. Ele exige que eu esteja aqui e me deixa esperando? O que o faz pensar que seu tempo é mais valioso do que o meu? De repente, irritada, levanto-me e puxo o vestido para baixo, vou encontrar Callum para lhe dizer que estou fora daqui, mas

quando me viro para pegar minha bolsa no sofá, algo do outro lado da sala me chama a atenção.

E lá vai o meu mundo novamente, subindo a cabeça. Ele está encostado no batente da porta, grande e lindo, e com um sorriso de covinhas. Suas calças cinza têm que ser feitas sob medidas para aquelas longas pernas, uma camisa azul marinho se encaixa perfeitamente em seu peito, as mangas arregaçadas para revelar antebraços espetaculares.

Eu forço meus olhos para cima, sentindo minha respiração indo para a merda.

— Você esteve aí o tempo todo, não esteve? — Eu pergunto, me sentindo um pouco estúpida por ele estar apenas me observando, e eu me mexendo em todo o sofá. E eu realmente rio alto. Para mim mesma. Eu quero me enrolar em uma bola de vergonha e me esconder.

Ele se afasta do batente da porta e anda até mim, seus olhos dançando alegremente. Juro, quanto mais perto ele fica, mais forte a pressão do ar parece apertar, empurrando cada pensamento da minha mente, exceto os dele. Só ele.

— Eu gosto de ver você.

Sim, aparentemente. – Me observando enquanto eu me contorço nervosamente em todo o seu elegante sofá? — Um rubor colore minhas bochechas e deixo cair meu olhar no tapete.

— Na maior parte do tempo, desejei não estar admirando a sua nuca, embora ainda fosse extremamente agradável.

Seu dedo sobe devagar e descansa sob meu queixo, levantando minha cabeça. A explosão de desejo dentro de mim quase me faz cair. Eu nunca senti nada parecido. Eu não gosto do toque de um homem. Eu não dou as boas-vindas a isso. Eu costumo somente suportar. Mas de Theo...? Ele sorri conscientemente.

— Mas isso. — Seus olhos percorrem todo o meu rosto, eventualmente caindo nos meus lábios entreabertos. — Esta é uma visão de perfeita beleza.

Eu sinto minhas bochechas aquecerem ainda mais.

— Obrigada. — Eu não tenho ideia do que dizer, nem de onde essas palavras reverentes vieram. A suavidade delas desafia a dureza de sua aparência.

— Posso te beijar?

Eu nem preciso pensar nisso. Apenas o fato de que ele perguntou me agrada.

— Sim.

Ele deixa cair sua boca na minha, me tirando o fôlego, pegando minhas mãos e as colocando em seus ombros, me moldando, eu me mexo contra ele, me rendendo à sua inexorável língua, encontrando seus suaves movimentos circulares, provando que ele está certo. Eu não vou lutar com ele. Estou embriagada, sendo levantada para alturas que eu imaginei uma e outra vez quando ele reivindica minha boca com uma força suave, mas persistente. Ele saboreia esse mundo, tem um cheiro fresco e limpo, como eu temia, sou massa nas mãos dele, aceitando e bebendo de prazer. Seus lábios se movem através dos meus como uma dança bem ensaiada, lenta e sensual.

Minha barriga se retorce e se dobra, minha mente dispersando. O tamanho dele me segurando no lugar só aumenta a gratificação correndo por mim.

Segura. Eu nunca me senti tão segura antes, e só isso é uma sensação estranha que eu acho difícil de esquecer. Acrescente o êxtase louco de sua boca talentosa e estou destinada a ser mantida como escrava por Theo Kane enquanto ele o comandar.

Seu beijo diminui, sua mão massageando a parte de trás da minha cabeça enquanto ele geme baixo em sua garganta.

— Eu pretendia guardar isso para a sobremesa. — Ele sussurra, o tom suave de suas palavras e a vibração de sua boca contra a minha acelerando o pulso entre minhas coxas. Ele se afasta e arrasta a ponta do polegar sobre meu lábio inferior, observando. — Só isso valeu a viagem até aqui.

Estou chocada, incapaz de compreender como estou me sentindo. *Totalmente consumida,* não parece poderoso o suficiente.

— Os negócios não saíram como planejados? — Eu pergunto secamente.

Seu sorriso ainda é pequeno, mas cheio de diversão.

— Os negócios estão indo *exatamente* como planejei. — Sua mão desliza da base do meu pescoço, por cima do meu ombro e pelo meu braço até que ele encontra a minha mão.

Arrepios surgem em cada centímetro da minha pele enquanto eu antecipo o que a noite poderia trazer, rindo levemente sob a minha respiração.

— Então, eu sou os negócios?

— Não, Izzy, você é definitivamente um prazer. — Ele diz, segurando minha mão e nos levando para a sala de jantar, onde uma mesa está posta para dois e um garçom está ao lado, aguardando nossa chegada. Theo puxa uma cadeira para mim e me ajuda a sentar antes de assumir o assento em frente. Um prato é colocado diante de mim pelo garçom, mas quando ele chega ao lado de Theo na mesa, ele recua alguns passos e segura o prato ao invés de colocá-lo a sua frente, como se ele estivesse com medo de chegar perto demais. Franzo a testa enquanto Theo pega o prato e o coloca na mesa antes de me servir um copo de vinho branco. O que é que foi isso?

Ele indica para eu começar a comer, então lentamente pego minha faca e garfo, observando-o de perto enquanto cutuco as vieiras. Estou muito nervosa para comer, especialmente depois daquele beijo ardente. Eu já sinto que quero mais, e não tenho certeza se devo querer um homem como Theo, tanto quanto eu quero.

— Você está nervosa. — Ele afirma, sem adoçar, apenas observando. E com razão. — Diga-me por que, Izzy.

Eu olho para ele, minha cabeça inclinada.

— Você apareceu em Vegas, Theo. Sem mais nem menos. Eu mal te conheço.

— Então vamos nos conhecer, Izzy White. — Ele se senta em sua cadeira, com o vinho na mão me observando. — Como foi o seu dia?

Eu sigo a sua liderança e tento relaxar na minha cadeira.

— Cheio de surpresas inesperadas. E o seu?

— Está melhorando a cada hora. — Ele me dá um sorriso de lobo. — No final, tenho a sensação de que vou dar um pulo no meu caminho.

Eu rio alto, a reação incontrolável. Como é possível que ele possa me aliviar instantaneamente? Ele é um mestre na arte de me relaxar. Neste momento, não encontro sua franqueza em relação a isso... cativante.

— Pode um homem grande como você pular?

— Quer me ajudar a descobrir?

Balanço a cabeça e deixo cair os olhos na mesa por um momento, apenas para aliviá-los das chamas em seu olhar.

— Conte-me sobre você. — Digo baixinho.

— O que você quer saber?

— Eu não sei. Qualquer coisa seria bom. Tudo o que tenho de você agora é que gosta de aparecer em becos escuros e resgatar estranhas.

Ele ri leve e baixo. Isso torna meu sorriso impossível de se conter.

— Eu não gasto todo o meu tempo aparecendo em becos escuros.

— Então o que você faz?

— Eu amo comer. — Ele faz um gesto para a mesa, onde ambas as nossas entradas permanecem intocadas. — Também adoro me exercitar, mas meu novo passatempo favorito é perseguir você. — Ele me dá uma piscadela diabólica e mais uma vez eu estou rindo.

— Para um cara grande, você é muito fofo.

— Para uma pequena mulher, você é bastante feroz. — Ele brinda o ar. – Segundo, a sua beleza natural, essa é a minha coisa favorita em você.

Droga, não corra. Eu me refugio no meu vinho, mantendo meu sorriso sob controle antes que ele se parta.

— Você é extremamente ousado. — Eu digo sobre a borda do meu copo.

— Não há muitas coisas neste mundo que eu deseje, Izzy. É uma lista pequena, portanto, tenho muito tempo para me dedicar a cada item. Você está agora no topo.

— E as outras coisas?

— Paz. Felicidade. Amor.

Eu engulo, surpresa com a sua resposta franca.

— Você não tem essas coisas em sua vida agora? — Ele parece bem contente com quem ele é.

Ele sacode a cabeça.

— O que você quer da vida, Izzy?

— Apenas amor estaria bom, — eu respondo honestamente, me surpreendendo. — Com amor, felicidade e paz devem vir naturalmente.

— Eu gosto dessa teoria. — Ele sorri baixinho, olhando-me de perto. — E eu posso ser ousado mais uma vez?

— Posso te parar?

— Provavelmente não.

— Então vá em frente e seja ousado.

A satisfação que escoa de seu corpo é inegável, e não posso deixar de me sentir satisfeita por ser a causa.

— Eu tenho um desejo incontrolável de levá-la para a cama.

— Nós concordamos em jantar.

— O que você não comeu. — Ele responde, apontando para nossos pratos intocados. — Então você vai me deixar levá-la para a cama?

Ele está perguntando novamente. Está muito longe de suas táticas originais de exigência, como se ele percebesse que eu não aceito as exigências e decidiu mudar seu plano de jogo. Devo dizer a ele que está funcionando?

Eu suspiro, minha mão descansando na base da minha taça de vinho.

— O que você quer de mim, Theo?

— Você está um pouco lenta, se ainda não percebeu.

— Então devo ser lenta, porque não tenho a menor ideia de por que um homem com seu status óbvio... -aceno minha mão em torno da sala de jantar de sua suíte no maldito *Bellagio* —...estaria tão interessado em uma normal e simples enfermeira como eu.

— Não há nada normal ou simples em você. — Ele argumenta firme, mas suave, inclinando-se para a frente em sua cadeira.

Minha declaração irritou-o. Tenho certeza de que mais alguém seria ameaçado por sua postura, mas eu não estou de jeito nenhum. É como se eu estivesse imune à sua presença física, onde medo ou intimidação estão em causa. Não faz sentido para mim, mas é assim. Deve ser um problema, mas eu tenho um problema maior, e está dominando tudo agora. Eu estou atraída por ele. A maioria das pessoas parece colocar tanta distância entre si e Theo quanto possível. Eu, no entanto, tenho um desejo confuso de fechar essa distância. Eu quero estar perto dele. Ele tem uma atração magnética, me atraindo para mais perto, e eu sou impotente ao seu poder. Apesar de tudo o que passei, é ainda mais fodido. E então eu tenho que me perguntar...

Eu sou tão forte quanto eu acho que sou? Porque eu não estou apenas atraída por Theo Kane. Não apenas intrigada por ele. Estou encantada com o seu instinto protetor em relação às mulheres. Eu poderia dizer a mim mesma que não preciso disso. Mas você não precisa de algo para querer. *Certo, Izzy?*

— Então o que há sobre mim? — Eu pergunto a ele, minha voz irritantemente instável.

Ele se afasta um pouco, como se sentisse que poderia estar sendo um pouco assustador.

— Eu não consigo parar de pensar em você, e há uma razão para isso. Eu preciso entender.

— Então estou aqui para você tentar desvendar por que você é atraído por uma simples enfermeira como eu. É isso?

Eu me levanto da minha cadeira, um pouco louca.

— Não. — Seu punho bate na mesa com uma pancada ensurdecedora, mas eu não movo um músculo, não recuo ou fico assustada pelo toque de violência. Isso não me toca. Theo olha para mim com os olhos arregalados, preocupado de novo que eu esteja com medo dele, e quando percebe que não, ele respira para fora, recostando-se na cadeira.

Ele balança a cabeça, em algum lugar entre diversão, admiração e choque.

— Eu vejo que você está desconfiada de mim, e eu não quero que você esteja.

— Então talvez você devesse parar de bater nas mesas. — Retruco, e ele sorri.

— Você e eu sabemos que a minha presença física não é do que estou falando. Você está com medo de como eu faço você se sentir. Você está lutando contra sua reação natural para mim. Mas você não deveria.

— Por quê?

— Porque eu não estou interessado em te machucar. Eu não estou te perseguindo só porque quero te ter. Se eu quisesse uma foda sem sentido, encontraria uma com facilidade.

— Uau. — Eu só tusso.

— É a verdade. Eu nunca serei nada além de honesto com você, Izzy. Eu sou um homem que cumpre sua palavra, confie em mim.

— Mas eu mal te conheço, Theo. E você mal me conhece.

— Eu sei que você é linda. Eu sei que você está atraída por mim. Eu sei que você me faz sorrir, e eu sei que você me dá esperança. Você é forte e gentil. Você parou para ajudar Penny naquela noite, e não havia nada para você lá. Você poderia ter andado por aí e não ter pensado nisso de novo. Mas você não fez. E nem mesmo *eu* te assustei. Eu vejo medo em você, Izzy, mas é outro tipo de medo.

Sinto um inchaço na garganta e todas as razões pelas quais segui uma carreira de enfermagem na frente da minha mente. Eu sinto o cheiro do ataque de emoções, louca por ele tê-las tirado de mim. Tornar-me enfermeira e trabalhar em um hospital era algo natural para mim, já que era o único lugar em que me sentia segura.

— Eu sou uma enfermeira. É meu trabalho ajudar as pessoas.

— É seu trabalho garantir sua própria segurança primeiro. — diz Theo gentilmente. Cortando profundamente cada dor que eu senti e parecia voltar a me machucar de novo. — Acima de tudo... — ele prossegue, —...essa deve ser sua prioridade.

Minha mandíbula aperta e as lágrimas irritantes apunhalam a parte de trás dos meus olhos.

— Eu nunca deixaria uma mulher à mercê de um homem violento.

Ele recua um pouco. Ele lê nas entrelinhas, e eu imediatamente me arrependo de dar a ele mais do que pretendia. E eu o odeio por forçar o assunto. Eu parei. Eu ajudei Penny. É isso aí. Ele precisa parar de cortá-lo em pedaços.

Recuso-me a desviar de seu olhar enquanto ele se levanta da cadeira, parecendo demorar uma eternidade para alcançar sua altura total.

— Por que eu acredito que há algo mais do que instinto profissional?

— Porque há. — Respondo sem hesitação, arrumando meus lábios em uma linha reta, minha maneira de dizer a ele que não vou me abrir, então ele não deveria se incomodar em perguntar. Ele não está me contando tudo. Vou adotar uma abordagem semelhante, se for tudo a mesma coisa para ele.

Ele balança a cabeça, compreendendo, alargando um pouco a postura.

— Eu gosto de ser respeitado, e doente como parece, eu também gosto do fato de que as pessoas estão com muito medo de atravessar na minha frente. — Ele faz uma pausa, perfurando-me com olhos potentes cheios de sinceridade. — Mas pela primeira vez, em muito tempo, gosto do pensamento de alguém gostar de mim. Eu amo que você me desafie. Eu amo que você seja corajosa, embora eu saiba que não vou amar o motivo.

Minha respiração engata. Ele sabe. Ele descobriu isso. Talvez não todos os pequenos detalhes, mas ele está preso ao fato de que eu tive medo antes, e ele quer tirar qualquer dúvida da minha mente.

Qualquer dúvida que eu acho que ele poderia me machucar. É admirável, mas também é um desperdício de palavras, porque não tenho medo dele nesse sentido. Eu estou realmente com medo de me tornar muito ligada a ele. De me acostumar a me sentir segura. De me tornar muito dependente de seu conforto. Depender de alguém deixa você aberta para se ferir.

— Eu sei que há muito a saber sobre você. — Eu sussurro. — E sei, sem sombra de dúvida, que talvez eu não goste disso, mas nada disso me assusta ou me preocupa, mas nada disso está me fazendo gostar menos de você. *Isso é o* que me assusta.

O grande peito de Theo afunda visivelmente em uma respiração profunda.

— Obrigado pela sua honestidade. — Ele diz, sua mão indo para sua mandíbula espetada e acariciando pensativamente. — Você está certa. E eu não espero que você goste de tudo o que há para saber sobre mim. Isso seria pedir demais. Eu só espero que você goste de *mim*. Só espero que você aprecie o homem que sou para você.

Eu engulo, odiando e amando o que ele está dizendo. Amando em parte porque minhas conclusões foram confirmadas, e odiando porque a confirmação nem sequer amansou minha curiosidade ou atração. Só aumentou.

Depois de alguns segundos de silêncio, ele caminha até mim com o que eu acho que é determinação. Ou resolução. Ou ambos? Ele gesticula para minha mão, e eu a ofereço de bom grado, inalando firmemente enquanto seu toque encontra o meu, seus dedos flexionando suavemente. Ele nos observa juntos por algumas batidas.

— É bom, não é? — Ele pergunta, olhando para mim, um pouco impressionado com a simples sensação da nossa pele se tocando.

Eu aceno, sinceramente concordando. Nunca antes o toque de um homem me confortou. Sua mão aperta a minha e ele me puxa da mesa, indo para a porta. Enquanto ele me guia da sala de jantar, meus pés trabalham rápido para acompanhá-lo, meu coração enlouquecendo. Passamos o garçom, que imediatamente se afasta do nosso caminho.

— Nós terminamos. — Theo diz a ele, curto e grosso, sem olhar para ele enquanto continua a me conduzir pela ampla suíte. Eu me concentro no calor de sua mão forte ao redor da minha, lutando contra memórias indesejáveis. É preocupante, é muito fácil. Ou é uma preocupação de tudo?

Theo abre outra porta e me puxa, fechando com mais cuidado do que eu esperava. Nós estamos em um quarto. Um enorme e luxuoso quarto, com a maior cama que provavelmente eu já vi. Theo gentilmente puxa minha mão, me leva para a cama e me senta no final antes de cair de joelhos e segurar minhas mãos. Ocorre-me que ele está tentando me aliviar por estar em igual nível dos meus olhos, há algo um pouco submisso sobre ele estar de joelhos aos meus pés. É um movimento medido, mas está me deixando preocupada com o que ele vai dizer. Eu engulo e me preparo.

— Desde que você foi sincera comigo, parece justo que eu ofereça a mesma gentileza. Vou lhe contar como será entre nós.

Borboletas explodem na minha barriga.

— Você vai me *dizer*?

Ele sorri, seus polegares desenhando pequenos círculos nas costas das minhas mãos.

— Preciso de algo de você, Izzy.

Meus músculos se contraem com a necessidade de se tencionar.

— O que?

Algo sobre a maneira como ele está olhando para mim, inseguro e hesitante, está me dizendo que eu poderia não gostar.

Theo descansa seus quadris, seus braços suspensos entre nós enquanto ele segura minhas mãos.

— Eu preciso de submissão. Rendição total. – Olhos de cobalto escuro queimam minha pele, seu rosto se tornando vivo com carência. — Vou tratá-la como uma rainha e transar com você como uma prostituta. — Minha boca cai aberta. Ele acabou de dizer isso? — E eu prometo a você — continua ele, ignorando meu choque, pegando minha mão e colocando-a em seu peito, empurrando-a no músculo — você nunca estará em perigo. Você nunca mais terá medo.

Está além de mim, mas acabei de me desintegrar. Ele me disse que ele iria me foder como uma prostituta, mas ele arredondou tudo isso com uma promessa. Uma promessa que não posso ignorar, mas gostaria de poder.

— Tenho medo de você. — Eu admito. — Medo de como você me faz sentir.

— Como faço você se sentir?

A palavra *segura* dança no final da minha língua, mas engulo minha confissão, desviando o olhar.

— Consumida. — Eu não estou mentindo.

— Estou contigo. — Ele empurra a minha mão com mais força contra o peito dele. — Eu posso te dar o que você precisa, Izzy. E espero que você me dê naturalmente o que preciso.

— Quero isso. — Eu digo sem pensar. — O que você *quer*.

Seu sorriso se estende, brilhante e lindo.

— Confie em mim, Izzy. Eu *preciso* disso. — Ele dá um pequeno puxão na minha mão e eu caio no seu colo com um pequeno suspiro. Ele envolve todo o meu rosto em suas grandes mãos, tão terno, mas igualmente possessivo. — A primeira vez que toquei em você, você me teve. Eu nunca serei capaz de explicar como me senti. Como se sente agora? — Seus olhos buscam em meu rosto, seus polegares acariciando suavemente minhas bochechas. — Minha pele na sua, eu anseio por isso. Mas preciso de ambientes controlados.

— Por quê? — Eu pergunto, aceitando seu beijo suave nos meus lábios.

— Você precisa confiar em mim.

Eu não pergunto mais que isso. Assim como ele não perguntou por que eu preciso-me sentir segura, ou quem me machucou no meu passado. Eu confio nele.

— Tudo bem. — Eu concordo. Sinto que estou dançando muito perto do sol, e o mais bizarro disso, mal posso esperar para me queimar.

— Do que quer que você tenha fugido, Izzy, não pode tocar em você enquanto eu estiver aqui.

Eu não aprecio o lembrete.

— Eu disse *tudo bem*.

— Eu te ouvi.

— Então, por favor, me leve para a cama. — Eu terminei de falar. Desejo e necessidades estavam estabelecidos, e agora eu só preciso de Theo para me possuir. Para saciar a sede insaciável que ele despertou. Para me dar algo que eu nunca tive. Prazer.

CAPÍTULO

Sete

— Eu não estou apenas levando você para a cama. — Theo me segura sob minhas axilas e me puxa para a cima, então eu estou de pé em cima dele enquanto ele permanece no chão aos meus pés. Ele chega para frente, olhando para mim, e enrola sua mão em torno do meu tornozelo. Eu sacudo violentamente, fogo disparando em minhas pernas e detonando no meu peito. Explosões agora. Preciso agarrar seus ombros, preciso de apoio, mas quando levanto os braços para alcançá-los, as mãos de Theo voam para cima e seguram meus pulsos. Ele olha para o meu rosto confuso enquanto gentilmente leva as palmas das mãos até os ombros para mim. — Deixe-me. — ele sussurra, liberando minhas mãos e permitindo— lhes descansar em seus ombros maciços, fechando os olhos enquanto o meu toque encontra sua camisa.

A realização me dá um soco no estômago. *Oh meu Deus.* Ele não gosta de ser tocado. Penso na forma como os membros de sua equipe mudam do caminho de Theo quando ele está por perto, e lembro-me que toda vez que fui tocá-lo eu mesma. Ele me pegou e controlou o toque. Ele viu minha intenção e se encarregou disso. Callum me dando um amplo espaço em todos os momentos não tinha nada a ver comigo. É natural para o motorista / amigo / guarda— costas de Theo dar espaço às pessoas porque ele faz isso o tempo todo para Theo. E o mordomo, Jefferson. Ele me disse para manter minha distância. Ele não estava me avisando para ficar

longe. Ele estava me avisando para não tocar em Theo. Todos os movimentos furtivos e rápidos de Theo, as vezes que alguém foi tocá-lo. Ele habilmente evitou todos eles.

Eu olho para ele, desconcertada. Ele precisa de ambientes controlados. Tudo sobre Theo Kane desde que eu o conheci foi controlado, e agora percebo que vai se estender até o quarto. Ele balança a cabeça um pouco, vendo minha compreensão, e suas mãos voltam para os meus tornozelos, instantaneamente substituindo meu choque por desejo. Seu toque não só me faz sentir segura. Isso me faz doer.

Ele sorri para mim, depois abaixa os olhos para os meus pés.

— Como eu já lhe disse — ele diz baixinho — você me teve no momento em que toquei em você.

Levantando um dos meus pés até o seu joelho, ele começa a soltar minha sandália, seus dedos constantemente roçando a carne sensível do meu tornozelo, me deixando louca. Mas eu espero, sabendo que valerá a pena. Eu o tive. Meu toque. Nossa pele está se tocando. Uma pequena parte de mim está intrigada, mas uma parte maior fica aliviada por ele sentir o mesmo que eu.

Ele solta meu pé e deixa cair minha sandália, coletando o outro e removendo cuidadosamente o outro par. Uma vez que ele está feito, ambas as mãos deslizam ao redor das costas das minhas panturrilhas e ele levanta de joelhos, trazendo-o para cima, deslizando as mãos enquanto ele vai. Ele está olhando para mim, trabalhando suas mãos debaixo do meu vestido até que ele tenha um aperto possessivo da minha bunda. Ele aperta, inclinando a cabeça um pouco, me puxando para frente para que seu rosto fique

no mesmo nível dos meus seios. Então ele lentamente arrasta meu vestido até que minha pele nua é exposta a sua boca. Eu ainda espero e fecho meus olhos, sabendo que ele vai ficar cara-a— cara com minhas cicatrizes a qualquer segundo. Estou mentalmente me preparando para minha resposta que uso quando me perguntam o que aconteceu, sentindo seus movimentos vacilarem. Ele os viu. Agora, enquanto estou escondida na minha escuridão, ele está olhando para as consequências do meu passado.

Eu espero por ele perguntar sobre as marcas na minha pele, mas alguns momentos depois, ele ainda não o fez. Então eu encontro a coragem que preciso para olhar para ele, encontrando-o focado na minha barriga. Encarando. Eu respiro trêmula enquanto ele olha para mim, seu rosto em branco. Então ele lentamente deixa cair seus lábios para o lado do meu umbigo e lambe a área. Meu mundo não apenas vira de cabeça para baixo. Ele gira. E isso gira. E gira e gira e gira. Ainda vejo o rosto de Theo. Claro como o dia, tão brilhante quanto pode ser. Minha cabeça cai para trás em meus ombros, meus olhos fechando em completo êxtase, minha gratidão feroz. O suave redemoinho de sua língua é apenas o começo das coisas que estão por vir. Se isso é como uma prostituta, então eu vou me inscrever para a tarefa de uma vida inteira.

— Izzy – Theo chama com a voz rouca, meu nome soa como um apelo sedutor enquanto ele beija seu caminho por cima do meu vestido, subindo pela minha garganta até meu queixo enquanto ele fica de pé. — Estamos em mundos separados, mas tão perto. — Ele mordisca meus lábios. — Levante seus braços.

Eu os levanto, sem pensar ou hesitar, e ele puxa meu vestido para cima da minha cabeça. Vou até a calça para sentir a dureza,

atrevida e ousada, ou mais desesperada. Mas ele aperta minha mão com firmeza, me acalmando.

— Eu anseio por um ambiente controlado. — Ele me lembra. — Isso significa que você não faz movimentos sem que eu diga.

Eu gemo, não gostando da perspectiva de não ter rédea livre em seu corpo.

— Por favor. — Eu tento.

Ele balança a cabeça contra meus lábios.

— Confie em mim. — Me pegando, ele me leva para a cama. — Você está limpa? — Ele pergunta, e eu aceno com a cabeça. — Você está protegida? — Eu aceno de novo, esperando que ele confirme o que eu preciso perguntar em troca. — Eu também.

Eu o estudo quando minha cabeça descansa no travesseiro macio. Seu rosto é o mais suave que eu já vi, seus olhos, os mais azuis, quando ele remove meu sutiã e calcinha cuidadosamente, deixando-os de lado. Ele engole em seco enquanto passa alguns momentos absorto me observando.

Esperando o mais pacientemente que posso, lutando para manter meus braços ao meu lado, eu assisto, sem fôlego, quando ele começa a se despir. Os botões de sua camisa são desatados um a um, revelando lentamente o peito que eu imaginei constantemente. A tatuagem que eu só tive uma espiada não é vista em nenhum lugar quando os dois lados de sua camisa se abrem, mas eu posso ver a pele esticada. Mordendo meu lábio inferior, eu prendo minha respiração e dobro uma perna, trazendo a sola do meu pé para cima e empurrando-a nas cobertas, apertando minhas coxas juntas. Fogo

líquido surge em meu núcleo, meus mamilos se agitando. Seus olhos vagueiam lentamente dos meus seios para as minhas coxas, para frente e para trás enquanto ele revira os ombros e tira a camisa, deixando-a flutuar no chão.

Admiração bate em mim, enredando minha mente, e minha respiração ofegante me sufoca.

— Oh meu Deus. — Sussurro, tentando compreender as linhas esculpidas do torso de Theo.

Todos os músculos são definidos, ao ponto de ter certeza de que iria me cortar se fosse passar as mãos por um. Definição tão clara, pele tão apertada e inchaços de músculos duros. Minha boca seca enquanto meus olhos percorrem os rastros dele maravilhada, descendo até seu estômago e o perfeito V que conduz à sua virilha. Suas calças estão baixas, um pedaço do cós da cueca pulando para fora. Minha visão cai em seu quadril, onde mais tinta cobre a área estreita, e eu inclino minha cabeça um pouco, tentando entender o que estou olhando. Meus olhos se aproximam quando percebo o que é. Mãos orando. Seu rosto é reto, os músculos do pescoço dele pulsando e ali, caindo em cascata sobre o ombro, é outra obra de arte. Rosários. Eles escorrem por sua pele, até o topo de seu braço espesso, e pendurados no fundo é uma cruz delicada. Theo ainda está me deixando absorver tudo, e quando ele lentamente se afasta de mim, eu sugo o ar. Abrangendo suas omoplatas largas e afundando o centro de sua espinha é um crucifixo, incrustado e intrincado. É lindo, mas quase assombrado. As mãos de oração, o rosário, o crucifixo. Ele é religioso?

Eu me movo um pouco na cama quando ele volta para mim, desabotoando suas calças e empurrando-as para baixo de suas

coxas, pegando suas boxers com elas, antes de tirar. Seu pênis sai livre, duro, grosso e longo, tão impressionante quanto o resto dele. Eu nunca vi nada parecido com ele. Ele é o melhor exemplo da criação de Deus. Não há uma grama de gordura em qualquer lugar para ser visto. Ele é sólido, inconcebivelmente. Uma de suas coxas é provavelmente mais grossa que minha cintura, suas pernas são longas e poderosas. Ele parece letal, mas bonito; duro, mas macio. Meu corpo está um caos, meus nervos queimando, tudo em resposta ao que estou enfrentando. Meu desejo passou pelo telhado e o desespero agora está me debilitando. Ele parece um guerreiro, cru e primitivo. Um lutador.

Eu olho para ele, que balança a cabeça um pouco, como se soubesse e aceitasse o que estou pensando. Ele mergulha e recolhe algo da cabeceira e começa a desvendá-lo em suas mãos, aproximando-se da cama. Ele gentilmente segura uma das minhas mãos, traz para a cabeceira da cama, e começa a tecer o material de seda ao redor do meu pulso, preso, mas não muito apertado, antes de conectá-lo ao poste da cama e amarrá-lo, puxando meu braço para cima cabeça. Eu nem luto. Eu não protesto ou tenho um pouquinho de preocupação. Ele precisa de um ambiente controlado e ele vai conseguir, isso me tornando incapaz de qualquer movimento. Você não pode ficar mais controlado do que isso. Ele repete do outro lado, o tempo todo gentil, todo o tempo concentrado. Eu o observo fascinada, cada movimento que ele faz, cada movimento de seus olhos para os meus verificando se estou bem, cada ondulação do seu peito quando ele se curva. Quando ele se move para as minhas pernas, eu tenho que levantar um pouco a cabeça do travesseiro. Ele pega meus tornozelos e afasta minhas pernas, eu ofego, sentindo minha necessidade pingar entre as

minhas coxas. Seus olhos estão colados ali, sua respiração está mudando visivelmente.

— Oh Deus. — Eu jogo minha cabeça de volta no travesseiro, puxando as correias segurando meus braços no lugar. – Theo. — Eu sussurro, sentindo-o puxar minha perna, a suavidade da seda em torno do meu tornozelo. Minhas pernas também? Eu ficarei *totalmente* desamparada. Ele ignora meu apelo desesperado e continua amarrando meu outro tornozelo no lado oposto. Eu estou espalhada como uma águia na cama, mantida no lugar à sua mercê. Na minha escuridão, consigo considerar silenciosamente o fato de que não preciso ficar amarrada a uma cama, desamparada, para estar à mercê de Theo. Apenas estar perto dele se vê isso muito bem.

— Você está tão bonita. — Ele diz com a voz grossa, traçando círculos em torno do meu tornozelo.

Eu empurro a cama, as correias se esticando. Seu toque é como lava derretida, o efeito alcançando meu clitóris e queimando. Theo engasga, e eu abro meus olhos, encontrando-o arrastando a palma da mão até minha coxa. Ele para logo ao sul da minha entrada, olhando para mim. Eu pulso, bebendo no ar, meus olhos arregalados e querendo.

– Essa... — ele rosna, aproximando-se cada vez mais perto do meu núcleo. —...Esta buceta molhada e perfeita... — Ele desliza o dedo pela umidade e eu grito, puxando as correias. –...É minha.

Um dedo grosso empurra para frente e afunda em mim. Músculos que eu nunca soube que tinha, apertando com força, minha cabeça se agita de um lado para o outro, com fome e em pânico. Mas eu salvo minha respiração. Eu não imploro, porque sei

que isso não me levará a lugar nenhum. Preciso me acalmar. Eu preciso parar de me debater na cama. Isso não me levará a lugar nenhum também, mas ele está me provocando, me ajudando. Prazer e dor. A dor é a parte da espera.

O dedo de Theo, apenas um dedo, me fode lindamente, uma palma grande caindo ao meu peito e apertando suavemente.

— Abra os olhos, Izzy. — Ele ordena, soltando meu peito e agarrando meu queixo. Minhas pálpebras levantam, imediatamente encontrando seu rosto suspenso sobre o meu, os lábios entreabertos. — Vou me deliciar com seus mamilos, morder e lamber, e você vai ficar quieta.

Eu balancei minha cabeça, sabendo que ele está exigindo o impossível.

— Sim. — Ele responde. — E se você for uma boa menina, se você ficar quieta, eu vou afundar meu pau em você e te dar o que você precisa.

— Eu não aguento isso. — Murmuro, sentindo-me emocional e carregada, puxando minhas restrições novamente. Eu estava bem quando ele começou a me amarrar. Pensei que poderia lidar com isso. Eu não previ meu desespero em espiral para essas profundezas torturantes. É um terreno desconhecido.

— Sim, você pode.

Theo tira o dedo e sobe em cima de mim, escarranchando minhas pernas e encontrando minha cintura, mas não descansando todo o seu peso em mim. Eu nunca aceitaria isso. Suas mãos colocadas no interior dos meus braços servem como restrições

extras, prendendo-me no lugar e me forçando a ficar no colchão. Ele levanta um pouco, seus braços grossos se firmam enquanto ele olha para mim. A ponta do seu pau está deslizando no meu estômago, a cabeça vazando com seu desejo, molhando minha pele enquanto ele balança suavemente seus quadris apertados.

Ele examina meu rosto, imerso em pensamentos, cantarolando quando ele faz. Suas bochechas estão brilhando com uma leve camada de suor, seu cabelo escuro umedecendo nas raízes.

— É uma tortura, não é? — Ele diz, flexionando seus quadris profundamente até que seu pênis cai para a minha abertura. Eu choraminguei minha resposta, incapaz de ficar calada. Ele sorri um pouco. — Desde o momento em que te toquei, me senti torturado. Mas é do tipo bonito. Viciante. Surpreendente. Eu preciso que você sinta como eu me sinto desde aquela noite. Quão insensato desejo senti, quão frustrado me deixou quando você resistiu a mim. — Ele treme um pouquinho para frente, violando minha entrada com a ponta de sua excitação antes de se retirar. Eu bato meus lábios juntos, minhas narinas dilatadas. — Vou fazer você esperar, Izzy.

— Não. — Eu grito, irritada com suas táticas.

Sua mão bate na minha boca para me silenciar, suas sobrancelhas se arqueando em advertência.

— Sim. — Ele confirma simplesmente, inclinando-se e mordendo minha bochecha. — Pronta para enlouquecer?

— Theo, por favor, eu te imploro.

— Eu não quero que você me implore. Eu quero que você sinta meu desespero. Eu quero que você sinta isso.

Ele desce até que sua boca esteja no mesmo nível do meu peito, seu pênis ainda parado na minha entrada. O arrependimento me arrebata, arrependimento por negá-lo, por afastá-lo e por me arrepender de me render a ele agora. Eu estou fora da minha profundidade

Calor se espalha pelo meu seio direito, delicioso e quente, o prazer breve antes que sua boca se agarrar e sugar forte. Com Theo em cima de mim, é impossível me mover, mas eu tento mais, batendo e rangendo os dentes. Ele troca os lábios pelos dentes e morde. A dor rasga através de mim, mas eu chupo meu grito, fechando os olhos e rezando por misericórdia. A pressão de sua mordida é dura, a ponto de meus nervos ficarem dormentes.

— Por favor, Theo, por favor, farei qualquer coisa. — Minha voz é irregular e angustiada.

Agitando sua língua em volta do meu mamilo sofrido, ele a lambe de volta à vida.

— Você tem um gosto tão bom. — Outro impulso de sua virilha e um rápido e provocante mergulho de seu pênis na minha umidade me lembra do que eu estou implorando.

— Por favor. — Suspiro, odiando a satisfação que ele está recebendo do meu pedido.

Ele sorri vitorioso, e então se levanta do meu corpo e da cama. Eu assisto, horrorizada, enquanto suas longas pernas comem a distância entre a cama e a porta e ele desaparece através dela. *O quê?* Ele está me deixando aqui? Fazendo-me esperar? Por quanto

tempo? Eu perco a minha merda, agitando-me na cama como uma mulher enlouquecida.

— Theo!

Eu grito repetidamente, até que minha garganta está dolorida e meus pulmões estão queimando de exaustão. Eu poderia chorar, minhas emoções levando a melhor sobre mim. Eu finalmente sucumbi a ele, cedendo ao seu fascínio e implacabilidade, e agora ele está me deixando aqui depois de trabalhar em uma massa reprimida de necessidade? Como? Como ele pode estar fazendo isso, não apenas para mim, mas para si mesmo?

— Theo. — Seu nome é um sussurro desanimado enquanto relaxo meus músculos tensos e afundo na cama, desejando que meu corpo se canse para baixo, e pare de reclamar com desejo. Estou exausta, mas longe de estar satisfeita, amarrada a uma cama em um quarto de hotel em Las Vegas, enquanto o homem que se infiltrou na minha cabeça e minha vida está lá fora fazendo... Eu olho para a porta. O que ele está fazendo?

Descansando minha cabeça, eu fecho meus olhos e tento não pensar no fato de que eu realmente me sinto como uma prostituta, embora ele ainda esteja para me foder como uma. Isto é um jogo para ele? Parece que sim, porque se ele estivesse tão desesperado quanto afirma, estaria atualmente enterrado dentro de mim e saciando nossas necessidades. Eu nunca imaginei que imploraria por sexo. Nunca mais me imaginei à mercê do poder de um homem. No entanto, há algo absolutamente maravilhoso em estar à mercê de Theo. E o poder dele sobre mim é bem-vindo.

Não sei por quanto tempo estou aqui, desamparada e ansiosa, mas minha exaustão começa a tirar o melhor de mim e começo a entrar e sair da consciência. Pode ser uma hora, talvez duas. Eu não sei, mas parece um ano. Minha respiração está finalmente nivelada e meu batimento cardíaco normal. Eu vejo apenas Theo na minha escuridão. Eu ainda sinto um anseio insondável me sequestrando, mesmo que tenha sido ensopada com muita loucura. *Insana.* Ele disse que me deixaria maluca e ele fez.

A cama mergulha ao meu lado, me agitando e eu abro os olhos. Theo está me escarranchando novamente, olhando para mim calmamente.

— Foi doloroso? — ele pergunta. — É frustrante? Quanto você me quer em cima de você?

— Você fez o seu ponto. — Eu resmungo, olhando para longe desafiadoramente.

— Então você não vai me afastar de novo?

— Não. — Eu cuspo, cerrando os dentes.

— Boa menina.

Ele se arrasta pela cama, colocando as pernas entre as minhas. Eu quero permanecer temperamental e desafiadora, mas quando eu sinto sua ereção de volta onde eu quero que esteja, meu corpo fica vivo novamente, nervos gritando, como se ele tivesse ligado um interruptor e aumentado o volume. Eu puxo contra as alças, desta vez de forma constante, em vez de esporádicas, mantendo-as esticadas e usando-as como alavanca para os meus músculos tensos. Ele está pairando lá, segurando-se em seus braços sólidos, se

aproximando da borda da penetração. Eu aprendi que implorar não vai me levar a lugar nenhum, então, embora isso me mate, eu espero por ele, minha respiração é superficial, meu corpo se contorce. O pequeno grupo de nervos no meu clitóris bateu na umidade do seu desejo.

Eu sei o momento em que ele vai entrar em mim, porque as veias do seu pescoço se incham em preparação. Minhas costas se inclinam quando ele lentamente e preguiçosamente mergulha, esticando-me amplamente, privando-me de ar. O desconforto faz meus quadris se moverem embaixo dele, tentando me acostumar com seu comprimento e perímetro. Ai Jesus. Eu começo a tremer.

— Mais? — Ele pergunta sua voz um pouco rasgada, seus quadris pulsando, precisando continuar mais. Eu aceno e ele desliza um pouco mais. Não todo o caminho, mas ainda é doloroso. — Mais? — Ele pergunta novamente, circulando um pouco agora, tentando me esticar.

— Espere. — Eu engulo meus olhos colados aos dele. E ele faz. Ele continua me observando, como se soubesse que me ouvir agora é importante. Isto é. E ele sabe como sou grata por sua fácil aceitação. Eu posso ver isso em seu olhar.

— Apenas me diga quando.

Eu aceno e respiro através do próximo rolar de seus quadris. — Todo o caminho.

— Tem certeza?

Eu aceno, com toda certeza, ele avança medianamente com uma maldição alta, jogando a cabeça para trás. Eu grito de dor e ele

congela totalmente submerso, ofegante. A necessidade de fechar minhas pernas me subjuga, meus tornozelos chutando contra as restrições enquanto eu grito para o teto. Eu gemo, superada com a pressão do seu tamanho me enchendo.

— Porra... eu. — Theo diz lentamente se afastando. — Irreal. — Ele avança novamente, gritando seu prazer. — Jesus, mulher, você se sente tão bem. — Ele se encaixa profundamente no meu ventre.

Eu começo a suar, desejando que meu corpo o aceite.

— Dê a si mesma tempo para se acostumar comigo, Izzy. — Ele diz gentilmente, bombeando para frente novamente, seus impulsos ganhando cada vez mais velocidade. Ele cai até os cotovelos e põe a palma da mão na minha garganta para me impedir de mexer a cabeça. Mais restrição, minha dor constante se transforma em desconforto, e depois do desconforto, prazer. Surpreende-me e de repente estou viva com mais carência e mais necessidade. Não dói mais. Ele me esticou em aceitação.

Ele pisca e levanta, retirando-se devagar antes de avançar. Eu grunho, minhas pernas puxando contra as correias. Suas razões para me conter estão se tornando mais óbvias. Meus braços estariam em todos os lugares, agarrando-o, batendo nele, puxando seu cabelo. É frustrante como o inferno, mas eu compreendo a necessidade dele, mesmo que eu não aprecie as restrições. Solto um pequeno gemido de prazer e sou empurrada para cima da cama em seu próximo mergulho, puxando as pernas para frente.

Ele congela, e eu sei que ele vai se soltar completamente assim que encontrar sua respiração.

— Eu não posso mais segurar. Está pronta?

— Sim. — Ele precisa disso, assim como eu precisava do gentil arrombamento.

Depois de apenas alguns segundos e uma longa inspiração, ele fecha os olhos e temo o pior. Seus dedos se flexionam sobre a minha garganta, sua outra mão chegando ao meu cabelo empunhando. Seus lábios se endireitaram. Seus olhos ficam escuros. Sua mandíbula pulsa. E ele deixa rasgar.

Meus gritos são longos e constantes enquanto ele me esmaga de novo e de novo, enlouquecido e caótico. Meus olhos se fecham minha cabeça jogada para trás quando eu aceito seu poder. É como se ele estivesse liberando anos de frustração, anos de agressão reprimida. Nossos corpos começam a deslizar em cada batida forte, o suor encharcando-nos, a palma da mão deslizando sobre a minha garganta.

— Você pode aguentar, Izzy. — Ele rosna, nunca desistindo, indo para mim como um animal selvagem, rápido e furioso, totalmente sem piedade.

Eu puxo as alças, chocada quando a pressão de seu pênis enche a minha virilha e começa a girar deliciosamente, o meu prazer assumindo novas alturas. Eu encontro seus olhos sabendo.

— Aqui está. — Ele rosna, mantendo seu ímpeto brutal, batendo em mim enquanto desliza a palma da mão na minha bochecha e afaga mais ternamente. — É bom, sim?

— Sim. — Oh bom Deus, estou indo rápido para um orgasmo que vai me deixar inconsciente. Aproveitando cada pontada de

prazer e me agarrando a ele, eu tenciono em todos os lugares, desejando além de todos os desejos que eu pudesse senti-lo além da penetração. Tocar ele. Sentir e acariciar. Ele agarra meu cabelo, mantendo os olhos nos meus, e me surpreende com uma profunda rotação de seus quadris. Seu queixo cai para o meu peito. — Vamos, Izzy — ele me encoraja. — Eu não vou sem você.

A urgência surge em meus músculos doloridos. Eu me concentro quando a pressão aumenta e constrói, mantendo-me em permanente estado de antecipação. Está chegando. Está chegando. Está...

— Porra! — Meu corpo se afasta da cama, meu pescoço estala quando eu tiro minha cabeça para trás, meus olhos se fecham com força quando um raio de prazer me ataca. Estou cercada por um ruído branco que embota o som dos rugidos de êxtase de Theo, e a sensação dele engrossar dentro de mim transforma meus gritos de prazer em longos gemidos. Então eu ouço o som fraco de um gemido quando seu pênis começa a pulsar, longo e lento, o calor me enchendo profundamente.

Eu relaxo, exausta, e Theo desmorona sobre mim, seu peso espalhado cuidadosamente por todo o meu corpo pulsante.

Um requintado senso de calma se agita através de mim. E meu clímax me leva à inconsciência.

CAPÍTULO

Oito

Entorpecida. Sinto-me entorpecida, como se alfinetes e agulhas tivessem atacado minhas pernas e braços. E estou sufocando, sendo espremida em baixo de alguma coisa. Meus olhos se abrem, minha mente trabalhando rapidamente para me lembrar de onde estou e com quem estou. *Theo*, digo a mim mesma, imediatamente me acomodando. Sua cabeça está descansando no meu ombro, o cheiro de suor limpo enchendo meu nariz. Eu não posso respirar.

— Theo. — Eu sussurro, olhando para cima para ver meus braços ainda contidos. Contraindo meus músculos internos, sentindo sua suavidade ainda enterrada dentro de mim. — Theo, acorde. — Eu examino a sala por um relógio. Que horas são? Ah não. Jess. — Theo!

Ele pula um pouco, empurrando-me para a cama mais um pouco e depois lentamente levanta uma fração. Olhos sonolentos olham para mim, piscando rapidamente.

– Ei. — Ele murmura, parecendo desorientado.

— Você precisa me desamarrar. — Eu puxo as tiras de seda, lembrando a ele que ainda sou sua prisioneira. — Preciso ligar para Jess. Ela estava dormindo quando saí. Não quero que ela se preocupe.

— Onde está o seu telefone? — Ele começa a levantar e eu começo a entrar em pânico. Ele não vai me libertar?

— Na minha bolsa, na sala de estar. — Digo a ele, sugando o ar quando ele escapa de mim, parte de sua liberação vem com ele, cobrindo a parte interna das minhas coxas. — Mas eu posso pegar se você me desamarrar.

Ele me ignora e se afasta, e eu levanto a cabeça para olhar suas costas nuas, incrédula. A obra de arte decorando sua pele rola enquanto ele estica os braços até o teto, a visão realmente é algo para ser visto. Eu caio de volta no meu travesseiro e dou um puxão fútil nas minhas restrições. Ótimo. Quanto tempo ele planeja me manter aqui?

Ele voltou alguns instantes depois, segurando meu celular.

— Cinco chamadas perdidas. Diz ele categoricamente. Jess.

— Droga. — Murmuro, seguindo o caminho dele até mim. — Por favor, desamarre-me, Theo.

Ele balança a cabeça e fica na cama, deitado e rolando para o lado para me encarar.

— Eu tive isso consertado. — Apontando para a tela, ele levanta uma sobrancelha.

— Eu deixei cair. — Encolhendo os ombros o melhor que posso, ignoro a agitação exasperada de sua cabeça. — Desata-me, por favor.

— Você não precisa de suas mãos para falar. Qual é o seu PIN?

— O que?

— Você quer ligar para a sua amiga?

— Sim.

— Então me diga o seu PIN.

Fechando meus olhos, eu expiro.

— Um, oito, zero, seis.

— 18 de junho. — Ele coloca o telefone no meu ouvido enquanto eu faço uma carranca, e eu ouço a voz de Jess um segundo depois.

— Izzy, onde diabos você está? — Ela parece totalmente chateada.

Eu paro, olhando para Theo, cujas sobrancelhas estão altas, interessadas. Aposto que ele está se perguntando o que vou dizer a ela. Ou quanto. Eu mal posso compartilhar o fato de que estou amarrada a uma enorme cama em uma enorme suíte no Bellagio. Ela vai engolir.

— Estou com Theo. — Confesso. Eu posso dizer *isso a* ela.

— Eu sabia disso! Andei pelo cassino procurando por você. O que aconteceu? Onde está você?

A culpa me envolve.

— Vou explicar mais tarde. — Digo a ela, não preparada para falar enquanto estou sendo observada com tanto cuidado. — Onde está você?

— Kyle e Denny ligaram. Suponho que posso alcançá-los agora, que eu sei que você está viva. — Seu tom desdenhoso é garantido. — Venha nos encontrar. Precisamos discutir.

— Ok... — Theo começa a balançar a cabeça lentamente para mim, dizendo que essa é a resposta errada. Eu lhe dou um olhar interrogativo, e ele pega o telefone do meu ouvido e se aproxima, trazendo seus lábios para perto.

— Nós não terminamos até eu dizer que terminamos. — Ele sussurra, arrastando os lábios nos meus. Eu gemo suavemente e inalo seu perfume masculino.

— O que eu devo falar?

— Diga a ela para se divertir e você ligará assim que eu te deixar no hotel. — Ele se afasta e devolve o telefone ao meu ouvido.

Eu me esforço para respirar para poder falar.

— Vou ligar para você quando terminar. — Eu ofego. — Não deve demorar muito.

— Jesus, Izzy. O que você está fazendo?

— Vou ligar para você. — Reitero, olhando para Theo. Ele acena com aprovação e boca, *diga adeus*. – Falo com você mais tarde. — Eu sussurro.

— Nós vamos. — Jess replica acaloradamente. — Ah, e Izzy?

— Sim?

— Quão grande é?

Fico vermelho brilhante, e Theo ri, divertido, sacudindo o telefone no meu ouvido. *Você pode responder*. Ele faz com a boca, presunçoso. Eu estreito meus olhos para ele. Eu duvido muito que ele seria tão aberto se ele tivesse um pau magricela.

— Mais ou menos. — Eu respondo.

Jess geme desapontada, e os olhos de Theo se arregalam, chocados. Ele desconecta a chamada e mergulha em mim, escarranchando minha cintura novamente.

— Assim, é isso? — Ele pega meu mamilo entre o dedo e o polegar, rolando-o ameaçadoramente.

Eu tranco e balanço minha cabeça, sentindo-o apertar.

— Theo.

— Então, hein? — Ele ajusta e eu grito.

— Não mais. — Imploro. Oh Deus, eu não aguento mais dor. Agora não. Eu quero a última coisa que eu lembro de ser aquela explosão ridiculamente poderosa. — Por favor não. — Eu aterrisso um olhar nivelado sobre ele, esperando além da esperança que isso funcione.

Ele ergue a sobrancelha.

Eu desmorono, derrotada.

E então ele se agarra ao meu mamilo e morde. Difícil.

— Porra! — Eu caio debaixo dele, enfurecida. — Theo, pelo amor de Deus, eu... — engulo minhas palavras quando ele começa a

chupar ao mesmo tempo em que enfia os dedos em mim. – Oh. — Eu afundo no colchão, como massa nas mãos dele. Ou como massa de vidraceiro em sua boca. Que agora está beijando no meu estômago, lambendo e mordiscando enquanto vai eventualmente chegando ao ápice das minhas coxas. Eu olho para baixo, assim quando Theo remove os dedos e olha para cima. Seus lábios sorriem. E maldição, o mesmo acontece comigo. Eu não deveria estar sorrindo. Eu deveria estar furiosa.

— Vou chupar seu próximo orgasmo de você, Izzy.

Eu irei novamente.

— Eu estou com fome. — Ele beija o interior da minha coxa e eu o sinto sorrir contra a minha carne.

Fecho os olhos enquanto ele lambe o vinco sensível da linha do meu biquíni.

— Oh bom Deus. — Minha cabeça vai explodir.

Tenho certeza que ouço o bastardo sádico rir levemente.

— Eu serei o que você quer que eu seja. Seu deus, seu príncipe, seu cavaleiro, seu rei. — Ele bate a boca sobre o meu núcleo e suga vorazmente.

Eu grito e puxo meus braços contra as restrições, meus pulsos queimando do atrito que estou infligindo a mim mesma.

— Theo!

— Continue gritando, Izzy.

Meu peito se convulsiona com o resto do meu corpo enquanto ele bate, chupa e me beija.

— Eu vou gozar.

Eu posso sentir essa pressão descendo novamente, fazendo com que toda a tática torturante que ele adote valha a pena.

— Não, você não vai.

Ele se afasta e meu orgasmo se desvanece. Eu grito, cambaleando para fora da cama como uma louca. Quando eu me libertar, vou matá-lo! Sua boca retorna, lambendo minhas dobras, explorando avidamente, suas mãos agarrando meus peitos e massageando com a mesma urgência. Meu clímax em construção ressuscita, e eu começo a girar meus quadris para ajudá-lo, ofegando para lá. Mas então ele se afasta novamente e eu choramingo em desespero.

— Você quer vir, querida? — Ele pergunta, subindo a cama para encontrar meu rosto, apertando minhas bochechas e forçando meus olhos a abrirem.

Meus músculos internos estão pulsando insuportavelmente, implorando por ele.

— Seu desgraçado. — Eu respiro.

Ele sorri para mim e me beija com força nos lábios. Apesar de tudo, eu abro minha boca, minha língua correndo para encontrar a dele. Ele se afasta quando eu gemo e empurro os punhos que estão presos no colchão em ambos os lados da minha cabeça. Voltando pelo meu corpo, ele espalha minhas coxas até que elas puxam as

correias e não podem ir mais longe. Então ele está em mim, e embora eu tente não ser vítima de suas táticas malignas de novo, eu me vejo me contorcendo, gemendo e fechando os olhos em êxtase mental.

Que se constrói, e eu queimo mais uma vez, as alturas do meu prazer são claras nas vibrações do meu corpo. Eu não posso controlá-los. Estou à mercê da boca de Theo e da necessidade do meu corpo por ele. Eu nunca me senti tão perto da loucura e feliz ao mesmo tempo, imaginando o caminho que ele vai me enviar. Porque é com ele. Theo é quem decide.

Sangue corre em meu clitóris, preparando-se para explodir.

E ele se afasta novamente.

Eu choro, lágrimas brotam dos meus olhos.

— Por favor. — Imploro em voz baixa. — Por favor, por favor, por favor. — Eu viro meu rosto na minha axila e me escondo.

— Aqui está, baby. — Ele passa a língua pelo meu clitóris, me puxando de volta da beira da desolação e me empurrando para a borda do êxtase. — Pegue. — Ele roda lentamente, e eu explodo, minha coluna se estica violentamente, as correias cortando meus pulsos e tornozelos. O prazer que me rasga é implacável, e assim que eu estou prestes a gemer, os lábios de Theo encontram os meus, a ponta de seu polegar encontra meu clitóris e esfrega suavemente quando eu vou a sua boca como se eu nunca pudesse provar ele de novo.

Ele aplica pressão onde eu preciso, meu rosto acariciando-o para longe e enterrando-se na curva de seu pescoço, meus músculos se espasmando quando eu desço do meu clímax. A frustração e a

provocação só tornaram tudo mais intenso e poderoso quando ele finalmente me deu o prazer. Eu suspiro feliz.

— Obrigada.

Ele levanta a cabeça e olha para mim, afastando as ondas úmidas da minha testa, em silêncio por vários longos segundos antes de falar.

— Você é incrível. — Ele diz suavemente, passando as pontas dos dedos sobre a minha bochecha enquanto ela aquece sob o seu toque. E quando seus olhos cobalto pousam nos meus, meu mundo não fica de cabeça para baixo dessa vez. Ele se estreita em um túnel, condensando tudo, fazendo com que o que precisa ser visto seja muito claro. Theo. Só ele.

— Você é religioso? — Eu pergunto baixinho, olhando para o rosário em seu ombro.

Ele se vislumbra como se precisasse de um lembrete da arte de decorar seu corpo.

— Não.

— Então por que todos os símbolos religiosos?

— Deus perdoa a todos. — Ele diz pensativo. — Mesmo que eles não tenham obedecido às regras dele. Eles estão lá para me lembrar... — Ele faz uma pausa por um momento. — Que eu quebrei as regras dele.

Minha mente começa a galopar quando minha próxima pergunta está pendurada na minha língua. Eu penso, me pergunto de que regras ele está falando, mas quando seus olhos endurecem,

eu puxo de volta a minha pergunta, embora minha curiosidade ainda seja excessiva. Eu posso dizer, pelo olhar em seu rosto, que não iremos para lá. Então eu vou para outro lugar.

— Você me amarrou porque estava preocupado comigo tocando em você?

Theo sorri quando ele alcança minhas amarras e lentamente começa a desvendá-las.

— Eu sou hipersensível para a maioria das pessoas ao meu redor, Izzy. Você mais ainda. Cada movimento que você faz, eu vejo isso chegando. Mas estou preocupado que, na cama com você, não tenha essa vantagem.

Ele deixa meus braços caírem, e eu trabalho um pouco de vida neles enquanto ele se abaixa e cuida dos meus pés. Quando estou livre, eu me sento, trazendo meus joelhos ao meu queixo e enrolando meus braços ao redor deles. Ele envolve as correias em bobinas perfeitas enquanto me observa na cama.

— Você está bem?

Eu aceno um pouco, mesmo que não esteja. Eu nunca posso tocá-lo quando formos íntimos? Eu não posso acariciá-lo ou acariciar seu belo corpo? A perda de repente me bate forte, e eu olho para longe da magnífica visão nua de Theo.

— Izzy? — ele pergunta, incomodado. — Conte-me

— Estou bem. — Eu forço um sorriso, limpando sua preocupação, e me levanto da cama, procurando minhas roupas, vou encontrar Jess. Eu nunca vou conseguir senti-lo? Quanto mais penso

nisso, mais devastada sou por isso. Ele não confia em si mesmo. Por quê? Ele sabe quem sou eu. Ele saberá onde estou.

Eu faço dois passos antes que minha fuga seja interrompida por uma grande palma em volta do meu pulso.

— Izzy, espere — ele ordena gentilmente, me puxando um pouco para trás, embora eu mantenha meu foco na porta. — Eu já disse que preciso de um ambiente controlado. — Ele me lembra gentilmente, segurando-me no lugar.

— Eu sei disso.

— Não é por escolha.

— Eu nunca posso te tocar na cama. Quando somos íntimos eu quero ser capaz de sentir você. — Eu soltei tudo e ouvi seu suspiro logo depois. Ele me vira para encará-lo, levantando-me dos meus pés com um braço ao redor da parte inferior das costas, usando a outra mão para pegar as minhas e colocá-las em seus ombros, um por um. Então ele se deita na cama, me arrumando ao seu lado. Minhas sobrancelhas franzidas, imaginando o que ele está fazendo e por quê. Tudo é muito organizado.

Ele desenha círculos na minha bochecha.

—Se você quiser deitar na minha cama comigo, então você pode.

— E se eu me mover no meu sono? Você mesmo estará dormindo. Você não vai saber.

— Eu não vou dormir. Eu nunca fui um grande dorminhoco. Eu não vou mentir para você. Prestarei atenção em você. E se você se

mover ou se mexer ficará plenamente consciente disso, acredite em mim.

— Você precisa dormir. — Ele é uma máquina.

— Dormir, quando eu poderia olhar para você a noite toda? Decisão fácil, Izzy.

Como eu não poderia me emocionar ouvindo isso? Mas...

— Eu vi sua equipe. — Eu começo, observando enquanto ele franze a testa, obviamente se perguntando onde estou indo com isso. — Eles saem do seu caminho, nunca chegam perto demais.

— Eles me conhecem bem.

— Mas eu não.

— O que você quer saber?

— Por que você me caçou?

— Caçar? — Ele arregala os olhos fingindo surpresa. — Você me faz soar como um animal.

Eu rio baixinho. Ele só me pegou com essa

— Por que eu?

Ele sorri suavemente.

— Eu tenho que me preparar para o toque de alguém. Cerrar meus dentes e segurar minha respiração. Faz minha pele arrepiar, mas quando você pegou minha mão no beco naquela noite, minha pele não arrepiou. Isso formigou.

— Mas você ainda não gosta.

— Oh, eu amo isso, confie em mim. Mas eu não confio em mim mesmo, Izzy. Minha reação está fortemente enraizada em mim. Eu não posso evitar.

— Reação?

Ele encolhe os ombros.

— Eu não gosto de ser tocado.

Tenho a sensação de que ele não vai expandir isso, então eu faço outra pergunta.

— Por quê?

— De quem você tem medo? — Ele responde, evitando a minha pergunta e me batendo com a sua.

Eu tento o máximo para que eu não fique tensa. Eu falho terrivelmente, meus músculos doendo em um instante sob a pressão de sua pergunta. Ele já descobriu que alguém me machucou. Eu não posso me aventurar em meu passado doloroso novamente.

— Diga-me. — ele exige, nivelando um olhar expectante em mim, sua mão descendo até a minha barriga e circulando sobre as minhas cicatrizes.

Eu me encolho e balanço minha cabeça, indicando que não estou preparada para ir para lá, assim como agora sei que ele não vai me favorecer.

— Eu preciso ir encontrar Jess. — Murmuro. Ele não me empurra e sou grata. Eu posso viver sem seus segredos, se ele puder viver sem o meu.

Theo me aperta um pouco antes de me levantar.

— Então eu vou te levar de volta. — Soltando-me, me sinto um pouco perdida, ele dá um passo para trás e indica do outro lado do quarto para o banheiro. — Sirva-se, tome um banho.

Eu sorrio e pego minhas coisas antes de correr pelo carpete macio e fechar a porta atrás de mim. Eu deixo cair minhas roupas no chão e caio contra a porta, cobrindo meu rosto com minhas mãos. A dor carente me dominando parece sufocante. Eu não acabei de mergulhar um dedo no mundo de Theo. Eu mergulhei de cabeça.

CAPÍTULO

Nove

Quando ligo para Jess, ela me diz que estão no bar Chandelier, no Cosmopolitan, alguns hotéis na Strip. Não há necessidade de Callum me levar de volta, e vejo desapontamento e preocupação no rosto de Theo quando digo a ele.

— É uma caminhada curta, — digo, enquanto ele me acompanha até o elevador. — Eu estarei lá em alguns minutos.

— Vegas não é um lugar onde uma mulher jovem deveria estar perambulando sozinha. — Ele pega o botão de chamada e endireita a jaqueta. — Eu vou acompanhá-la.

— Você diz isso como se eu fosse décadas mais jovem do que você. — Eu penso, olhando para ele quando o sinto me olhar de lado.

— Vá em frente. — Ele diz, curvando os lábios. — Me pergunte.

— Quantos anos você tem?

— Trinta e um. Você?

Eu sorrio encantada.

— Vinte e sete. — Devolvo meu foco para frente e pego seu pequeno sorriso no reflexo das portas espelhadas. Eu o devolvo até ele balançar a cabeça um pouco, olhando para baixo.

— Izzy White. — Ele suspira, assim que as portas se abrem.

Eu olho para Theo, não querendo entrar ao mesmo tempo que ele e colidir com seu grande corpo. Ele acena para eu liderar, o que eu faço rapidamente, seguida por Theo. O elevador para em alguns andares no caminho, mais pessoas embarcando. Enquanto Theo se move para a parte de trás do elevador, eu o observo, imaginando o que aconteceria se qualquer uma dessas pessoas o pegasse inesperadamente no braço. Eu posso ver que ele está saindo do seu caminho para garantir que isso não aconteça, com os olhos arregalados e observando atentamente.

Quando as portas se abrem, ele espera que todos saiam antes de dar um passo à frente, mas alguém que espera do lado de fora do elevador começa a entrar. Theo se move rapidamente, inclinando-se para trás para perder o braço agitado da pessoa correndo para dentro.

Eu olho atordoada.

— Isso foi um movimento rápido, — digo, esperando que ele se junte a mim. Sua mão surge entre nós, mostrando-me a palma da mão antes que ele lentamente a leve para a parte inferior das minhas costas e me empurre.

— Eu tenho muita prática. — Ele diz baixinho, pela primeira vez me fazendo pensar se um dos muitos deveres de Callum é protegê-lo de ser tocado. Seu guarda-costas. Parece ridículo, mas, como Theo não me contou a consequência de um toque inesperado, não posso avaliar o nível de seriedade.

Saímos do hotel e andamos pelo longo caminho curvo, passando pela famosa fonte, meu instinto me colocando perto dele, para que ninguém que estivesse de pé ao lado das barreiras de

concreto que admiram o show pudesse acidentalmente derrubá-lo. Ele olha para mim e sorri como se estivesse a par da minha intenção.

— Eu não posso acreditar que você veio até aqui. — Eu penso, acomodando-me ao seu lado quando ele envolve um braço em volta dos meus ombros.

— E só para passar a perna também.

Eu rio alto e olho para ele, provavelmente mais sonhadora do que quero parecer.

— Negócios. — Lembro a ele.

— Oh sim. Negócios em primeiro lugar, é claro.

Eu balancei minha cabeça para mim mesma. Eu sou o negócio.

— Bem, espero que o *negócio* valha à pena.

— Foi mais do que valer a pena. — Ele diz ironicamente, voltando sua atenção para frente e se movendo para o lado quando um turista armado com uma câmera se aproxima de nós. Theo nos deixa no caminho novamente quando o caminho está limpo. — Mas me faça um favor. — Acrescenta ele.

— O que?

— Não deixe meu negócio usar aquele maiô pequeno de novo. — Ele me lança um olhar de desaprovação e eu rio. Ele é um homem inteligente. Depois de ver meu estômago, ele sabe muito bem por que eu usei aquele maiô em particular, embora ele não esteja deixando sua descoberta desviar sua desaprovação. Eu não sei por que isso me faz feliz. — A resposta é. *Sim, Theo*.

— Sim, Theo. — Eu rio, sentindo-o me cutucar de brincadeira.

Nossa curta caminhada até o Cosmopolitan é confortavelmente tranquila e muito fascinante. Ele atravessa as multidões habilmente, mantendo-me perto, não apenas garantindo que ninguém o toque, mas também que ninguém me toque. Quando chegamos às grandes portas de vidro, ele as abre para mim e coloca uma palma na minha bunda quando eu passo por ele. Eu me viro para encará-lo uma vez que estamos no hall, meu jeito de dizer a ele que vou ficar bem daqui.

Ele está a poucos metros diante de mim, com as mãos nos bolsos, os olhos azuis me olhando com cuidado.

— Vou sair de manhã cedo. — Ele diz baixinho, quase com pesar. — Então você pode voltar para suas férias de menina.

Concordo com a cabeça, embora por dentro eu possa sentir um vazio se formando.

— OK.

— Ligue para mim. — Ele diz, embora eu não o confunda como um pedido educado. Eu estarei desesperada para vê-lo quando chegar em casa, de qualquer maneira. Como temido, ele tem um domínio físico agora, e eu não quero que ele me deixe ir. Eu quero mergulhar nele, me enterrar em seu enorme peito e jogar meus braços em volta do seu pescoço, mas sei que não posso fazer isso sem convite. E como ele leu minha mente, ele tira as mãos dos bolsos e abre os braços para mim. A força magnética dele me puxa direto para o seu abraço sem um momento de hesitação.

— Obrigada pelo... jantar. — Eu franzo a testa em seu ombro enquanto eu estou na ponta dos pés para colocar meus braços em volta do seu pescoço, sentindo-o sorrir contra o meu ouvido.

— Obrigado por se inclinar à minha vontade. — Ele responde alegremente, e eu também sorrio perdida no conforto de seu abraço apertado, seu corpo maciço cobrindo completamente o meu. — Divirta-se, querida. — Ele bate no meu traseiro, e eu relutantemente me liberto dele, perdendo o calor no segundo em que não estamos mais nos tocando. Eu não quero me precipitar, mas tenho certeza que o comportamento de Theo e o jeito que ele está olhando para mim são sinais do desânimo que estou sentindo. Eu honestamente não quero que ele vá.

— Eu vou te ligar. — Eu giro em meus calcanhares e corro para as escadas rolantes, não querendo prolongar o desafio de deixá-lo. Estou arrancando a bandagem em vez de puxar devagar. Eu dou uma espiada por cima do meu ombro assim que eu alcanço o topo das escadas rolantes, encontrando-o no fundo ainda, me observando ir. Eu sorrio e levanto minha mão e dou— lhe um pequeno aceno, e Theo espelha-o. Então Callum aparece, chegando a ficar a poucos metros de distância de Theo. E eu percebo, ele provavelmente esteve em segundo plano o tempo todo.

Eu dou a Theo um último sorriso antes de me afastar, respirando fundo e saindo da escada rolante, lembrando-me porque estou aqui. Eu encontro Jess no bar com Kyle, embora Denny não esteja à vista.

— Ei. — Eu digo, pulando para um banquinho ao lado deles.

— Izzy! — Jess canta, acenando para o barman. — Oh meu Deus, o que aconteceu?

— Muito para contar agora. — Eu rio.

— Cosmo, por favor. — Jess diz ao barman antes de me dar sua atenção total novamente. — Conte. Agora.

Eu olho para Kyle, cautelosa, e ele ri, indicando por cima do ombro.

— Preciso do banheiro dos homens.

Eu sorrio grata pela privacidade, embora eu duvide que ele vá embora por tempo suficiente para eu explicar tudo.

— Obrigada. — Eu digo enquanto ele se afasta, deixando-me à mercê da curiosidade furiosa da minha amiga. —Merda, Jess. — Eu respiro, caindo sobre o bar.

— Aqui, beba. — Ela empurra um copo para mim e eu aceito com prazer, tomando um longo gole. — Puta merda, Izzy. — Jess deixa escapar, e eu olho para fora do canto do meu olho para ela, meu copo ainda em meus lábios. Eu a encontro olhando para o meu pulso, e olho para baixo, me encolhendo, sabendo o que vou ver. Marcas vermelhas. Não muito marcada, mas óbvia. — Que diabos? — Ela lança um olhar horrorizado para mim.

— Ele... — Eu paro, imaginando se devo compartilhar as razões para Theo me amarrar.

— Ele te amarrou? — Ela pergunta, se aproximando, com fome de sujeira.

Eu aceno e engulo mais.

— Braços e pernas.

— Eeee! — ela grita. — E você gostou?

Eu posso ver a esperança nela. O desespero por eu ter feito sexo por razões saudáveis, o que é realmente risível, dado *que* eu acabei de fazer sexo. Mas a verdade é que adorei cada momento. Até as táticas de provocação e tortura que Theo adotou. A dor que se transformou em prazer.

— Foi muito alucinante. — Eu sussurro, e ela sorri tão brilhante.

— Você descobriu mais sobre ele?

Eu contemplo isso por um momento. Ele não me disse exatamente muito, embora eu ache que o conheço muito melhor depois de uma porra de uma sessão suja.

— Ele tem trinta e um. — Eu começo com a informação mais simples.

— O que ele faz para viver?

— Eu não sei.

— Você não perguntou?

— Não. — Eu me viro para o bar. — Nós realmente não falamos sobre esse tipo de coisa.

— Então o que?

— Ele deduziu que eu fugi de alguma coisa.

— Você contou a ele?

— Não. Assim como ele não me disse por que ele não gosta de ser tocado.

A testa de Jess se enruga em questão.

— Ele não gosta de ser tocado?

— Não.

— Por quê?

Eu dou de ombros.

— Eu não sei. Ele precisa de ambientes controlados. Ele diz que é hiper consciente de mim. Dos meus movimentos, mais do que de qualquer outra pessoa.

— Uau. — Ela respira. — Ele tem fobia? Talvez pele sensível ou algo assim?

Eu balancei minha cabeça, pensando muito.

— Ele pode me tocar. Ele pode tocar em qualquer coisa. Mas nada pode tocá-lo. Mas sempre que eu perguntava sobre isso, ele se fechava. Ou respondia com uma pergunta que eu realmente não queria responder.

— Então vocês dois estão quebrados. — Ela estremece seu rosto apologético. — Eu não quis dizer isso como soou.

Eu sou rápida para tranquilizá-la.

— Eu sei.

Estendendo a mão, ela dá um aperto no meu braço e eu sorrio de volta.

— Você estava falando sério quando disse que o pau dele é assim?

— Ele estava ouvindo. Eu não queria inflar seu ego. – Eu ri.

— Então é grande? — ela pergunta, animada. É ridículo. Deveríamos nos interessar mais pelo fato de Theo me amarrar e *por que* ele me amarrou.

— Muito. — Confirmo incapaz de mentir. — E ele sabe como usá-lo. — Eu saio em minha mente, de volta para o quarto da suíte de Theo, vendo-me contorcer e implorar sob sua atenção. O homem é totalmente irresistível.

Jess afunda em seu banquinho, tomando sua bebida, dando um gole pensativo.

— Uau, Izzy. Poderia ser sério?

Sua pergunta me faz uma pausa.

— Eu não sei. — Eu respondo honestamente. Quão sério poderia ser completamente e totalmente consumida por alguém?

CAPÍTULO

Dez

Eu senti que devia dar a Jess o resto de nossas férias, tudo depois de desaparecer dela. Eu devo isso a mim também. Theo aparecer do nada me desequilibrou, mais do que eu já estava com ele apenas tendo uma presença em minha mente. Mas não posso negar o quanto estou apaixonada por ele. Completamente viciada.

Ao longo dos últimos dias, tomamos banho de sol, bebemos, conversamos constantemente e saímos para visitar o maior número possível de hotéis na Strip. Coquetéis no Caesars Palace, jantar no Aria e alguns espetáculos fascinantes. Comemos o tempo, mas também me distraiu de Theo. Finalmente, posso dizer que minhas primeiras férias de menina foram tudo o que deveria ser, e o que eu sonhei que seria. Nós não vimos muito de Denny, mas Kyle tem mantido companhia regular conosco. Eu não posso ficar irritada com isso, já que Jess foi tão compreensiva sobre a minha situação inesperada. Além disso, Kyle era muito divertido. Boa diversão extra para Jess, julgando pelo sorriso em seu rosto quando eles voltaram para a piscina depois de se esgueirarem por uma hora ontem.

É a nossa última noite em Vegas. Quando eu pego minha bolsa e vou para encontrar Jess, eu contemplo o estado de espírito que ela pode estar. Ela foi até o saguão há uma hora para se despedir de Kyle, que está voltando para a Geórgia. Eu a encontro no bar, e quando eu sentei minha bunda em um banquinho ao lado dela e pedi minha bebida, eu dou uma olhada na minha amiga, encontrando-a sorrindo através do bar. Eu olho e vejo um cara alto e loiro.

— Estou com saudades então. — Brinco, esfregando o ombro dela confortavelmente da maneira mais sarcástica.

— Quem? — Ela olha para mim seriamente.

Eu endireito meus lábios e pego sua bebida, entregando a ela.

— Deixa pra lá.

Ela revira os olhos e mergulha em seu copo.

— Uma aventura de verão, Izzy. — Ela dá uma olhada determinada para mim. — É a nossa última noite. Vamos ter Vegas em grande estilo. — Agarrando o copo dela, ela vira a dose e me olha em instrução para seguir que eu faço de boa vontade. Nós duas ofegamos e batemos nossos copos vazios, depois saltamos de nossos bancos. Ligando seus braços aos meus, ela nos leva em direção ao andar do cassino.

***

Nós realmente estamos vendo Vegas em grande estilo. Eu não tenho ideia do que estou fazendo, mas toda vez que beijo os dados, o cara ao meu lado rola o que aparentemente precisa para ganhar uma pilha de dinheiro. Então, eu continuo beijando os dados, enquanto estou sendo manipulada com álcool pela garçonete cuidando da mesa.

— Você está pegando fogo, Izzy! — Jess declara, enquanto todos ao redor da mesa riem.

Eu dou de ombros e beijo os dados mais uma vez quando eles estão sob o meu nariz, enquanto Jess desliza ao lado de um homem sul-africano na mesa.

Sim, ela está realmente sentindo falta do Kyle. Eu, no entanto, realmente sinto falta de alguém. Eu sorrio incapaz de parar o sentimento quente e confuso do conhecimento que eu vou vê-lo novamente. Afastar-me dele no hall do Cosmopolitan foi mais difícil do que deveria ter sido. O que vai acontecer quando eu chegar em casa? A perspectiva me excita e me assusta.

Todo mundo começa a torcer de novo, me tirando dos meus pensamentos, e eu pisco e olho para a esquerda, encontrando o homem cujos dados eu tenho beijado durante a última hora e que está sorrindo para mim.

— Eu não sei de onde você veio, mas você não está deixando esta mesa.

— Na verdade, eu preciso ir ao banheiro das senhoras. — Eu digo, colocando meu copo vazio em uma borda próxima. — Dê-me dois minutos. — Eu corro para o banheiro mais próximo.

Depois de lavar minhas mãos e refrescar meu batom, me viro para voltar para a mesa, Jess bate à porta.

— Ei, você está bem? — Pergunto enquanto ela corre para um cubículo e fecha a porta.

— Sim, você me fez precisar fazer xixi também.

Eu sorrio e decido adicionar um pouco de blush enquanto espero por ela. Eu ouço a corrente clicar e volto minha atenção para a entrada do banheiro feminino quando alguém entra, recuo quando eu encontro um homem, o cara cujos dados eu tenho beijado a noite toda.

— Hum, os homens estão do outro lado. — Eu rio, mas ele não. Na verdade, sua mandíbula está bem apertada.

— Volte para a mesa.

— Desculpe? —Meu pincel de blush faz uma pausa no meio do meu rosto enquanto ele se aproxima, ficando muito perto.

— Você disse dois minutos. Você teve cinco.

Ele paira sobre mim hostilmente. Ele está jogando um jogo de intimidação estúpido? Por um segundo, funciona, e meu batimento cardíaco irritantemente pega. Mas logo eu ordeno de volta para baixo para estabilizar. Eu vivi na ponta da faca por muito tempo. Eu me recuso a deixar este idiota me intimidar. Eu me movo para passar por ele, pronta para pegar Jess e sair daqui.

— Whoa, mocinha. —Meu caminho está bloqueado, e ele segura meu braço, segurando-o com firmeza demais para ser amistoso, e minha postura firme vacila, flashbacks desgraçados ameaçando se aproximar. Deus me amaldiçoe. *Mocinha?*

— Tire suas mãos de mim. — Eu disse, determinada a não deixar minha vulnerabilidade aparecer. Nunca. Puxando meu braço do seu aperto, eu dou um passo para trás. — E saia do maldito banheiro feminino, *seu verme*. — Uma névoa vermelha irritada

começa a distorcer minha visão, e eu pisco para limpá-la, bem a tempo de vê-lo saltar para trás e bater na plataforma. *Que diabos?*

Callum aparece, acenando para mim uma vez, sua mandíbula apertada e contraindo-se.

— Você está bem? — Ele pergunta, dividindo sua atenção entre mim e o homem que ele acabou de abater.

Eu só posso assentir minha boca seca quando Jess sai do cubículo, puxando seu vestido para baixo, obviamente ansiosa para descobrir o que está acontecendo. Eu pego o homem no espelho se levantando, e eu levo alguns segundos lentos para registrá-lo alcançando o bolso da calça. Ele puxa uma faca, e o brilho da lâmina sob as luzes me tira da minha inércia.

— Callum!

Eu grito, observando enquanto a lâmina desliza pelo ar em direção ao peito do amigo de Theo. Ele se esquiva e pega o braço do homem, batendo nas costas, a faca bate no chão com um barulho alto. E então há uma arma apontada para a cabeça do homem. *Uma porra de uma arma. Claro que ele tem uma maldita arma.*

-mesmo? — Callum se agita, jogando o homem de volta ao chão, mantendo a arma apontada para ele. — Você tem cinco segundos para dar o fora daqui antes de eu decorar este banheiro com o seu cérebro. — Ele diz tão calmo quanto parece.

— Oh meu Deus. — Jess respira.

— Um... — diz Callum calmamente, levando o homem a sair correndo do chão, em pânico. — Dois... — Ele tropeça algumas vezes

ao sair do banheiro, constantemente olhando para trás. – Três... — diz Callum ameaçadoramente, abaixando a arma para o lado e observando enquanto o homem cambaleia e tropeça em seu caminho. – Quatro... — Não posso ter certeza, mas imagina que os olhos de Callum estão rindo. O homem contorna a esquina e desaparece de vista antes que Callum chegue a cinco.

O humor que eu detectei em seus quentes olhos castanhos se foi no momento em que eles pousam em mim e em Jess. Eu murcho no local sob sua desaprovação, mas rapidamente deixo minha espinha me puxar de novo quando o choque de sua chegada do nada finalmente entra.

Eu dou um passo à frente, firme e forte.

— Você esteve aqui o tempo todo, não esteve? — Eu pergunto, considerando-o com cuidado. — Theo disse para você ficar de olho em mim.

Seu rosto é inexpressivo.

— De nada. — diz ele categoricamente, indicando a saída.

Fico muda, parte impressionada, mas principalmente louca.

— De nada? — Eu começo a rir. Ele tem meu nervo. — Eu posso cuidar de mim mesma.

— Parecia.

Meus dentes apertam quando eu agarro o braço de Jess e começo a levá-la para fora do banheiro, puxando-a para frente toda vez que ela olha para trás.

— Ele acabou de salvar nossas vidas. — Ela murmura sonhadora. — Ele é meu Theo.

Meus ombros caem.

— Um raio de uma arma e você é de alguém. — Resmungo, arrastando-a enquanto Callum nos conduz pelo cassino. Ele até entra no elevador conosco, levando-nos até o nosso quarto. Muito gentil da parte dele.

Uma vez que entramos e Jess termina com seu ser sinistro por alguns momentos, eu aceno um agradecimento educado e fecho a porta, trancando-nos em segurança dentro quarto.

Jess vai para a cama com um suspiro enorme, não tão chocada como deveria estar depois de ver Callum sacar uma arma. Eu deixo cair minha bolsa no chão, desfazendo-me do vestido e jogando no armário.

— Tão romântico. — Ela pensa, olhando para mim puxando uma camiseta. — Theo realmente o fez vigiar você. Eu não posso acreditar.

Minha amiga parece ter perdido o fato de que também é quase irracional. Eu rastejo para a cama e programo meu despertador para as oito da manhã, fazendo o backup da chamada de alerta da Recepção.

— Não é um perseguidor em tudo. — Eu murmuro sob a minha respiração, virando-me para o lado, pensando. Ele tinha um dos seus homens em Vegas para me vigiar. O que há com isso? Eu só acabei de chegar a um acordo com o fato de ele ter aparecido aqui, e por *termos chegado a um acordo*, eu estou muito distraída com a atenção

dele para realmente pensar em como ele é louco. E agora ele está me fazendo ser seguida?

Estou prestes a começar a dividir tudo mentalmente na tentativa de racionalizá-lo quando meu telefone toca. Eu o desconecto do carregador e tenho um leve ataque de pânico quando vejo o nome de Theo brilhando para mim, ameaçador. Porra, eu deveria saber que Callum estaria relatando de volta para ele. Espere. Por que eu estou em pânico? Ele é o único que se comporta como um tipo de perseguidor perturbado e obcecado. É ele quem precisa ser colocado em seu lugar, não eu. Eu afundo no meu travesseiro e respondo.

— Theo.

— Izzy, — ele respira evidentemente aliviado, o que só me faz suspirar ao invés de lançar meu discurso pretendido.

Eu olho para Jess, encontrando-a sorrindo animadamente, empoleirada na beira da cama, intrigada com o que vai ser dito. Eu aceno uma mão em desprezo para ela, que ignora totalmente, acenando de volta.

— Antes de me dar uma palestra...

— O que diabos você estava pensando?

— Foi um pouco divertido. — Eu argumento, mas meu tom é suave. Calmante. Tentando colocá-lo em seu lugar. Em vez disso, estou me vendo naturalmente tentando aliviar sua preocupação injustificada. — Eu estava beijando dados, isso é tudo. Ele parecia um cara legal.

Ele definitivamente rosna baixinho, e agradeço aos céus que Theo não estava no cassino. Esse cara teria sido exterminado em um flash.

— Sabe o quanto achei difícil te deixar em Vegas?

E agora estou sorrindo. Deus, ele é como um sedativo, uma potente poção que é a cura para tudo.

— O suficiente para ter Callum ficando para me espionar.

— Espionar não, querida. Só para ter certeza de que você chegará em casa para mim em segurança.

Oh Deus. Eu lanço meus olhos para Jess, me perguntando se ela está detectando o derretimento do corpo acontecendo aqui. Chegar em casa para ele. Isso parece tão certo, mesmo com o conhecimento de armas e um pouco de perseguição leve.

— Acho que isso significa que você está consciente de meus crimes com roupas de banho.

Theo ri baixinho, o som familiar e profundo acendendo um fogo na minha barriga, fazendo-me desejar que ele estivesse aqui. Ou eu estivesse lá. Por mais irracional que seja, senti a falta dele nos últimos dias. Agora estou doendo com a necessidade de vê-lo.

— Você adivinhou certo. — Ele diz baixinho. — Vamos falar sobre punições quando estiver em casa. Está na cama?

Eu me viro para o meu lado, minha cabeça afundando no travesseiro.

— Sim. Fale comigo até eu adormecer. — Eu ordeno com um bocejo.

— Jess está aí? — Sua voz é subitamente áspera.

Só isso tem minhas coxas apertando.

— Sim.

— Então eu acho que isso limita a minha margem para desgastar você.

Oh! Eu olho por cima do ombro para ver Jess desaparecer no banheiro.

— Você poderia fazer isso por telefone? — Eu pareço tímida e ele ri levemente.

— Eu sinto que posso me conectar com você telepaticamente, Izzy. É assim que sinto em contato com você.

Deus, ele está em forma esta noite, dizendo todas as coisas certas. Sinto que ele não está feliz com os acontecimentos no cassino, mas também sinto que está mais aliviado do que louco.

— Theo?

Eu digo, olhando para o teto, imaginando como eu poderia fazer a próxima pergunta.

— O que?

Hesito por um breve momento antes de decidir que há apenas um caminho. Eu preciso saber.

— O que vai acontecer quando eu chegar em casa? — Tem sido jogado em minha mente, desde que ele me amarrou na cama e choveu devoção em cima de mim, embora em seu pequeno caminho. Não diminuiu nada da minha fome por ele. Se alguma coisa, foi multiplicado por um milhão. — Além de você me punir por meus crimes de uso de maiô, quer dizer.

Theo ri levemente, mas hesita, e eu o vejo em minha mente, roçando o dedo indicador sobre os lábios, pensativo.

— Nós aconteceremos. — Ele finalmente diz simples e direto ao ponto. Exceto que não tenho certeza do que *somos*.

— O que *nós* seremos?

— Na verdade, eu não sei. — Ele suspira. — Mas estou ansioso para descobrir isso. Se você estiver feliz em vir para o passeio. Você está feliz, Izzy? Você quer explorar o que *nós podemos* ser?

Tenho certeza que o ouço respirar, como se estivesse prendendo a respiração, esperando pela minha resposta. Mas não posso ter cem por cento de certeza, porque respirei fundo ao mesmo tempo. *Explorar-nos.* Eu tive um vislumbre do que eu posso esperar, e apesar de desafiar o que eu sei e esticar minha imaginação além do que eu pensava ser capaz de imaginar, tenho certeza de que quero me aventurar lá novamente. Porque será com Theo.

— Eu quero. — Eu respondo baixinho, sorrindo quando ouço sua expiração. — Eu quero. — Confirmo.

— Você não vai se arrepender. — Sussurra Theo. — Eu prometo.

— Eu acredito em você. — Eu sinceramente faço. Se eu pudesse vê-lo, sei que ele estaria sorrindo. Eu amo seu sorriso. Suavidade na dureza. Luz no escuro.

— Bom. Agora durma um pouco. Estou ansioso para vê-la. — Ele desliga e eu deixo cair o telefone ao meu lado, olhando para a janela. E eu admito, não importa o quão maluco isso possa parecer, estou me apaixonando pelo estranho sombrio e ameaçador.

CAPÍTULO

Onze

— Puta merda. — Grita Jess quando saímos do aeroporto para o ar frio.

Eu tremo e puxo meu cardigã, olhando para o outro lado da estrada para verificar quanto tempo a fila está no ponto de táxi. Mas há alguém bloqueando minha visão.

— Callum. — Eu respiro. Claro que ele está aqui.

— Hey. — Jess canta, passando por mim. Ela deixa cair a sua bolsa aos pés de Callum e sorri para ele. — Nunca consegui agradecê-lo por salvar minha vida. — Ela jorra, começando a ficar inquieta quando seu rosto inexpressivo não se quebra. — Hum... assim... sim... — Ela tosse e franze a testa para mim, encolhendo os ombros quando eu balanço a cabeça em desânimo. – Obrigada. — Ela termina, parecendo murchar imediatamente.

— Eu não acredito que salvei sua vida. — Murmura Callum quando Jess pega sua bolsa e recua, voltando para mim em busca de apoio.

— Frio. — Ela murmura baixinho, desprezada.

Callum se inclina para pegar minha bolsa antes de pegar a de Jess de seu alcance. Ela não desiste facilmente.

— Eu consigo. — Ela responde, pegando de volta.

— Fique à vontade.

Callum recua se distanciando sem um pingo de aborrecimento e vai em direção ao Mercedes estacionada a poucos metros de distância. Eu sigo, olhando de volta para Jess arrastando sua mala atrás dela.

— O quê? — Ela pergunta, franzindo a testa.

— Quer alguma ajuda?

— Não.

Eu rio e continuo meu caminho, sorrindo meu agradecimento quando Callum abre a porta para mim.

— Estou curiosa — começo, enquanto seguro o topo da porta, com um pé no carro. — Como alguém passa uma arma na alfândega? — Callum sorri para mim, mas ele não responde. Ele apenas encolhe os ombros. Então eu continuo e faço outra pergunta que está vagando em minha mente. — O que Theo faz para viver?

Seu sorriso agora se foi, caindo rapidamente. O homem frio e sem expressão está de volta.

— Ele quer dizer isso a você, ele mesmo.

Eu não posso evitar o meu recuo e tento esfregar a sensação doentia no meu estômago. Ele quer me dizer pessoalmente? Isso não parece tranquilizador.

— Por quê?

Mais uma vez, Callum dá de ombros, sem responder, preferindo marchar até Jess e pegar sua bagagem. Minha mente corre, lembrando-me que há tanta coisa que não sei sobre Theo Kane. E tenho certeza que não vou gostar, assim como Theo disse.

— Ei, eu estava indo muito bem. — Jess fala indignada enquanto luta com Callum segurando-o.

— Eu cuido disso, mulher.

Eu penduro na porta, meus olhos indo e voltando entre os dois, observando-os lutar pela bagagem. Claro, Callum ganha facilmente, deixando Jess franzindo o cenho indignada enquanto ele literalmente joga sua mala no porta— malas e fecha a porta.

— Ei. — Ela chora. — Tenha cuidado, seu imbecil.

Callum e sua paciência obviamente esgotada, seus quentes olhos castanhos brilhando de frustração, sua mão vasculhando suas ondas loiras. Ele me lança um olhar exasperado e eu lhe dou uma desculpa.

— Ela está cansada. — Peço desculpas por Jess. — Mal— humorada.

— Deveria ter deixado aquele babaca tirar a insolência dela. — Ele diz, virando-se para Jess. – Entre.

— Não me diga o que fazer.

Eu suspiro tão exasperada quanto o amigo de Theo. Ela está sendo difícil apenas por causa disso. Não querendo perder a calma, Callum caminha até ela, pega o braço dela e a leva até o carro, ela fala e protesta o tempo todo, levantando a voz ao ponto de as

pessoas começarem a olhar. Eu entro no carro e fecho a porta, envergonhada, quando ela cai no banco ao meu lado.

— Babaca. — Ela cospe, jogando-se de volta no assento, rosnando e bufando por todo o carro.

— Você é uma princesa.

Ela zomba e arruma a bolsa no colo.

— Ele pode ser um cavalheiro quando lhe convier.

— Você chama segurar uma arma na cabeça de alguém de cavalheiresco? — Por que ela não está chocada? Eu tive um mini colapso quando encontrei pela primeira vez a arma de Theo.

Jess sorri, mordiscando o lábio inferior.

— Eu quero que ele segure uma arma na *minha* cabeça.

Seus olhos se fixam na parte de trás de Callum, e eu dou uma risadinha por dentro, apenas pegando o olho de Callum no espelho retrovisor. Ele parece um pouco desnorteado, provavelmente amaldiçoando Theo para o inferno e de volta por colocá-lo nessa.

***

A viagem do aeroporto é tranquila, embora eu sinta a tensão além do meu estado pensativo. *Nós aconteceremos.* Eu sorrio para mim mesma quando paramos do lado de fora do nosso apartamento, Callum leva nossas malas para o corredor.

— Aqui. — Ele me entrega uma caixa preta, presa com uma linda fita vermelha.

— O que é isso? — Eu pergunto, olhando para o cartão em relevo enquanto brinco com um dos comprimentos de fita. Depois de alguns momentos, em que Callum não responde, e eu olho para cima e o vejo entrando no carro. Jess está rapidamente nas minhas costas, tentando dar uma olhada no que está na minha mão.

— É dele? — Ela pergunta, seus olhos dançando com excitação. Não estou mais animada... estou apreensiva.

Eu me movo para a cozinha, Jess quente em meus calcanhares e me sento à mesa, colocando a caixa na minha frente. E eu olho para isso.

— Abra, então. — Jess cai em uma cadeira, empurrando a caixa na minha direção. — O que você está esperando?

Eu começo a morder meu lábio, sentando de volta. Há uma etiqueta na lateral, virada para baixo, então não consigo ver o que está escrito lá. Eu não sei por que estou tão nervosa. É só um presente. Mas o que poderia ser? Eu chego para frente timidamente, como se a caixa pudesse me morder e tiro a etiqueta. Eu tenho que inclinar a cabeça para ler

Bem-vinda à casa.

— Aww — Jess bate a mão sobre o coração, se aproximando de todos os sonhos. — Para uma coisa tão grande e assustadora, ele é muito romântico.

Eu sorrio para a caixa, curiosa e ainda muito apreensiva.

— O que você acha que poderia ser? — Eu pergunto, ainda evitando a pegar e rasgá-la.

— Oh, espere. — Ela diz, e eu olho para cima para ver seus olhos fechados, seus dedos em suas têmporas. E ela está cantarolando.

Eu dou um tapa no ombro dela.

— Tudo bem, espertinha.

— Abra.

Jess põe a caixa em cima de mim novamente e eu carrego meus pulmões com ar e começo puxando o arco bonito livre até que borbulha ao redor da caixa. Sacudindo meus olhos para Jess, eu sorrio quando ela me encoraja com um olhar impaciente. Eu tiro a tampa e olho para dentro, encontrando uma nota sobre uma pilha de cetim. Eu pego a nota e a desdobro, lendo as linhas que Theo escreveu:

Eu senti sua falta terrivelmente.

Entende isso?

Nem eu.

Eu espero que você aceite graciosamente.

Theo.

Meu maldito coração derrete no meu peito quando Jess arranca a nota da minha mão e jorra por toda a mesa, *Hooo* e *haaa*, sua mão de volta em seu peito.

— Ó meu Deus. — Ela suspira, observando quando eu alcanço dentro da caixa, sorrindo como uma louca. — Esse cara. — Ela aponta para minhas bochechas avermelhadas. — Jesus, Izzy, você está brilhando.

— Acabamos de sair do avião de Las Vegas -afirmo em uma tática boba de defesa que faz minha amiga gargalhar. Ela tem todo o direito. Eu estou bem e verdadeiramente zumbindo com o conhecimento que ele sentiu minha falta, minhas veias esquentando enquanto bombeiam sangue para meu coração acelerado. Pego o pacote embrulhado em cetim, coloco-o na mesa e começo a puxar cada canto para fora até que a folha de tecido de luxo esteja esticada sobre a mesa, revelando...

— Que diabo é isso? — Jess pergunta, inclinando-se perto.

Eu sou amaldiçoada se souber. Inclinando a cabeça, de repente com medo de tocar o objeto desconhecido, tento entender exatamente o que estamos olhando. Eu descobri que há algum tipo de pulseira, alinhada...

— Isso é veludo? — Jess chega para frente e passa um dedo ao redor da circunferência interna da braçadeira, e é então que eu percebo uma igual, colocada bem por baixo.

— Há dois.

— E há algum tipo de pulseira de ouro presa a cada um deles. — Ela pega uma, e nós duas assistimos enquanto ela a levanta lentamente.

Então eu percebo.

— Oh... — Eu respiro, recuando na minha cadeira.

A compreensão deve surgir em Jess uma fração de segundo depois, porque ela engasga e deixa cair a braçadeira na mesa.

— Oh meu maldito Deus. — Ela grita, levantando-se abruptamente. — É equipamento de submissão.

— São algemas. — Eu pego, brincando pensativamente. O couro do punho é macio, o forro de veludo é ainda mais macio, mas o aro grosso de ouro preso a ele é sólido e duro. — Ele está preocupado que ele me machucou quando me amarrou. — Eu caio em transe, continuando a estudar o acessório bonito, sentindo-o e deslizando-o sobre o meu pulso. Eu sorrio. — Ajuste perfeito. — Eu penso.

— Uau. — Resmunga Jess, voltando para a cadeira. — Você está se apaixonando por um sadomasoquista.

Eu rio, apesar de tudo. Sua declaração é grosseiramente imprecisa.

— Ele não é um sadomasoquista.

Ela me olha, seus lábios franzindo.

— Mas você *está se* apaixonando por ele?

Eu noto meu erro e começo a corrigi-lo, mas Jess levanta a mão para me calar antes que eu possa começar.

— Nós vamos chegar a isso em um minuto. Estou mais preocupada com isso. — Ela sacode o dedo para a caixa.

Eu pego o outro punho e coloco-os juntos na mesa, admirando-os.

— Ele não é um sadomasoquista. — Reitero, sabendo que estou certa. — Ele quer que eu use isso para que ele não possa me machucar. — Eu olho para Jess. — Ele está preocupado que eu vou tocá-lo e ele não estará preparado para isso durante... — Eu deixo minhas palavras desvanecerem e deixo Jess tirar a conclusão certa. Ela balança a cabeça, tanto em compreensão, *quanto* para eu continuar. — Os sentidos de Theo são intensificados com movimentos. Movimentos de outras pessoas. Eu acho que ele aprendeu a ser super consciente ao longo dos anos. Ele sempre pega minhas mãos antes que eu possa tocá-lo, e ele assume o controle do meu movimento, colocando-as onde eu pretendia. Ele diz que é hipersensível a mim e está preocupado que não tenha essa vantagem quando estivermos juntos na cama.

— Então você não pode tocá-lo quando você está... você sabe... Fazendo.

— Você é tão puritana. — Eu rio.

— Eu não sou. — Jess pega uma das algemas e a estuda. — Eu simplesmente não gosto de coisas bizarras.

— Não é bizarro. É uma necessidade. — Eu levo meu presente de volta e coloco-o na caixa. — Eu não posso tocá-lo em tudo. Pelo menos, não sem ele esperar e controlar isso.

Ela faz beicinho para si mesma, sua mente obviamente correndo. *Bem- vindo ao meu mundo, Jess.*

— Eu me pergunto o que aconteceria se...?

Minhas mãos vacilam o suficiente para ela perceber e concluir que estou tão curiosa sobre isso quanto ela está.

— Preciso desfazer as malas. — Deixo Jess na mesa e faço meu caminho para o meu quarto, caindo na cama com a minha caixa. E enquanto eu olho para o teto, eu sonho. Sonho acordada, espero e rezo para que, um dia, Theo se sinta à vontade para me dar rédea livre sobre seu corpo. Até lá, acho que deveria me acostumar a ficar amarrada.

CAPÍTULO

Doze

Pela primeira vez, não estou reclamando do calor no hospital. Eu não me aqueço desde que deixei Vegas. Deus, oito horas no trabalho e minhas férias parecem que ocorreram há séculos, e a vontade de derramar um pouco de água na cabeça de Jess esta manhã, quando ela arrogantemente pegou seu café antes de voltar para a cama, foi insuportavelmente difícil de resistir. Seu primeiro turno de volta ao trabalho é a troca da noite, vaca sortuda. Eu, no entanto, saía de casa às cinco e meia, mais ou menos soluçando meu caminho para o trabalho. Eu sinto que estou acordada há anos.

— Onde está aquele brilho naqueles lindos olhos verdes? — Mable pergunta enquanto eu solto sua bolsa de cateter.

— Na minha cama. — Eu gracejo. — Como você está se sentindo? Um a dez.

— Cinco. — Ela responde imediatamente, sibilando enquanto se desloca na cama. — Você vai me falar sobre Dallas ou não?

— Vegas. — Eu a corrijo, rindo. — Você gosta de cowboys, Mable?

Ela me dá um sorriso travesso. — Um homem que prefere montar um cavalo em vez de mim não está no topo da minha lista de desejos, querida.

Eu dou uma gargalhada, quase derrubando a sacola cheia de xixi.

— Você é uma velha malvada.

— A idade não vai tirar isso de mim, menina.

Eu olho em volta para o resto dos pacientes no quarto de Mable, todos idosos, dormindo ou parecendo tão infelizes quanto você esperaria que alguém preso em um hospital estivesse. Mable é uma mudança refrescante.

— Vou sentir sua falta quando você partir. — Digo, enquanto uma das copeiras faz a curva com o carrinho.

— Bem, até este maldito quadril começar a jogar bola, eu não vou a lugar nenhum, meu amor.

Eu faço um rápido retrocesso mental através de todas as atualizações que tive hoje.

— Ei, alguém já te levou para o seu raio— X?

— Ainda não.

Eu olho para o meu relógio.

— Está um pouco atrasado agora. Deixe-me ir atrás disso por você. Aqui está o seu jantar.

— Oh, alegria. — Ela murmura, jogando a mão na mesa com rodinhas. Eu a empurro para ela e olho com um sorriso enquanto ela faz uma careta para a bandeja.

— *Bom apetite*. — Digo, voltando para o posto de enfermagem.

Depois de descartar a urina de Mable e entregar a sacola vazia a um assistente de saúde para fazer o backup, sento-me no computador e pego o arquivo de Mable, depois ligo para o departamento de raios— X.

— Muito velho. — Resmungo quando não obtenho resposta, desligando quando Susan aparece, parecendo um pouco perturbada, seu rosto redondo vermelho. – Está tudo bem? — Eu pergunto quando ela se inclina para pegar uma caneta.

— Apenas um visitante difícil. — Ela bufa. — Não é difícil de entender. Os horários de visitas são das duas até as quatro. Não sei o que faz algumas pessoas pensarem que as regras não se aplicam a elas. — Ela anota algo em um bloco e joga de volta na mesa.

— Você gostaria que eu tivesse uma palavra com ele? — Eu pergunto, levantando da minha cadeira. Susan não é exatamente a mais diplomática, embora a maioria das pessoas respeite sua autoridade, uma pessoa estranha a questionando... Susan não gosta de ser questionada.

Ela olha para mim com uma expressão reveladora.

— Você acha que o porco ignorante vai ouvir você?

— Vale a pena tentar, certo?

— Vá em frente. — Ela acena para a enfermaria. — Enfermaria dois, cama quatro.

— Essa é a cama de Percy. — O velho foi internado depois de um grande ataque cardíaco e, além disso, está perdendo o juízo,

Deus o abençoe. E a infecção da bexiga furiosa que ele tem, não está ajudando.

— Sim, e o filho de Percy é um fulano sórdido.

Vou para a enfermaria dois e encontro Rich, um dos carregadores do hospital, enquanto ele dá a volta com uma cadeira de rodas vazia.

— Ei.

Ele sorri para mim, seu corpo alto e magro inclinado sobre a cadeira de rodas enquanto ele a empurra.

— Você voltou e parece uma merda.

Alcançando meu cabelo, eu o coloco atrás das minhas orelhas. Estou muito cansada para me importar com o que devo parecer. Essa mudança foi como um batismo de fogo.

— É ótimo estar de volta. — Eu zombo, cheia de entusiasmo fingido. — Para quem você está aqui?

Ele olha para a prancheta.

— Mable Loake. Raio— X.

— Oh, ótimo. Eu estava apenas atrás disso. Ela está na enfermaria quatro, cama um. — Eu aponto para o local. — Mas ela está comendo o jantar.

—Sem problemas. — Ele afasta a cadeira, resmungando alguma coisa sobre ter um dia dos infernos. *Junte-se ao clube*, eu penso, continuando meu caminho.

Logo depois de dobrar a esquina, vejo um homem na cadeira ao lado da cama de Percy, talvez de meia— idade, e sua carranca faz sobressair a queixa de Susan. Nós temos um visitante complicado.

— Oi, olá, Percy. — Eu cumprimento, focando no meu paciente por agora, aproximando-me para encontrá-lo cutucando um sanduíche de frango. Ele olha para mim sem entender, e imediatamente sei que hoje é um dia ruim. — Como você está se sentindo? — Eu pergunto, olhando para o seu soro, vendo que outra bolsa de antibióticos foi administrada. Ele parece não conseguir chutar essa infecção. Eu dou uma espiada nas leituras do seu monitor cardíaco, não gosto de seu ritmo cardíaco errático, e tomo sua temperatura enquanto verifico seus gráficos.

— Como ele parece estar se sentindo? — Seu filho se levanta, de pé em sua cadeira. — Você o alimenta com essa merda... — ele tira o sanduíche do prato de seu pai e o joga para baixo com força, coçando sua cabeça, —... porra! Não há sinais de melhora.

—Senhor, não há necessidade de se alterar. — Digo calma e diplomaticamente, olhando para o termômetro para descobrir que a temperatura de Percy está perigosamente alta. — Uau, Percy, subiu rapidamente.

— O que você espera com cuidados de baixa qualidade?

Eu estremeço interiormente, rangendo os dentes.

— Seu pai está recebendo o melhor atendimento, senhor. E as horas de visita já estão terminadas — eu digo com delicadeza, forçando um sorriso para ele.

— Sim, já me disseram. — Ele diz. — Eu sei como esses lugares funcionam. Jogam fora os parentes antes de servir essa porcaria para não vermos a merda que você alimenta nossos entes queridos. — Ele joga uma grande mão para fora e envia o jantar de Percy voando pela cama. Ele bate na minha coxa antes de cair no chão, e eu pulo para trás, assustada.

—Senhor, por favor. — Eu me inclino e recuo cegamente os restos do sanduíche de seu pai do chão enquanto olho para o monitor, notando a aceleração do coração de Percy.

— E aposto que o sanduíche sujo encontra o caminho do chão de volta para o prato.

— Vou pedir— lhe um novo -asseguro— lhe, levantando-me e ficando cara a cara com o idiota arrogante. Eu passo para trás, não gostando de seu grande corpo pairando sobre mim, me empurrando para um canto.

Eu estou segura em um hospital, digo a mim mesma, repetidamente, tentando não mostrar as vibrações ansiosas que surgiram em mim. — Você precisa se mover para que eu possa cuidar de seu pai. Sua temperatura está muito alta e sua frequência cardíaca está muito irregular. — Eu preencho minha voz com toda a autoridade que posso reunir, empurrando meu caminho além dele para cuidar de Percy. — Percy? — Eu digo, encontrando seus olhos que estão fechados. — Percy, você pode me ouvir? — Ele caiu na inconsciência. — Percy? — Eu alcanço o botão de chamada de emergência, mas meu braço é agarrado, e eu olho para trás para encontrar o filho de Percy rosnando para mim. Eu arranco meu braço de seu aperto com um silvo de dor leve, agora fervendo de raiva que ele iria atrapalhar minhas tentativas de cuidar de seu pai.

— Tire suas mãos de mim. — Eu grito quando eu o empurro para o lado e pressiono o botão de chamada. Eu pego o pulso de Percy e verifico seu pulso.

— O que está acontecendo? — Seu filho pergunta.

— Ele está tendo outro ataque cardíaco. — Assim como eu digo isso, os alarmes do monitor de Percy começam a enlouquecer.

—Merda. — Eu sussurro, correndo para pegar o desfibrilador, ouvindo o filho de Percy gritando atrás de mim, exigindo saber o que está acontecendo. — Pam! — Eu grito, pegando o carrinho de parada cardíaca e voltando para o quarto de Percy, Pam corre em meus calcanhares. — Percy está perto. — Eu digo com urgência, desvendando as ligações na máquina quando Pam corta o centro do vestido de Percy, expondo seu peito.

— Diga-me o que está acontecendo. — Exige o filho, ao meu lado. Eu me viro e esbarro nele, soltando os fios. Droga, ele está me atrapalhando. — Conte-me!

Eu estou furiosa que ele está me impedindo de fazer o meu trabalho. *Seja legal, Izzy*. Eu rapidamente coleto os fios e os conecto antes de me virar para ele, meus olhos brilhando, minha mandíbula correndo loucamente. Mas eu falo com calma.

— O coração do seu pai precisa de um choque para redefini-lo. Você está no nosso caminho. Por favor, mexa-se.

Ele rosna, mas ele não revida então eu volto para o monitor da máquina. – Afaste. — Grito, verificando se Pam está fora antes de apertar o botão de choque. Percy sacode e Pam imediatamente inicia

a RCP. — Nada, murmuro, olhando para cima para ver o rosto de Percy, agora tão branco quanto um lençol.

Um surto de atividade irrompe atrás de mim e nos unimos à equipe de parada cardíaca.

— Duas rodadas de compressões. — Digo enquanto passo para trás, dando espaço para a RCP e o desfibrilador. — Pulso baixo e um choque administrado.

Eles assumem e trabalham em Percy com calma e rapidez enquanto eu os preencho em seus sinais vitais, e Pam tenta convencer seu filho a sair do quarto. O homem não está tendo nada disso, gritando e reclamando até que sou forçada a chamar a segurança para removê-lo. Eles chegam rapidamente, escoltando o filho de Percy da ala com o braço nas costas enquanto ele continua a reclamar e gritar.

— Eu vou ter você demitida! — ele grita, se contorcendo para se libertar. — Todos vocês!

A adrenalina está correndo através de mim enquanto eu saio do quarto, endireitando meu vestido e ajeitando meu cabelo. Eu encontro Susan na porta, e ela olha para mim em questão.

— Ataque cardíaco. — Resmungo.

Ela suspira, ligando os braços comigo e nos levando para longe do quarto, deixando a equipe de RPC continuar trabalhando em Percy.

— Bom trabalho, Izzy. — Ela diz quando chegamos ao seu escritório.

— Eu só fui pedir para o filho sair. — Eu digo, sentando em uma cadeira na mesa de Susan. — *Bem-vinda de volta, Izzy.*

Susan sorri um pouco enquanto se senta em frente a mim e puxa alguns papéis de uma bandeja. — Ele estava bem quando eu chequei nele. Temperatura média, frequência cardíaca estável.

— Seu filho era um idiota total. — Eu balancei minha cabeça, tão chocada por seu comportamento quanto pelo rápido declínio de Percy. — Deus, este foi o dia mais longo de todos os tempos.

Susan acena concordando, olhando para o relógio.

— Você pode ir para casa em breve.

— Uma hora e contando. — Digo, assim que Pam coloca a cabeça pela porta. O olhar no rosto dela me diz tudo e meu coração afunda. São momentos como esse que às vezes me fazem esquecer porque amo meu trabalho. — Obrigada, Pam. — Digo com um suspiro, enquanto me arrasto da cadeira. Eu dou a Susan um sorriso triste. — Preciso de chá. Posso pegar uma xícara para você?

— Por favor. — Susan aponta para a mesa dela. — Vou fazer essa papelada enquanto estiver aqui.

Eu aceno e sigo meus pés para a máquina de bebidas quentes, fazendo duas xícaras e mexendo o açúcar extra no meu. Quando eu volto para o escritório de Susan, Percy é passado, seu velho rosto amigável escondido por um lençol branco. Eu abaixei minha cabeça em respeito e faço uma oração silenciosa por Percy, me sentindo um completo fracasso.

***

Eu arrasto meus pés pela ala no final do meu turno, parando para verificar Mable antes de sair. Ela está cochilando, mas uma rápida checagem das anotações de seu médico me diz que ele não está feliz com o raio— X, seu osso do quadril quebrado não mostrando sinais de reparo sem a necessidade de cirurgia, como último recurso. É apenas mais uma coisa para me sentir triste. Eu estava tão esperançosa que ela não teria que ter uma operação tão invasiva.

Eu vou pelo meu caminho, lutando para me manter em pé depois da minha primeira longa e mentalmente desafiadora volta. Se eu pudesse ter dormido por uma semana esta manhã... agora sinto que poderia hibernar durante o inverno. Minha cama está chamando o mais alto que já esteve. Puxando a gola do meu casaco para cima e arrumando minha bolsa no meu ombro, dobrei a esquina para o corredor principal do hospital, meus passos já lentos diminuindo ainda mais quando vejo Theo andando na minha direção. A visão dele me ressuscita um pouco, e eu paro gradualmente, assim como Theo, alguns metros vazios entre nós. Ele está adequado em cinza, seus cabelos castanhos uma bagunça sexy, sua barba curta e cobrindo a mandíbula uniformemente. Seus brilhantes olhos de cobalto entorpecem um pouquinho quando ele me acolhe, uma expressão preocupada estraga seu rosto perfeito. Jesus devo parecer um horror. A última vez que ele me viu, eu estava vestida com esmero antes de ele me despir e fazer o meu mundo explodir em uma névoa induzida pela paixão. É um grande contraste.

Suas coxas grossas se espalharam um pouco em sua posição de pé, a cabeça inclinada para o lado.

— Ei. — Eu mal tenho energia para falar.

— Ei. — Ele sussurra seus lábios fazendo beicinho em pensamento. — Você está bem?

— Turno difícil. — Digo a ele em um profundo suspiro. — Você?

— Não vamos nos preocupar comigo.

Ele abre os braços e eu ando direto para eles, mantendo minhas mãos nos bolsos, apesar de saber que ele estará totalmente preparado para o meu toque, se eu envolver meus braços ao redor dele. Mas eu não tenho energia, não importa o quanto estou feliz em vê-lo. Seus grandes braços me envolvem, me segurando em seu corpo sólido, e é sem dúvida o lugar mais reconfortante que eu já estive. Seu perfume único, o calor de seu corpo e a sensação de seus lábios na parte de trás da minha cabeça. É tudo tão reconfortante. Eu nem tenho forças para me perguntar como ele me faz sentir tão em casa, quando na verdade estou no lugar mais estranho que já estive.

— Deixe-me cuidar de você hoje à noite. — Ele diz acima de mim, sua grande mão acariciando meu cabelo. — Vou levá-la para casa para pegar algumas coisas e você pode ficar comigo.

— Não estou muito animada. — Brinco com sua ternura e a sensação dele tão bem-vinda.

— Eu não me importo. — Ele me empurra do peito e olha para mim, um leve sorriso puxando o canto da boca. — Apenas fique

comigo. — A ponta do seu dedo encontra minha bochecha e se agarra ao meu queixo, e eu aceno com a cabeça, uma recusa nem sequer entra na minha cabeça. Não consigo pensar em nenhum lugar que prefira estar. — Callum está esperando na frente. — Theo desliza o braço em volta dos meus ombros e me leva para o lado dele, nos guiando para fora do hospital. Seu ritmo é lento e atencioso, permitindo-me tomar meu tempo, minha cabeça descansando em seu ombro.

Quando chegamos ao café perto da entrada do hospital, Theo aponta para o balcão.

— Bebida? — ele pergunta.

— Eu adoraria um café. — Eu não quero dormir estando com ele.

— Eu vou te pegar um. Entre no carro. — Ele acena para as portas antes de ir para o balcão, e eu sorrio quando o rapaz que serve instintivamente recua, seus olhos se arregalam com o tamanho do macho se aproximando. Não pela primeira vez, eu me pergunto onde essa cautela está em mim.

Vagando no ar fresco, sou atingida pelo vento e arrepio. Eu examino os carros procurando Callum, surpresa em não o encontrar em nenhum lugar à vista. Envolvendo meus braços ao redor do meu torso, eu corro para uma porta escondida em busca de abrigo do vento cortante, permanecendo perto da porta para que eu possa identificar Theo quando ele sair do hospital.

Eu envio uma mensagem rápida para Jess dizendo a ela que vou ficar na casa de Theo, olhando para cima quando noto uma sombra na minha visão abatida.

Eu recuo indo do sono para alerta em um piscar de olhos. O filho de Percy está carrancudo para mim, seu peito arfando violentamente.

— Ele está morto, e é sua culpa. — Ele cospe, agarrando a frente do meu casaco e me empurrando de volta para a porta atrás de mim. Eu grito. —Meu pai está morto por causa de sua incompetência. — Ele me puxa para frente e me bate de volta, tirando o ar de mim.

— Tire suas mãos de mim! — Eu grito, agarrando seu aperto no casaco e empurrando-o para longe. Instinto de sobrevivência entra em ação, bem como raiva. A raiva é quente, tão quente que derrete o pânico. Mas ele perdeu o pai. Eu preciso me lembrar disso. Não importa o quanto idiota que ele é, eu *preciso* lembrar. Eu luto minha bolsa para o meu ombro. — Se você tiver uma queixa, sugiro que entre em contato com o hospital. Eu estava apenas fazendo meu trabalho.

Ele ri e é cem por cento sarcástico.

— Seu trabalho? -me cutucando no ombro, ele se move, me amontoando. — Ele estava... — Seus olhos vão como pires e ele começa a respirar com dificuldade, as mãos chegando ao pescoço. É só então que vejo os dedos ao redor de sua garganta, e ele começa a cambalear para trás desajeitadamente, sufocando, a cor se esvaindo de seu rosto. *Foda-se.*

Eu forço meus pés a se moverem para frente, olhando para cima da cabeça do filho de Percy, encontrando uma expressão de raiva pura e assustadora. Ah Merda.

— Theo! — Eu grito, seguindo-o enquanto ele arrasta o homem ao virar da esquina e bate-o contra uma parede. — Theo, pare.

Ele o segura contra os tijolos por seu pescoço, parecendo assassino, e embora eu saiba que ele tem um lado ruim, eu não acho que realmente apreciei o *quão* desagradável. Não me atrevo a tentar afastá-lo, ciente de que ele está cego pela fúria e não estará preparado para o meu toque. Eu estou indefesa, de pé ao lado, vendo-o apertar mais forte em torno da garganta do filho de Percy enquanto ele empurra seu rosto para cima, sua mandíbula cerrada.

— Eu não sei quem diabos você é...

— Ele é o filho de um paciente — falo com urgência, rezando para que a informação afunde a névoa de raiva de Theo. — Theo, pare!

Ele não para, mas o bate na parede.

— O aviso que você viu, o que está pendurado em todas as paredes daquele hospital, o que indica que o abuso aos funcionários não será tolerado. Diga-me que você viu. — Theo se inclina quando o filho de Percy balança a cabeça o melhor que pode com uma enorme palma sufocando-o. — Bem, há outro sinal, um que você não viu. É uma regra não escrita. Quer saber o que isso diz?

Bom Deus, um Theo normal é assustador o suficiente. Um Theo furioso é simplesmente aterrorizante. Pela primeira vez, desde que o conheci, ele está me deixando nervosa. Do que ele é capaz? O filho

de Percy balança a cabeça novamente, terror se acumulando em seus olhos lacrimosos, ao ponto de realmente sentir pena dele.

— Essa regra... — diz Theo em seu rosto, — diz que, se alguém colocar um dedo na minha mulher, as consequências serão graves. Quer saber quais são as consequências?

Theo está zombando dele, prolongando sua dor *e* seu medo. Ele está se divertindo com isso, saboreando a visão do sofrimento de sua vítima.

— Morte instantânea. — Sussurra Theo, segurando-o com uma mão e alcançando as costas com a outra. Ele puxa a arma e aponta para a testa do homem, puxando uma alavanca que trava com um clique alto.

Oh meu Deus.

— Theo! — Eu grito, voltando, examinando instintivamente a área ao redor em busca de testemunhas. Não há ninguém; o lugar para o qual Theo arrastou o homem está deserto, o que agora percebo ser intencional. — Theo, por favor. — Eu giro ao redor quando ouço passos trovejantes atrás de mim, encontrando Callum contornando a esquina e correndo em nossa direção. — Callum, impeça-o!

Ele percebe a situação, suas longas pernas diminuindo.

— Theo, cara, vamos lá. Ponha a arma de lado. — Ele diz, entrando devagar e com cautela. — Respirações profundas, meu homem. Respirações profundas. — A voz de Callum é calma, suave, e parece estar rompendo a névoa de raiva de Theo. — Seja legal, Theo. Apenas seja legal.

Alguns segundos preocupantes passam enquanto eu prendo a respiração, silenciosamente, querendo que Theo o ouça, antes que ele finalmente tire a arma da testa do filho de Percy e a abaixe para o lado. Mas ele ainda o tem pregado na parede com a mão livre, embora ele deva ter diminuído um pouco o aperto, porque o prisioneiro começa a ofegar.

O ar também inunda meus pulmões e eu olho para Callum. Ele me dá um aceno de entendimento, movendo-se com as mãos levantadas, mostrando-as para Theo. Somente quando Theo olha para o amigo, Callum tira o homem de suas garras, afastando-o e empurrando-o pela calçada, de volta à entrada principal do hospital. Eu vejo quando Callum libera o filho de Percy na esquina e se endireita, virando-se para nós. Ele não volta mais. Apenas espera na esquina.

Eu literalmente caio de alívio, caindo contra a parede, concentrando-me em regular minhas respirações instáveis. O cansaço me abandonou, sendo substituído pelo choque. Eu estou presa entre a total apreciação por Theo estar aqui para me proteger, algo que eu desejei por toda a minha vida, e pânico absoluto, não só porque ele parecia tão fora de controle, a violência nele mortal, mas porque não há nada para impedir que o filho de Percy me denuncie... — O que Theo é para mim?

Meus pensamentos param quando eu olho para ele, encontrando-o parecendo composto e de olhos claros. Como se o interruptor de insanidade tivesse sido desligado. O louco foi embora. Eu quero ficar com raiva. Eu não quero desejar que ele esteja por aqui antes. Alguém para me proteger. Alguém para ameaçar de morte quem tentou me machucar. Mas já vi violência

suficiente para durar a vida inteira. E em Theo, a violência é claramente um instinto.

A emoção está subindo pela minha garganta e eu engulo para tentar mantê-la afastada.

— Você está bem? — Eu pergunto sem pensar, com a falta de qualquer outra coisa vinda para mim, minha voz um pouco irregular e quebrada.

Theo balança a cabeça para si mesmo, sua mão deslizando para sua nuca e acariciando.

—Merda. — Sua voz é um pouco instável. Na verdade, ele *parece* abalado também. — Eu sinto muito. Eu não queria... — Ele olha para trás, soltando um longo suspiro. — Eu não queria que você visse isso.

— Eu também não queria ver. — digo a ele, e ele olha para mim, tentando me ler. — Eu não gosto de violência.

— Ele ia te machucar.

— Doeu mais ver você se comportar como um animal.

Theo olha para mim e eu não olho para longe. Eu permaneço resoluta, firme na minha posição, apesar de saber que ele está tentando ler nas entrelinhas. Todas as minhas barreiras estão em alta e ele não passará por elas. Ele deve perceber isso, porque ele finalmente cede, fechando os olhos e olhando para o céu noturno por alguns momentos antes de estender as mãos para mim.

— Por favor. — Ele implora, e eu ando em direção a ele, seu apelo muito difícil de resistir. Eu pego suas mãos e o deixo sentir por

alguns momentos, seus olhos caindo para os meus. —Meu temperamento... — Ele para engolindo em seco. — Isso leva a melhor sobre mim às vezes.

— Então não deixe. —Meu tom é igual ao dele, suave e implorante. — Eu não quero ver você assim, Theo.

Ele balança a cabeça, vergonha clara em sua expressão solene.

— Eu sinto muito. — Puxando-me em seu peito, ele me levanta em seu corpo e eu vou com facilidade. O que mais eu farei? O rejeito? — Você se sente tão bem contra mim. — Ele sussurra, empurrando o rosto no meu pescoço e inalando, sua barba é áspera, mas reconfortante.

Eu silenciosamente concordo e deixo ele me levar de volta para o carro, e eu só o liberto assim que chegarmos. Callum segura a porta aberta para mim, seus lábios retos enquanto ele balança a cabeça. E eu me pergunto, quantas vezes ele foi forçado a impedir que seu amigo causasse algum dano sério a alguém que pudesse atravessá-lo? Ou simplesmente tocá-lo? Muito, eu espero.

Quando Theo se junta a mim na parte de trás, me reivindicando e me puxando para perto, minha mente começa a correr. Callum já chegou tarde demais para impedi-lo?

CAPÍTULO

Treze

Paramos brevemente na minha casa para pegar algumas roupas limpas e meus artigos de higiene, enquanto eu reunia minhas coisas, Theo andava pelo meu quarto, farejando as algemas que ele me comprou na mesinha de cabeceira, piscando enquanto as pegava e colocava no seu bolso. Eu não o parei.

Como Callum nos levava de volta para Theo, eu presto mais atenção ao caminho desta vez, observando que nos dirigimos para o norte de Londres, nossa jornada levando mais de uma hora com o tráfego da hora do rush. Quando chegamos, é escuro e a mansão de Theo é iluminada por centenas de luzes espalhadas pela propriedade. Os postes de iluminação ornamentados que revestem a longa entrada da garagem guiam o caminho até que chegamos através dos grossos pilares de concreto esculpidos.

Jefferson é a primeira pessoa que vejo, seguido pelos mesmos dois caras grandes que estavam flanqueando a porta na última vez que estive aqui. Não sinto falta do espaço amplo que Jefferson dá a Theo para sair do carro, nem do fato de que todo mundo fica a uma distância segura dele.

Theo chega e pega minha mão, me ajudando a sair do carro, e Jefferson sorri brilhantemente enquanto espera que nos afastemos antes que ele feche a porta e siga alguns passos para trás.

— Sua mãe ligou. – Informa a Theo. — Disse que ela não pôde alcançá-lo em seu celular.

Eu olho para Theo, mas ele não mata minha curiosidade. Mãe de Theo? Minha mente está rapidamente desenfreada com imagens

mentais de mulheres, tentando imaginar como ela seria. E como ela *é*? Sorridente e apaixonada como minha mãe era? Devotada e encorajadora? Ela costumava afagar as costas de Theo quando ele era menino até adormecer, como minha mãe fez? Ela fez para ele ovos no café da manhã? Ela já usou sua última libra para comprar a última edição de sua revista favorita? Sorrio tristemente para mim mesma, desejando-a de volta. Era só eu e mamãe. Nós não tínhamos dinheiro, mas éramos ricas de amor. Ela me adorava e eu a adorava. Nós éramos uma equipe. O terrível casal, ela costumava nos chamar. E então aquela doença miserável a roubou cedo demais. Eu engulo e pisco de volta as memórias, boas memórias que são mascaradas pelos horríveis dias finais antes que ela finalmente desistisse.

— Eu ligo de volta mais tarde. — diz Theo, parando no centro de seu enorme e elaborado hall de entrada. A escadaria arrebatadora prende minha atenção por um momento, um flashback da minha primeira vez aqui me capturando em transe por um segundo fugaz. Mais uma vez, a mulher aparece com uma bandeja na mão, só que desta vez há dois copos, o familiar copo com líquido âmbar e um copo de vinho branco. Theo sacode os ombros largos do paletó e dá os dois passos necessários para fechar a lacuna entre eles, entregando— lhe o casaco antes de levantar os dois copos da bandeja de metal. Ele vira a bebida e devolve o copo vazio. A senhora acena com a cabeça e recua antes de se virar e nos deixar.

Então o som das portas da frente se fechando enche o espaço, me puxando ao redor. Eu acho os dois homens que estavam flanqueando a entrada agora flanqueando a saída. Está tudo tão bem ensaiado, a mesma rotina de antes.

— Izzy? — A voz suave de Theo me chama de volta. Ele estende o copo para mim. — Bebida?

Eu aceito, pegando taça. Com toda a honestidade, estou muito cansada para vinho. Pode acabar comigo e me fazer dormir aqui onde estou.

— Obrigada. — Eu me forço a tomar o menor dos goles, não querendo ser rude.

Jefferson se aproxima, acenando educadamente para mim antes de se virar para Theo.

— Posso pegar mais alguma coisa, senhor? — ele pergunta.

— Acho que estou bem pelo resto da noite. — diz Theo, aproximando-se de mim e passando um braço pela minha cintura. — Diga a Callum que não vou estar no playground hoje à noite.

— Sim senhor. — Jefferson se curva enquanto se afasta. É tudo tão antiquado e formal. Eu sinto que estou em uma moderna abadia de Downton, mordomos servindo a equipe e tudo.

— Sua casa é administrada com precisão militar. — Digo enquanto subimos as escadas. Eu os observo cuidadosamente, cada passo listado, misturando-se ao seguinte. — Sua vida é um grande ambiente controlado?

— É melhor para todos. — diz Theo, simples assim, mas suponho que não seja assim tão simples, olho para avaliar sua expressão. Mesmo quando seu rosto está vazio, ele ainda é um tipo deslumbrante, do tipo que tenho certeza de que nunca poderia ser

igualado, pelo menos com o máximo de vantagem. Neste momento, ele é bonito, mas ilegível, mas seus olhos são brilhantes e pensativos.

-melhor para todos, ou melhor para você? — Eu pergunto, lentamente, tentando chegar mais perto do núcleo de Theo.

Ele deixa cair aqueles profundos olhos azuis na minha forma curiosa, um pequeno sorriso fazendo cócegas em seus lábios cheios. – Sim, principalmente para mim. Mas é o melhor para todos. Nenhum erro pode ser cometido.

Erros?

— Para alguém que está tão cansada, você está disparando muitas perguntas. — Ele levanta as sobrancelhas para mim e eu olho para longe, um pouco timidamente. Estou assumindo por *erros* que ele queira dizer toques inesperados. É tudo muito estranho, e se eu não tivesse tocado em Theo, pensaria que ele tinha algum tipo de condição rara que o mataria se ele entrasse em contato com outro humano. Deixo de lado sua observação quando chegamos ao patamar superior, Theo nos levando para a direita.

— Onde estamos indo? — Eu pergunto, admirando todos os enormes retratos emoldurados em ouro enquanto andamos.

— Para os meus aposentos particulares.

Quartos privados?

— Parece elegante.

— É pacífico e... privado.

Concluo que isso significa que ele não precisa ficar alerta constantemente, alerta para qualquer possível toque.

— E onde é o playground? — Eu ouvi isso mencionado em mais de uma ocasião.

Chegamos a um conjunto de portas duplas pesadamente esculpidas e paro quando Theo abre uma, permitindo que eu lidere caminho. Eu olho para ele quando não obtenho resposta. Ele parece um pouco tenso.

— Eu vou te mostrar um dia. Vamos nos conhecer melhor primeiro.

Meus lábios pressionam em uma linha reta.

-melhor?

Ele acena com a cabeça em indicação para eu entrar, ignorando a minha pergunta.

— Antes de te despir, aqui mesmo.

Eu aceno suavemente, pensativa, enquanto o estudo, concluindo rapidamente que ele está me desviando do assunto. Ele pode fazer do seu jeito. Por agora.

— Inteligente. — Penso com um beicinho brincalhão, vagando pelos aposentos privados de Theo, as portas se abrindo em uma enorme área de estar.

Assim como todas as outras partes desta mansão que eu vi, é ostensiva e indulgente, a mobília é grande, as paredes cobertas de pinturas enormes e o carpete grosso e luxuoso. Uma enorme lareira

de mármore domina a sala, as chamas dançando hipnoticamente. Mas, apesar da extravagância do espaço, estou confortável e aquecida, não intimidada. É exatamente como me sinto na presença de Theo.

Eu olho para trás e o vejo me observando, ficando em silêncio ao lado da porta. Ele caminha preguiçosamente, parando atrás de mim, e todo o meu corpo rola com um arrepio quando ele passa por mim e me libera da minha taça de vinho colocando-a em uma mesa próxima decorada com um enorme vaso de lírios orientais.

— Deixe-me pegar o seu casaco — ele sussurra no meu ouvido, colocando as mãos suavemente em meus ombros e puxando o material para longe. Eu engulo quando ele arrasta meu casaco, mantendo sua boca perto o suficiente para que eu possa ouvir sua respiração rasa.

Começo a sentir a ansiedade assumir o controle, não por causa de onde estou com quem estou ou com o potencial do que está prestes a acontecer. Não. Nada disso. Esses pensamentos colocam meu sangue em chamas. O que não é tão bem-vindo é o conhecimento de que acabei de trabalhar em um turno de doze horas difícil. Realmente poderia ter um banho.

— Eu estive no trabalho o dia todo. — Eu digo em voz baixa, empurrando o lado do meu rosto em seus lábios quando ele os coloca na minha bochecha. A sensação de sua barba me faz cantarolar, meus olhos se fechando em êxtase, cada parte de sua frente empurrada nas minhas costas.

— Gostaria de tomar um banho? — Ele pergunta, sorrindo contra a minha carne.

Eu sinto minhas bochechas esquentarem um pouco, envergonhada, e eu aceno com a cabeça contra ele, segurando minhas mãos ao meu lado.

— Por favor.

— Posso? — Ele pergunta, deslizando as mãos pelos meus braços até as minhas mãos e segurando cada uma com firmeza.

— Você pode o quê? — Eu me afasto e olho para ele, seu queixo descansando no meu ombro. Seu rosto duro é tão suave e amável.

— Chuveiro com você.

Meus olhos sem nada para olhar, exceto o corpo molhado e nu de Theo? Eu não posso prometer que serei capaz de manter minhas mãos para mim mesma.

— Vou ser contida? — Eu pergunto. Ele também precisa de um ambiente controlado no chuveiro? A contragosto, eu espero que sim. Mas eu estou esperando silenciosamente.

Ele me puxa para ele, trazendo minhas mãos até seus ombros e me levantando dos meus pés. Eu inalo, meus seios empurrando em seu peito com cada batida do meu coração animado.

— Para que eu realmente goste, então sim. — Ele começa a passear vagarosamente pela sala, levando-nos a um quarto. *Seu* quarto... me recuso a afastar o olhar do dele, me aprofundando nas intenções brilhando através do azul. — Eu preciso estar relaxado.

Eu sinto meu coração afundar um pouco, mas tento não demonstrar quando mergulho meus lábios lentamente, dando a ele bastante tempo para me preparar para o meu beijo. Quando vejo

seus lábios se separarem, fecho a distância final, inspirando enquanto deslizo minha língua em sua boca. Ele cantarola enquanto ele entrelaça a dele com a minha, um som profundo cheio de prazer e calma, e meus dedos se flexionam em seus ombros, coçando para subir até a cabeça e cerrar os cabelos. No entanto, meu instinto é mantê-los onde estão. Mas então ele concorda com a cabeça, aprofundando nosso beijo, e eu leio sua mensagem silenciosa, deslizando minhas mãos pelo seu pescoço grosso e em seu cabelo. Eu o sinto tenso, o ouço ele inalar. Mas ele não me impede. Meu corpo se move naturalmente mais perto dele, minha boca trabalhando devagar, mas profundamente. Sua língua é exigente e firme, seu gosto é divino. É exclusivamente Theo, e está me deixando tão bêbada com ele, seu distinto e gostoso perfume me ajudando.

Quando ele me deixa de pé, ele puxa minhas mãos para longe de sua cabeça, mantendo nossas bocas trabalhando no belo e lento duelo quando ele começa a soltar os botões da minha roupa, inclinando a cabeça para um lado e depois para o outro, recuando aqui e ali para acariciar e morder meus lábios. Estou perdida. Tão completamente perdida. Meu vestido cai no chão, e as mãos de Theo vão direto para minhas costas, soltando meu sutiã e puxando-o para longe do meu peito. Meus seios doem, chamando-o para encontrá-los, eu ofego em sua boca quando ele os segura rapidamente antes de apertar seus dedos em volta dos meus mamilos duros, rolando-os.

— Sua camisa. — Murmuro desesperada para deixá-lo nu, mas sabendo que estou confiando nele para me dar o que eu quero.

Theo registra meu pedido e libera meus mamilos, pegando minhas mãos e colocando-as no colarinho de sua camisa. Ele vai me

deixar? Eu começo cegamente desabotoando antes que ele tenha uma chance de mudar de ideia, mas eu tenho cuidado para não tocar o peito dele. É difícil, mas eu consigo, trabalhando meus dedos no fundo e soltando as mangas da camisa ao invés de empurrá-la. Eu sei que meu movimento é apreciado quando ele sorri contra a minha boca.

— Tire isso. — Ele ordena gentilmente, me surpreendendo quando ele quebra nosso beijo e descansa sua testa na minha. — Estou pronto.

Minhas mãos estão ansiosas, mas gentis, enquanto empurro sua camisa para fora de seus ombros, deixando-a cair no chão. O rosário de sua tatuagem exige minha admiração por um momento e inclino a cabeça com um suspiro quando olho para as mãos em seu quadril. Estranho, mas lindo em seu corpo. Eu respiro e alcanço seu rosto, descansando minhas palmas levemente em sua mandíbula. Ele está olhando para mim com a quantidade mais inconcebível de confiança. É uma confiança que não estou planejando quebrar. Nunca. Nossas respirações famintas estão se encontrando e se misturando no pequeno espaço entre nossas bocas, nossos olhos colados, minhas mãos segurando seu rosto suavemente.

— Você está assustada? — Ele me pergunta baixinho, sua voz um pouco trêmula e áspera. Eu sei que ele não está me perguntando se tenho medo dele.

— Aterrorizada. — Respondo honestamente, certificando-me de nunca perder os olhos. Eu pressiono um beijo suave no canto da boca dele. — Eu não sei o que está acontecendo.

— Nem eu. — Ele beija meus lábios e leva minhas mãos até as calças, me encorajando a removê-las, começo a desabotoá-las enquanto ele beija meu pescoço. A necessidade dele percorre-me como fogo incontrolável e imparável. — Você é tudo em que consigo pensar quando estou acordado. — Ele diz, encolhendo-se um pouco quando empurro suas calças e boxers para baixo, minha mão deslizando na dureza de sua ereção. — Você é tudo que vejo nos meus sonhos. — Ele sai e desliza os dedos em cada lado da minha calcinha, curvando-se quando ele a puxa para baixo. Eu choramingo quando ele lambe o caminho de volta até que ele está na minha boca, me beijando com reverente ansiedade. — Eu anseio por seu toque, e isso me deixa louco porque não posso deixar que você tenha rédea livre sobre mim. — Sua língua gira ao redor da minha e ele me puxa para o seu corpo. — Eu então... eu quero deixar você ter isso.

— Vamos trabalhar nisso. — Digo para acalmá-lo, mostrando— lhe as mãos e esperando o aceno de cabeça antes de ligá-las ao pescoço.

Juntando as algemas, ele nos leva em direção ao chuveiro, para um enorme box envidraçado. Ele aperta um botão na parede externa e o pequeno controle prateado acende. Uma enorme placa quadrada suspensa no teto, passando pela parede de vidro, jorra com água quente instantânea, as gotas espirrando no vidro. Ele nos leva e me coloca de pé, empurrando-me contra os ladrilhos.

— Eu estou desesperado por isso desde que a deixei em Vegas. — Ele diz, pegando meus pulsos e me afastando dele.

Eu mordo meu lábio quando deixo ele me algemar, sentindo suavidade ao invés de metal. Ele liga as duas algemas juntas pelas

grossas pulseiras de ouro, me prendendo antes que ele me vire e me empurre para a parede.

— Tudo bem? — Ele pergunta, se afastando quando eu aceno.

Ele inclina a cabeça para trás, deixando a água cair sobre o rosto, e leva as mãos pelos cabelos, empurrando-a para trás, a boca aberta. Uma batida pesada começa entre as minhas coxas com a visão magnífica, sua garganta se alonga, a água cai sobre o peito largo e desce pelas coxas. Meu olhar para na sua virilha a visão de sua excitação pulsante, meus braços se contorcem contra as restrições. Eu fecho meus olhos, procurando freneticamente em minha mente por força.

Calor encontra meu estômago, calor além da água, e eu convulsiono com um grito, meus olhos se abrindo. Olhando para baixo, vejo o topo de sua cabeça se movendo enquanto ele arrasta seus lábios de um lado para o outro da minha barriga e vice— versa, de novo e de novo. Sua língua traça as linhas das minhas cicatrizes, e eu bato minha cabeça contra a parede, meus seios doendo de necessidade. Ele está aqui diante de mim, me adorando, seus lábios agora estão indo para o sul, para o meu lugar mais sensível, e eu não posso agarrá-lo, apertá-lo ou senti-lo. Eu começo a murmurar palavras absurdas para o teto enquanto sua língua passa pelas minhas dobras, deslizando meu clitóris, e suas mãos pousa na parte interna das minhas coxas, afastando-as para dar a ele um melhor acesso. Eu ofego, me contorço grito. E quando ele se agarra à minha inchada protuberância de nervos, continuo gritando, ouvindo meus próprios sons de prazer enquanto ele se perde na satisfação de se deleitar na minha excitação.

Respirações irregulares dominam os sons do chuveiro ligado acima de nós, e meu clímax se desenvolve com uma lentidão quase atormentadora enquanto Theo chupa suavemente, lambe devagar e morde calmamente. Eu acho que posso chorar por causa do prazer agonizante que ele está infligindo em mim, e eu cruzo o ponto sem retorno, caindo sobre a borda da frustração e nas profundezas do êxtase. Estou cega pelas sensações, aleijada pelo cumprimento, minhas mãos lutando naturalmente com as restrições.

— Theo. — Eu suspiro, montando as ondas longas do meu clímax, meu corpo rolando, minhas paredes internas convulsionando.

Sua boca fica exatamente onde está me sugando gentilmente.

— Eu tenho você. — Ele murmura, beijando meu clitóris com ternura e, em seguida, lentamente circulando com a ponta da língua. — Eu entendo você.

Ele lentamente fica de pé, seu pau arrastando pela minha pele quando ele sobe para a sua altura total enquanto eu me levanto contra os azulejos, encharcada, meu corpo cantando com satisfação. Theo me estuda enquanto minha visão clareia da luxúria, pegando a ponta do seu dedo e desenhando uma linha perfeita na minha bochecha.

— Fique aí. — Ele ordena, se afastando e pegando seu pênis.

Ele começa a bombear sua excitação com um punho solto, suas costas encontrando o vidro à minha frente, e eu caio instantaneamente sob o requintado feitiço de Theo dando prazer a si mesmo. Minha pele arrepia quando vejo sua mão deslizar sem

esforço sobre sua pele tensa, a cabeça visivelmente latejando. Meus olhos querem saborear cada pedaço da visão, assim como seu corpo reagindo ao prazer. Seu peito se expande, controlado a princípio, mas cada vez mais errático, a veia expande em seu pescoço. Sua garganta rola em cada gole, seus olhos são pesados, baixos e luxuriosos. E suas coxas estão ligeiramente abertas, os músculos enormes se retesando e soltando. Quando seu corpo repentinamente estremece, eu prendo a respiração, antecipando sua liberação tanto quanto claramente Theo, seu punho agora bombeando, sua boca aberta e ofegante.

— Venha aqui. — Ele exige duramente. — Me beije.

Eu me afasto da parede num piscar de olhos e vou até ele, capturando seus lábios, minhas mãos seguramente presas nas minhas costas pelos punhos.

— Oh, Jesus. — Ele engasga com a minha boca, sua língua não é lisa agora, mas desajeitada e atrapalhada.

Ele se afasta e descansa a cabeça contra o vidro, olhando para mim, seu braço se movendo rapidamente. Eu mordo meu lábio e encontro seu olhar, observando como seu clímax se forma em seus olhos. Suas pupilas estão tão dilatadas que mal posso ver o azul, e agora a ponta do seu pênis está encostada no meu estômago enquanto ele empurra para frente e para trás. O calor poderia queimar um buraco na minha carne. Eu não acho que vou testemunhar uma visão tão erótica novamente. Eu não estou nem tocando ele, mas o prazer de dançar através de mim é imenso. E quando ele segura a respiração e aperta os dentes, sei que é a hora. Eu olho em seus olhos enquanto ele grita, seu peito arfando, sua mão desacelerando, e sua essência quente atinge meu estômago em

longos e fortes jatos enquanto o corpo de Theo bate contra o vidro. Eu não tive nenhum clímax desta vez, mas a gratificação que eu sou recompensada, apenas observando-o lutar em seu caminho através de seu prazer, é mais que suficiente.

Ele se libera e desliza o corpo até a bunda, parecendo esgotado, totalmente fora. Sua cabeça cai para trás, seus olhos se fecham e ele levanta os joelhos para descansar os braços.

Eu também me abaixo, sentada de joelhos em frente a ele. E espero pacientemente que ele volte para a terra. Ainda faltam alguns minutos para que ele mostre sinais de lucidez, é tempo de eu ficar feliz em admirá-lo caído no chão diante de mim.

Eu sorrio quando ele finalmente encontra a energia que ele precisa para abrir os olhos.

— Bom dia. — Eu sussurro.

Seu sorriso quase me cega.

— Dia?

Ele pergunta meio grogue, pegando-me e gentilmente me virando. Ele tira as algemas e massageia meus pulsos por alguns segundos felizes, cantarolando. Seu gesto é doce, mas não é necessário. Eu não sinto dor, os punhos acolchoados cuidam disso. Eu deixei ele me puxar para o seu colo, suas mãos guiando as minhas ao redor do seu pescoço.

— Pode ser, querida. Eu não saberia dizer. O tempo desaparece quando estou com você.

Eu me acomodo nele, aconchegando-me em seu peito alegremente, sentindo-me tão agradecida. Acho que nunca me senti tão querida.

Ou segura.

CAPÍTULO

Quatorze

Ele me lavou no chuveiro, lavou meu cabelo e enxaguou, passando os dedos fortes pelo meu couro cabeludo. O ato não foi sexual. Era amoroso e carinhoso, e não fez nada para impedir que meus sentimentos se aprofundassem. Quando Theo disse que me trataria como uma rainha, ele realmente quis dizer isso.

Eu tenho um copo de vinho fresco na minha mão enquanto eu perambulo em torno de seu quarto, aconchegada firmemente em um roupão macio, admirando a decoração. Eu olho cada poste de sua cama de dossel enquanto meus lábios pairam sobre a borda do meu copo, e, em seguida, observo a cama suntuosa, todos os enormes travesseiros em cremes e ouro. Um closet ao lado é cheio de fileiras de roupas e o banheiro é imenso e encharcado de exuberância. Tudo é exagerado. Como Theo.

Vou até o salão, percorrendo a sala, olhando para os retratos emoldurados enquanto tomo meu vinho. Depois do banho, sinto-me viva e revigorada. Estando aqui com Theo, imersa em seu mundo, esqueço meu dia estressante. Eu seguro o copo em meus lábios e franzo a testa para a pintura atualmente diante de mim, uma bela representação da Última Ceia. É outro símbolo religioso, e Theo, aparentemente, não é religioso. No reflexo do vidro, vejo o brilho luminoso em meus olhos saltando de volta para mim. É uma visão rara. Eu nunca me senti tão feliz, tão relaxada e segura, protegida do

meu passado e do mundo. Theo me deixa tão feliz. Ele me faz sentir valorizada. Intocável. Tão especial e completamente consumida.

Eu não entendo isso, mas não posso ignorar. Tentar refletir sobre minha vida sem Theo é impossível, porque sua presença agora é tão poderosa que qualquer coisa antes é diluída por ele. E isso é muito atraente. Ele está afugentando o medo que eu luto para manter enterrado todos os dias. Ele está acalmando minha tristeza escondida. Ele me deu algo que eu não sabia que queria.

Segurança.

Sinto que ele poderia ser... Eu deixei meus pensamentos desaparecerem, dizendo a mim mesma que estou me adiantando. Ou eu não estou? Consumo seus pensamentos, invadi os seus sonhos e ele deseja o meu toque. Para um homem que não gosta de ser tocado, essa é uma profunda confissão. Ele me fez promessas sem fim, me disse que posso confiar nele. Eu nunca duvidei disso. Eu confio nele com minha vida. E confio nele com meu coração.

Volto ao meu pensamento anterior, aquele que me impedi de continuar. E apesar de me assustar um pouco, admito que ele possa ser a minha cura. E também admito que esteja me apaixonando por ele.

Eu respiro e rio um pouco ao espirrar. Izzy. *Sua mulher boba*. Eu não estou me apaixonando... Eu já me apaixonei. Muito. Tão duro. É uma sensação incrível. Uma de esperança, de paz e felicidade. Assim como eu imaginei. Também é impossível parar, e isso é aterrorizante. Eu tenho estado no controle de minhas emoções por tanto tempo. Eu ditei as regras, administrei meus medos. Agora

estou à sua mercê. Meu coração está à sua mercê. Meus sentimentos são seus para controlar.

Eu me apaixonei por um homem que é temido pela maioria, mas não me mostrou nada além de ternura total desde que nos conhecemos. Eu me apaixonei por um homem que apontou uma arma para alguém, mas estava fazendo isso para me defender e me proteger. Eu me apaixonei por um homem que irradia violência, mas sei que ele nunca seria violento comigo. Eu me apaixonei por um homem que não pode suportar ser tocado, mas anseia por *meu* toque. Eu me apaixonei por um homem que tem um desejo natural e poderoso de me proteger. De cuidar de mim. Ainda não o conheço realmente. Eu preciso? Posso deixar meu coração aberto e exposto a um homem tão confuso?

— Não me machuque, Theo. — Sussurro para mim mesma. — Não me decepcione.

Um barulho atrás de mim me fez girar e encontrá-lo parado na porta de seu quarto, uma toalha enrolada em torno de seus quadris magros. Minha cabeça se inclina e eu caio em um devaneio, correndo meu olhar sobre cada centímetro dele até alcançar seus olhos sorridentes. A cara dele. Feroz, mas angelical.

— Eu te amo. — Sussurro para mim mesma, tão silenciosamente que sei que ele não poderia ter me ouvido.

Ele me dá um olhar interrogativo, seu sorriso desaparecendo um pouco.

— Você disse alguma coisa?

Eu agarro meu copo com as duas mãos e balanço a cabeça.

— Não.

— Seus lábios se mexeram.

— Eu estava rezando por resistência.

— Por quê?

— Porque eu não posso tocar em você, e quando você está aí assim, é muito difícil, Theo. É difícil o tempo todo.

Quando espero que ele pareça convencido, ele me surpreende e deixa cair os olhos no chão, envergonhado.

— Eu sinto muito.

— Não. — Eu corro para acalmá-lo, tentando localizar algo na minha cabeça para neutralizar a declaração lúdica que o feriu. — Não se desculpe. Eu não estava pensando. — Eu também deixo cair a cabeça, aborrecida comigo mesma. Eu nunca quero que ele lamente por ser quem ele é. Porque cada coisa que faz dele Theo Kane é por que eu estou aqui em sua sala fazendo minhas confissões silenciosas.

Eu ouço um suspiro suave, e logo depois vejo seus pés descalços na minha visão abatida.

— Aqui.

Ele pega o meu copo da minha mão e coloca-o em uma mesa próxima antes de reivindicar minhas mãos. Eu olho através dos meus cílios enquanto ele gerencia meus braços ao redor de seus ombros, achatando minhas palmas em sua nuca. A maciez de seu cabelo me chama e acabo o acariciando, então flexiono meus dedos

suavemente até que Theo se solte. Eu exalo profundamente e acaricio-o carinhosamente enquanto ele fecha os olhos e zumbe. É tão estranho que um homem tão grande e formidável precise ser tratado com tanto cuidado.

— Isso é bom. — Ele murmura sonhadoramente, se aproximando e pegando meus quadris. Seu calor irradia através do material grosso do meu manto e me penetra até a alma.

Deslocando uma palma na minha nuca, ele empurra meu rosto na curva de seu pescoço, forçando-me a ficar na ponta dos pés. Eu sorrio em sua pele. Até nossos abraços são cuidadosamente controlados.

— Venha deitar na cama comigo. — Ele me levanta dos meus pés e me leva para o seu quarto, me acomodando gentilmente na colossal cama. — Confortável? — Ele pergunta com um sorriso torto, afundando nas cobertas ao meu lado, puxando meu quadril para encará-lo.

Confortável nem se aproxima. Eu poderia estar flutuando nas nuvens.

— Mais ou menos. — Eu dou de ombros, descansando minha cabeça no travesseiro mole.

Seu sorriso é uma visão, e ficamos ali por um tempo, encarando um ao outro, nossos narizes a poucos milímetros de distância. Passei o tempo observando as curvas contínuas de seu rosto, estendendo a mão para sentir a barba em sua mandíbula.

— Diga-me quem era aquele homem. — diz ele, quebrando o silêncio.

— No Hospital?

— Sim.

— Eu disse a você. Ele é o filho de um paciente.

— Pensei que você estivesse mentindo.

— Eu não estava. — Respondo, um pouco ferida. Eu me pergunto se por um momento Theo pensou que o filho de Percy era outra pessoa, como o homem de quem eu fugi. Parte de mim deseja que fosse isso. Parte de mim gostaria que ele tivesse me encontrado, porque eu poderia garantir que ele não iria se aproximar de mim novamente depois de encontrar Theo Kane.

Sua carranca desaparece de sua testa tão rapidamente quanto apareceu, me levando a acreditar que eu estava certa.

— Então, por que ele atacou você?

— Seu pai morreu hoje.

— Ele atacou você porque o pai dele morreu?

— Ele estava procurando alguém para culpar, como qualquer parente de luto poderia fazer. Já aconteceu antes, embora não nesse grau. Gritam conosco, nos acusam de incompetência, mas é tudo parte do trabalho. — Eu dou de ombros.

Seus olhos se estreitam um pouco. Ele não entende.

— Você cura as pessoas.

— Eu tento ajudá-los a melhorar, sim.

Theo fica quieto, parecendo pensar profundamente sobre alguma coisa. A visão é fascinante, o homem gigante quieto e contemplativo.

— Por que você decidiu se tornar uma enfermeira? — Sua mão se move para o meu pescoço, para o lugar em que Frank deixou suas marcas de garras.

Eu olho de lado no canto do meu olho para a mão dele tocando minha pele suavemente.

— Porque os hospitais são lugares seguros. — Sussurro, sem pensar, sob a incrível sensação de seu toque.

—Seguro? — ele questiona. — Izzy, no curto tempo em que te conheço, um velho tentou estrangulá-la e um parente irritado tentou... — Suas palavras desvanecem e ele sacode seu medo óbvio.

— Eu estava me comportando muito bem. — Eu argumento baixinho, arrastando meu polegar em seu lábio inferior.

Meu medo não é de dor física; eu posso lidar com a dor. É mais psicológico. A sensação de total desamparo. De ser fraca. Vulnerável. Mas eu não esperaria que Theo entendesse. Nem quero contar a ele. Então não digo mais nada, porque não sei o que dizer. Eu não estou pronta para expor minha história desagradável. Além disso, Theo está mantendo as razões de sua fobia para si mesmo. Pode ser infantil, mas não me sinto confortável com ele tendo mais de mim do que eu dele. No entanto, se essa coisa entre nós for séria, será que vamos realmente reter nossos segredos um do outro? Podemos fazer isso? *Devemos* fazer isso? Eu respiro profundamente, fecho meus olhos e lembro-me do rosto feliz da minha mãe. Sua alegria. O

espírito dela. Mas tão rapidamente, essa linda imagem desaparece substituída por seus tristes olhos vazios. Ela adoraria saber que existe alguém na minha vida para cuidar de mim. Ela iria se consolar com isso, eu sei disso. Quantas vezes eu me perguntei se ela estava olhando para mim, gritando para mim pela decisão que tomei? Quantas vezes ela se virou em seu túmulo quando eu...?

Eu sinto algo pegar minha mandíbula, e eu recuo, me afasto para que Theo perca o controle sobre mim. Eu abro meus olhos para me lembrar de onde estou, e então me repreendo rapidamente por deixar minha mente vagar. Theo se afasta cauteloso, olhando-me com cuidado.

— Você nunca fez isso antes. — Ele sussurra, sua testa ficando pesada. — Você nunca se assustou quando toquei em você. Por que agora, Izzy? Onde estavam seus pensamentos?

Eu caio no meu travesseiro, não gosto de suas perguntas ou olhares, e me viro, me levantando da cama. Meu instinto é fugir. *Lute ou fuja*. Sempre foi fugir. Lutar nunca valeu a pena. Apenas resultou em cicatrizes físicas extremas para acompanhar as cicatrizes mentais. Eu fugi fechando minha mente, apagando tudo, ou correndo fisicamente, sempre fugi.

Atravessei a sala até o banheiro, chegando a uma parada assustada quando Theo me rodeou e encheu a porta, com uma palma apoiada em cada lado da moldura para bloquear meu caminho. Eu olho para o peito dele, minhas mãos nervosamente agitando o final da tira do meu robe.

— Compartilhe comigo. — Ele diz gentilmente. — Por favor, Izzy.

Eu endireito meus ombros e olho para ele, enchendo-me de uma falsa determinação.

— E você? Você também compartilhará?

— Você não precisa saber dos meus crimes. — O tom de Theo sugere que eu realmente não sei, e minha fortaleza oscila quando me afasto dele.

— E você não precisa ouvir falar das minhas tragédias. — Retruco com determinação que realmente não sinto.

Eu adoraria descarregar todos os pequenos detalhes do meu passado horrível. Para deixar de escondê-lo, para aliviar a pressão dos segredos. Para enfrentá-lo de frente e encontrar algum tipo de fechamento completo. Mas estou com medo agora, mais do que nunca. Ele vai me odiar tanto quanto eu me odiava, e eu não o culparia.

— Quem é você? — Theo pergunta, mantendo-me no lugar com um olhar de aço. — Por que você não está na mídia social?

Eu sugo no ar. *O que?*

— Você me procurou? Por que você faria isso?

— Não me diga que você não me pesquisou no Google.

Minha hesitação é um sinal da minha culpa.

— Por curiosidade, sim.

— Qual é a sua história, Izzy White?

— Qual é a sua, Theo Kane? — Eu respondo.

Ele sorri um pouco em compreensão e solta as mãos do batente da porta, deixando-as pendurar ao seu lado. Eu posso ver seu peito bombeando. Tudo isso se aprofundando em meu passado, embora improdutivo para Theo, está me desafiando. Eu pensei sobre isso, cada vez mais desde que eu o conheci, desde que fugi. Eu não quero pensar sobre isso. *Sempre.*

— Sou um homem que é mais cauteloso. — diz ele em voz baixa, estudando-me atentamente enquanto fala.

Ele deve perceber que está me dizendo algo que já sei.

— Por que eles estão cautelosos?

— Porque eles estão com medo.

— De tocar em você. — Eu digo, e ele concorda. — Por que eles não podem tocar em você?'

Sua mandíbula pulsa um pouco, e vejo com perfeita clareza o quanto de esforço está levando dele, o que me deixa cada vez mais preocupada. Até mesmo falar sobre sua fobia aumenta seu temperamento.

— Eu não gosto de ser tocado quando não estou esperando por isso. — O peito de Theo pulsa visivelmente enquanto ele se segura. — Preciso de aviso para me preparar. Eu aprendi a ler pessoas, para prever seus movimentos, mas é um desafio constante. É cansativo, daí o controle na minha casa. — Ele faz uma pausa, me deixando absorver tudo. Seu toque afunda em minha pele. — Izzy. Isso me aquece. Com você, eu mal preciso pensar. Meu corpo responde a você. Não sei porque, mas acontece.

— Exceto na cama.

— Enquanto eu estou perdido em você, eu só quero estar perdido em você. Não vou arriscar perder meu foco quando formos íntimos. Como eu prometi antes, não vou te machucar, de jeito *nenhum*. — Ele dá um leve toque na minha bochecha com a palma da mão, seu sorriso acariciando enquanto eu me aconchego em sua mão. — Eu espero que você acredite em mim.

— Eu acredito. — Asseguro— lhe, sentindo-me um pouco superada. — Eu nunca duvidei dessa parte de você.

Deixando um beijo nos meus lábios, ele acaricia a curva da minha bunda.

— Agora, me fale sobre você. — Ele murmura contra a minha boca.

Eu me retiro rápido e é um completo instinto.

— O quê? — Eu me sinto dobrando mais uma vez.

— Eu compartilhei, agora eu quero saber sobre você.

Eu olho para ele, vendo as perguntas em seus olhos. Sim, ele compartilhou, mas tenho certeza de que deve haver mais do que isso. Como *por que* ele é como ele é. Mas isso tem que ser dar e receber, certo? Ele compartilhou um pouco, e se eu quiser que isso funcione, eu também o preciso, então tenho que retribuir, não importa o quanto doa. — Minha mãe morreu de câncer quando eu tinha dezessete anos. Ela era tudo que eu tinha e eu... — Eu engulo, lutando com o meu instinto de correr antes que eu possa ser forçada a compartilhar algo que eu realmente não quero compartilhar. —

Nós não éramos ricas. Nós só tínhamos uma a outra, então eu não tinha nada quando ela se foi. Sem casa, sem dinheiro. Eu precisava de dinheiro.

Theo está quieto por um segundo, e eu só sei que é porque ele está tentando se impedir de fazer a pergunta que eu realmente não quero que ele pergunte. Mas, claro, ele faz, ignorando a súplica em meus olhos.

— Então o que você fez?

Eu olho para baixo, tão envergonhada de mim mesma. Não apenas pelo que estou prestes a dizer a ele, mas por desviar a verdade.

— Eu fui uma stripper, Theo. Eu tirei minhas roupas para homens. — Eu queria que isso fosse tudo o que havia para contar. Eu queria que isso fosse o fim da minha história.

Eu o vejo se afastar um pouco. Como se eu fosse suja.

— Uma stripper. — Ele murmura tão baixinho.

— Eu não estou orgulhosa.

— Quantos anos você tinha?

Estou estremecendo de novo.

— Dezessete. — Eu ouço um rosnado baixo. — Não foi por muito tempo. Eu peguei um pouco de dinheiro e parti. — Outra mentira. — Eu odiava não ser capaz de aliviar a dor da minha mãe quando ela estava doente. Era natural eu estudar medicina. Então saí de Manchester e fui para Londres. Eu queria ser médica, mas não

podia pagar as taxas. Enfermagem foi a próxima melhor coisa. Foi até onde eu pude ir sozinha. Isso é a verdade. — O resto da história horrível permanecerá trancado. Eu olho para Theo, odiando o choque inegável em seu rosto. Choque e desgosto. É exatamente a reação que eu esperava, mas estava tão esperançosa de não conseguir. E agora espero que ele se arrependa de me sondar. — Eu irei embora. – Eu me viro, me sentindo suja, humilhada e vazia novamente.

Theo rapidamente ganha vida, seguindo meus passos.

— Pare de andar, Izzy.

— Só se você parar de olhar para mim como se eu fosse suja.

— Pare de andar, porra.

Eu paro. Theo para. E eu pisco, deixando uma lágrima gorda cair.

— Eu não gosto de falar sobre isso.

— Maldito inferno. — Ele respira, passando uma mão frustrada pelo cabelo. — Estou chocado, isso é tudo. Você é tão... normal.

Normal? Se ele soubesse. Eu encontro meus olhos caindo no tapete novamente, incapaz de olhá-lo nos olhos.

— É disso que você fugiu? — ele pergunta.

Eu aceno, não permitindo que o cobertor da culpa me sufoque. Culpa por ser seletiva com o que eu digo a ele. Por maquiar a verdade. Seu rosto, quando eu disse a ele o que eu fiz para juntar

dinheiro, é a única razão pela qual eu preciso manter o resto enterrado.

— Eu precisava de um novo começo. — Eu temo o pior quando seu olhar cai para o meu estômago, demorando-se sobre a visão das minhas cicatrizes. Então ele olha para mim, muitas outras perguntas em seus olhos. Meus dentes apertam, avisando-o para deixá-lo lá, e ele me estuda muito de perto por alguns momentos, seus olhos tentando retirar mais algumas camadas da minha história. Eu não vou deixá-lo fazer isso. É um impasse por alguns minutos, ambos imóveis e sem vontade de dizer mais nada.

Então ele respira, derrotado.

— Venha aqui.

Ele levanta os braços para mim, e eu caminho direto para eles, grata e aliviada por ele não estar me pressionando mais, embora eu sinta que ele esteja morrendo de vontade. Eu enterro meu rosto em seu ombro, admirada por sua aceitação. Pelo fato dele não estar com nojo de mim.

— Sinto muito pela sua mãe. — Ele diz em um sussurro abafado, e eu o abraço com mais força. — E quanto ao seu pai?

— Não me lembro dele. Ele morreu quando eu tinha dois anos.

Ele respira em descrença.

— Eu sinto muito.

— Pare de se desculpar. Não preciso da sua simpatia, Theo. — Eu deixei ele me abraçar, respirando calma e profundamente. Ele é o cobertor de paz que eu preciso. — Você não está com repulsa?

Theo se retrai, seu peito se contraindo com uma risada silenciosa, seus olhos me encontrando, sua cabeça tremendo de admiração.

— Repulsa? Deus não. Você é incrível — ele diz, plantando um leve beijo em meus lábios. — Você é uma sobrevivente. Você se salvou e isso é admirável. Eu acabei de ser esmagado e você passou por isso sozinha.

Ele me pega e me leva para a cama, colocando-nos de volta na mesma posição anterior. Meus olhos estão pesados, mas eu luto para mantê-los abertos, minha visão é espetacular demais para desistir. Mas então Theo me enfia no ombro dele, beija minha cabeça e esfrega minhas costas, e a exaustão finalmente me bate.

Meus olhos se fecham.

Mas ainda o vejo.

— E agora você está me salvando. — Ele sussurra baixinho.

CAPÍTULO

Quinze

Eu sinto meu sorriso sonolento caindo do meu rosto enquanto eu me alongo, mesmo estando com minha mente também sonolenta registrando a falta de calor pressionada contra mim. Meus olhos se abrem, encontrando a cama ao meu lado, vazia. Empurrando meus cotovelos, eu pisco enquanto olho em volta do quarto de Theo, tentando ouvir qualquer som vindo dele. É silencioso. Eu olho para o relógio de cabeceira. Três da manhã

— Theo?

Eu chamo, empurrando para a beira da cama, meus pés afundando no tapete. Eu termino meu alongamento, chegando até o lado antes de ligar a lâmpada. Ficando de pé, eu vou para o banheiro. Não há sinal de Theo. Eu encontro minha bolsa em uma cadeira no canto do quarto dele e pego alguns jeans skinny e uma camiseta branca grande demais, jogando-os rapidamente e escovando as ondas do meu cabelo. Eu me aventuro em seus amplos aposentos privado, mas depois de espreitar em todos os cômodos, ainda não encontro Theo. Para onde ele foi?

A casa está em silêncio enquanto eu cautelosamente subo as escadas, minha mão deslizando pelo corrimão de ouro enquanto olho em volta, esperando que alguém apareça. Eu faço todo o caminho até o escritório de Theo sem ver uma alma e bato de leve

na porta, não obtendo resposta, então eu tento a maçaneta, achando-a trancada.

Fazendo beicinho para mim mesmo, eu me viro e penso no que fazer.

— Ligue para ele — digo a mim mesma, correndo em direção às escadas para ir buscar meu telefone, mas quando meu pé atinge o último degrau, ouço alguma coisa.

Eu paro e estico meu pescoço para ver a parte de trás do enorme hall de entrada, encontrando uma única porta entreaberta. Eu ando e caminho até um longo corredor com outra porta no final. As paredes estão vazias, no espaço austero ouço som de música abafada. Torna-se mais barulhento quando me aproximo, e entro em outro escritório, este não tão ostensivo quanto o de Theo, mas ainda muito adorável. É bem equipado, muito mais funcional como um espaço de trabalho, com computadores, armários e três mesas. Mas não há Theo.

Com a curiosidade me dominando, atravesso o espaço e abro outra porta, encontrando outro corredor, este bem menor do que o anterior, com muitas portas de cada lado. Uma pequena parte da minha mente está me dizendo para voltar atrás, para não me arriscar mais. Mas uma parte maior está me incentivando, me prometendo respostas às perguntas que fiz a mim mesma um milhão de vezes. E isso é um pouco difícil de resistir.

Eu sigo o som da música até o fim e abro a porta.

— Como um labirinto sangrento. — Digo para mim mesma enquanto a música bate nos meus ouvidos com força.

Meus olhos passam, observando a cena diante de mim, minha boca ligeiramente aberta.

— Oh meu Deus. — Murmuro para mim mesma, meu olhar pregado em uma enorme gaiola hexagonal. Há dois homens além dos bares, de peito nu, com as mãos em punhos, suados. E coberto de sangue.

Eu estremeço quando um cara bate o outro no chão e começa a bater em seu rosto como um louco, com sangue e suor voando por toda parte, meus tremores ficando grossos e rápidos. Meu estômago se revolve enquanto uma multidão em volta do perímetro da gaiola grita e aplaude sedenta pela violência, encorajando-a. Então o barulho cai quando o cara preso ao chão fica mole e para de tentar lutar contra seu atacante, embora os socos não diminuam. Eles vêm mais rápido e mais difícil até que eu não consigo mais ver o rosto do homem inconsciente através do sangue que o reveste.

Que diabos é esse lugar?

Eu me viro e encontro um palco redondo atrás de mim, com uma pista indo em direção aos fundos. As mesas estão posicionadas ao redor do perímetro, as pessoas bebendo e socializando, e eu me vejo indo sem pensar para a plataforma elevada.

— Oh Deus, não. — Eu respiro meu coração prestes a explodir.

Há postes, e duas mulheres seminuas fazem o que só pode ser descrito como acrobacia ao redor deles, arremessando seus corpos para cima e para baixo no metal, entrando em algumas posições insanas, e todas com saltos finos. Meus olhos se arregalam ainda mais quando noto que uma das mulheres é Penny, a garota que

encontrei no beco. Ela parece completamente diferente, seu corpo limpo de marcas, enquanto ela mói sua virilha contra o poste. *O quê?*

Eu volto pronta para fugir, tentando me acordar, porque tenho que estar sonhando. Eu tenho que estar. A gaiola, o palco, as dançarinas e a violência. Todos os meus piores pesadelos estão aqui neste clube opulento. O playground.

Eu forço minha respiração a se acalmar e começo a andar de volta para a porta da qual eu vim, mas meus passos são lentos enquanto eu registro através da minha ansiedade que o rosto de Penny está brilhando. Ela está... feliz? Apreciando a si mesma? Ela não parece estar aqui sob coação. E então me lembro de suas palavras quando estava cuidando dela, quando lhe disse que ela estava na casa de Theo.

Então estou segura.

Eu rasgo meus olhos para longe dela enquanto ela se inclina na cintura, empurrando sua bunda no rosto de um cara, embora ele permaneça em seu assento, apenas observando. Ele não toca nela. Nem tenta. Olho em volta, vendo a maioria das pessoas nas mesas ao redor do palco serem homens, embora também haja algumas mulheres, todas impecavelmente vestidas. É um grande contraste com o que eu experimentei. Algumas pessoas assistem Penny e sua amiga com atenção, mas algumas conversam e bebem. Não há interferência, nenhum homem se jogando no palco. Eu vejo um bar bem equipado com bartenders afiados, bem como garçons adequados entregando bebidas em bandejas. Meu ser instável começa a se acalmar um pouco, e eu não sei porque. Tudo aqui é um gatilho para mim.

Eu passei pelo bar em um estado de torpor, tentando absorver tudo. É movimentada, a música alta, mas não irritante ou desconfortável. As pessoas podem falar facilmente sem a necessidade de gritar.

Meu passo diminui quando vislumbro Theo do outro lado da sala, e qualquer fragmento de ansiedade é afugentado ao vê-lo. Ele está sentado em uma cabine cercada por postes de ouro ligados por grossas cordas carmesim. Ele está reclinado, um copo em suas mãos, mas seu rosto está tenso, as linhas de suas feições bonitas afiadas enquanto ele fala com um homem sentado à sua frente. Ele acena uma vez e fica de pé, oferecendo a mão ao cara. Eles apertam e Theo sai da área, bebida na mão. Sua roupa casual é perfeitamente sexy, apenas uma simples camisa azul aberta na gola e dobrada em um par de jeans que encaixam muito bem em suas longas pernas. Eu pressiono meus lábios juntos, assim como minhas coxas, um rubor quente prematuro levando a melhor sobre mim. Enquanto ele caminha em direção ao bar, todos se movem do seu caminho, alguns assentindo em respeito. É literalmente como a separação das ondas. Estou completamente extasiada.

E eu apenas permaneço onde estou, meu choque ao descobrir que esse lugar foi substituído por algo que me dominou desde o momento em que conheci Theo Kane. Maravilhada. Em apreciação. Estou fascinada.

— Posso ajudar? — uma voz me bate de lado, e eu encontro um garçom me dando uma olhada com olhos confusos.

— Hum... — Eu sigo seu olhar até meus pés descalços e estremeço. — Não, obrigada.

— Você é um membro? — ele pergunta.

— Não exatamente. — Eu rio nervosamente.

— Oh — Ele sorri. — Vestiários estão no canto mais à direita do clube. — Ele aponta e eu olho, vendo Penny desaparecer por uma porta. Ai Jesus.

— Eu não sou uma stripper. — Eu engulo forte, apontando para Theo, digo: — Estou com ele.

— Você está com o Sr. Kane? -o garçom questiona duvidosamente.

Minha mão vem ao meu cabelo e começa a alisá-lo quando eu aceno.

— Sim.

— Certo.

Ele parece duvidoso quando decide o que fazer comigo, examinando o clube por não sei o quê.

— Ela está com Theo. — Uma mulher fala, chamando minha atenção para uma mesa próxima. Ela sorri para mim, saindo da cabine com alguns arquivos em suas mãos. Ela é madura, talvez com mais ou menos sessenta anos, e muito bem vestida, sofisticada em um terninho preto, seu cabelo loiro curto com camadas agitadas. Seus lábios vermelho— sangue enquadram dentes perfeitos enquanto ela segura seu sorriso, aproximando-se de mim.

— Sim Madame. — O garçom cai em aceitação graciosa como ele se afasta.

— Traga-me o meu habitual, Simon, por favor. — diz ela. — Para você, Izzy?

Minha mão vem ao meu peito. Eu me sinto muito mal vestida na companhia dessa mulher estranha e perfeitamente preparada. Como ela sabe meu nome?

— Estou bem obrigada.

— Eu insisto. — Ela olha para o garçom. — Algo leve. Talvez branco.

Ele concorda e nos deixa, e a mulher estende a mão para mim. Eu olho para suas unhas perfeitamente cuidadas, a cor de seu esmalte combinando com seus lábios, e ela me dá um sorriso conhecedor quando eu volto meu olhar para o dela. Ela chega mais perto, gentilmente tomando meu braço.

— Venha sentar comigo.

Levando-me para uma mesa, ela gesticula para que eu me sente, o que eu faço, completamente sem problemas. Ela ainda está sorrindo enquanto se senta em frente e coloca seus arquivos no chão.

— Como você sabe meu nome? — Eu pergunto, incapaz de me impedir de vasculhar o clube, procurando por Theo.

Ela me oferece a mão sobre a mesa, e eu a observo desconfiada por alguns momentos antes de aceitar.

— Sou Judy. — Ela me dá uma pequena piscadela. — A mãe de Theo.

Não quero tirar minha mão da dela, mas acontece mesmo assim, minha surpresa é clara.

— Oh... — Eu respiro, agora vendo que a sombra de seus olhos é uma réplica exata do azul profundo do encantador de Theo.

— É um prazer conhecer a garota que foi o objeto inesperado da afeição do meu filho.

Eu coro um milhão de tons de vermelho, queimando antes dela. Ele disse à sua mãe sobre mim? Eu morro um pouco por dentro, desejando não estar atualmente aparecendo em tal estado.

— Perdoe-me pela minha aparência. — Eu digo, envergonhada, enquanto puxo minha camiseta. — Eu não esperava me encontrar aqui. — Eu indico cegamente ao redor da sala. Eu *realmente* não esperava me encontrar aqui. E o fato de eu ainda estar aqui e não em crise, é um milagre.

— Você parece deliciosamente adorável. — Ela afasta minha preocupação, um carinho em seus olhos que eu só encontrei em uma outra pessoa em minha vida. Eu solto meu olhar para a mesa enquanto o rosto da minha mãe se arrasta na minha mente.

— Obrigada. — Murmuro ciente da tristeza em minha voz.

— Theo me disse que você é uma enfermeira.

Eu aceno quando Simon retorna e coloca dois copos de vinho diante de nós.

— Está certo. — Olhando para ela, acho que o carinho permanece enquanto ela me leva, tomando seu vinho tinto. — E agora eu sei o que Theo viu. — Eu olho novamente ao redor do clube,

especificamente para a jaula onde dois homens estão agora arrastando um corpo inconsciente em direção à saída. Eu tenho que desviar o olhar, sentindo meu estômago revirar.

— Eu disse a ele para lhe dizer mais cedo do que tarde. — Ela olha para a gaiola também. — Isso te incomoda?

— Sim. — Eu respondo honestamente. — Eu não sou fã de violência sem sentido. — Eu lidei com isso por muito tempo. – Ou... — Eu me mexo e olho para o palco, onde mais duas mulheres estão exibindo suas bundas nos homens sentados ao redor delas. Essas duas mulheres estão sorrindo também. Se divertindo.

— Eu entendo. — diz Judy, puxando minha atenção de volta em seu caminho. — Deixe-me reformular isso. Incomoda— lhe o suficiente para dizer adeus ao meu filho?

Sua pergunta me pega de surpresa, e eu apenas olho para ela, lembrando como Theo ficou chocado quando eu derramei uma fração da minha história para ele. Não é nenhuma maravilha. Ele deve ter se perguntado como diabos ele explicaria o Playground. Sem mencionar a gaiola da morte ali. Eu olho, agora vendo um homem limpando o sangue. Bom Deus.

— Izzy?

— Eu estou... um pouco confusa no momento. — Eu admito. — Confusa de muitas maneiras. Eu estou confusa sobre este lugar, mas estou ainda mais confusa que estou tão calma. — Eu aponto para o palco. — A garota que estava acabando de tirar...

— Penny?

— Sim. — Pego meu copo enquanto estudo Judy, imaginando se o genuíno raio de um momento atrás está agora pintado. Parece de alguma forma forçado. — É bom vê-la bem.

— Ela está trabalhando em segurança agora. Eu acho que é uma coisa boa.

Ela está trabalhando em segurança *agora*.

— Todas as strippers são ex— prostitutas? — Eu pergunto. Judy aludindo a um ambiente de trabalho seguro está cimentando meus primeiros pensamentos sobre Theo. Ele gosta de salvar mulheres. Eu apenas nunca previ que, ao salvá-las, ele as estava colocando para trabalhar em seu clube de strip— tease. *Seu maldito clube de strip— tease!*

Bom Deus, sinto que caí num buraco de coelho. De todos os homens que eu poderia conhecer, um dono de clube de strip? Eu freneticamente olho ao redor do bar novamente, na esperança de avistar o próprio homem. Apenas para sugar alguma calma dele. Eu preciso de calma. Meu mundo está de repente balançando de novo, e, estranhamente, a maldita fonte desse balanço é a única coisa que pode estabilizá-lo novamente. Isso é fodido.

— Dançarinas, Izzy. — diz Judy, puxando meus olhos de volta para ela. — Elas são dançarinas, querida. Não strippers.

— Desculpe, dançarinas. — Eu sorrio apologeticamente. Eu não era dançarina. Eu era uma escrava. Forçada a fazer coisas que nenhum ser humano deveria ser forçado a fazer. Mas eu jovem e ingênua, estava tão perdida. Assim... sem esperança. — Então elas são ex— prostitutas?

— Nem todas, mas muitas.

Eu tomo um pouco de vinho enquanto me pergunto o que Theo disse à sua mãe sobre mim, mas me forço a dizer algo mais antes de ceder ao desejo e pedir— lhe diretamente.

— Ele não gosta de ser tocado.

Seu olhar agora é conhecedor, seu sorriso forçado flutuando em mais de um sorriso genuíno e suave.

— Exceto por você.

Eu sinto um rubor me invadir.

— Tenho de lhe dar *um* aviso.

Eu evito seus olhos, sentindo que ela poderia estar lendo minha mente, que atualmente está cheia de imagens de mim contidas em uma suíte de hotel em Las Vegas e Theo me deixando louca com sua língua, seu toque, seu... Eu agito minha mente clara.

— Você não *precisa,* Izzy. — Ela afirma com naturalidade. — Ele vê você se mexer antes mesmo de pensar. — Ela sorri de novo, levantando-se da mesa. — Suas palavras, não minhas.

Ele com certeza contou muito à sua mãe. Ele disse a ela que eu costumava ser uma stripper? Não uma dançarina, mas uma stripper?

— Vocês dois são próximos? — Eu pergunto por disso.

— Tão próximo quanto pode ser sem tocar. — Ela ri e meus olhos se arregalam um pouco. Sua própria mãe? — Sim. — Ela pega

minha palma e a segura suavemente, quase de maneira tranquilizadora. — Até a própria mãe dele não é tão especial que ela possa tocá-lo sem permissão ou convite.

— Ele sempre foi assim?

Pela primeira vez, seu sorriso vacila.

— Não querida. Ele não era. — Ela olha para cima da mesa, seu sorriso voltando. — Fale do diabo e ele aparece.

Eu me viro e encontro Theo em pé atrás de mim, observando a cena diante dele com uma expressão extremamente preocupada. Está certo, eu acho. Minha confissão, este lugar.

— Mãe. — Ele acena para Judy, dando— lhe um olhar questionador.

— Eu a encontrei vagando por aí. — Ela acena uma mão levemente sobre a cabeça.

— Então você pensou em capturá-la e cozinhá-la? — Há desdém em sua voz, mas Judy ri e vai até seu filho, que se eleva acima de sua pequena estrutura. Ela para alguns metros à sua frente e Theo levanta a mão, mantendo os olhos em mim. Eu me sinto como uma intrusa, como se ele não me quisesse aqui, e eu mudo de lugar nervosamente.

Judy pega a mão dele e caminha mais perto, oferecendo a bochecha para receber um beijo.

— Eu não a assustei. Eu simplesmente me apresentei.

— Eu teria gostado de fazer isso em outro momento, e em outro lugar. — Theo responde, não parecendo muito feliz, e eu me desintegro sob sua presença imponente e seu olhar descontente.

— O que eu ia fazer? — Judy suspira cansada. – Deixá-la parecendo perdida? — Ela se separa de Theo e recolhe seus arquivos. — Estou pronta para a noite. — Ela diz, debochada, mas me dando um sorriso secreto enquanto nos deixa em paz. — Foi um prazer conhecer você, Izzy.

— Você também.

Eu forço um sorriso quando a vejo ir, não querendo olhar para Theo quando ele obviamente não está feliz em me ver. Então, recorro a olhar ao redor do clube novamente, exceto que agora a maior parte da atenção dos fregueses é apontada nessa direção, observando Theo e a mulher descalça vestida inadequadamente, parada a poucos metros dele. Eu acho que se eu estivesse de cueca, eu me sentiria menos evidente do que eu estou agora. Começo a murchar com todos os olhares curiosos, puxando a bainha da minha camiseta enquanto olho de volta para Theo. Seu rosto está em branco.

— Penny certamente está... — Eu hesito momentaneamente, procurando as palavras certas. —...De volta a seus pés, — eu termino, desejando que eu pudesse sair daqui sem ser notada. Ou, melhor ainda, desejando que eu não tivesse deixado meus ouvidos me conduzirem aqui. Quanto tempo ele teria me mantido no escuro sobre este lugar?

Os lábios de Theo se contraem, abrindo um sorriso irônico. E pelos meus pecados eu sorrio também.

— Chocada demais para me dar um abraço? — ele pergunta.

— Acho que preciso de um.

— Venha aqui. — Ele sacode a cabeça um pouco, uma ordem, mas não estende uma mão acolhedora.

Meus pés se movem sem que eu diga, me levando para ele. É natural, o que é estranho, porque tudo isso é muito pouco natural para mim. Alcançando seus ombros, eu deslizo meus braços ao redor dele, e ele me segura ferozmente, fazendo-me fundir em seu abraço, meus olhos se fechando, meus arredores esquecidos.

— Eu ia contar a você. — Ele diz baixinho. — Mas então você disse o que disse antes, e eu sei que você não gosta de violência, e... Bem, esse lugar...

— Este lugar. — Concordo, respirando quando abro os olhos. Todo mundo ainda está olhando para nós, incluindo sua mãe, que parou na porta. Envergonhada, eu me afasto de Theo, sentindo o calor subir no meu rosto. — Temos uma audiência.

Theo não olha, apenas desliza o braço por cima do meu ombro e me puxa para ele, nos levando até a área isolada onde ele estava sentado quando eu tropecei aqui.

— Eu espero que sim. — Ele é imperturbável, guiando-me além da barreira e indicando que eu me sente. — Nós deveríamos conversar.

— Que tal no seu quarto? Eu estou mal— vestida para este lugar.

Ele sorri.

— É engraçado.

— O que é engraçado?

— Você está fazendo sua primeira aparição no meu playground parecendo que acabou de ser fodida. — Ele pisca descaradamente. — Eu gosto desse olhar em você. — Ele se abaixa em uma cadeira e sinaliza para um garçom. — Usual, e o que Izzy quiser.

— Apenas água para mim, por favor.

-mesmo? — Theo pergunta obviamente surpreso.

— São três da manhã. — Indico. — Eu deveria estar na cama. Por que você me deixou?

Ele me olha de perto, sentando em sua cadeira.

— Eu não consegui dormir. Estava preocupado sobre como eu poderia explicar esse lugar para minha namorada quando sei que ela odeia violência, e tenho certeza absoluta de que ela odeia clubes de strip— tease.

É aqui que minha cabeça está agora. Uma bagunça, realmente, por causa de todas as coisas que ele acabou de dizer, mas apenas uma palavra ressoa.

— Namorada?

Seu sorriso é fraco, embora eu sinta os nervos.

— As coisas mudaram agora que você viu meu playground? Entre nós, quero dizer? — Ele alcança sobre a mesa para a minha mão e dá um aperto. — Espero que a resposta seja não.

— E se não for?

— Eu farei qualquer coisa para ter certeza que seja.

— Você tem um clube de strip— tease.

— Muito observador de você.

— É *apenas* um clube de strip— tease? — Eu mordo meu lábio, nervosa como merda, e quando o olhar de Theo assume uma ponta de perigo, percebo que acabei de colocar meu pé grande e gordo nele.

— As garotas estão seguras. — Ele me diz, sabendo que é o que preciso ouvir. — Elas são pagas generosamente. Elas mantêm suas gorjetas. Se elas não querem dançar, elas não querem. Ninguém pode tocá-las ou se aproximar delas.

Concordo com a cabeça em aceitação e tomo minha água quando o garçom me oferece, naturalmente pegando o copo de Theo também, e passando-o através da mesa para ele.

As sobrancelhas do garçom se levantam e Theo sorri ao aceitar a bebida da minha mão.

— E a gaiola? — Eu pergunto.

— Realizamos eventos. — Ele diz, desconforto mostrando novamente. – Lutas.

— Lutas ilegais. — Eu afirmo isso como o fato que eu sei o que é. Theo Kane, meu namorado, o homem que sequestrou meu coração, é dono de um clube de luta ilegal e, acima de tudo, um maldito clube de strip— tease. Quais são as chances?

Theo acena com a confirmação, levando o copo aos lábios. Eu tenho perguntas, muitas perguntas.

— Você é procurado pela polícia? — Apenas sai da minha boca, e isso me choca tanto quanto choca Theo, seu copo parando no meio do caminho. Eu olho para longe, envergonhada, apesar de não perceber que ele não se apressou em me tranquilizar.

— Não, não sou procurado pela polícia.

Eu olho para ele, me sentindo pequena e desajeitada.

— Você já foi preso?

— Não.

Estou surpresa. Um homem como Theo, seu temperamento, seu... o negócio.

— Certo, e...

— Eu fiz algumas coisas terríveis, Izzy. — Ele me interrompe, prendendo a respiração uma vez que ele proferiu sua confissão. Eu olho para ele, esperando por mais. É só quando ele pisca e olha para baixo que percebo que não vou conseguir. *Deus perdoa a todos.* — Apenas me deixe ser Theo para você. — Ele olha para mim. — Você pode fazer isso?

Eu posso? Este lugar é como um vórtice de gatilhos. Um instinto profundo está me dizendo para correr, mas há um novo instinto, do qual estou mais controlada, me dizendo para ficar. Eu olho para o palco. Penny está de volta. Ainda sorrindo. Ainda parecendo cheia de vida e energia. Eu não sorria. Nunca.

— Você sabe que eu não gosto de violência. E clubes de strip— tease não são realmente minha coisa.

Eu dou de ombros. Não estou dizendo a Theo nada que ele já não saiba. Ele simplesmente não conhece os detalhes sórdidos. Ele se move desconfortavelmente em seu assento, parecendo preocupado enquanto eu prossigo.

— Mas aparentemente você *é a* minha coisa. — O sorriso que cruza seus lábios, revelando sua covinha ao máximo, é meu sorriso favorito de Theo. — Você apareceu do nada em um beco em uma noite escura e me impediu de ser atacada. Você me seguiu até Vegas e me cortejou. — Eu levanto uma sobrancelha de aviso quando sua boca se abre para me desafiar. — *Negócios*. Dá um tempo. — Theo fecha a boca e acena para eu continuar. — Você fez Callum ficar e me observar, então eu cheguei em casa para você em segurança. Você apontou uma arma para alguém que ficou um pouco agressivo comigo.

Eu tento parecer imperturbável, seguindo cada negativo com um positivo. Eu já sabia que Theo dançava do lado errado da lei, eu simplesmente não sabia exatamente como. Agora sim, e apesar do meu ódio à violência e minha aversão pelos clubes de strip— tease, não posso dizer que mudou a maneira como me sinto sobre Theo. Porque comigo, ele é gentil. Comigo, ele é quente. E embora seja um pouco atrasado, gosto de como ele me faz sentir. Na cama. Fora da cama. É quase como se eu relaxasse desde que o conheci. Meus músculos não se sentem constantemente esticados. Minha mente não está sobrecarregada. É como se um enorme fardo tivesse sido tirado dos meus ombros. Estranhamente, eu amo o desejo instintivo

de Theo de me manter segura. E acho que amo meu novo instinto de deixá-lo.

— Para mim, você é simplesmente Theo.

Ele solta um suspiro atônito.

— Você me surpreende a cada passo.

— Eu me surpreendi. — Digo a ele. — Outra coisa que realmente me surpreendeu também. – continuo, sentindo meu copo nervosamente.

— Bom. Eu estava começando a achar que você era desumana — Theo ironiza sarcasticamente. — Continue.

— Sua mãe. Você contou a ela sobre mim.

Ele revira os olhos um pouco. É o mais doce sinal de exasperação.

— Ela recebeu uma ligação da florista para confirmar a entrega das flores que lhe enviei.

Eu sorrio.

— E você não é do tipo vinho e jantar?

Theo sorri de volta, tentando levantar as sobrancelhas de advertência para mim.

— Parece que eu sou. — Grandes sorrisos gordos permanecem em nossos rostos enquanto nossos olhos ficam grudados na mesa por uma eternidade, nós dois terminando nossas bebidas antes de um de nós finalmente falar. E é Theo.

— Como ela foi, afinal? Minha mãe.

— Adorável. — Eu digo honestamente, sufocando um bocejo.

— Ela é uma boa mulher. — Theo se levanta e me pega da cadeira, me puxando para o lado dele novamente. — Deixe-me levá-la de volta.

— Você vai ficar comigo? — Eu pergunto, sentindo os olhos nos seguirem até a porta.

— Tente me impedir. — Ele olha de volta para um dos barmen. — Esta porta deve estar sempre trancada. — O medo no rosto do pobre rapaz é potente. — Certifique-se de que isso não aconteça novamente.

— Tão assustador. — Murmuro enquanto Theo me guia, sorrindo para ele quando ele olha para mim.

— O código na fechadura é um, cinco, zero, cinco, se você precisar.

— Quinze de maio. — Penso, voltando minha atenção para a frente. — Seu aniversário? — Ele balança a cabeça e me leva pelo corredor, pelo escritório e pela passagem que leva de volta à sua casa. — Eu suponho que as pessoas não vêm através de sua casa para entrar no clube. — Eu digo quando pegamos as escadas.

— Há uma entrada separada para os jardins e clube do outro lado da propriedade.

— E a polícia? — Pergunto, imaginando como um estabelecimento ilegal desse tamanho e óbvia popularidade fica fora do radar.

— E o que tem eles?

— Bem, as lutas ilegais. Eles não tentariam fechar você? se soubessem?

— Provavelmente. — diz Theo, como se não tivesse importância, fechando a porta do quarto atrás de nós.

— Você não está preocupado com isso?

Ele puxa minha camiseta por cima da minha cabeça e depois tira meu jeans.

— Não.

— Por quê?

— Eu tenho muita sujeira em muitos policiais. — diz ele, apontando para a cama. — E a minha mãe é casada com um.

— Não é verdade. — Eu digo.

— Sim, merda. — Ele ri, tirando a camisa.

Eu momentaneamente esqueço o que me deixa tão aturdida, a visão de seu peito me deixando com os olhos vesgos. Eu me sacudo do meu pequeno momento.

— Seus pais são divorciados?

—Meu pai morreu.

Eu calmamente noto a dor que pisca em seu rosto.

— Eu sinto muito.

Ele não reconhece minha oferta de simpatia, em vez disso acena para a cama novamente.

— Suba.

Eu sigo sua ordem obedientemente, deslizando sob os lençóis enquanto Theo se desnuda e joga suas roupas na cadeira próxima à minha. Tenho a impressão de que a conversa termina aí, então não o empurro. Eu não gostaria de falar muito sobre minha mãe também. Deslizando ao meu lado, ele pressiona o interruptor desligando a lâmpada, a sala caindo na escuridão. Espero que Theo me encontre antes que eu faça um movimento e, quando ele o faz, eu fico feliz em seus braços, repousa minha cabeça em seu peito e fecho meus olhos, ouvindo seu coração bater firme e forte.

— O que você quer dizer com sujeira deles? — Eu pergunto minha curiosidade enfurecida.

— Em que clube de strip você trabalhou?

Eu paro, franzindo a testa para mim mesma. Então é assim que vai ser? Eu faço uma pergunta que ele não quer responder, e ele pergunta uma que ele sabe que não vou querer responder? Engenhoso e Inteligente. Mas isso não é terrivelmente tóxico? Os segredos? Você pensaria, mas eu os considero reconfortantes. Porque estamos em paz simplesmente sendo Izzy e Theo um para o outro, mesmo que saibamos que há mais na história. Mas eu quero esquecer. E o mesmo acontece com Theo.

Eu viro meus lábios para sua pele e beijo seu peito, ignorando a pequena parte da minha mente que está me dizendo que minha teoria é estúpida e ingênua.

— Boa noite. — Eu sussurro, sentindo a mão dele no meu cabelo, esfregando círculos suaves.

— Boa noite querida.

CAPÍTULO

Dezesseis

Jess está tomando café em seu roupão quando eu entro na cozinha do nosso apartamento cedo na manhã seguinte, seu rosto uma imagem de curiosidade. Saio passando por ela para pegar um pouco de cafeína.

— Uma boa noite? — Ela pergunta casualmente, se juntando a mim na chaleira e descansando seu quadril no balcão.

— Adorável! Obrigada. — Eu escolho focar nas partes surpreendentes da noite, em vez do início instável fora do hospital, quando Theo teve o filho de Percy em um estrangulamento, e então, quando eu descobri o que o playground realmente é. Eu despejo e mexo, mantendo meus olhos no redemoinho do meu café.

— Você está brilhando. — Ela diz, e eu olho para ela pelo canto do olho. Ela não está conseguindo esconder seu sorriso. — Quanto você caiu?

— Mais forte do que deveria. — Eu pego minha caneca e espio sua posição, descansando sobre o balcão, minhas mãos em volta do meu café.

— Por quê?

Eu dou de ombros, tentando ser blasé.

— Eu só tenho a sensação... — Eu deixei minhas palavras desaparecerem, pensando por alguns momentos. — Eu não sei. Como se eu estivesse me preparando para me machucar.

Um leve sorriso irrompe sobre a borda de sua caneca.

— Izzy, quando você dá seu coração a alguém, você está confiando neles para não o quebrar. Você não pode se segurar para sempre.

Eu aceno com a cabeça levemente, sabendo que ela está certa. Eu não posso deixar meu passado manchar meu futuro. Mas e se esse futuro é muito parecido com o meu passado? Eu balancei minha cabeça para mim mesma. Theo, *não* é *nada* como ele. Deus, por que eu tive que deixar minhas barreiras para um homem como Theo? Por que não um cara normal, pequeno e cumpridor da lei com um emprego regular? São perguntas bobas, na verdade; eu nem sei por que estou me incomodando em me perguntar elas. Eu sei exatamente por que. Para começar, há aquela sensação de estar a salvo sempre que ele estiver por perto. Esse conforto é como uma droga altamente viciante, depois de ter medo por tanto tempo. Mas mais do que isso, sinto que ele está me dando partes de si mesmo que nenhum outro é privilegiado de ter. Até a mãe dele. Ele é suave, delicado, gentil, carinhoso. Ele é uma pilha de contradições, fascinante.

— Eu não acho que ele tenha qualquer intenção de partir meu coração. — Eu apenas me preocupo que ele faça isso sem intenção.

— Você confia nele?

— Completamente. — Eu não hesito. — Ele não vai me machucar. Eu apenas temo o dano que ele pode causar a si mesmo. — Jess franze a testa, então eu continuo. — Como ele vive, o que ele faz, a maneira como ele lida com as coisas. Ninguém pode viver pela espada e nunca ser cortado. E se Theo for cortado, eu serei também. Sua dor será minha.

— Viver pela espada? — Ela franze a testa.

— Seu temperamento, sua fobia. — Eu mordo o lábio. Além disso, não posso esperar que minha amiga entenda minha confusão se ela não tiver todas as informações. — Seu clube de strip— tease.

Ela quase derruba seu café, sua caneca batendo no balcão com força.

— O que?

Eu aceno enquanto eu sorvo meu café, parecendo tão legal quanto eu estranhamente sinto.

— O playground. É um clube de strip— tease. Mas não do tipo que...

Jess levanta a mão, me impedindo de continuar.

— Você não precisa ir lá, Izzy.

Sou grata, mas estou ansiosa para retransmitir todas as justificativas pelas quais passei a noite passada.

— Ele é bom para as pessoas que trabalham lá. Elas estão felizes... — Eu dou de ombros. —...E Theo ainda é Theo... — É simples assim. — Ele me trata como uma deusa. — Me faz sentir como uma

também. Eu empurro para longe do balcão e vou para o banheiro, ouvindo Jess em busca de mim. — O Playground é também um clube de luta ilegal. — Digo— lhe por cima do ombro, com naturalidade.

Ela ofega, quase tropeçando em seus próprios pés em choque.

— Você está brincando, não é?

— Não. — Eu coloco meu café na pia e tiro a roupa, pulando no chuveiro enquanto Jess fica confortável no assento do vaso sanitário.

— E você descobriu tudo isso ontem à noite?

— Sim.

Suas bochechas estufadas, seu rosto uma imagem de choque.

— Maldito inferno, se apenas Theo soubesse...

— Ele sabe.

Seus olhos redondos se arregalam ainda mais. Eu realmente não posso culpá-la, embora esteja certa de que lidei com tudo isso de forma muito mais racional do que Jess está fazendo.

— Ele sabe...? — Ela quer esclarecimentos, porque há *muito que* Theo poderia saber.

— Ele sabe que eu costumava ser uma stripper.

— Você não costumava ser uma stripper, Izzy. Você costumava ser um pouco mais do que uma escrava. — Eu recuo, assim como Jess. —Merda, sinto muito.

— Não sinta. Você está certa. — Eu forço um sorriso quando o boxe do chuveiro se fecha na minha frente, e eu a perco de vista. — Embora Theo não saiba dos detalhes, ok? Ele não precisa.

— Deus, sim, claro.

— Obrigada. — Pego o xampu e, enquanto lavo o cabelo e o corpo, espero mais perguntas. Mas depois de alguns minutos, ouço a porta do banheiro fechar. E eu sei que ela está preocupada.

***

— Izzy, uma palavra no meu escritório quando você terminar, por favor. — Susan chama enquanto estou ajudando Mable a ficar confortável. Eu olho por cima do meu ombro, vendo-a colecionar alguns arquivos médicos na mesa. Está perto do fim do meu turno, e eu estou no limite todo o dia, me preocupando se alguma coisa virá do *incidente* envolvendo o filho de Percy na noite passada.

— Dois minutos. — Digo minha mente correndo com apreensão.

— Parece sério. — Mable se intromete em meus pensamentos, acariciando os lençóis em volta do colo.

Eu murmuro minha concordância e derramo— lhe um pouco de água, entregando a Mable alguns analgésicos com o copo.

— Ainda são cinco? — Eu pergunto.

— Quatro. — Ela inclina o copo pequeno para os lábios e engole. — Diga-me como é esse seu homem robusto.

Devolvo seu sorriso perverso enquanto faço algumas anotações em seus gráficos.

— Robusto.

— Da prateleira?

— Talvez.

— Olhe para você sendo todo tímida. — Ela ri, pegando meu braço e me dando uma cutucada. — Mas não há como esconder a primavera em seus passos.

— Estou pulando?

— Está sim. E brilhando. — Ela pisca, parecendo muito satisfeita consigo mesma. — Estou feliz por você.

— Obrigada. — Eu dou à sua mão uma massagem rápida enquanto Susan passa novamente e acena em direção ao seu escritório. Eu não gosto de sua expressão séria em tudo. — É melhor eu ir.

— Ok, querida. Vou tirar um cochilo antes que *o Great British Bake Off* comece. Passe-me o controle remoto, vai, meu amor?

— Claro. — Deixo Mable depois de ter certeza de que ela tem tudo o que precisa e dirijo-me ao escritório de Susan, incapaz de conter minha crescente apreensão.

— Tudo certo? — Eu pergunto, encontrando-a sentada em sua mesa.

— Izzy, por favor, feche a porta e sente-se. — Susan aponta para uma cadeira, e minha apreensão aumenta quando fecho a porta, sabendo que isso *deve* ser sério. A porta de Susan nunca está fechada, a menos que seja sério.

— O que está acontecendo? — Eu pergunto enquanto me abaixei na cadeira.

— Eu ia *fazer— lhe* essa pergunta. — Ela levanta alguma coisa.

Eu franzo a testa, olhando o papel em sua mão.

— O que é isso?

— Uma carta de reclamação.

Eu olho para ela enquanto ela desdobra o envelope e examina a carta, apontando para o fundo.

— Do filho de Percy Sugden. Ele apareceu no Casualty ontem à noite com ferimentos extensos. Mandíbula quebrada, braço quebrado, nariz quebrado, para citar apenas alguns.

O que? Eu estremeço, temendo me encher.

— Ele não tinha nenhum desses ferimentos na última vez que o vi. Susan, eu...

— Ele disse à polícia que você teve uma discussão com ele.

— Ele me atacou do lado de fora da A & E. — eu esclareci, com mais severidade do que pretendia. — Não houve discussão, nem um pouco.

— Ele diz que você instigou um confronto, mas ele tentou se afastar.

Sento-me para a frente na minha cadeira, surpresa.

— Ele me encurralou em uma porta e me ameaçou.

Ela levanta a sobrancelha, voltando os olhos para o papel e esquadrinhando as palavras.

— Ele afirma o contrário. Ele disse que quando tentou se livrar da situação, foi emboscado por dois homens grandes, um que ele reconheceu como seu namorado.

Ela olha de volta para mim com expectativa. Mas o que ela está esperando? Para eu assumir a responsabilidade por essas mentiras?

Eu fico boquiaberta com ela, atordoada.

— Ele está distorcendo isso. Theo interveio porque o Sr. Sugden estava me ameaçando. —Meu alarme está aumentando minha voz. — Theo o afastou e depois o soltou. — Eu deixo de mencionar a arma, já que a Susan não adicionou. Eu percebo que estou sendo seletiva aqui, mas há uma coisa que importa. — Theo soltou o filho de Percy sem o machucar, mesmo que ele estivesse abalado até o núcleo. Bom. Ele merecia estar.

— Essa é uma versão diferente dos acontecimentos que o Sr. Sugden disse à polícia.

Ela parece tão arrogante, tão diferente de si mesma. Esta não é minha chefe como eu a conheço. E pensando nisso, o que ela está ditando com essa carta não é como ela me conhecesse. Certamente ela não acredita neste lixo.

— Ele está mentindo. — Eu garanto, irritada. — Não houve um arranhão no Sr. Sugden quando o vi pela última vez, e Theo e Callum ficaram comigo o resto da noite.

Susan suspira, largando o papel em sua mesa.

— Desculpa Izzy. Com uma reclamação tão séria, não temos outra escolha senão suspendê-la enquanto aguarda uma investigação mais aprofundada.

— O quê? Susan, você viu aquele homem. Ele é um idiota. Ele está mentindo.

— Então, como você sugere que ele sofreu essas lesões? — ela pergunta. — Membros quebrados, Izzy. Ele não tropeçou no meio— fio, nem encontrou uma porta.

Eu fecho meus olhos brevemente e tento me acalmar, sentindo as lágrimas ameaçando se libertar. O que está acontecendo aqui?

— Não sei como ele sofreu essas lesões, mas sei que não tem nada a ver comigo *ou com* meu namorado.

— Bem, eu tenho que tratar todas as queixas de acordo com o protocolo, Izzy. O comportamento do Sr. Sugden diante de sua queixa será anotado em sua defesa, mas alguém lhe deu esses ferimentos. Ele diz que você encorajou a surra.

Eu caio de volta na cadeira, absolutamente atordoada.

— Eu encorajei isso? O quê, como os incitei?

Susan permanece em silêncio por alguns momentos, claramente pensando muito. Espero que seja difícil o bastante ver o maldito sentido.

— Izzy, pode não ser o meu lugar para perguntar, mas você realmente conhece esse homem com quem está envolvida?

Eu olho para a minha chefe, tentando formar palavras na minha cabeça que não incluem uma *foda*. Eu nunca tive qualquer tipo de reclamação contra mim desde que me qualifiquei como enfermeira. Eu nunca tive um confronto com outro membro da equipe, um paciente ou um parente. Susan deve saber que a afirmação deste idiota é fora do personagem para mim. Eu instiguei Theo? O que eu realmente fiz foi implorar a ele para deixar o idiota partir. Eu parei o Sr. Sugden de ser espancado até a morte.

Eu corro através do incidente horrível em minha mente, a partir do momento em que o Sr. Sugden me encurralou até o momento em que Theo, Callum e eu entramos no carro. Nós estávamos todos juntos e...

Meu processo de pensamento se detém, o gelo jorrando em minhas veias. No parque de estacionamento. Callum esqueceu de pagar pelo estacionamento e Theo foi validar o ingresso. Meus olhos atravessam a mesa diante de mim, tentando descobrir se os poucos minutos que ele se foi seriam suficientes para infligir tanto dano ao filho de Percy.

Eu deveria rir de mim mesma por fazer uma pergunta tão patética. Theo precisaria de apenas dez segundos para infligir danos

sérios. Eu não tenho dúvidas. Eu respiro fundo, agora questionando o que *realmente* aconteceu. Não importa que o Sr. Sugden esteja esticando a verdade e distorcendo as coisas. Se Theo comprometeu conscientemente meu trabalho, vou perder a porra da minha merda.

Eu olho para Susan e encontro seus lábios pressionados em uma linha reta.

— Desculpa, Izzy. Sugiro que você entre em contato com o sindicato e espero que a polícia entre em contato com você. — Sua cabeça se inclina, a simpatia engolfando seu rosto. — Você deve sair agora.

Eu me levanto, me sinto entorpecida e vou embora para pegar minhas coisas. Minha cabeça é um tumulto de pensamentos, questionando a honra de Theo de respeitar meus desejos. Não há dúvida de que o Sr. Sugden me responsabilizou pela morte de seu pai e queria algum tipo de vingança estúpida, e Theo deu a ele a oportunidade de ter a melhor vingança de todos os tempos. Que melhor maneira do que me demitir? Arruinar minha carreira e, além disso, ter meu namorado trancado.

Eu saio do hospital com meu casaco por cima do meu braço e minha bolsa arrastando pelo chão. Eu estou em lugares conflitantes, minha mente uma bagunça esfarrapada. Esta era uma situação de perder, só perder para mim. Se Theo não estivesse lá para mim ontem à noite, eu não tenho dúvidas de que Sugden teria me agredido, *mas* eu não teria sido suspensa do dever. No entanto, Theo *estava* lá, e sim, estou ilesa, mas agora estou enfrentando a possibilidade de ter minha carreira caindo no ralo como resultado. Ou Theo poderia ter se afastado como eu achava que tinha, em vez de voltar sorrateiramente para encontrar Sugden e pulverizá-lo.

Então eu ficaria ilesa *e* ainda teria uma carreira. Mas Theo pensou que o filho de Percy fosse outra pessoa. Ele pensou que eu estava mentindo para ele.

Com um suspiro carregado, eu caio em um banco do lado de fora do hospital e olho fixamente para o chão. Como ele pôde fazer isso? Anos de treinamento desperdiçados. Meu santuário foi tirado de mim. Eu tenho contas para pagar. O que eu vou fazer?

Meu telefone toca, e eu lentamente puxo para fora do bolso do meu casaco, encontrando Jess me chamando. Ela está no turno. Certamente, as notícias não poderiam ter chegado ao outro lado do hospital.

— Ei?

— Oh meu Deus, Izzy. Eu acabei de saber.

Eu afundo na madeira dura do banco. Parece que posso.

— Sugden está mentindo.

— O que diabos aconteceu? — Ela está sussurrando agora, provavelmente trancada em um armário em algum lugar da maternidade.

— Acho que ele estava me esperando depois do meu turno na noite passada. Ele me encurralou e me ameaçou. Você sabe o seu final de turno usual. Ele não sabia que Theo estava comigo.

— Sério? O homem é cego? Como ele não o viu? Ele é um gigante fodido.

— Ele estava me pegando um café. Saí para esperar por Callum. — Eu olho em volta para verificar minha privacidade e abaixar minha voz. — Theo o manteve com uma arma, Jess. Callum teve que convencê-lo a parar. Mas a arma não foi mencionada. Theo deixou-o ir, e a última vez que eu o vi, Sugden estava todo em uma só peça.

— Oh, caralho. — Ela respira. — A última vez que você o viu?

— Theo desapareceu por alguns minutos para validar o bilhete de estacionamento. — Eu fecho meus olhos e seguro minha testa na minha palma, minha cabeça começando a bater. — Callum estava atrás do volante na barreira, então Theo foi. — Só agora percebo que Callum poderia ter ido embora. Se o carro precisasse ser movido antes que ele voltasse, certamente Theo poderia ter deslizado para o banco do motorista e feito isso.

— Alguns minutos? Você acha que ele poderia causar tanto dano tão rapidamente?

— Eu *sei que* ele poderia.

—Meu Deus, Izzy, sei que não é o que você quer ouvir agora, mas não pode culpar Theo por perder sua merda se Sugden atacou você.

— Não, mas posso culpá-lo por me fazer perder meu emprego.

Ela fica em silêncio por alguns segundos, mas eu posso ouvir sua respiração. Ela não pode discutir comigo. Porque eu estou certa. Ela sabe disso, eu sei disso, e vou garantir que Theo saiba disso quando eu o vir.

— O que você vai fazer?

— Eu não tenho ideia, Jess. — Eu respondo cansada, porque eu realmente não sei. Meus pedidos verbais a Theo, tirando-o de Sugden, eram palavras. Boato. Provável. Os ferimentos de Sugden são evidências físicas e visíveis, se alguma vez houve alguma. Estou ferrada e pela primeira vez estou me perguntando com quem diabos eu *realmente* me envolvi.

— Vá para casa. — diz Jess. — E pegue uma garrafa de vinho a caminho. Estarei de folga em algumas horas.

— OK. — Eu exalo, desligo e mentalmente calculo quantas garrafas de vinho posso carregar sozinha. Eu vou precisar de mais de uma.

Que merda de bagunça. Meus pés estão pesados enquanto começo minha caminhada para casa, minha mente também está pesada, e quando chego ao fim da estrada, caminho mais devagar, vendo um familiar Bentley contornando a esquina à frente. Meus ombros caem. Estou cansada demais para ter uma discussão e é exatamente isso que vamos ter. Eu sigo o caminho do carro grande e elegante, lentamente virando no lugar até que estou de frente para a estrada e está estacionando na minha frente. A porta se abre e Theo desliza para fora, levantando os olhos para acomodar sua altura. Ele parece inteligente, seu corpo mortal envolto em um terno cinza de três peças. Hoje, não posso apreciar o homem bem afinado diante de mim. Hoje, só posso imaginar com preocupação crescente como minha carreira será prejudicada por causa dele. E, irritantemente, porque estou brava com ele, se Theo será tirado de mim. Preso. Jogado na cadeia. Como eu disse a Jess, você não pode viver pela espada e nunca ser cortado.

Seus profundos olhos azuis brilham de prazer até que ele vê minha expressão, e então o brilho diminui, sua covinha desaparece e sua testa se franze.

— Izzy? — Ele fecha a porta suavemente e dá um passo em minha direção. — O que há de errado, querida?

— Por que Callum não pagou a passagem? — Eu pergunto, cortando direto ao ponto. Se eu não começar a receber respostas, vou explodir em todo Theo.

Sua cabeça se vira para o lado, mas seus olhos permanecem em mim.

— O quê?

— Ontem, quando você me buscou do trabalho, depois que você segurou um homem sob a mira de uma arma. Por que Callum não pagou pelo bilhete do estacionamento?

— Por que você está fazendo uma pergunta tão trivial?

— Apenas me responda! — Eu grito, encontrando raiva em meio a minha exaustão.

Sua mandíbula tiquetaqueia.

— Não tome esse tom comigo, Izzy.

— Por quê? O que você fará? — Eu pergunto, me aproximando, firme e corajosa. Eu não vou desistir. Nunca. Além disso, não é minha bravura uma das coisas que Theo afirma amar sobre mim? Vamos ver o quanto ele ama encarar minha ira.

— Puxará uma arma para mim?

Com as narinas queimando, ele dá um passo para trás, colocando o espaço que ele precisa entre nós novamente. Ele não gosta disso. Minha raiva. Ele não sabe como lidar comigo.

— Eu fui porque era mais fácil. — Ele dá outro passo para trás. Callum estava dirigindo. Que diabos está errado com você?

— Fui suspensa. — Declaro de maneira uniforme.

Sua testa enruga.

— O quê?

Respirando fundo, repito, embora saiba que ele me ouviu muito bem.

— Fui suspensa do meu trabalho porque o homem que você segurou com uma arma na noite passada apresentou uma queixa, não apenas com o hospital, mas com a polícia também.

Theo ri um pouco baixinho. Ele realmente ri. Senhor me dê força antes que eu perca o enredo.

— Ele não pode provar que eu segurei uma arma na cabeça.

— Ele não mencionou a arma em sua declaração, e ele não precisa. Ele não tem um ferimento à bala — digo a ele, meu queixo doendo de tensão. — Mas ele tem inúmeros ossos quebrados.

Theo recua.

— O quê?

— Como você pôde? — Eu pergunto, forçando minha voz a não tremer com a raiva borbulhando. — Eu lhe disse para deixá-lo, mas você ainda foi em frente e...

Ele me agarra pelo topo dos meus braços e eu pulo, mas não me liberto de seu aperto. É muito firme. Seu rosto, apertado de frustração, chega bem perto do meu.

— Eu nunca coloquei um dedo nele.

-mentiroso. — Cuspo de volta. — Você convenientemente nos deixou no carro por alguns minutos. Onde você foi?

— Pagar pelo estacionamento.

— Tem certeza? — Eu pergunto me libertando do aperto de Theo com algum esforço sério. — Porque os ferimentos de Sugden sugerem o contrário.

— Que porra de ferimentos?

— Queixo quebrado, nariz, braço. Ele relatou isso à polícia, Theo. Você será preso, vou perder meu emprego e provavelmente ser presa também como uma maldita cúmplice. — Eu levanto minha mão em raiva e pânico, esquecendo-me por um momento, e lanço em seu ombro. É um movimento estúpido, alimentado apenas pelo desespero.

Ele pega meu braço pelo pulso, sem sequer olhar, seus olhos desenvolvendo uma ponta de loucura, e eu retiro meu corpo, cautelosa, meu pulso ainda preso em seu aperto tenso. Seu lábio se enrola.

— Ele fez uma declaração dizendo que eu chutei a merda fora dele?

Eu aceno, não me atrevo a falar. Ele parece homicida.

Suas narinas se abrem, e ele libera meu pulso, olhando para baixo quando começo a esfregar a leve dor de seu aperto. Delicadamente, desta vez, ele recupera meu braço e assume o atrito antes de trazê-lo à boca e beijá-lo docemente, fechando os olhos e inspirando uma longa e calmante inspiração.

— Eu não sou fodidamente responsável por isso. — Ele solta meu braço e desce a estrada em direção ao hospital.

Eu olho para as costas dele, deixando os últimos momentos entrarem. Ele não é o responsável? Então, o que ele acha que pode fazer? Eu olho para o seu carro na beira da estrada e mergulho para obter Callum, na minha opinião, quando a janela diminui. Ele está vendo Theo ir embora.

— É melhor você entrar ou qualquer esperança que você tenha de manter seu emprego será perdido. — diz Callum, balançando a cabeça. É um sinal de medo, e isso me endireita e vejo Theo novamente. Ele já está no fundo da rua, suas longas pernas comendo a distância em pouco tempo.

— Izzy, entre na porra do carro.

A demanda de Callum me move rapidamente, e eu entro no carro em pânico. Assim que fecho a porta, ele desce a estrada. Antes que eu perceba, ele está entrando no terreno do hospital. A cancela leva uma eternidade para levantar, ao ponto de Callum começar a amaldiçoar sua impaciência, e uma vez que ele tenha espaço

suficiente, ele abaixa o pé, forçando alguns pedestres a pularem do nosso caminho.

— Para constar — diz Callum, quando o Bentley derrapa até parar — ele estava pagando pelo estacionamento. Espere aí. — Ele salta, fechando a porta e acelerando uma corrida pelo estacionamento para a entrada. Eu o vejo se afastar, minha mente uma névoa, tentando alcançar. Ele realmente estava apenas pagando pelo estacionamento? Theo não responsável por isso? Então, novamente, o que ele vai fazer?

— *Espere aqui*? — Eu digo para mim mesma, vendo Callum desaparecer pelas portas do hospital em busca do meu namorado rosnando. — Eu não penso assim. — Eu saio do carro e corro atrás dele. Não rápido o suficiente, no entanto. Perco a visão de Callum, ficando presa em uma multidão de pessoas na entrada do hospital. — Desculpe-me. — eu grito, lutando contra o meu caminho, derrubando as pessoas do caminho enquanto vou.

Quando chego à minha enfermaria, estou sem fôlego e suando, meus pulmões queimando. Eu puxo para uma corrida lenta perto da entrada, tentando acalmar minha respiração e meu estado frenético.

É quando ouço a comoção e estremeço quando o som da voz de Theo passa pelo hospital, ecoando em todas as paredes.

— Você não pode suspendê-la por algo que ela não fez. — Ele grita. — Eu não vou aceitar!

—Senhor, por favor. Você não pode entrar aqui jogando seu peso por aí. — O agudo estridente de Susan bate nos meus ouvidos

e deixo minha cabeça cair em minhas mãos com medo. — Por favor, saia, ou eu vou ligar para a segurança.

— Porra, chame-os. — Theo sussurra. – Com que tipo de imbecil ela trabalha? Você conhece a Izzy. Sua bondade e paixão pelo trabalho. Você vai deixar um idiota depravado colocar sua integridade e sua reputação em dúvida?

Eu sigo o som de sua voz para o escritório de Susan, vendo a porta se abrir e Susan recuando para o canto, apesar de Theo estar do outro lado de sua mesa, ainda que com os punhos plantados na superfície de madeira, debruçado. Callum está pairando atrás, silencioso e imóvel.

— Eu tenho que seguir o protocolo. — Susan gagueja, seu olhar passando rapidamente para mim na porta.

Espero que ela possa ver a sinceridade em meus olhos, o alarme e o remorso pelo comportamento ameaçador de Theo. Se ela estava preocupada com o meu envolvimento com ele antes, então Theo acaba de confirmar por que ela deveria estar. Sua presença é sinistra. Intimidante.

— Theo. — Eu digo, aproximando-se de suas costas. — Por favor, vamos embora.

— Não, Izzy. Não até que alguém por aqui comece a agir de acordo com o senso comum em vez de transar com o protocolo. É uma piada do caralho. – Ele se levanta, endireitando a sua altura total. — Você sabe tão bem quanto eu que ela nunca iria confrontar alguém, muito menos uma pessoa de luto. Ao inferno com o protocolo. Por que diabos você não está lutando por ela?

— Eu conheço Izzy. — Retruca Susan. — Não tenho a menor ideia de quem *você* é, e certamente não é bem-vindo aqui. É hora de você ir embora.

— Eu não causei essas lesões. — Rosna Theo, sua mandíbula apertada. — Eu queria, acredite em mim, e se Izzy não tivesse me parado, eu prometo a você, ele não teria terminado em Casualty, ele teria acabado na porra do necrotério.

Eu fecho meus olhos e dobrei por dentro, silenciosamente implorando para ele parar. Eu amo seu instinto protetor, vivia desejando isso, mas eu estou lentamente compreendendo as consequências. Estou tão completamente rasgada.

Um ramo de atividade surge atrás de mim e eu me viro para encontrar dois guardas de segurança do hospital. Oh, merda, não. Callum se move rápido, sempre alerta, agarrando um que se lança em direção a Theo. Ele prende o guarda de segurança assustado rapidamente, empurrando-o de frente contra a parede, com o braço nas costas. O homem grita de dor, e o tempo parece se arrastar, minha atenção girando para Theo e depois para o guarda de segurança restante, aquele que está sobrando, um grande filho da puta indo para contê-lo.

Eu vejo como a distância entre ele e Theo diminui, o corpo do homem de segurança livre parece voar pelo ar em direção ao meu namorado. Eu não sei o que acontece. Instinto? Deve ser.

— Não! — Eu pulo em seu caminho para impedi-lo de alcançar Theo, sabendo que as represálias serão feias.

— Izzy! — Theo grita, embora o som esteja abafado, porque o grande braço do segurança apenas conectou com o lado da minha cabeça, e eu grito em choque quando sou enviada voando pelo escritório de Susan, meu corpo batendo em um arquivo próximo, com um estrondo alto. Eu gemo, dor queimando através de mim quando eu caio no chão, estrelas dançando na minha visão. A dor rasga meu ombro, e eu agarro e aperto quando a borrada forma de Theo aparece na minha vista, seu rosto duro cheio de preocupação.

— Izzy, querida. — Suas mãos encontram minhas bochechas e puxam minha cabeça para cima, seus olhos procurando os meus.

Eu pisco, tentando clarear minha visão, tentando me concentrar em Theo. Mas algo além de seus ombros largos me distrai da preocupação em seus olhos, e eu olho além dele para encontrar um par de mãos se aproximando. Mas eu não posso falar. Minha língua é grossa, recusando-se a se envolver e entregar as palavras de advertência a Theo. As mãos do guarda encontram os ombros de Theo, mas antes que ele tenha a chance de puxá-lo de volta, Theo está se movendo por conta própria. E ele está se movendo rápido. Eu só pego brevemente o olhar letal em seus olhos escuros antes que ele se levante e acerte o guarda de segurança. O homem assustado está de costas em um nano segundo, o aperto mortal de Theo em volta de sua garganta. Eu não tenho nada, sem energia, sem luta, sem vontade, para tentar impedi-lo. Eu sou inútil, mas eu aprecio neste momento que minha carreira acabou de desaparecer diante dos meus olhos, desapareceu em uma névoa de raiva e violência.

— Theo, pelo amor de Deus. — Callum, mais uma vez, coloca sua própria vida em risco para salvar os outros, agarrando Theo e

arrancando-o antes de rapidamente sair do alcance. — Cala a porra da boca.

Os olhos grandes e loucos de Theo voltam para mim. Eles limpam o momento em que ele me encontra. Ele mergulha e me levanta em seus braços, e eu não faço nada para detê-lo. E eu enterro meu rosto em seu peito, não por conforto, mas porque eu não posso enfrentar a carnificina que foi deixada em seu rastro. Ele dá alguns passos longos, sua respiração se contrai e para, girando. Abro os olhos e vejo Susan ainda no canto, o rosto aterrorizado. A culpa me consome. Eu sei que ele não iria machucá-la. Mas ela não fez isso.

—Se você não vai lidar com isso, então eu vou. — Theo promete, antes de me levar para fora do escritório.

Quando vejo a aglomeração de pessoas do lado de fora, alguns funcionários, alguns pacientes, volto a me esconder, afundo meu rosto no peito de Theo e deixo as lágrimas rolarem. Eu secretamente desejei isso a minha vida inteira. Um homem que me protegeria, lutaria contra o mal e me faria sentir segura.

Agora eu tenho isso.

E eu estou preocupada que possa ser a pior coisa que já aconteceu comigo.

CAPÍTULO
Dezessete

Não me lembro muito da jornada para casa de Theo, minha mente muito bagunçada. Mas senti seu coração bater descontroladamente debaixo de mim quando ele subiu no carro comigo presa ao seu peito, e eu senti a calma lentamente enquanto ele massageava minha cabeça e deixava beijos constantes no meu cabelo. Senti as curvas que Callum fez com o carro e senti quando parávamos em faróis, junções e rotatórias, até termos parado pela última vez. Meu telefone tocando é o que me desperta do meu estado desanimado, minha mente entorpecida voltando à vida e me lembrando que eu deveria estar em casa com vinho e minha melhor amiga. Não aqui lidando com as consequências do temperamento de Theo.

— Jess — resmungo, esquecendo-me por um momento e tentando me afastar do peito de Theo para encontrar meu celular. Ele sussurra, endurecendo, e eu congelo quando ele rosna em advertência.

— Porra, Izzy. — Ele cospe, seu peito se expandindo em uma inspiração profunda e calmante. Certo ou errado, isso só me irrita mais.

— Então me deixe ir. — Digo quando a porta se abre, cortesia de Jefferson.

—Senhorita White. — Ele acena com a cabeça, afastando-se do carro para dar espaço para Theo sair, seus braços grandes me segurando firmemente contra ele, recusando-se a me soltar.

—Meu telefone.

— Callum tem isso. — Theo me dispensa, caminhando em direção à casa, e eu olho para trás por cima do ombro, vendo Callum com meu telefone no ouvido, nos seguindo. Apenas quando estamos dentro de sua mansão, Theo me coloca de pé, suas mãos me segurando no lugar para garantir minha estabilidade. – Tudo bem? — Ele pergunta, me olhando.

— Tudo bem — eu digo secamente, virando-me para Callum e ignorando a entrega rotineira de um copo cheio de uísque em troca da jaqueta de Theo.

Os olhos de Callum caem para os meus, meu telefone parado em sua orelha.

— Você gostaria que eu te buscasse? — Ele pergunta, olhando para longe. Eu só posso supor que a resposta de Jess é rápida, porque Callum logo diz: — Estou a caminho. — Antes de desligar e entregar meu telefone para mim. — Jess gostaria que eu fosse buscá-la. — Ele está de rosto sério, não dando nada.

Eu pego meu celular.

— Eu entendi. — Eu volto para Theo, que está colocando o copo vazio na bandeja. Ele fez um trabalho rápido dessa bebida. Bom para ele. Estou prestes a fazer um rápido trabalho dele. — Nós precisamos conversar. — Eu mostro a ele um olhar feroz. — Agora. — Eu não quero parecer arrogante, mas tenho certeza que meu namorado durão parece um pouco preocupado com a perspectiva.

— Você quer uma bebida? — Ele pergunta, olhando além de mim para sua empregada doméstica.

— Não.

— Você precisa comer. — Ele tenta, indicando a sala de jantar do outro lado do corredor. — Vou pedir ao cozinheiro que prepare alguma coisa para você.

— Não, eu quero você nesse escritório. — Eu aponto para ele, meu queixo apertado. — Agora.

Ele espia pelo canto do olho para mim, mordiscando o lábio inferior. Eu definitivamente não estou imaginando isso. Ele está preocupado. Bom. Espero que ele esteja considerando o dano que acabou de causar.

Enquanto Theo continua avaliando o quanto de uma mulher irritada está diante dele, olho em torno do corredor, vendo Callum se afastando, cauteloso, e Jefferson mais atordoado do que um arruaceiro que acaba de ser atingido por um teaser. Theo não aceita ordens de ninguém. As pessoas não falam com ele assim. Bem eu sei. Volto minha atenção para Theo e dou um passo à frente. Ele não recua.

— Estamos conversando ou estou saindo?

Ele fecha os olhos em derrota, levantando a mão para eu pegar. Eu o ignoro e corro atrás dele, entrando em seu escritório e me plantando em uma cadeira em frente à sua mesa. Dois segundos depois, a porta se fecha e, alguns momentos depois, Theo surge com aparência muito cautelosa, contornando a mesa enquanto desata a gravata.

Eu luto para regular minha respiração enquanto tento ignorar a beleza do homem diante de mim, seu temperamento nervoso estranhamente ainda mais atraente do que qualquer de suas outras

disposições. Ele é hesitante, inquieto e seu rosto é uma imagem de incerteza. Ele parece vulnerável. É a coisa mais agradável que eu já vi.

Ele abaixa lentamente para a cadeira e coloca a gravata na mesa.

— Em quantos problemas eu estou? — Ele me dá um sorriso nervoso que eu tiro com um olhar imundo. — Caramba. Muitos, hein?

— Você acabou de arruinar qualquer esperança que eu tinha em manter meu emprego.

Ele deixa cair seu olhar, escondendo seu rosto envergonhado de mim. É ridículo, mas seu remorso me oferece algum alívio no meu tumulto. Pelo menos ele sabe da merda que ele fez. Pelo menos ele não está sendo um idiota.

— Você está sendo injustiçada. Não posso permitir isso. — Ele diz debilmente, procurando em vão uma justificativa. — Eu poupei Sugden da punição que ele merecia, uma que eu queria muito dar, porque sua felicidade é importante para mim. Seu trabalho te faz feliz.

— E então você desperdiçou todo esse esforço. — Digo, porque reconheço que tenha sido um *grande* esforço para Theo se conter de aniquilar Sugden. — Você invadiu o escritório da minha chefe e causou estragos.

Ele dispara para frente em sua cadeira, mas eu permaneço no lugar, imperturbável por seu movimento rápido.

— Não houve estragos até que o segurança me tocou.

— Você assustou Susan fora de sua pele.

— Eu estava afirmando fatos.

— Você estava gritando fatos! — Eu grito, jogando uma mão para fora e enviando uma pilha de papelada em sua mesa, soprando no ar. É isso ou dar um tapa nele, e todos nós sabemos que não posso fazer isso. — Pode ter escapado à sua atenção, grande homem... — eu assobio, de pé e plantando as palmas das mãos na madeira de sua mesa, inclinando-me até que ele é forçado a recuar em sua cadeira. —... Mas você é um monstro enorme e a maioria das pessoas são muito cautelosas com você. Quando você começa a reclamar e delirar como você faz, é provável que você os assuste até a morte, Theo.

— Ele não deveria ter me tocado. — Ele murmura, revirando os ombros, como se a sensação persistisse. — Eu sinto muito.

Sua crescente tristeza me corta profundamente. Ele não se arrepende de jogar seu peso ao redor. Ele só lamenta me perturbar. Mas uma coisa que eu sei com certeza é que ele não pode se controlar se alguém o tocar quando ele não estiver preparado. Ele age em um instinto que eu ainda estou tentando entender isso, mas eu sei que é algo que ele não pode parar. Ele precisa de terapia. Ajuda.

— Você precisa me fazer entender. — Digo minhas palavras silenciosas imediatamente reconquistando sua atenção. Com certeza, suas ações podem ser consideradas galantes, mas é difícil

ver além das repercussões prejudiciais quando eu não entendo o que faz este homem funcionar.

— Eu não gosto de pessoas me tocando. O que é tão difícil de entender?

Eu balancei minha cabeça com uma risada sarcástica. Eu posso ver que esta conversa não vai me levar a lugar algum, exceto uma passagem de ida para a vila da frustração.

— Eu preciso de uma bebida. — Eu declaro, girando e indo embora. Ele não vem atrás de mim, provavelmente porque ele sabe muito bem que não há ninguém para me levar para casa, e de jeito nenhum eu vou me libertar do seu terreno sem levantar os alarmes.

Dirijo-me ao Playground, caminho pelo corredor, pelo escritório e depois pelo último corredor antes de usar o código que Theo me deu e entrar no clube. Desta vez, o espaço é menos ocupado, provavelmente devido à hora adiantada. Penny é a única dançarina. Ela me dá um olhar, oferecendo um pequeno e discreto aceno, mas franze a testa quando lhe dou um sorriso obviamente forçado. Eu aterrissei no bar, pedi um vinho branco, e o barman sorriu para mim conscientemente enquanto ele derramava, antes de deslizá-lo pelo bar e me dizer para aproveitar.

— Eu vou. — Eu resmungo, saboreando o líquido leve e doce que escorre pela minha garganta.

— Dia duro? — Ele pergunta enquanto ele lustra os copos e os coloca na prateleira. Ele é baixo e fofo, seu cabelo ruivo espetado, suas sardas escuras.

— Colocando de leve.

Ele sorri e joga a toalha por cima do ombro.

— Então, você é do Sr. Kane a... — Ele para pensativo, colocando alguns copos na máquina de lavar. —...Namorada?

Eu o estudo enquanto tomo mais vinho.

— Desculpe, eu não peguei seu nome.

— Troy. — Ele oferece a mão pelo bar e eu sacudo. — Prazer em conhecê-la, Izzy.

Eu mostro— lhe um sorriso irônico.

— Eu vejo que você já sabe o *meu* nome.

Ele ri, apontando para o meu copo.

— Completo? — Eu aceno, e ele chega rapidamente. — Todo mundo sabe o *seu* nome. Você é a única pessoa que se atreve a chegar perto dele sem a preocupação de ter sua cabeça arrancada. — Ele estremece. — Tenho certeza de que você o viu em ação.

— Sim, ele estava em ação esta noite no meu local de trabalho. — Murmuro, levantando meu copo para Troy com um brinde sarcástico. — Tenho certeza que ele acabou de me fazer perder meu emprego.

— Ah Merda. Foi mesmo um dia difícil. — Seus olhos simpáticos de repente passam por mim, e ele se arrisca, arrumando as prateleiras de bebidas alcoólicas. Olho por cima do ombro e vejo Theo em pé do outro lado do clube, observando. Seu cabelo está uma bagunça, como se ele pudesse estar passando a mão dele constantemente, e seus olhos azuis escuros estão irritados. Eu

espero que ele se aproxime, mas quando outro homem se aproxima dele, ele puxa os olhos para longe de mim e oferece a mão ao cara. É o mesmo homem com o qual Theo estava conversando quando eu tropecei aqui ontem à noite. Eu sigo o caminho deles enquanto eles caminham até a área isolada e Theo faz um sinal para Troy com um olhar duro e um movimento de sua mão.

— É melhor eu ir. — diz Troy, reivindicando uma bandeja da pilha no final do bar e indo até Theo e seu convidado.

— Sim. — Murmuro, voltando minha atenção para o meu vinho. Porque só os imprudentes se recusam a Theo Kane.

Uma hora depois, ainda estou afundando no meu vinho quando Jess aparece do outro lado do Playground. Ela parece espantada enquanto absorve a atmosfera, Callum pairando atrás dela. Um pequeno sorriso curva seus lábios quando ele se abaixa e sussurra algo em seu ouvido, fazendo-a estremecer, seus olhos correndo em minha direção no bar. Ela me dá um rosto de dor quando se apressa, por mais que esteja atormentada está ainda mais determinada. Algo me diz que não é o meu atual estado de coisas causando sua expressão magoada.

Ela cai em um banquinho ao meu lado e deixa cair a cabeça entre as mãos.

— Ele me pegou. Ele *fisicamente* me pegou e me carregou através de uma enorme poça de merda, e eu juro no Senhor Todo— Poderoso acima, eu tive um orgasmo bem ali em seus braços.

O riso ressoa dos meus dedos e sai direto da minha boca.

— Você está brincando?

— Não é engraçado, Izzy. Eu estava dura como uma prancha em seus braços.

— *Ele* estava duro? — Eu tenho meu vinho tremendo quando eu o levo aos meus lábios. Ela parece traumatizada, e minha risada aumenta, meu refluxo ameaçando enviar meu vinho para todos os lugares, menos para a minha garganta. Eu me esforço para engolir, sinalizando Troy quando ele aparece atrás do bar. — É melhor você pegar uma bebida para a minha amiga. Ela está tendo um pouco de colapso aqui.

— Por favor. — Ela grita, balançando um dedo para as coisas duras na prateleira de cima. — Qualquer coisa.

Troy se junta à minha diversão e serve— lhe um uísque puro.

— Tire isso de você.

— Obrigada. — Ela engole, engasga e então se joga na cadeira, limpando a garganta. — O que diabos está acontecendo?

Meus olhos se acomodam com os dela.

— Você se recuperou de seu pequeno momento rapidamente.

Ela zomba e se aproxima.

— Eu sinto muito. Eu só precisava tirar isso. Callum disse que você não está falando com Theo.

— Então você teve uma conversa com ele?

Ela estremece novamente.

— Eu poderia ouvi-lo falar para sempre. — Olhando além de mim, sigo seus olhos, vendo que Callum se juntou a Theo e ao outro homem. — Que pedaço.

— Mas quieto. — Eu penso.

— E temperamental. — Acrescenta Jess. — É tão fodidamente sexy. E frio. Mas eu ainda gosto dele. É irritante.

Eu rolo meus olhos, apenas pegando Theo olhando para mim. Ele ainda parece incomodado, com o rosto apertado de irritação quando ele acena suavemente para o cara falando com ele. Tudo parece muito sério. Quem é ele? E o que eles estão falando?

— Então me conte. — Jess interrompe meus pensamentos, me puxando de volta no meu banco. — Os rumores são abundantes.

— Que rumores?

— No trabalho. Até agora, você está demitida, Theo chutou a porra do guarda de segurança, e há um mandado de prisão. Ah, e Susan estava vendada e trancada em um armário enquanto Theo fazia táticas chinesas de tortura para fazê-la falar.

Eu fico boquiaberta com ela.

— O quê?

Jess encolhe os ombros.

— Você sabe que todo mundo gosta de adicionar um pouco para melhorar o drama.

Porra do inferno. Como se o drama precisasse melhorar.

— Isso foi o que aconteceu. — Digo, entrando, assim como Jess. Passo a próxima meia hora dando a ela um relato de tudo, desde o momento em que cheguei na cama de Percy Sugden e encontrei seu filho pela primeira vez, até algumas horas atrás, quando Theo perdeu a cabeça no escritório de Susan. — Basta dizer que estou desempregada.

Jess parece assombrada enquanto eu chego ao fim, minha taça recém completada de novo, cortesia de um Troy muito atencioso. Eu sorrio e levanto meu copo para ele no final do bar.

—Merda. — diz Jess simplesmente.

— Sim, eu concordo. — E agora estou esperando a polícia me localizar e me interrogar

— Então, se Theo ou Callum não chutaram o traseiro de Sugden, como ele acabou com os ossos quebrados?

— Maldito inferno se eu sei. Talvez ele tenha perturbado outra pessoa. Eu imagino que isso aconteça diariamente. Ele é um idiota total.

— Bem. — Ela respira, tomando um gole casual de sua bebida enquanto olha em volta do Playground. — Eu diria que você poderia conseguir um emprego aqui, mas, você sabe, esteve lá e fez aquilo.

Eu fico boquiaberta para ela, e ela pisca, continuando a achar humor na minha situação diabólica. Eu acho que se eu não rir, eu posso chorar.

— Você é fodidamente hilária. — Eu bato o joelho dela e ela sorri um pouco, colocando uma mão no bar para eu pegar, o que eu faço, apertando. — Obrigada por ter vindo.

—Sem problema. — Ela olha para o uniforme de trabalho. — Embora eu preferisse não estar ostentando os sucos de várias vaginas.

Meu nariz enruga, registrando alguns pontos de sangue fraco em sua frente.

— Tenho certeza que Callum não percebeu.

Jess olha com um sorriso.

— Ele fez, na verdade. E ele fez um monte de perguntas como se ele estivesse realmente interessado no meu dia. Pelo menos ele soou. — Ela olha para mim, fazendo beicinho. — Eu não consigo entendê-lo. Eu sei que eu o irrito, mas o homem aperta meus botões. Parte de mim quer pegar a arma que ele carrega e segurá-la na cabeça dele, e a outra metade quer que *ele* a segure na *minha*.

— Enquanto...

— Ele fode meu cérebro.

— Jess! — Eu rio e ela dá de ombros, indiferente.

— Oh, quem é essa? Ela parece importante.

Eu estico meu pescoço e vejo a mãe de Theo vagando pela entrada principal, uma pilha de arquivos sob um braço e uma linda bolsa Chanel suspensa do outro. O terno também grita Chanel. A mulher é o epítome da classe.

— Essa é Judy. A mãe de Theo. — Ela se dirige diretamente para o grupo de três homens na área isolada e dá um beijo no rosto do homem desconhecido com Theo e Callum em saudação. O estranho aceita com um enorme sorriso, chegando a acariciar seu rosto. A lâmpada se apaga. — Deve ser o marido dela. — Digo a mim mesma, observando atentamente a conversa deles.

— O pai do Theo?

— Não, ele morreu. — Eu observo quando Judy dá um beijo na bochecha de Callum também, e então ela estende a mão para Theo, que deixa cair seus lábios para trás em saudação. — O segundo marido dela é policial.

— Você está brincando? — Jess diz. — Seu filho carrega uma arma e dirige um clube ilegal, e seu marido é um policial? Faz todo o sentido.

Eu murmuro minha concordância, bebendo meu vinho enquanto continuo a observar o grupo falando.

— Acho que ele pode ser um comprado. — É a única explicação.

— Eu posso ver algo que gostaria de cobrar.

Callum olha para cima, como se ele pudesse ter ouvido Jess, e ela rapidamente se volta para o bar, seu rosto flamejante.

— Ele tem superpoderes? — Ela pergunta ao balcão de mármore. — Porque toda vez que eu tenho um pensamento imundo sobre ele, ele olha para mim. Isso me assusta.

— Ou talvez ele esteja no mesmo comprimento de onda.

— Ai Jesus. Eu sei que sou toda ousada e impetuosa, mas eu não teria ideia do que fazer com ele se ele estivesse nu diante de mim. Lamba-o, foda-o ou pulo nele.

— Todos? — Eu rio, acenando com a mão para Troy, que cuida de nós rapidamente. – Obrigada.

— Você está se sentindo melhor? — Ele pergunta, indicando a garrafa na mão. Está vazia.

— Muito.

— Devo abrir uma nova?

Eu olho para Jess, que é rápida para segurar seu copo.

— Por que não? — Ela diz. — Eu estou em um turno tardio amanhã, e Izzy está desempregada. Vamos encher a cara.

— Felicidades. — Eu sou toda por isso.

CAPÍTULO

Dezoito

Não tenho certeza de que horas são, mas Jess e eu já passamos por duas garrafas de vinho. Ainda estamos apoiadas em nossos bancos, exceto que agora estamos de frente para o clube, encostadas no bar. Theo ainda está na mesa com Callum, Judy e seu marido, e pelo que parece, a reunião chegou ao fim. Ele se levanta, levando todos os outros a se levantarem também, e se vira para Callum quando Judy e seu marido deixam a área, indo em nossa direção. Ela sorri quando se aproxima.

— Izzy. — Ela diz, estendendo a mão enquanto se aproxima. Eu pego e ela me puxa, segurando uma das minhas bochechas enquanto ela carinhosamente beija a outra. — Como você está, minha querida?

Seu tom preocupado me diz que ela sabe tudo sobre o meu dia.

—Sem emprego. — Eu respondo, tentando não falar mal.

Ela se afasta de mim e pega minha mão, olhando para mim com um sorriso compreensivo. Isso me irrita ao alto céu. Não há nada para sorrir. E ela não pode entender.

— Ele vai consertar isso. Não se preocupe.

— Como? — Eu pergunto verdadeiramente interessada. Não há nada a ser feito, além de retroceder o tempo.

— Confie em mim. — Ela me vira uma piscadela antes de se virar para Jess. — Você deve ser Jess?

— Sim. Eu amo seu terno! E sua bolsa. E seus sapatos — minha amiga diz, sorrindo brilhantemente. — Você vai ter que me perdoar. Eu tenho ajudado Izzy...

— A ficar bêbada? — Judy termina, com um sorriso irônico no rosto. — Você é uma boa amiga. — Ela também pega uma das mãos de Jess. — Divirtam-se, meninas. Estou indo para casa agora.

O marido de Judy se junta a nós, acenando educadamente, mas agudamente.

— Pronta? — ele pergunta a ela.

— Sim, mas primeiro deixe-me apresentar— lhe a Izzy de Theo. — Judy me puxa para baixo do banco e mais ou menos me apresenta para ele, como se estivesse mostrando algo com orgulho. — Ela não é adorável? Izzy, este é meu marido, Andy.

— Oi. — Eu estendo minha mão. — Prazer em conhecê-lo, Andy. — Tenho certeza que ouço Judy suspirar.

— Prazer, Izzy. — Andy sorri calorosamente. — Eu ouvi muito sobre você.

— Tudo de bom, espero. — Eu rio como uma tola, mentalmente me chutando. Uma coisa tão clichê para dizer.

— Sinto muito ouvir sobre sua situação atual. — diz Andy, não parecendo muito triste em tudo.

Ótimo. Todo mundo sabe? Eu me abstenho de deixar escapar, na minha embriaguez, que meu problema é o filho de um metro e noventa e cinco de sua esposa.

– Obrigada. — Eu digo com firmeza, levantando meus ossos embriagados desajeitadamente de volta ao meu banquinho.

— Vamos, Judy. Estou morrendo de fome e tenho uma dúzia de relatórios para arquivar.

— Sim, sim. — Ela o acalma, tomando minhas bochechas em suas palmas e apertando. Seu rosto fica sério, e eu me vejo sentada um pouco para trás, cautelosa com o que ela vai dizer.

— Ele não pode se ajudar, Izzy. Seja paciente com ele.

Ela beija minha bochecha e depois nos deixa, não me dando a chance de responder. Não que eu saiba o que dizer. Talvez ele precise começar a ajudar antes que *tudo* dê errado.

Jess parece toda pegajosa, enquanto eu estou me sentindo dividida entre manter minha queixa e perdoar Theo por foder a minha carreira.

— Ela é tão adorável. — Jess suspira. — Tão maternal e amorosa.

— Ou uma leoa. – Eu inspiro, imaginando Judy se tornando bastante formidável se alguém cruzasse *seu filho*, não importa quão grande, perigoso e capaz de cuidar de si mesmo. Judy levanta a mão em sinal de despedida de Theo e Callum, e ambos acenam. Ela olha através do clube para o palco, e eu sigo seu olhar, vendo Penny empurrando sua virilha no rosto de um cliente enquanto seus

amigos a animam. O lábio de Judy está curvado em desdém e eu recuo interessada. Ah, ela realmente não gosta de Penny. Eu mal tenho tempo para me perguntar por que antes de Andy puxar sua esposa para fora do clube e eu ver Theo e Callum vagando, pessoas limpando seu caminho com vigilância.

Jess endurece ao meu lado.

— Oh Deus, por favor, não me deixe falar. Se eu tentar falar, me chute. Eu estou bêbada. Eu só vou dizer algo estúpido e parecer uma idiota.

A expressão de descrença que eu aponto para ela não é notada, porque ela está olhando para baixo em seu copo.

— Você já se fez parecer um idiota quando estava sóbria. Pelo menos agora você terá uma desculpa.

— Cale-se. Não consigo lê-lo — ela sussurra para o vinho. — É frustrante. Faz com que eu me comporte fora do comum.

Eu bufo, mais sem graça.

— Tanto faz. Ele está vindo.

— Pare.

— Ele está olhando para você.

— Te odeio.

— Com os olhos do tipo *me leve para a cama*.

Sua cabeça se levanta, assim que Theo e Callum param diante de nós. Os olhos de Callum não são os olhos de —me leve para a cama. —.. Eles são mais como olhos examinadores.

— Oi. — Jess chia antes de tomar mais vinho.

Callum observa, esperando até que ela vire a dose.

— Vou levá-la para casa. — Ele diz finalmente, e eu sorrio, olhando pelo canto do olho para ver seu desconforto crescente. Não tenho certeza do que há de errado com ela. O álcool geralmente a torna mais ousada, mas ela é quase dolorosamente desajeitada.

— Jess. — Eu a cutuco quando ela não faz nenhuma tentativa de mostrar seu rosto. — Callum está pronto para levá-la para casa.

— OK. — Ela desliza o copo para o bar e pula para baixo, me beijando rapidamente antes de pegar sua bolsa e sair correndo. — Falaremos amanhã.

Theo está olhando para o amigo com uma sobrancelha ligeiramente levantada, mas Callum apenas encolhe os ombros, caminhando em sua direção para alcançar Jess.

— Tire o resto da noite. — diz Theo, com um sorriso malicioso no rosto.

Desmorono no banco do bar, observando minha amiga alternar entre cambalear e passos determinados, até que Callum é forçado a ajudá-la antes que ela saia completamente do rumo e caia no banheiro das senhoras.

— Ela está fumegando. — Eu digo com uma risada, sorrindo para o meu copo enquanto tomo um gole.

Theo aparece na minha visão periférica, e eu me viro para ele com o meu copo nos meus lábios, encontrando-o encostado no bar, me observando. E eu lembro: não estou falando com ele.

Eu tento ficar sobre meus pés bêbados, passo alguns momentos me concentrando em encontrar a estabilidade que preciso para sair com minha dignidade intacta. Depois de uma quantidade considerável de tempo, eu desisto e começo meu ziguezague pelo clube. Eu não preciso me preocupar em esbarrar em ninguém. Eles estão todos sendo bastante úteis se movendo do meu caminho.

— Obrigada, — eu digo educadamente para um homem. — Boa noite. — Digo a outro. — Obrigada. — Eu sorrio para uma senhora, que sorri quando ela sai do meu caminho. Eu me sinto mais bêbada do que gostaria, todo mundo obviamente concluindo que eu preciso do espaço. Ou isso, ou eles estão preocupados que eu possa vomitar neles.

Quando chego à porta, dou uma rápida olhada por cima do ombro e encontro Theo a poucos metros atrás de mim. Eu percebo, mesmo através da névoa de álcool, que todas aquelas pessoas úteis não estavam se movendo para o meu benefício. Eles não estavam sendo úteis. Eles estavam sendo sensatos.

Eu estreito meus olhos nele quando ele passa por mim e digita o código. Então ele gentilmente faz sinal para eu liderar o caminho. Eu caminho sem agradecimentos, deixando-o fechar atrás de mim. Não há pessoas no corredor, mas há paredes em ambos os lados de mim. Eu paro e me forço em frente, piscando minha visão embaçada o melhor que posso. Então eu cambaleio dois passos para a direita... e volto. Então dois passos para a esquerda e volto. Eu rolo meus olhos para mim e continuo a ziguezaguear meu caminho em direção

ao escritório, vagamente ouvindo uma risada profunda e retumbante por.

— Isso é culpa sua. — Murmuro.

Ele não fala. Provavelmente não pôde por rir muito. Lutando com a porta, eu finalmente a abro e me deixo entrar, virando e encontrando seus olhos sorridentes antes de bater na cara dele. Então eu esquivo cada peça de mobília no espaço do escritório antes de chegar à outra porta. Eu recorro a fechar um olho para corrigir o caminho, eventualmente o encontro e executando as mesmas ações infantis de antes. Viro-me e faço uma careta para Theo, depois bato a porta na cara dele.

O interminável corredor que leva de volta à sua casa me faz ricochetear pelas paredes o tempo todo. Quando chego ao fim, a sala está girando, e eu não tenho energia para ser rancorosa e bater mais algumas portas em seu rosto, então eu tropeço para as escadas e choramingo quando as listras do tapete se tornam uma bagunça ondulada, me fazendo balançar no local. Eu nunca vou fazer isso.

Mas eu não preciso. Meus pés estão passando por baixo de mim e eu estou subitamente flutuando. Theo não respira uma palavra de desprezo, nem tira sarro de mim. E como se estivesse entranhado em mim, eu não movo um músculo agora que ele me tem em seus braços. Ele me leva até as escadas horríveis e em seu quarto, me deitando na cama suavemente. E ele tira minha roupa, com paciência e calma, enquanto eu bêbada me inclino em cima das cobertas, apenas querendo me arrastar para debaixo dos lençóis e me despedir de hoje. Quando suas mãos se foram do meu corpo, eu me aconchego e exalo.

E alguns instantes depois, vagamente sinto as pontas dos dedos dele em minha barriga.

— O que aconteceu com você, bebê? — Ele sussurra, colocando os lábios na minha testa.

— Você realmente não quer saber. — Falo, erguendo o braço no ar. Ele suspira, pegando meu pulso e colocando-o em algum lugar em seu corpo. Seu peito, eu acho.

Eu suspiro e caio no sono.

CAPÍTULO

Dezenove

Minha cabeça está latejando enquanto eu timidamente espreito para fora da porta do quarto de Theo, ouvindo qualquer som de vida. Estou usando o maciço e luxuosamente macio roupão de banho que foi deixado no final da cama para mim, a roupa enorme cobrindo meus tornozelos enquanto ando por seus aposentos particulares em busca da minha bolsa. Não está em lugar algum para ser visto, mas o toque fraco do meu telefone de dentro está soando de algum lugar.

Enquanto examino a sala, Jefferson entra, parecendo divertido enquanto segura minha bolsa. Seus velhos olhos estão brilhando por trás de seus óculos redondos, seus cabelos prateados tão limpos quanto sempre.

—Senhorita White, — ele diz, olhando minha forma desgrenhada.

Envergonhada, tento dar rapidamente um jeito às minhas ondas emaranhadas.

— Bom dia, Jefferson. — Eu pego minha bolsa, mas meu telefone para de tocar antes que eu tenha uma chance de procurar. — Theo ainda está aqui? — Eu não tenho ideia de que horas são, mas eu poderia fazer mais algumas horas de sono. Minha cabeça dói. Muito.

— Ele está esperando por você na sala de jantar. — Ele se move para a enorme lareira e recolhe um copo vazio. Eu imagino Theo parado lá ontem à noite tomando uma bebida necessária enquanto olhava para o fogo enquanto eu estava roncando em sua cama. — Eu vou acompanhar você.

— Agora? — Eu falo, olhando para a minha forma menos apresentável.

— Ele insistiu. — Jefferson vai à porta, sem olhar para trás para verificar se eu estou chegando.

— Porque seria insensato dizer não ao senhor Kane. — Suspiro, tirando meu celular da bolsa e seguindo o mordomo de Theo. Nem uma palavra é falada entre nós no caminho para baixo, e depois que Jefferson me acompanhou até as portas que levam à sala de jantar, ele sorri.

— Obrigada. — Ele me deixa reunir forças para entrar.

Um minuto depois, ainda estou tentando encontrar essa força.

— Izzy?

A voz de Judy é uma distração bem-vinda da minha irritante batalha para abrir a porta, e me viro para encontrá-la me observando do outro lado do corredor.

— Você está bem? — Ela pergunta, sorrindo enquanto olha o roupão que eu estou embrulhada. O roupão de Theo.

— Sim. — Eu sorrio, rodando meu ombro. — Theo está tomando café da manhã. — Memórias de ontem à noite, de sua

garantia constante de que ele vai resolver o problema que ele criou tudo vem de volta. Como? Como ele vai resolver isso?

— Você vai se juntar a ele ou vai ficar o dia todo olhando para a porta?

— Eu só... — Eu sou cortada quando uma porta bate no meio do caminho, e nós duas olhamos para ver Penny saindo do escritório de Theo. Ela parece tão sexy como sempre, apesar de estar bastante formalmente vestida.

— Oh, oi. — Ela diz, franzindo a testa para o meu traje. Sinto minhas bochechas esquentando, minhas mãos puxando as laterais do roupão. Eu posso estar envergonhada, mas ainda posso sentir a mudança na atmosfera. Os ombros de Judy se levantam visivelmente.

—Se sente em casa, eu vejo. — A mãe de Theo diz, lançando um olhar imundo a Penny.

Eu recuo em nome de Penny, mas Penny apenas revira os olhos e segue seu caminho.

— Vejo você, Izzy. — Ela diz, desaparecendo pela porta do Playground.

Judy zomba e volta sua atenção para mim, praticamente cuspindo as unhas.

— Tonta. — Ela murmura.

— Você não gosta dela?

— Não particularmente, e não gosto do fato de Theo ter dado a ela um lugar para morar ainda mais.

— Ela mora aqui? — Eu pergunto surpresa.

— Espero que não por muito tempo. — Judy se aproxima de mim e afofa o meu roupão, forçando um sorriso em seu rosto. — Você e Theo fizeram as pazes?

— Eu só estava...

— Tenha paciência. — diz ela, pegando a porta e abrindo-a, incentivando-me a entrar. — Ele está se esforçando tanto, Izzy.

Eu murcho, pensando que é uma perda de tempo discutir com sua mãe, e entro na sala de jantar para enfrentar Theo. Eu olho para o comprimento da longa mesa, encontrando-o no final, um jornal em uma mão, uma xícara de café na outra. Eu só posso ver sua metade superior, mas eu noto que ele está casual hoje, vestindo uma camiseta preta simples de gola V. Seu cabelo é uma bagunça úmida, sua barba por fazer mais do que o normal.

Ele parece... completamente e totalmente de tirar o fôlego.

Eu permaneço desajeitadamente na entrada, mexendo na corda do roupão enquanto ele lentamente coloca seu copo cegamente, me observando.

— Bom dia. — Ele finalmente quebra o silêncio com sua saudação áspera, mas suave.

— Bom dia. – Murmuro, minha boca começando a encher d'água quando sinto o cheiro de café acabado de fazer. A atmosfera é difícil, nenhum de nós se aproxima com a conversa, e penso na mãe

de Theo me dizendo para ser paciente. É mais fácil falar do que fazer quando você está lidando com tamanha complexidade.

Com um suspiro alto ele olha em minha direção deixando cair seu jornal.

— Por favor, Izzy, venha e sente-se comigo. — Ele puxa a cadeira ao lado dele.

Não é apenas o pedido de Theo que põe minhas pernas em ação, é o aroma daquele café. Eu me acomodo na cadeira e aceno quando ele segura a cafeteira.

— Onde você dormiu noite passada? — Eu pergunto enquanto ele derrama. Não havia sinais de que ele se juntou a mim na cama. As cobertas do outro lado estavam intocadas, e eu não podia sentir o cheiro dele nos lençóis. O pensamento do meu estado e Theo olhando para o meu ser bêbado e inconsciente em sua cama me faz encolher na minha cadeira enquanto eu levo minha xícara de café aos meus lábios.

— Eu não dormi. — Ele se recosta, com uma mão pousando levemente na borda da mesa.

— Em absoluto?

— De jeito nenhum. — Ele confirma, e ficamos em silêncio novamente, a tensão se formando entre nós. Há obviamente muito que nós dois queremos dizer, mas nem ele nem eu estamos dispostos a liderar.

Então eu digo mais um pouco, só para preencher o silêncio desconfortável.

— Você deve estar cansado.

— Eu estava pensando. — Ele diz, ignorando minha declaração.

Mordo o interior da minha boca quando Theo me observa de perto.

— Eu quero saber sobre o quê? — Eu pergunto, minha apreensão óbvia.

Ele sorri um pouco, virando a mão sobre a mesa. Naturalmente coloco a minha na dele e ele leva meus dedos à boca e descansa os lábios ali.

— Eu estive pensando em como posso fazer as pazes com você.

— Conseguindo meu emprego de volta. — Digo, embora minha afirmação não tenha a aparência que eu pretendia. Provavelmente um resultado do meu cansaço e ressaca podre. — Mas não vejo isso acontecer depois que você causou a anarquia. A polícia já estava envolvida. Agora imagino que o NHS estará pressionando as acusações, assim como Sugden.

Ele descansa os cotovelos sobre a mesa, agora segurando minha mão entre as suas.

— Há muitas coisas que posso influenciar Izzy.

Minha mente se desvia em uma tangente, tentando decifrar o que ele quer dizer por *influenciar*. Leva apenas alguns segundos de consideração, mesmo com uma cabeça confusa. Eu reflito de volta para a noite passada, para Judy me dizendo que Theo iria consertar as coisas. Theo estava com Andy, o marido de Judy. Ele trabalha para a polícia. Ele sabia da minha situação, e imagino que ele conheça

todos os outros detalhes de toda a situação horrível. A lâmpada na minha cabeça continua.

— A polícia não vai entrar em contato comigo para uma declaração, não é?

Ele me mantém no lugar com olhos sérios, balançando a cabeça um pouco.

Então eu continuo tudo claro.

— Não haverá acusações pressionadas contra você, tampouco? Não por Sugden, Susan ou pela equipe de segurança do hospital.

Theo balança a cabeça novamente.

Eu flexiono meus dedos até que ele libera a minha mão, sentando de volta na minha cadeira. Ele fez algumas coisas terríveis. Ele mesmo me disse. Mas ele nunca esteve na cadeia.

— Por que você não está preocupado com a polícia?

— Porque eles não podem me tocar.

— Por quê? – Eu suspiro

— Eu entreguei a eles um baixo canalha como o desgraçado que atacou você e Penny naquele beco na noite em que te encontrei. Ele era procurado por negociar.

— E, em troca, eles não tocam em você?

— Correto.

— Então você os mantém doces?

— Não é apenas para o meu benefício. Estou tirando homens perigosos das ruas.

— Você é perigoso. — Indico.

— Você está assustada comigo?

Meu queixo naturalmente aperta.

— Não.

— Caso em questão.

Eu fico boquiaberta com ele.

— Como diabos é caso em questão, Theo? Sou uma das únicas lunáticas que *não tem* medo de você.

— E isso é tudo o que importa para mim. — Ele responde uniformemente, como se isso realmente fosse o fim. — Seu trabalho ainda é seu, Izzy.

Eu olho para ele em total descrença. Bem desse jeito? Mas mesmo que tudo isso desapareça, nunca mais poderei voltar ao trabalho.

— Você não vê, Theo? — Eu pergunto, lutando para manter minha bunda na cadeira ao invés de me levantar e sair. — Se eu voltar ao meu trabalho, você acha que as coisas serão fáceis para mim? Susan pode ter sido forçada ou intimidada a deixar cair sua queixa, mas eu não vou conseguir fingir que isso nunca aconteceu, mais do que ela será capaz. A atmosfera será insuportável. — Eu engulo minha raiva, lutando para manter um tom calmo. — Você acha que pode usar seu poder de persuasão e suas conexões com a

polícia para fazer tudo isso desaparecer? Não é tão simples assim, Theo. — Há uma linha muito fraca em sua testa, evidência de uma carranca que ele está tentando segurar. Isso apenas confirma meu medo. Ele realmente achou isso simples. Que eu poderia dançar de volta ao trabalho como se nada tivesse acontecido.

— Parece simples para mim. — Ele argumenta, parecendo menosprezado, confirmando meus pensamentos.

— Bem, não é. — Eu fico em pé abruptamente e ele olha para mim em estado de choque. Acho que ele realmente esperava que eu caísse de joelhos em gratidão. Beijasse seus pés e o recompensasse por me devolver o trabalho que *ele* perdeu. O homem é louco. — Sua pele pode ser espessa e impenetrável, Theo, mas a minha não é. Eu me importo com o que as pessoas pensam. Eu me preocupo com o fato de que as pessoas que eu respeito e valorizo como amigos acham que meu namorado é um fodido maníaco. — Eu respiro profundamente quando Theo se senta em sua cadeira, quieto e aceitando meu desabafo. — Eu me importo que as pessoas olhem para você e pensem que você é um valentão e provavelmente me mantém no meu lugar com seu punho de ferro. Talvez literalmente. — Eu só o pego encolhendo quando me viro e me afasto dele, a raiva que estava entupindo minha garganta agora se transformando em emoção, as lágrimas se formando, o desespero se tornando muito a ombro.

— Izzy, espere. — Ele me rodeia, garantindo que ele não me toque e bloqueia a porta. Eu olho seus pés descalços, o fio de seu jeans desgastado arrastando o tapete enquanto ele caminha na minha direção. — Eu nunca te machucaria.

Eu olho para ele, meus olhos cheios de lágrimas.

— Não, fisicamente não. Mas você está me machucando aqui. — Eu bato minha mão no meu peito. — O hospital era meu refúgio, Theo. Era o único lugar no mundo que eu me sentia segura e você tirou isso de mim. — Eu rapidamente olho para baixo, percebendo que falei demais, e fecho os olhos, esperando que ele não me empurre.

— Izzy, olhe para mim. — Ele implora sua mão alcançando a minha lentamente. Eu não a retiro ou paro, mas, em vez disso, deixo-o hesitar em roçar minha pele antes que ele pegue na minha mão. Eu olho para ele, encontrando tristeza e desespero para combinar com o meu. — Eu quero ser seu porto seguro. — Ele sussurra, levantando minha mão para sua bochecha, segurando-a lá. A sensação de sua barba na palma da minha mão é dura, mas tão suave. Eu não quero que seja, mas é reconfortante.

Eu estou perdendo minha batalha para manter minha emoção na baía, lágrimas caem pelas minhas bochechas enquanto ele gentilmente me leva em seus braços. Sinto-me exausta e indefesa, mas mais segura do que jamais senti antes. Ele tirou meu lugar seguro e o substituiu por outro, mas meu novo lugar seguro é provavelmente impenetrável. É feito de aço e reforçado com ferro. É real e pode realmente me proteger. É ele.

Eu choro no peito de Theo, minha cabeça em uma confusão de pensamentos perturbados. Eu posso ter meu emprego e a segurança do hospital, ou posso ter Theo e a segurança dele. Simplesmente ele. E enquanto me agarro a ele, minhas lágrimas encharcando sua camiseta, meu pequeno corpo se sacudindo em seu domínio forte, aceito silenciosamente que ninguém pode me manter mais segura

do que Theo pode. Mas tenho que trabalhar. Eu quero continuar fazendo o que amo.

Ele suspira no meu cabelo enquanto ele cobre a parte de trás da minha cabeça, me empurrando mais e mais em seu peito, como se quisesse nos fundir. E ele me segura por mais tempo até que meus soluços diminuíram, e minhas lágrimas finalmente pararam de cair.

— Sinto muito. — Ele diz com um suspiro. — Sinto muito. Vou fazer tudo certo, prometo. — Ele me liberta de seus braços e sorri tristemente enquanto ele limpa sob meus olhos. — Me perdoe?

Como não perdoar? Como posso rejeitá-lo quando ele está me olhando assim, com sinceridade e esperança em seus olhos cansados? Eu engulo e aceno, expirando.

— Você precisa controlar seu temperamento.

Ele acena, desviando o olhar e caindo em pensamentos. É reconfortante, porque eu posso ver que ele está silenciosamente concordando comigo.

— Venha.

Ele planta o mais gentil dos beijos na minha testa e, em seguida, lentamente me vira em seus braços, levando-me para fora com as palmas das mãos engolindo meus ombros.

— Onde estamos indo? — Eu pergunto, estendendo a mão e deslizando-as nas dele. Eu sinto calor perto do meu ouvido, meus ombros rolando para cima, meus olhos se fechando.

—Meu quarto. — Ele diz, tão sedutoramente, o tom baixo indo diretamente para minha virilha. Eu mordo meu lábio enquanto ele

me empurra para subir as escadas, faíscas de antecipação dançando em minha pele. — Estamos prestes a fazer sexo de reconciliação pela primeira e última vez. Você está nua debaixo do meu roupão?

Minha boca está subitamente ressecada, então eu aceno. Ele rosna suavemente, flexionando as mãos sob as minhas, uma instrução silenciosa para movê-las. No momento em que eu as descolei, uma das palmas de Theo deslizou até a minha cintura, pegando a corda do roupão. Ele puxa até soltar, ainda nos levando pelas escadas. Quando chegamos ao topo, eu estou certa, ele agarra o material macio em meus ombros em seus punhos.

— Continue andando. — Ele instrui, e eu forço minha visão para frente, concentrando-me na porta dos aposentos privados de Theo. O ar frio encontra meus seios primeiro, provocando meus mamilos em linhas duras, depois rasteja pelo resto da minha frente nua. Eu tremo, me concentrando em manter meu ritmo lento enquanto Theo aparece atrás de mim, seguindo meus passos e tirando o robe do meu corpo. Eu ouço o leve baque quando a massa de tecido atinge o tapete. Ele deixou cair, e embora eu saiba que será encontrado por Jefferson antes de Theo terminar comigo, não tenho a inclinação de dizer a ele para pegá-lo. Seu braço se estende por mim para alcançar a porta, e seus lábios encontram meu ombro nu. Eu viro meu rosto para ele, deixando meus olhos se abrirem enquanto o calor de sua boca em minha pele afugenta a frieza que me envolve. Eu estou quente, sensual.

— Por favor, não me amarre. — Imploro em voz baixa, deixando-o na minha cara, seus dentes mordiscando minha bochecha até meus lábios. Eu quero que ele me deixe tocá-lo, senti-lo, segurá-lo quando ele me abraça.

Meu pedido é ignorado, sua frente empurrando minhas costas. Eu ando para frente, ouvindo a porta fechar atrás de mim e, em seguida, estou mergulhada em seus braços e levada para seu quarto. Ele me coloca na cama, colocando minhas mãos sobre a minha cabeça. Eu olho para cima e vejo as colunas da cama. Então, de volta para baixo para ver as algemas que ele me comprou em suas mãos. Eu prendo a respiração, observando enquanto ele solta as faixas de couro uma de cada vez, enquanto ele anda de joelhos e acomoda sua bunda vestida de jeans em suas panturrilhas, fixando as algemas ao redor dos meus pulsos.

— Eu quero tocar em você. — Murmuro, trancando os olhos nos dele, esperando que ele veja em suas profundezas o quanto o quero.

Ele faz uma pausa, endireitando-se um pouco, olhando para o peito brevemente antes de voltar para mim.

— Então me toque. — Ele responde, pegando minha mão e apoiando-a no seu peitoral.

Eu gosto da sensação dele, mas não é o que eu quis dizer.

— Enquanto você está fazendo amor comigo.

Ele sorri, compreendendo, mas volta ao seu trabalho de me proteger.

— Espero que com o tempo, querida. — Ele me fixa com as duas algemas e recolhe duas longas tiras de cetim da gaveta ao lado da cama. Ele enrola um pedaço de material através de cada argola de metal e amarra-os aos pilares da cama, puxando-os para que meus braços fiquem esticados até o comprimento total. Eu respiro profundamente, minhas pernas mudando, meus seios doloridos

dolorosamente com a necessidade. Desta vez, ele deixa minhas pernas livres e atravessa minha cintura, ainda completamente vestida. Uma palma pousa no colchão de cada lado da minha cabeça, seu rosto chegando perto do meu. Eu ofego, meu coração martelando uma batida carente enquanto eu procuro seus olhos, encontrando necessidade nele também. Mas, além disso, desespero, fome e, acima de tudo, devoção. Está brilhando em seus olhos como cacos de luz esperançosa.

Ele deixa sua boca suavemente beijar à minha, de um lado para o outro, para frente e para trás, e eu gemo, levantando minha cabeça para pegar seus lábios. Mas ele se afasta e eu choramingo, deixando minha cabeça cair de volta para a cama. Ele desenha uma linha perfeita entre meu nariz e a minha boca.

— Não pense... — ele respira, passando o polegar pelo meu lábio inferior. —...Não fale. — Então ele substitui seu polegar com um beijo de adoração. —...Apenas *sinta* o quanto eu quero você. Sinta o quanto eu preciso de você. Eu sou apenas Theo, Izzy.

Mantendo seu corpo suspenso em um braço, ele se inclina para baixo com o outro, seus dedos caminhando pelo meu estômago, e seguindo para baixo, e para baixo, e para baixo...

Minhas costas se arqueiam para fora da cama, meus braços queimando de tanto esticar. Ele desliza os dedos entre as minhas coxas me espalha bem, me observando caindo aos pedaços como resultado de um único toque. Minha respiração fica curta e rasa enquanto eu me esforço para respirar através da sensação agonizante e prazerosa de seus dedos deslizando sobre minha pele, seu toque suavemente circulando meu pequeno broto de nervos que está gritando.

— Você gosta disso? — Ele pergunta, seu próprio peito arfando. Ele mantém a mão entre as minhas pernas, brincando comigo enquanto eu estou rígida, e tira sua camiseta com a outra, agarrando a bainha e rasgando-a para cima. Eu fecho meus olhos e rezo por ajuda. — É bom, Izzy?

— Sim. — Eu respondo em minha escuridão, a visão de seu torso tão potente, eu ainda posso ver isso perfeitamente por trás das minhas pálpebras fechadas.

Um dedo desliza dentro de mim e eu suspiro, virando meu rosto para o lado, procurando algum lugar para me esconder. Ele, de repente, está se movendo, a perda abrupta de seu peso em meus quadris, mas seu dedo mergulha profundamente, me assustando. Meus olhos se abrem e vejo que ele já tirou a calça jeans. A maciez espessa de seu pênis me faz lamber meus lábios. Ele sobe em mim, olha para baixo, agarrando a si mesmo, sobe de nível e entra em mim com facilidade, deslizando através da minha acolhedora umidade e batendo no lugar certo em uma exalação satisfeita de ar irregular. Gotas de suor se formam em seu lábio superior, brilhando, enquanto o peso de seu olhar me mantém no lugar. Theo submergiu o mais profundo que pôde ir. Aqueles olhos azuis são tão reverentes, a ponto de me hipnotizarem. Seus antebraços embalam minha cabeça.

— Envolva suas pernas ao meu redor. — Ele ordena. — Firmemente.

Ele não precisa me pedir duas vezes. Minhas pernas livres se enrolam em torno de sua cintura perfeitamente formada e se fecham, meus tornozelos se ligando e empurrando em sua parte inferior das costas. Alguém poderia pensar que minha posição dificultaria seus movimentos. Mas não. Ele começa a balançar

suavemente, a fricção mínima, mas a plenitude consistente, sua lenta moagem, circulando e esfregando-me em uma confusão febril. Ele está sendo delicado comigo. Olhando para mim com adoração. Sua força parece tão certa entre as minhas coxas bloqueadas. Sua confiança está aqui, assim é a sua dominação, mas há algo faltando.

— Eu não estou me sentindo como uma prostituta agora. — Eu digo, minha testa descansando contra a dele, seus movimentos consistentes e meticulosamente executados.

— Não se preocupe querida. Também não estou me sentindo como um bastardo duro agora.

Eu sorrio e assalto sua boca, e ele me deixa beija-lo por alguns momentos agradáveis. Meu beijo fica mais faminto e meus músculos internos o puxam constantemente, tentando também chegar à sua liberação. Eu não vou durar muito mais tempo.

— Você está perto? — Eu pergunto, não me incomodando em tentar esconder minha esperança. — Diga-me que você está perto.

— Você vai, baby.

— Não. — Eu cortei a construção de volta, procurando a dobra do pescoço e enterrando meu rosto lá.

— Venha. — Ele ordena de novo, taticamente, mudando a direção de suas rotações e provocando um tremor de prazer que corta através de mim. Meus músculos se travam.

— Não, Theo. —Meus braços começam a arrancar e puxar, meu orgasmo iminente desafiando minhas ordens e avançando.

— Deixe ir. — Ele respira, deslizando a palma da mão na minha nuca e levantando a cabeça, segurando a boca na minha. – Deixe ir e lembre-se através da névoa como é bom sentir... Eu dentro de você... Meu pau rodeado pela sua buceta... Meu corpo possui o seu... — Ele varre a língua pela minha boca. —...Lembre-se do quanto você significa para mim.

O orgasmo bate em mim com força épica e dobra meu corpo, injetando força que desafia meu pequeno corpo, sacudindo Theo enquanto eu grito através dele. Eu perco o controle de tudo, meu corpo se contorce violentamente enquanto o prazer queima na minha corrente sanguínea.

Minhas pernas caem flácidas, minha cabeça para o lado e respiro fundo enquanto ele circula sua virilha, maximizando as sensações e a duração da minha liberação. Ele molda a parte de trás do meu pescoço até que eu esteja drenada e desossada sob o peso dele.

— Oh Deus. — Eu estremeço, os efeitos posteriores não mostram sinais de me libertar da maravilha do meu prazer. Apenas continua chegando e chegando, colocando meu coração sob pressão e enviando minha mente em espiral.

— Isso soou bom. — Reflete Theo com profunda satisfação, revirando os quadris.

— Pare. — Eu respiro, meu clitóris começando a zumbir sensivelmente. Meus músculos do estômago estão retalhados, minha pele pegajosa.

— Eu nunca vou parar. — Ele se inclina e faz carinho no meu rosto. — Dê-me sua boca. — Eu me viro para ele, deixando minha boca se abrir em boas-vindas. O suave rolar de sua língua ao redor da minha me fez gemer e zumbir, os sons suplicantes e também gratificantes. Eu não consigo o suficiente dele. — Vou libertar suas mãos. — Ele sussurra por meus lábios. — Vou solta-la e você vai se segurar na cama, ok?

Eu aceno ansiosa, embora um pouco nervosa com o poder que estou prestes a aceitar em meu corpo por trás. Dentes mordem levemente meu lábio e se afastam, e ele alcança meus pulsos e solta as algemas de couro. Um sorriso satisfeito enruga suas bochechas quando ele verifica meus pulsos, claramente não encontrando marcas de atrito. Eu não tenho a chance de ver por mim mesma. Um movimento rápido o vejo me virando para as minhas mãos e joelhos.

— Espere. — Ele ordena, levando minhas mãos para a barra de ouro que segura a cama.

Eu me aperto com força, sentindo meus quadris sendo puxados para trás enquanto ele está posicionado atrás de mim, abrindo minhas pernas com o joelho. Minha cabeça cai, meus pulmões se expandindo em preparação.

— Arqueie suas costas, Izzy. — Ele diz, desenhando uma linha reta perfeita na minha espinha até meu traseiro, deixando um rastro de fogo em seu rastro. Eu gemo, minhas costas se curvando para sua vontade.

— Agora é que a reconciliação é feita, você está pronta para ser fodida como uma prostituta?

Eu engulo em seco, acenando para a minha escuridão, assim como a palma de sua mão colide com a minha carne. Um grito, parte surpresa e parte com dor, empurro meu corpo para trás e meu traseiro bate em sua virilha. Eu recebo outra bofetada rápida em retorno.

— Fique quieta. — Ele rosna sua mão roçando a pele do meu traseiro abusado.

Meu aperto na barra aumenta, o sangue grita em meus ouvidos. As dobras da minha entrada se separam, e quando a ponta do pau desliza pela minha entrada escorregadia, eu cerro meus dentes.

— Sua buceta. — Ele desliza sua voz tremendo. – Há Jesus.

Os músculos das minhas paredes atraíram-no avidamente para mim, meus quadris balançando para acomodar seu tamanho. Dedos fortes cravam-se em minha carne e me seguram parada, e eu o ouço trabalhando para controlar sua respiração ofegante. A qualquer momento, ele vai entrar em ação. Preciso estar preparada, então me junto a Theo e tento regular minhas respirações irregulares.

É inútil.

O primeiro choque de seu corpo contra o meu me empurra para frente em um grito. E, a partir daí, ele encontra seu ritmo rapidamente, e ele continua, batendo, me puxando de volta para ele repetidamente até que eu estou tonta e minha garganta está dolorida de minhas variações de gritos e choros, êxtase e dor, desespero e prazer. Meus braços se encostam à cama, e os sons de duas pessoas fodendo enlouquecem o quarto, provavelmente até mesmo toda a maldita mansão, talvez chegando até o Playground.

Como a cama está nos sustentando, está além de mim. Ele continua, gritando e batendo na minha bunda e descendo para sentir meus seios. Começo a me perguntar quanto mais posso suportar quando ouço Theo sugar o ar e segurá-lo. Ele está a caminho. Eu posso sentir o espessamento de seu pênis, mesmo através do caótico empurrão de nossos corpos.

— Oh, foda-se. — Ele grita, batendo mais forte.

Minha mente está em branco de tudo, exceto o inesperado orgasmo que me esmaga com a mesma força que o corpo de Theo. O poder disso me derruba, e eu caio na cama, Theo me seguindo para baixo e moendo seus quadris em rotações suaves e eficazes.

Os lençóis estão molhados embaixo de mim, meu cabelo úmido e minha pele queimando. Eu fui apenas fodida como uma prostituta. E, estranhamente, eu me sinto mais preciosa do que nunca com meu grande homem se contorcendo em cima de mim, sua pele deslizando sobre a minha enquanto minha bochecha repousa sobre o travesseiro e eu olho através da cama.

— Vê o quanto eu quero você? — ele fala, mordendo meu ombro.

Eu dou um sorriso largo, feliz além da descrição, e sua boca faz uma pausa. Eu o sinto sorrir contra a minha pele antes de ele abruptamente me virar de costas e me colocar na cama, meus braços bem acima da minha cabeça. Seu peito pairando acima de mim, brilhando de suor e ondulando com sua respiração irregular, só estica meu sorriso mais, fazendo meu rosto doer. Como? Como ele faz isso comigo? Ele sopra uma corrente fria de ar na minha bochecha, desalojando uma mecha de cabelo que está presa lá.

Então ele sorri, arqueando uma sobrancelha enquanto examina meu rosto confuso.

A visão da masculinidade crua flutuando sobre mim é justa... é apenas... somente... Eu suspiro. Eu fiquei sem palavras. Theo Kane é como um marshmallow revestido de aço. Ele é um grande coração mole em um exterior duro. Ele é um certo tipo de corte bonito que eu acho que só eu posso ver. Porque as linhas duras de seu lindo rosto não me afetam como faz com os outros. Eu não tremo nas minhas botas ou tremo de medo em sua presença. Em vez disso, eu tremo de desejo e vibro com necessidade.

Meu cavalheiro pecador.

— Eu também preciso de você. — Digo, e ele sorri, fechando os olhos e colocando a pele úmida da testa contra a minha.

Mas ele não diz nada. Ele não precisa. Eu posso sentir sua apreciação, ouvi-lo em sua respiração calmante, e sentir o cheiro forte do sexo no ar. E eu imagino... ele está falando em código? Eu me apaixonei por ele, tão forte, mas pela primeira vez, penso em como Theo me vê. Como ele se sente. Eu sou apenas um estranho fascínio por ele, porque ele se encontra hiper consciente de mim e do meu toque? Porque ele anseia por isso? Gosta disso? Meu coração afunda um pouco, porque desejo muito mais dele. Então ele deixa cair o mais terno dos beijos em meus lábios e meu coração se ergue novamente. Eu estou sendo idiota. Ele não me deu razão para duvidar de suas intenções. Até mesmo seu comportamento psicótico fala de um homem que se importa.

— Vamos ficar prontos. Você pode vir comigo hoje. Ele tira o corpo do meu e levanta da cama. Eu rapidamente me apoio nos

cotovelos para poder me deliciar com o prazer de suas costas nuas enquanto ele caminha para o banheiro. Eu cruzo uma perna sobre a outra e olho a definição surpreendente, meu olhar subindo por suas coxas, sobre o volume perfeito de sua bunda, até suas costas. Eu inclino minha cabeça e recebo alguns preciosos segundos para admirar sua tatuagem antes que ele desapareça pela porta. Eu caio de volta para a cama e sorrio.

— Onde estamos indo? — Eu pergunto, ouvindo o jato do chuveiro.

— Eu tenho algumas coisas para fazer.

Que tarefas faz um homem como Theo Kane?

— Eu preciso de roupas.

— Então, vamos parar na sua casa. — Ele aparece na porta com uma navalha na mão, um sorriso atrevido cobrindo seu rosto. — Você acha que Callum estrangulou Jess ou a fodeu?

Eu me levanto na cama e mentalmente corro a noite passada. Quando volta para mim, olho largamente para Theo. Ele balança a cabeça, silenciosamente me dizendo que eu me lembro bem, antes de voltar ao banheiro. Eu estou agitada.

— O que é mais provável? — Eu pergunto, juntando-me a ele na pia dupla.

Ele balança a água ao redor da cuba, olhando para mim no reflexo do espelho. Minha curiosidade descarada é clara, e Theo parece achar divertido.

— Conhecendo Callum, provavelmente os dois.

Minha expressão se transforma em horror quando Theo ri, sacudindo a torneira. Conhecendo Callum? O que, assassinar alguém durante a transa excita ele? Estou ficando muito preocupada pela minha amiga. Eu não fui capaz de ler Callum desde o segundo que eu o conheci, mas suas capacidades são bem claras. Ele é tão perigoso quanto Theo, se tiver um pouco mais de controle de si mesmo.

— Ele não é muito paciente.

— Eu preciso ligar para Jess. — Deixo Theo na pia para procurar meu telefone.

— Espere, calças em pânico. — Theo pega meu pulso e me puxa de volta. — Ele não vai machucá-la.

— Calças em pânico? — Eu nunca ouvi um louco tão difícil usar uma frase tão fraquinha.

Ele ergue sua exasperação e retorna ao espelho.

— É você. Eu me transformo em um gatinho de fala mansa quando você está por perto.

Sua admissão desperta uma quantidade razoável de satisfação em minha barriga, e eu pulo para o balcão da pia para vê-lo se barbear. Eu sento em linha reta, minhas mãos no meu colo.

— Ele está envolvido com alguém?

— Callum está envolvido com muitos alguéns. — Ele esguicha um pouco de gel de barbear na palma da mão antes de alisar a aspereza de sua barba por fazer.

— Oh. — Eu respiro. — Como as dançarinas?

— Como as dançarinas. — Ele confirma. — Ele é meu amigo, mas não é exatamente cavalheiresco.

Eu bufo em uma risada desinteressante.

— Soa como alguém que eu conheço.

As mãos de Theo abrandam sobre o pescoço esticado, os olhos preguiçosamente se voltam para mim.

— Eu não te trato como uma rainha?

— Sim, mas você me fode como uma prostituta.

Eu não estou reclamando. No entanto, a referência de Theo aos hábitos de Callum na cama me deixa curiosa, não só por minha amiga e pelo homem que chamou sua atenção, mas por mim e pelo homem que tem meu coração. Theo dormiu com as dançarinas? Ele as via como um acesso fácil? Suas *companheiras de cama*. Eu definitivamente não posso imaginar que nenhuma delas recusou a pilha de músculos diante de mim.

— Não. — Ele diz do nada.

— Não o quê?

— Não, eu não dormi com nenhuma das meninas que trabalham para mim.

— Você leu minha mente?

— Sim. — Ele se volta para o espelho e se inclina, verificando a cobertura de creme de barbear no rosto. — Mantenha seus pensamentos sob controle, querida.

Eu mordo o interior da minha bochecha, observando enquanto ele recolhe sua navalha e agita na água. Ele já tratou outra mulher como uma rainha?

— Só minha mãe. — diz Theo, e eu olho para ele, assustada.

— Você está me enlouquecendo.

— Bom. Você me assusta a cada segundo do dia.

Eu tenho um sorriso satisfeito no meu rosto novamente, mas cai um pouco quando meu encontro com sua mãe no corredor aparece mais cedo em minha mente.

— Penny...

— Definitivamente não é Penny.

— Mas você está cuidando dela.

— Estou ajudando-a a se levantar.

Eu poderia rir, mas me contenho. Ela definitivamente está de volta em seus pés. Em saltos de seis polegadas. Com as pernas enroladas em torno de um poste.

— Quem é ela?

— Eu te disse, a filha de um velho amigo. — Sua resposta é completa e final, e eu suspiro, mas paro antes de irritá-lo com mais perguntas.

— Você sabe, você diz que Callum não é exatamente cavalheiresco, mas ele carregou Jess sobre uma enorme poça ontem à noite.

— Ele fez?

— Sim.

— Provavelmente planejou afogá-la nela.

Eu rolo meus olhos dramaticamente, e ele ri, trazendo a navalha para sua bochecha.

— Espere! — Eu grito, fazendo-o parar com a lâmina a um centímetro de sua pele. Eu mostro minha mão e estendo a mão, pegando a navalha. — Não faça a barba.

— Por quê?

— Porque eu gosto disso. — Eu aliso a palma da mão sobre a aspereza abaixo do creme.

— Você quer que eu fique com ela?

— Sim. — Eu deixo cair a navalha e puxo o plugue da pia, drenando a água e enxaguando minha mão.

— Então eu vou mantê-la. — Ele me pega e me coloca em pé, me levando de volta para o chuveiro.

— Você precisa tirar todo o creme. — Indico, deixando-o manipular meus passos.

Ele sorri e segura meus braços, segurando-os ainda antes que ele abaixe a cabeça e comece a esfregar suas bochechas contra as minhas, cobrindo-me com o perfume masculino.

— Ei! — Eu grito, rindo enquanto uso meu rosto para tentar afastá-lo. — Theo, faz cócegas!

Ele rosna, não cedendo até que ele me tenha no chuveiro e a água lavando o creme longe de nós dois. Seu rosto claro aparece, o sorriso dele brilha e uma palma cai na minha bunda. — Vire-se, mãos na parede.

Eu estou olhando para os azulejos mais rápido do que o meu auto— respeito deve permitir.

CAPÍTULO

Vinte

— Bem, você olharia para aquilo. — Retruca Theo quando paramos do lado de fora do meu apartamento. Eu olho para frente, para o carro Mercedes que pertence a Callum.

— Ele está aqui? — Eu olho para Theo e ele olha para mim.

— Parece com isso. A menos que ele não conseguisse colocar o corpo dela no saco, ele o levou para o comum, para jogá-la fora. — Ele sai e bate a porta sorrindo, enquanto ele gira o carro para o meu lado.

— Isso não é engraçado. — Eu digo quando ele abre a porta e me ajuda. Corro para a porta da frente, procurando a chave enquanto vou. Eu não consigo inserir na fechadura. Eu nem tenho a chance de localizá-la na minha bolsa. A porta se abre, e eu estou de volta alguns passos pela visão de um Callum de peito nu.

— Maldito inferno. — Eu respiro, parte chocada, parte... bem, chocada. Estou *realmente* chocada. Meu queixo está relaxado enquanto meus olhos, nivelados com seu peito rasgado, entram e saem do foco. Na realidade, ele não é mais cortado do que o meu grande homem, mas estou me acostumando a ver o peito de Theo. Eu não achei que algo remotamente semelhante pudesse existir. Eu estava errada. Eu pisco quando eu balanço alguma vida de volta para mim, olhando para os olhos sonolentos de Callum.

— Que horas são? — Ele murmura, olhando além de mim para Theo.

— Dez, seu bastardo preguiçoso. — A frente de Theo se encontra com minhas costas enquanto Callum resmunga baixinho, virando-se e vagando pelo corredor, com as calças desabotoadas e baixas, uma mão varrendo suas ondas louras bagunçadas. Eu sorrio para mim mesma, mas pulo quando a boca de Theo encontra meu ouvido.

— Mantenha seus olhos para si mesma. — Ele sussurra, me empurrando para frente.

Meu rosto estraga em culpa.

— Não sei do que você está falando. — Eu sigo Callum, procurando por Jess enquanto entro. Onde ela está? Quando entro na sala, encontro o amigo de Theo encolhendo os ombros em sua camisa. — Onde está Jess? — Eu pergunto a ele, esticando o pescoço para olhar para a cozinha.

Ele espreita para mim sem levantar a cabeça, prendendo o cinto, mas ele não fala. O que está acontecendo?

— Então você ficou aqui ontem à noite? — Theo pergunta, caindo para a cadeira no canto da sala. Ele parece estupidamente grande e malvado demais para a peça floral peculiar.

O olhar de Callum atravessa a sala, de mim para Theo.

— E?

— Tudo bem, calças rabugentas. — Theo ri baixinho.

O rosto duro de Callum se enruga em uma carranca.

— Calça rabugenta?

— Não se preocupe... — eu pulo, largando minha bolsa. — Eu estava com 'calças em pânico' hoje de manhã.

Theo franze a testa para mim e Callum grunhe.

— A mulher está transformando você em uma merda de buceta.

— Falando de buceta... — Theo se senta na cadeira, trabalhando duro para manter uma personalidade casual. É um esforço. Ele sabe disso, eu sei, e Callum também sabe disso.

— Não. — Grunhiu Callum, baixinho e afiado.

— Então por que diabos você está aqui?

— Porque eu nunca na minha vida vi uma mulher tão bêbada, e percebi que era perigoso.

— Porque ela não estava sóbria o suficiente para lhe dar seu consentimento?

— Foda-se. — diz Callum, enfiando os pés nos sapatos enquanto aponta para mim.

Eu recuo.

— O que diabos eu tenho a ver com isso?

Callum sorri com firmeza.

— Ela é sua companheira. Você gosta dela e Theo gosta de você. O que significa que se alguma coisa acontecer com ela, você vai

lamentar, Theo terá que lidar com isso, e eu vou ter dor de ouvido como resultado.

Minhas sobrancelhas estão altas e surpresas, e Theo explode em gargalhadas pela sala. Eu olho para ele como se ele tivesse perdido a cabeça, porque parece que ele fez. Eu nunca o ouvi rir tanto.

— Você é um idiota, Callum Tyler. — Theo ri ao redor de seu insulto. — Um idiota do caralho.

Callum pega as chaves do carro.

— Mais uma vez, foda-se.

— Quando foi a última vez que você conseguiu um pouco?

— Foda-se você. — Ele sai da sala.

— Um pouco, então? — Theo grita de costas. — Por que seria isso, Callum? Há muitas mulheres dispostas a deixar cair suas calcinhas para você.

— Foda-se você. — A porta bate, e Theo continua caindo aos pedaços na cadeira, esfregando os olhos.

— O que foi aquilo? — Eu pergunto.

Ele respira um pouco e a calma volta para ele, deixando a risada estranha deslizar aqui e ali.

— Ele gosta dela. — Ele finalmente diz.

Eu zombei, saindo da sala para encontrar Jess.

— Poderia ter me enganado. — Eu abro a porta do quarto dela e a encontro meio pendurada na cama, pingando no travesseiro. — Jess. — Eu a sacudo, desviando do braço agitado que me golpeia. — Jess, acorde.

— Vá embora.

— Callum acabou de sair. Você sabia que ele ficou?

Ela se lança para cima como se pudesse ser eletrocutada, com o cabelo selvagem cobrindo a maior parte do rosto. Ela afasta e me encontra.

— O quê?

— Callum, ele acabou de sair. Ele ficou...?

— Eu não sei, não é...? — Ela examina a cama, a testa pesada, claramente tentando voltar através de suas memórias e encontrar a informação que precisa. — Ah não. Por favor não.

— O que?

— Eu vomitei. — Ela engasga, como se pudesse vomitar novamente. — E eu poderia ter dito a ele que tive um orgasmo quando ele me carregou naquela poça.

— Você não fez isso? — Estou tão horrorizada quanto ela, rezando para que ela sonhasse essa parte.

Ela finge chorar, caindo no colchão e enterrando o rosto.

— Eu fodi tudo.

Eu balancei minha cabeça para ela em decepção. Mas estou rindo por dentro. Minha amiga descolada, também caída por um homem. Eu nunca pensei que veria o dia.

— Você é uma idiota.

— Eu sou. Eu sou uma idiota.

— Preciso me trocar. E você precisa tirar todo o álcool do seu sistema antes de começar seu turno hoje à noite.

Sua cabeça dispara, em pânico, seu cabelo loiro saindo aqui e ali a esmo.

— Ele se foi?

— Sim. E ele não teve nada por enquanto, apesar de haver muito a oferecer. — Eu sacudo uma sobrancelha sugestiva para ela. — Só pensei que você deveria saber.

Ela sopra uma rajada de ar e puxa o travesseiro sob a cabeça.

— Eu garanto que ele está voltando direto para o Playground para relaxar um pouco com uma das strippers.

— Dançarinas. — Eu corrijo.

— Eles apagam?

— Parece que sim, mas acho que ele gosta de você.

— O que te faz dizer isso? — ela pergunta. — O vômito no meu queixo?

— E seu penteado atraente esta manhã. — Eu digo com um sorriso enquanto Jess acaricia seus cabelos selvagens. — Estou saindo com o Theo.

— Como estão as coisas?

Eu dou de ombros.

— Bem, eu não vou ser presa, no final das contas, e meu trabalho ainda é meu, se eu quiser. Mas preciso pensar no que fazer em seguida. Não posso voltar para lá como se nada tivesse acontecido.

— E Theo?

Eu recuo da cama.

— O homem me faz dançar no limite da frustração e do céu. — Alcançando a porta, eu pego a maçaneta, espelhando o sorriso suave de Jess. — Te vejo depois.

Vou para o meu quarto e, assim que estou vestida e pronta, vejo Theo ainda parecendo deslocado na poltrona de estampa floral, com o telefone no ouvido. Eu puxo minha jaqueta de couro enquanto ele me olha de cima a baixo, claramente aprovando a camisa folgada e jeans rasgados que eu vesti.

-meia hora? — Ele diz ao telefone e acena antes de desligar e olhar para mim pensativo.

— O quê? — Eu pergunto, começando a me mexer sob seu olhar concentrado.

Ele se levanta da cadeira e vem me buscar, me levando para fora do meu apartamento.

— Eu só estava tentando compreender o quanto eu te adoro.

Bom Deus, ele tem certeza de compensar sua estupidez. Será que *adorar é* igual *amar?* Eu rapidamente rebato esses pensamentos.

— Onde estamos indo?

— Algum lugar. — Ele me ajuda a entrar no carro, me deixando em um estado elevado de curiosidade. Onde fica *algum lugar*?

***

Algum lugar há uma rua secundária em Soho. Theo puxa seu Bentley até o meio— fio e eu saio, procurando por qualquer pista de onde estamos indo. Não há nada óbvio, não há lojas, restaurantes ou bares. Eu jogo minha bolsa no meu ombro e olho Theo quando ele tira seus óculos. Seu silêncio está começando a ficar sob minha pele. Alguns passos fáceis e longos o têm ao meu lado, me pegando e empurrando pela rua. Deixei que ele me dirigisse até chegarmos a alguns degraus que levam a uma porta preta brilhante, e procuro por um sinal que me possa dizer onde estamos. Nada.

— Aqui. — diz Theo, dando os passos à minha frente e pegando a minha mão.

Eu aceito e subo com ele, constantemente à procura de pistas sobre onde estamos e o que podemos estar fazendo. Ele aperta uma campainha prata e a porta se abre alguns segundos depois, revelando um homem. *Jesus!* Eu recuo, alarmada. Ele é enorme, e todo o lado esquerdo de seu rosto está coberto de arte tribal que se arrasta pelo pescoço e desaparece do colarinho de sua camiseta branca. Santo Senhor, ele parece assustador.

— Stan. — diz Theo, deixando-o voltar antes de me persuadir a entrar.

Não percebo que meu aperto na mão de Theo se apertou até que ele flexiona os dedos, olhando para mim com olhos tranquilizadores. Eu sorrio um pequeno sorriso, movendo-me para o lado dele, ele me pega e me abraça.

— Kane. — O gigante tatuado estende sua mão e espera Theo aceitar. — Bom te ver, meu amigo. — Ele sorri largo e cheio de dentes, raspando noventa por cento de meu medo com o gesto amistoso.

— Esta é Izzy, minha namorada.

Stan vira aquele sorriso amigável para mim.

— A namorada de Theo Kane, hein? — Ele espera por Theo soltar sua mão antes de me oferecer. — Agora esse é um título que devemos respeitar.

— *Um* como para você, ou *um* como para mim? — Eu pergunto, apertando sua mão.

Ele ri e sai pelo corredor, gesticulando para nós seguirmos.

— Ambos, querida.

Nós cruzamos o limiar em um espaço em plano aberto com portas emolduradas que abrangem toda a parede do fundo, levando a um jardim pequeno, mas bem cuidado. A enorme área é escassamente mobilada e dividida em uma cozinha, sala de jantar e área de lounge. Theo puxa uma cadeira para mim em uma grande mesa branca e me sento.

— Café? — Stan pergunta, trazendo uma cafeteira para a mesa e se acomodando conosco. — Ou algo forte? — Ele lança um sorriso para Theo.

— O café está bom. — Theo responde, parecendo ignorar a piada vaga de Stan.

— Talvez *eu* precise de algo mais difícil. — Ele segura o pote de café para mim e eu aceno. Quem é esse cara e por que estamos aqui? E, mais preocupante que seja, por que um deles precisaria do material pesado? São onze da manhã, pelo amor de Deus.

Theo nivela uma expressão quase impaciente em Stan enquanto ele serve meu café, e eu envolvo minha palma ao redor da caneca quando ela é entregue a mim. Então eu espero que qualquer um possa esclarecer o que está acontecendo.

— Assim. — Stan se senta em sua cadeira, seus olhos se cruzando de mim para Theo constantemente. — Como a vida está te tratando?

— Você não vai ao Playground há alguns meses. — diz Theo, ignorando a pergunta. — Ganhar tem se tornado chato?

Stan ri levemente.

— Só resta um homem para enfrentar e ele não vai lutar comigo.

— Você não o quer. — Retruca Theo seriamente, leve ameaça em suas palavras. — Você tem mãos talentosas. Nós não queremos acabar com elas.

Stan olha para as mãos com um sorriso.

— Muito verdadeiro.

Minha cabeça vai de um lado para o outro, tentando acompanhar a conversa.

— Você é um lutador? – Pergunto a Stan, vendo uma imagem perfeita em minha mente, na jaula do Playground.

— É o meu outro talento. — Ele pisca e então acena para Theo. — Seu homem aqui se recusa a me encarar.

— Eu não quero manchar seu recorde perfeito. — diz Theo, acariciando o lado de sua caneca.

— Ou quebrar minhas mãos talentosas? — Stan ri, mostrando-as para Theo. — Você é tão atencioso. — Uma borda do sarcasmo está lá. — Você está me dizendo que desenvolveu uma consciência?

— Não, eu estou lembrando que eu não luto mais.

— Vergonhoso. — Stan suspira. — Eu sinto falta do derramamento de sangue.

Meus olhos atiram em Theo, encontrando-o balançando a cabeça um pouco. Ele costumava lutar? Derramamento de sangue? Um longo arrepio percorre minha espinha, fazendo-me sentar na minha cadeira. Eu só posso imaginar o dano que ele é capaz de fazer.

Theo olha para mim, sentindo minha reação a essa notícia, sua mão caindo no meu joelho e apertando.

—Meus dias na jaula estão no passado.

Minha mente está girando algumas imagens muito vívidas de Theo pulverizando muitos homens. Quem seria estúpido o suficiente para enfrentá-lo? Ele é perigoso e capaz de causar sérios danos quando está no controle total de si mesmo. E quando ele não está... Eu estremeço, temendo o pensamento.

— Eu não sabia que você lutou. — Respondo baixinho.

— Oh, ele lutou. — Stan ri. — Alguém estúpido o suficiente para desafiá-lo.

— Como você. — Theo responde. — Mas, para sua sorte, estou aposentado.

— Aos trinta e um anos? Você tem anos sobrando em você.

— Sim, mas os homens que me encararam naquela gaiola não o fizeram quando terminei com eles.

— Verdadeira história. — Stan concorda, olhando para a distância, como se estivesse relembrando. — Seus movimentos, cara. Era como assistir uma dança. — Ele reflete pensativo. — Uma dança linda.

Theo muda de posição na cadeira, obviamente desconfortável. Claro que os movimentos de Theo eram fluidos e graciosos. É como ele escapou de ser tocado. Caso contrário, eu estou supondo que o nível de dano infligido em seus oponentes teria sido irreparável. Qualquer homem que entrasse na jaula com Theo Kane estava dançando com a morte, literalmente.

Theo aperta meu joelho, chamando minha atenção. Sou grata pelo descanso de tais pensamentos sérios.

— Pare de pensar. — Ele me ordena gentilmente. Então ele olha para Stan. — Podemos continuar com isso?

— Certo. Vamos para onde a mágica acontece. — A cadeira de Stan raspa o chão enquanto ele se levanta e bate as mãos, esfregando-as. — Deixe-me pegar minhas algemas.

Levanto-me da cadeira com a ajuda de Theo.

— Algemas?

Eu pergunto, olhando para ele enquanto ele me guia para o jardim e desce o caminho para a parte de trás de um prédio separado.

— Sim, algemas.

A sala em que entramos parece clínica, com uma enorme poltrona preta no centro, alguns bancos e armários brancos em volta da circunferência. Arte emoldurada fica pendurada nas paredes e uma janela do outro lado mostra uma área de espera cheia de pessoas folheando pastas. Stan puxa a cortina e todos eles desaparecem.

— Você está fazendo outra tatuagem? — Nunca me ocorreu antes, quando um par de algemas de metal batia nas mãos de Stan, imaginando como alguém conseguiria tatuar Theo sem ter sua cabeça arrancada. — Ele vai algemar você?

— Malditamente vou. — Stan ri quando Theo senta na cadeira preta. — Sou corajoso, mas não sou tão corajoso assim.

Theo dá— lhe um olhar cansado, puxando a camiseta por cima da cabeça e jogando-a de lado.

— Aqui. — Ele diz, apontando para o seu lado esquerdo do peito.

— Sobre o coração. — Stan inspeciona a pele esticada do peito de Theo, colocando alguns copos. – Fofo.

— Pare de falar. — Theo descansa de volta na cadeira, os músculos insanos de seu torso ondulam enquanto ele se move, levantando os braços sobre a cabeça, colocando-os sobre as costas da cadeira.

Stan segura os punhos até Theo e espera por um aceno antes de contorná-lo e trancá-los sobre seus pulsos e através de uma barra de metal nas costas.

— Tudo bem? — Ele pergunta enquanto está de pé atrás de Theo. Um rápido puxão e Theo demonstra a segurança de seus braços. — Ei, não quebre minha cadeira.

— Você prefere que eu quebre o seu pescoço? — Theo retruca.

— Ponto justo. — Stan puxa algumas luvas de borracha, tirando o látex em torno de cada pulso. O som agudo me faz estremecer

quando me sento quieta como um rato no canto, observando fascinada. Stan começa a trabalhar em silêncio, colocando um pedaço de papel vegetal sobre o peito de Theo, fazendo sua mandíbula rapidamente tensa quando os olhos de Stan se tornam visivelmente muito cautelosos. — Tudo certo? — ele pergunta.

— Apenas siga em frente. — Theo fecha os olhos e respira fundo, embora eu saiba que ele não está se preparando para a dor que está por vir. Ele está se preparando para o toque de Stan.

Eu avanço em minha cadeira, tentando ver o que Stan está delineando na pele de Theo, mas é impossível quando Stan se inclina, aproximando-se do peito grande de Theo. Eu faço uma careta para mim mesma, frustrada e intrigada com a tatuagem que ele poderia estar recebendo. Mais símbolos religiosos? Talvez uma oração para combinar com as mãos em oração, cruz enorme e contas de rosário. Ele disse que eles estão lá para lembrá-lo de que ele quebrou as regras de Deus. É um pouco atrasado, se você me perguntar, já que Theo não está mostrando nenhum sinal de mudar isso. Tenho certeza de que Deus não toleraria segurar um homem sob a mira de uma arma. Theo fez algumas coisas terríveis. Eu engulo e sento meus olhos no homem que roubou meu coração. Isso é um crime? É ruim que eu tenha me apaixonado por ele? Eu penso nisso várias vezes enquanto Stan trabalha, nem chegando perto de uma conclusão. Pode algo ser terrível e maravilhoso ao mesmo tempo?

Uma vez que Stan terminou de traçar o contorno, ele se senta e indica para Theo olhar. E uma vez que Theo deu um aceno de aprovação, estou mais uma vez tentada esticar o pescoço e dar uma olhada, sem sucesso. O zumbido agudo da agulha entra em ação e

Stan se move lentamente para o peito de Theo, puxando a pele já esticada. Há um recuo de Theo, acompanhado pelo barulho das algemas contra a barra de metal no encosto da cadeira. Faz Stan recuar um pouco, suas mãos saindo do peito de Theo enquanto se expande em uma inspiração profunda. O zumbido agudo para.

— Tudo bem, cara? — Stan pergunta, observando-o de perto.

Eu olho para Theo, assim como seus olhos encontram os meus. Seu rosto está vazio, mas seu maxilar áspero está apertado e, nesse momento, percebo que ele me procurou para se estabilizar. Seu peito se esvazia lentamente e sua respiração cai em um fluxo suave e fácil.

— Estamos bem. — Ele confirma, mantendo os olhos em mim enquanto descansa o lado do rosto no interior de seu grande braço.

Eu sorrio, relaxando um pouco com o conhecimento de que ele está tirando sua calma de mim. Eu estou acalmando-o. Isso se tornará uma coisa consistente em nosso relacionamento? Pode ser? Eu amo o pensamento de ser sua paz. De alimentá-lo com a calma que ele precisa.

O zumbido entra de novo, e mantenho meu olhar colado no de Theo enquanto Stan retoma o trabalho, pensando ao mesmo tempo em ajudá-lo. Estou de volta à terapia. Ele precisa de terapia. Ele consideraria isso? Por mim?

Não há mais um recuo de Theo. Stan trabalha facilmente enquanto eu mantenho minha conexão com Theo, sabendo que está ajudando. Perco a noção do tempo, meu foco roubado pelo grande

homem me encarando como se eu fosse à única coisa nessa sala. Porque para ele eu sou.

— Feito. — Declara Stan, esfregando um lenço de papel sobre a área e se recostando, com a cabeça inclinada para o lado enquanto inspeciona seu trabalho. — Simples, mas eficaz, eu acho. — Ele coloca suas ferramentas na mesa e pega um pote de vaselina. — Feliz?

Theo olha para o peito, levantando a cabeça da cadeira.

— Perfeito. — Ele confirma.

Stan espalha um pouco de vaselina pela área e pega um pedaço quadrado de gaze. Estou me levantando da cadeira mecanicamente, me aproximando, ansiosa para finalmente vislumbrar o desenho que Theo escolheu. Mas Stan já cobriu a área.

Eu faço beicinho como uma garotinha.

— Quando eu poderei ver? — Eu pergunto, não me incomodando em esconder minha decepção. Ele me trouxe para ajudá-lo, e eu nem consigo ver isso?

Stan recua, tirando as luvas enquanto Theo sacode as algemas, uma ordem silenciosa para eu libertá-lo.

— Mais tarde. — Ele me diz, e eu faço uma careta para ele.

Ele está contido. Eu poderia retirar aquela fita e olhar, e não haveria nada que ele pudesse fazer sobre isso. Eu olho o grande preenchimento retangular em seu peito, mordiscando meu lábio.

— Nem pense nisso, Izzy. — Theo avisa, sacudindo as mãos novamente. — Venha aqui.

Meu nariz enruga em irritação quando eu obedeço, me movendo ao redor da cadeira. Mostro— lhe as mãos e espero que ele acene antes de eu virar a alavanca de cada algema, libertando-o. Ele se senta, esfregando os pulsos e rolando um pouco de vida em seus ombros, enquanto Stan ergue a cortina na janela, revelando a sala de espera cheia de pessoas novamente. Eu perambulava e vasculhava a área, vendo outras salas se afastando do espaço, a maioria com as portas abertas, mostrando pessoas em cadeiras sendo cobertas.

— Esta é a sua loja? — Eu pergunto a Stan por cima do meu ombro.

— Certamente é. — Ele se junta a mim pela janela. — A parte lá fora é para a clientela de Joe. Eu só trabalho em clientes particulares.

Eu aceno, olhando em volta para a variedade de pessoas sentadas e esperando. Alguns se parecem com gibis, braços e pernas cobertos, e outros parecem não saber se eles realmente querem estar aqui. Uma jovem garota chama minha atenção, segurando a mão de sua amiga com força enquanto ela aponta para um pequeno coração em uma pasta que está sendo mostrada a ela por um sujeito fortemente perfurado agachado diante dela. Ela parece aterrorizada. Stan deve ver minha linha de visão, porque ele começa a rir.

— O vício é o único perigo. — diz ele, e eu olho para ele, seu perfil claro e livre de tinta até que ele se vira para mim, revelando o outro lado do rosto. — É só por efeito. — Ele pisca e eu rio.

— Funciona. — Volto minha atenção para a sala de espera do outro lado do vidro, ouvindo o peso suave do passo de Theo se aproximando atrás de mim. — Eu posso fazer uma. — Eu penso, sorrindo para mim mesma.

Seu peito encontra minhas costas e sua boca encontra meu ouvido. — Eu vou segurar sua mão. — Ele sussurra. — O que você faria?

Eu pondero isso por alguns momentos, inclinando-me para ele.

— Eu não sei. Talvez algo parecido com o de Stan.

Theo ri baixinho e Stan solta um rugido de risada.

— Eu não tenho um desejo de morte, Izzy. Você pode contratar outro artista se planeja arruinar este rosto bonito.

Eu sorrio de orelha a orelha... mas o sorriso cai quando um homem solitário na loja me chama a atenção. Meu sangue corre frio, meu corpo preso contra Theo.

Não.

Não, não pode ser.

Eu pisco, tentando respirar de forma constante, tentando limpar a minha visão, que está sendo prejudicada por flashbacks implacáveis. Quando isso não funciona, fecho meus olhos. Mas isso também não impede as visões. Eu olho pela janela novamente, e a visão *dele* me rouba o fôlego. Seu rosto, afiado e pontudo, não mudou nem um pouco.

Ele está aqui.

Oh Deus.

Giro ao redor sem pensar, quase encontrando o peito nu de Theo em primeiro lugar, o pânico me impedindo de ser legal.

— O que está acontecendo? — Theo está curvado e na minha cara rapidamente, seus olhos preocupados procurando os meus. Eu apenas olho para ele, meu rosto, sem dúvida, uma imagem de pavor. — Izzy?

Eu pego alguma razão em meio ao meu caos, afastando as memórias que estão me emboscando e trazendo meu passado no meu presente.

— Nada. — Balanço a cabeça, rezando para que o bastardo não olhe para cima do seu telefone e me veja pela janela, enquanto oro simultaneamente para que Theo não me force a explicar. — Está quente aqui. — Resmungo, naturalmente contornando Theo para não o tocar. E não só porque eu *não deveria* tocá-lo. Não quero que ele sinta meus tremores. — Eu só preciso de um pouco de ar. —Meu ritmo é constante, mas instável quando deixo Theo e Stan para trás, saindo para o jardim nos fundos. Fechei a porta do estúdio de Stan e tomei ar valioso, lutando para acalmar meu coração acelerado. — Ele não me viu. — Digo a mim mesma, soprando o ar em voz alta. Por que ele está aqui? Estou a centenas de quilômetros do meu passado.

Eu cambaleei para frente com um grito assustado quando a porta atrás de mim se abre abruptamente, e Theo aparece, parecendo não menos preocupado do que quando eu corri para longe. Recompor-me é de suma importância antes que eu dê pistas para Theo e para o que me deixa toda nervosa e ansiosa. Eu nunca

serei capaz de explicar sem entrar nos detalhes sórdidos. Theo vai perder isso. Eu não posso dizer que eu não gostaria de ver o desgraçado desagradável com dor, mas eu também não quero que meu passado retorne. Eu não quero que Theo saiba o que ele fez. É vergonhoso, nojento. Impensável.

Mas no meio do caos da minha mente, consigo notar algo. Meu medo é maior de ter que contar a Theo sobre meu passado horrível, em vez de temer o que aquele homem poderia fazer comigo, como ele poderia me machucar de novo. Porque sou mais forte agora, sei que sou. E porque com Theo ao meu lado, ele não pode me tocar. Mas Theo pode tocá-lo. Esmagá-lo. Possivelmente até matá-lo. Possivelmente?

— Hey. — Eu grito, engolindo e endireitando minha espinha. Estou me enganando. Estou assustada e ele sabe disso.

— O que está acontecendo? — Sua camiseta está na mão e ele não tem pressa de colocá-la.

— Nada está errado. — Eu desvio meu olhar de seu peito magnífico, parecendo tão culpada quanto eu pareço.

Ele rosna.

— Ou você me diz o que te fez se comportar como um animal assustado, ou voltarei lá e descobrirei por mim mesmo.

O pânico faz uma festa em mim, me comendo de dentro para fora quando eu encaro Theo.

— Eu só quero ir. — Eu passo por ele sem aviso, e ele pega minha mão, segurando-a com força. Está me confortando, mas também está me avisando.

Seus lábios se endireitaram e os músculos do pescoço estão protuberantes pela tensão de seus dentes cerrados.

— Não me faça voltar lá, Izzy.

Meu lábio inferior começa a tremer, lágrimas irritantes transbordando em meus olhos. A visão de mim em tal estado obviamente o derruba, e ele se vira, lutando para colocar sua camiseta enquanto volta para o estúdio particular de Stan.

— Theo! — Eu grito, correndo atrás dele. — Theo, por favor! — Eu vou agarrá-lo, mas minha mente me impede, me dizendo que sua raiva crescente vai atrapalhar sua consciência de mim. Eu corro e o alcanço, batendo minhas costas na porta que o levará para a área de espera, bloqueando seu caminho. — Por favor. — Suspiro, balançando a cabeça enquanto olho para Stan. Ele está observando em silêncio, provavelmente se perguntando se Theo está prestes a destruir sua loja com seu temperamento.

— Fale comigo, Izzy — Theo exige, colocando uma palma contra a madeira ao lado da minha cabeça. — Agora.

Fechando meus olhos, eu procuro a força que preciso para desvendar meus pensamentos confusos e descobrir o que fazer para o melhor.

— Eu vou lhe dizer. — Eu respiro, decidindo que a promessa de informação é a melhor maneira de levar Theo embora.

Eu não o *vejo* há quase dez anos, e se eu tiver sorte, eu não vou vê-lo nunca mais. Eu só preciso tirar Theo daqui antes que ele faça a minha presença conhecida para o bastardo ou eu serei forçada a explicar.

— Só não aqui e não agora. — Eu abro meus olhos e deixo ele ver o pedido deles. — Quando voltarmos para o seu lugar, eu lhe direi.

Suas narinas se abrem e ele olha pela janela. Theo sabe que tem alguém naquela sala que estou aflita por ver. Ele sabe que quer causar dano a essa pessoa, mesmo antes de saber por que estou tão chateada.

Eu espero, ansiosa, e depois de alguns momentos tensos, Theo sai da porta e parece se realinhar. Ele parece. Mas eu o conheço e sei que está levando tudo nele para não entrar na sala de espera e caçar o que me assusta.

— Vamos lá.

Ele se vira e sai, deixando-me o seguir, como se ele estivesse atrasado em sua fuga, ele pode mudar de ideia e causar sérios danos.

— Boa sorte. — Stan diz em uma risada simpática e nervosa.

— Obrigada.

Meus nervos estão totalmente desgastados enquanto sigo meu grande homem altamente tenso de volta para o carro, o silêncio é agonizante. Eu me acomodo no banco do passageiro do Bentley de Theo e olho direto para frente, evitando o corpo pulsante ao meu lado.

Ele amaldiçoa em voz baixa e liga o carro, saindo do espaço com um rugido do motor e acelerando pela estrada. Seu humor apenas reforça minha decisão de afastá-lo do meu passado, então não há chance de manchar meu presente. Eu quero fingir que parte de mim não existe.

O caminho de volta para a casa de Theo é longo e difícil. Ele segura o volante com os punhos fechados, e temo o dano que ele poderia causar se a resistência dele se soltasse.

Jefferson parece surpreso quando nos encontra sob o carro coberto, mas deixa Theo me guiar sem dizer uma palavra. A empregada não está esperando no saguão de entrada com sua bebida, pronta para tirar o casaco, e os dois grandes caras que sempre ladeiam a porta estão desaparecidos. Sou conduzida até as escadas, em seus aposentos privados, e a porta é praticamente batida atrás de nós.

— Fale. — Ele exige asperamente, apontando para o sofá para eu me sentar.

— Eu não estou dizendo nada. — Eu respondo, virando as costas para o rosto chocado e indo embora. Chame-me de astuta, me chame de estrondo fora da linha, eu não me importo. Eu não estou dizendo a ele, não só porque temo as repercussões quando ele perseguir o homem que quase me destruiu, mas porque eu nunca mais quero pensar nisso novamente. E eu não quero que Theo saiba do meu passado horrível.

— Izzy!

A voz estrondosa de Theo faz com que eu recue quando entro em seu quarto, fazendo balançar a porta com mais força do que pretendia. Ele bate, fazendo as paredes tremerem enquanto eu corro para o banheiro, sabendo que ele vai vir atrás de mim. Quando me viro para fechar a porta, vejo seu rosto furioso. Ele parece tão assustador quanto a maioria acha que ele é.

Eu viro a chave e me afasto, esperando a inevitável batida enquanto tento respirar. Mas não há estrondo. Theo caminha direto para frente, a força de seu ombro fazendo a fechadura se render em sinal de rendição, sem gritar em protesto. Sua estatura cheia de energia enche a porta enquanto eu me movo de volta. Eu não estou assustada. Não dele e de sua presença ameaçadora e desmedida. Estou com medo de ser forçada a compartilhar algo que não quero compartilhar. E estou com medo de que ele me descarte como lixo se ele souber.

— Você disse que me contaria. — Ele cospe as palavras, apontando um dedo acusador para mim.

— Eu não quero falar sobre isso.

— Izzy, apenas me diga. — Seu torso inteiro se expande com sua respiração profunda de paciência. — Caso contrário, fico imaginando todo tipo de merda e não gosto de nada disso.

E isso é apenas mais uma razão para manter minha boca fechada. Então eu balanço minha cabeça.

— Droga, Izzy! — Ele marcha em minha direção e agarra meus braços, e eu me encolho, meu queixo caindo para o meu peito, escondendo minhas lágrimas descendo. — Diga-me o que diabos

aconteceu com você antes que eu perca a porra da minha mente. — Ele me dá uma pequena sacudida, enfatizando ainda mais sua frustração.

Eu não posso evitar, lágrimas caem dos meus olhos, fazendo grandes manchas no chão do banheiro. Estou com raiva que estou chorando. Zangada que estou dando minhas emoções para aquele idiota. Estou com raiva que ele está me afetando assim.

Theo move as mãos para o meu pescoço e inclina a minha cabeça para trás, forçando-me a encará-lo. Seus olhos de cobalto irritado me levam, suavizando pelo momento.

—Merda. — Ele amaldiçoa, puxando-me para ele e me dando um abraço de esmagar os ossos. O santuário e o conforto de seu grande peito me dominam, e tudo que posso fazer é me apegar a ele. Segurar ele. Lembrar-me que eu o tenho. Meus pés deixam o chão e minhas pernas enrolam em volta de sua cintura, procurando por mais segurança. Eu me sinto intocável em seu abraço. Não tenho medo de nada, a não ser pela profundidade com que Theo penetra meu coração, adentrando profundamente em mim.

Mas acima de tudo, temo o quanto gosto dele lá. E do quanto eu preciso dele.

— Sinto muito. — Ele murmura para o espaço macio e sensível sob o lóbulo da minha orelha. Eu me agarro mais em resposta, contraindo os músculos dos braços e pernas. Ele cai de joelhos, segurando-me no lugar, e começa a puxar seu rosto da curva do meu pescoço, beijando seu caminho por cima da minha orelha e na minha bochecha. — Eu não vou te forçar. — Encontrando meus lábios, ele me beija reverentemente, agarrando meu cabelo possessivamente,

mas gentilmente. Seus ombros estão presos em meus braços, mantendo-o o mais próximo possível de mim quando encontro sua língua.

E ficamos lá, no chão do banheiro, perdidos um no outro por vários minutos, beijando, segurando e acalmando um ao outro. É pacífico, todo o estresse e ansiedade sendo gradualmente expulsos.

— Olhe para mim. — Ele ordena, movendo a ponta do dedo para o meu queixo e quebrando o nosso beijo. Quando ele tem meus olhos, ele sorri tristemente. É um sorriso de derrota. É um triste sorriso de realização, porque ele sabe que nunca vou compartilhar meu fardo com ele.

— Eu me importo muito com você. — Ele afirma, inclinando-se e beijando minha bochecha. — Eu só quero mantê-la segura. E isso me mata quando você está chateada. Mas eu não vou te empurrar se você não quiser. Eu posso esquecer minhas necessidades se for o que *você* precisa. Qualquer coisa por você, Izzy. Consegue me entender? Você vem primeiro.

Eu aceno, grata e aliviada, então precisando ouvi-lo dizer isso. Ele controla a sua raiva. Ele percebeu o que é importante e meu passado não é.

Theo levanta-se e me leva com ele em direção à cama. Eu só o liberto quando ele pega meus braços atrás de seu pescoço, e eu faço isso a contragosto. Sento-me contra a cabeceira da cama enquanto ele se ajoelha diante de mim.

— Deixe-me mostrar uma coisa. — diz ele, puxando a camiseta para cima da cabeça. O grande pedaço de gaze protetora cobre praticamente todo o seu peitoral, e é um grande peitoral.

Eu vejo quando ele pega no canto da fita e começa a afastá-la, revelando a pele avermelhada, escorregadia com geleia gordurosa. Então um pergaminho aberto começa a se revelar, da direita para a esquerda, então sou forçada a lê-lo para trás. Eu inclino minha cabeça, afundando meus dentes no meu lábio.

No momento em que Theo tira a atadura completamente, estou paralisada pelo que está diante de mim, elegantemente enrolada no seu peitoral. Eu li de novo e de novo, meus dedos descansando em meus lábios, como se pudessem me impedir de respirar minha surpresa. Claro que não, e eu solto um suspiro alto e instável.

— Theo... — Eu paro, incapaz de encontrar qualquer palavra além do seu nome.

Ele se move para frente de joelhos e pega minha mão da minha boca, colocando-a em seu peito. Meu toque desliza através de sua pele lisa e sobre as letras cinzas.

— Leia para mim. — Ele sussurra, incentivando-me a sentir, segurando meu pulso no lugar enquanto meus dedos dançam em toda a extensão do texto. — Leia para mim, Izzy.

Eu olho para ele através dos meus cílios, chocada com o que ele fez.

— Por quê? — Eu pergunto. — Por que você fez isso?

— Apenas leia.

Eu olho de volta para o peito dele, minha mão agora cobrindo parte do texto, e flexiono meus dedos até que ele me permite remover o meu toque. E eu li para mim mesma.

Meu amor por ela me mantém prisioneiro.

Sua fé me deixa admirado.

Sua esperança encoraja a minha.

E o toque dela atinge minha alma.

Ela é minha paz.

Minha cura.

Meu amor.

Eu levanto meus olhos para o rosto dele enquanto tento empurrar para trás o nó crescente.

— O que é isso?

— Leia para mim. Eu quero ouvir você ler.

Eu não preciso olhar para baixo em seu peito. Essas sete linhas estão marcadas em minha mente, coração. E em minha alma.

—Meu amor por ela me mantém prisioneiro. — Eu engulo, respirando através da minha tarefa. — Sua fé me deixa admirado. — Eu fecho meus olhos, meu coração pulsando em meus ouvidos. — A esperança dela encoraja a minha. — Sussurro, forçando minhas

pálpebras a se abrirem. Ele balança a cabeça, trazendo minha mão aos lábios e beijando-a suavemente. Eu olho para o seu peitoral, meu lábio inferior tremendo incontrolavelmente enquanto me forço a continuar. — E o toque dela atinge minha alma. — Eu cerro os dentes, as palavras se distorcendo através das minhas lágrimas.

Ele de repente está se movendo, pegando minhas mãos e me puxando para mais perto.

— Ela é minha paz. — Continua Theo por mim. — Minha cura. — Ele beija o canto da minha boca, muito gentilmente. —Meu amor. Você entende Izzy? — Ele pergunta, procurando meus olhos lacrimejantes. — Você percebe o que eu sinto por você?

Eu olho para ele enquanto ele olha para mim, inabalável.

Ele engole.

— Tudo que faço é porque estou apaixonado por você. Não porque eu sou um maldito louco. Não porque eu prospero com violência. É porque eu amo você.

Estou chocada em silêncio e quieta. E eu não posso respirar.

— Eu não quero que você diga nada. — Ele sussurra, sugando ar. Ainda bem que ele não está esperando que eu fale, porque sou incapaz. Estou abalada. Atordoada. Ele fecha os olhos por um breve segundo, embora eu espere que no curto espaço de tempo que eles estão escondidos de mim, ele coleciona uma vida inteira de valor. Ele suspira, como se fosse um fardo, e meu corpo relaxa, mas estou muito chocada. — Eu só sinto que você deveria ter tido algum aviso.

Eu acho minha voz, sua escolha de palavras me ajudando.

— Aviso? — Como se fosse perigoso para Theo me amar?

— Eu não acho que você vai encontrar o meu amor fácil de aceitar. — Ele murmura com tristeza. — Acho que você vai achar arrogante e sufocante.

Eu hesito por um momento.

— Por quê?

— Porque meu instinto está me dizendo para te esconder do mundo e dedicar minha vida em mantê-la segura.

Ele me observa, avaliando minha reação. Espero que ele não esteja desapontado. Eu sorrio e meu corpo ser solta, meu coração dá um pulo. Essas palavras são de ouro, provavelmente a coisa mais reconfortante que ele poderia me dizer.

— Eu já aceitei. — Digo a ele em voz baixa, de cara séria e fria. — Porque também me apaixonei por você. — Seus olhos se arregalam enquanto engulo a bola de emoção que cresce em minha garganta.

— Eu lhe disse que não esperava que você dissesse alguma coisa.

— Você precisa saber. — Eu avancei, mostrando a ele minhas mãos. Ele balança a cabeça e eu os coloco gentilmente em seu torso musculoso. Ele suga o ar e segura, e eu olho para ele, encontrando-o olhando minhas mãos enquanto elas deslizam sobre os planos finamente ajustados de seu peito. — Eu sinto que você deveria ter algum aviso. — Espelho suas palavras em voz baixa e seus olhos atiram nos meus. Eu os seguro. — Porque eu não acho que você vai

achar meu amor fácil de aceitar. — Eu digo porque sei que é verdade.

— Só porque não a mereço. — Ele sussurra, apoiando as mãos sobre as minhas. — Você é uma boa pessoa, Izzy. — Ele mergulha e coloca a testa na minha. — Eu não sou.

Eu fecho meus olhos e deixo essa afirmação penetrar. Eu sei que ele vive do lado errado da lei, e também sei que isso não me desencorajará de amá-lo. Para mim, ele é simplesmente Theo. Para mim, ele é conforto e amor. Eu levanto minhas mãos de seu peito e deixo-o guiá-las sobre seus ombros, e então eu me aproximo, me agarrando a ele com força. Eu movo meu rosto para o pescoço dele, beijando-o suavemente, meu jeito de dizer a ele que não me importo. Além disso, estou escolhendo ver Theo como um santo, não um pecador. Ele realmente ajuda a salvar vidas. Ao usar os canalhas como fichas de barganha em seu próprio benefício, ele está, de fato, ajudando as mulheres que são vítimas de raiva e espancamentos. Como eu poderia não suportar isso?

— Izzy. — Ele respira cansado. — Estou ligado para atacar quando me sinto ameaçado. É o jeito que eu sou construído. É quem eu sou. E esse instinto só ficou mais forte desde que te conheci.

Eu pressiono meus lábios e pisco alguma claridade na minha visão. O instinto de Theo é lutar sob ameaça. Para eliminar o perigo. Eu pego seu rosto barbado e ele fecha os olhos, aninhando-se no meu toque.

— Eu entendo.

— Percebo que a melhor coisa que posso fazer quando está chateado ou angustiado é afastar você da causa. Não adicionar mais a isso. Pode demorar um pouco para eu pegar o jeito.

Eu sorrio com tristeza, compreendendo completamente o quanto é preciso para ele não apenas admitir, mas realmente fazê-lo.

— Eu preciso ajudar você. — Eu digo, inclinando-me e descansando minha boca na dele. — Eu preciso saber que você não vai fazer algo bobo e dar razão para alguém tirar você de mim.

— Oh Jesus, Izzy. — Ele empurra seus lábios nos meus e me engole em seu beijo, segurando-me com tanta força em seus braços fortes e seguros. — Eu não sou digno de sua paciência, sua compaixão ou sua bravura para me levar.

Eu o rodeio com meus braços, e ele cai de costas, me levando com ele. Descansando minha bochecha em seu ombro, eu olho através da vasta extensão de seu peito, lendo as palavras que ele tinha estampado ali. Todas elas são tão profundas, mas uma linha eu leio repetidas vezes.

Meu amor por ela me mantém prisioneiro.

Eu estendo o braço para colocar o dedo no começo das palavras, sorrindo quando a mão de Theo pega a minha antes do meu toque encontrar sua pele. Espero que ele abaixe minha mão contra o peito dele, e então fico deslizando nas letras lentamente. E imagino, Theo percebe que seu amor me faz sentir livre? Com Theo no meu presente, sei que meu passado não pode me tocar.

CAPÍTULO

Vinte e Um

Faz apenas três dias desde que me pediram para sair do hospital, e apesar de Theo me manter ocupada, sinto que estou lentamente perdendo a cabeça. Eu tive três dias de folga antes; não é nada extraordinário, mas o conhecimento de que não posso voltar a trabalhar, torna esse trecho diferente. Meu trabalho pode estar esperando por mim, mas não posso voltar. Não depois de tudo que aconteceu.

Eu pesquisei cargos em muitos dos hospitais de Londres e, embora haja muitas vagas para me candidatar, e aparentemente vou ter uma referência brilhante de Susan, estou esperando. Eu não sei porquê. Eu me sinto segura com Theo, mas vulnerável sem o meu trabalho. Sinto-me confortada pela presença dele na minha vida, mas ansiosa por depender muito dele. Tudo é confuso e muito conflitante.

Como eu suspeitava, a polícia não entrou em contato. Pedi a Jess para entregar uma carta de demissão ontem e uma carta de desculpas a Susan. Eu não espero que faça alguma diferença, mas eu queria que ela soubesse o quanto eu estava arrependida pelo que aconteceu. Eu também pedi a Jess para checar Mable. A querida e velha senhora pediu para dizer-me que a dor ainda é cinco e que a sua substituição no seu quadril correu bem. Isso trouxe um sorriso ao meu rosto.

Eu também tenho certeza de que o filho de Percy foi... Como Theo colocou isso? Cuidado. Eu recuei quando ele me disse isso, e vi ele sorrindo ao explicar que não havia mais danos para ele fazer, mesmo que quisesse. Aparentemente, o homem cedeu sob a pressão da presença sinistra de Theo e Callum, e confessou que seus ferimentos foram o resultado de um desentendimento com alguns homens desagradáveis aos quais ele devia dinheiro. Espero que ele tenha recebido uma arma em sua cabeça enquanto confessava.

Felizmente, Theo não me pressionou mais sobre meu pequeno episódio no estúdio de tatuagem de Stan, e eu decidi não mencionar isso para Jess também. Quase como se não falar sobre isso significasse que nunca aconteceu, que é exatamente do jeito que eu quero.

Enquanto eu ando até a cozinha, Jess olha por cima de seu café, suas sobrancelhas franzidas.

— São sete da manhã, Izzy.

— Eu não consegui dormir. — Eu comecei a fazer meu próprio café.

— Você solicitou alguma das posições que eu enviei para você? — Ela pergunta enquanto ela bate no telefone.

— Não. — Nem um dos trabalhos que eu olhei ontem de manhã se compara com a minha posição anterior. Eu percebo que os mendigos não podem escolher, mas ainda assim. Paro de pensar que não deveria estar nessa posição, porque me faz amaldiçoar momentaneamente Theo para o inferno e vice— versa.

— E o que me diz sobre a empresa terceirizada de enfermagem?

— Estou pensando nisso. — Eu digo para apaziguar ela, jogando leite na minha caneca. Eu me viro, armada com meu café, e dou— lhe um sorriso irônico. — Como está Callum? Algum orgasmo mais induzido por poça? — Eu escondo meu sorriso atrás da borda da minha caneca enquanto tomo um gole.

— Você é fodidamente hilária. — Ela se levanta e lava sua caneca sob a torneira. — Eu não vi nem ouvi falar dele.

— Desapontada? — Eu pergunto enquanto ela lentamente se vira para mim, descansando seu peso em seu quadril.

— Não. Eu morro sempre que penso na outra noite. — Jess pega sua bolsa e se dirige para a porta. — O que você está fazendo hoje? — ela pergunta por cima do ombro.

— Há apenas uma coisa que planejei hoje, e não tenho certeza se estou feliz ou preocupada com isso. Tenho um encontro com a mãe de Theo.

Ela desliza até parar e olha para mim.

— Encontro?

— Eu não sei.

Eu dou de ombros. Quando ela me ligou ontem, a princípio pensei que talvez Theo tivesse pedido a ela que oferecesse, mesmo que apenas para me manter ocupada por algumas horas. Então me perguntei se ela realmente quer me conhecer. Ou se aproximar, como Jess disse. Eu só estive na companhia da mulher brevemente,

e em algumas ocasiões, mas eu gosto dela. Isso não quer dizer que eu não tenha detectado dureza que ela esconde sob todo aquele Chanel.

— Bem, boa sorte. — Jess interrompe meus pensamentos e segue em frente. — Eu saio às seis. Eu vou te ligar. — A porta bate e eu olho em volta da cozinha silenciosa, amaldiçoando-me por não aceitar Theo em sua oferta para ficar com ele na noite passada. Porque agora, em vez de ficar sozinha no meu apartamento vazio, eu estaria aconchegada ao seu lado, quente e contente.

Enquanto vou ao banheiro para tomar banho, meu telefone toca, e o nome de Theo na tela afasta meu descontentamento.

— Como você sabe quando estou pensando em você. — Respondo, ligando o chuveiro.

— Eu faço. É o tempo todo, certo? — Sua voz é a resposta para todas as minhas aflições e sorrio enquanto me dispo.

— Certo. Onde está você?

— No meu escritório. Entediado. Queria que você estivesse aqui. Você sente a minha falta?'

Eu reviro meus olhos, mas não posso mentir.

— Sim.

— Deveria ter ficado ontem à noite. — Ele resmunga. — E na noite anterior.

— Eu não posso ficar no seu lugar todas as noites.

— Por quê?

Eu despejo meu pijama no cesto de roupa suja e puxo o elástico do cabelo.

— Porque eu tenho meu próprio lugar para ficar.

— Isso não é uma razão. Esta noite você vai ficar aqui.

— E se eu não quiser?

— Você vai querer.

Eu posso ouvir o sorriso em sua voz, e eu rio um pouco com a sua segurança.

— Eu tenho que ir. Tenho coisas para fazer antes de encontrar sua mãe.

— Oh sim. Desculpe-me por isso. — Seu pedido de desculpas me diz que isso não era ideia de Theo. Eu não sei se me faz sentir melhor ou não. — Ela está animada. Eu nunca tive uma namorada antes.

— Nunca? — Eu não sei por que eu não pensei sobre isso. – Desde sempre?

— Jamais.

Entro no chuveiro e sinto a temperatura da água.

— Eu não sei o que dizer.

— Não há nada a ser dito. Divirta-se com minha mãe. Vejo você depois, ok?

— OK.

Ele desliga antes de mim, mas quando coloco meu telefone na penteadeira, ele toca de novo. Theo. Em uma carranca, eu respondo.

— Olá.

— Eu me esqueci de te dizer uma coisa.

— O que?

— Izzy? — Ele chama meu nome, pensativo. Baixo. Rouco.

Estou de repente apreensiva.

— O que?

— Eu te amo.

Eu esvazio, rindo um pouco.

— Você me preocupou.

— Você deveria estar. Vou comê-la viva depois.

Ele desliga de novo, e eu fico com aquela maravilhosa promessa circulando em minha mente enquanto tomo banho.

***

Entro no Langham Hotel logo depois das cinco e me dirijo ao luxuoso bar de coquetéis, observando Judy do outro lado do bar sentada no assento da janela arqueada enquanto entro.

— Izzy. — Ela sorri enquanto fica de pé, braços se aproximando, chamando-me em seu abraço. — Como vai querida?

Eu deixo ela me abraçar.

— Estou bem, obrigada, Judy.

— Muito bem. — Ela se afasta, segurando-me no comprimento do braço e sorrindo para mim com carinho, seus lábios vermelhos esticados, exibindo belos dentes. Ela é realmente uma mulher muito impressionante. — Venha, sente-se.

Nós nos acomodamos e a garçonete se aproxima, entregando-me o cardápio com uma lista de coquetéis escritos no comprimento. Eu sorrio e agradeço a lista de bebidas de luxo.

— Você deveria tentar este. — Judy desliza uma unha perfeitamente polida pelo meu cardápio. — É desconfortável.

Eu li sua recomendação. *Você é tão gângster*. Eu rio, lendo a hashtag ao lado: # *FeelingLikeABoss*. Eu olho para ela e ela pisca com um pequeno sorriso.

— Eu estou tendo o céu para os pecadores.

Meu olhar cai novamente para o cardápio, encontrando a peculiar hashtag para a escolha de Judy. *#FeelingMischievous*. Eu sorrio, voltando minha atenção para a mãe de Theo enquanto coloco o cardápio para baixo.

— Por que eu sinto um significado interior para sua sugestão do que eu deveria beber?

— Adoro a altura do pedestal em que meu filho colocou você. — Ela me diz, de forma bem casual, e com absolutamente nenhum sentimento ruim em sua declaração. — É ainda mais alto do que aquele que ele tem em mim. — Judy me dá um sorriso tímido, sinalizando a garçonete e pedindo nossas bebidas.

Quando estamos sozinhas de novo, eu decido não dançar ao redor, mas para perguntar a ela o que está acontecendo na minha mente. Porque claramente é algo.

— Isso te incomoda?

Um pequeno silêncio se espalha pela mesa, não é desconfortável, mas também não é particularmente confortável. Ela está considerando a minha pergunta. Eu já descobri que Judy é um pouco leoa quando se trata de Theo. Ela era a única mulher em sua vida até que eu apareci na cena. Ou explodi, mais especificamente.

Espero, nervosa, que a mãe de Theo me dê sua resposta, não gostando da ideia de competir com ela ou disputar a atenção do filho. Ela suspira e alcança a mesa, pegando minha mão.

— Izzy, garota querida, só quero vê-lo feliz. Você o faz feliz.

— E se eu o perturbar? — Eu pergunto, continuando com a minha estratégia de ser direta ao ponto.

— Você já o faz, não é? — Ela aponta um olhar perscrutador para mim, segurando minha mão quando eu tento soltá-la, um pouco chocada por ele obviamente ter compartilhado nosso

pequeno desacordo do outro dia, quando me recusei a confiar nele depois do meu colapso no estúdio de tatuagem de Stan. — Eu não estou condenando você. — Ela diz suavemente.

— Então o que você está fazendo?

— Estou tentando apoiar você.

Ela está? Isso é estranho, porque não me sinto muito apoiada no momento. Eu me sinto mais ameaçada.

— Como?

Ela suspira, soltando minha mão e voltando para dar espaço à garçonete para colocar nossas bebidas na mesa. Pego o caule elegantemente gravado do meu copo e deslizo-o para mim, depois abro a boca para o canudo curto. Eu tomo um gole do coquetel, mas não posso apreciar plenamente o sabor delicioso quando estou me sentindo tão apreensiva.

— Izzy, vejo a maneira como ele olha para você. — diz Judy. — A conexão é tão poderosa, eu posso sentir isso sozinha. — Ela toca o bolso do paletó. — Bem aqui. — Eu olho para ela, vendo nada além de genuína felicidade em seu olhar. —Sempre tive esperanças de que um dia ele deixaria alguém entrar, dar a alguém a chance de amá-lo como eu. Mas eu duvidava que houvesse uma mulher lá fora forte o suficiente para enfrentá-lo. Seu clube. A personalidade dele. Sua reputação. — Ela faz uma pausa e me observa do outro lado da mesa. — Sua fobia.

— Ele vai melhorar. — Eu digo, sentindo que estou tentando tranquiliza-la. Ela está questionando se eu sou forte o suficiente para lidar com Theo?

— Eu realmente acredito que ele vai, Izzy. E você nunca saberá quanto conforto isso me dá.

— Acho que sim. — Respondo baixinho, olhando para o meu copo. — Posso te perguntar uma coisa, Judy?

— Qualquer coisa.

Eu olho para ela.

— Sua fobia...

— Exceto isso. — Ela me corta, uma mão erguida para sustentar suas palavras severas. — Pergunte-me qualquer coisa, mas, como Theo, eu nunca quero discutir isso.

Eu tento forçar minha crescente curiosidade, mas seu tom inflexível torna isso difícil. O que aconteceu com Theo?

— Ok. — Eu admito, não gostando da súbita borda de tristeza em seu rosto.

— Como ele não te empurrou, você não deveria empurrá-lo. Isso o levará embora, Izzy. Por favor, não faça isso.

— Tudo bem. — Digo novamente, me sentindo muito culpada. — Eu sinto muito. Eu não queria chatear você. — Ela parece quase assombrada enquanto delicadamente levanta o copo para os lábios, olhando para sua bebida e tomando o que parece ser um gole necessário. Mas há apenas mais uma coisa que *preciso* perguntar. Eu continuo pensando sobre isso, mas não tive coragem ou achei o tempo certo para abordar isso com Theo. Talvez a mãe dele fosse melhor para discutir isso primeiro.

— Você acha que Theo se beneficiaria da terapia?

Ela sorri como se estivesse divertida.

— Acho que você é a única terapia que Theo precisou.

Meus ombros caem, desapontados. E eu me pergunto, é por isso que Judy aceita tanto a mim? Porque ela me vê como uma cura potencial para o filho dela? É por isso que ela está se esforçando para me fazer sentir bem-vinda? Deus, ela percebe quanta pressão ela está colocando em mim? Eu não sei, mas me sinto obrigada a esclarecê-la caso ela não saiba. Ela está tão cega pela promessa de seu filho possivelmente ser *consertado*, ela está negligenciando a considerar a tensão que poderia ter em mim. Estou determinada, sem dúvida, mas também não sou delirante. Não sou profissional. Theo precisa de ajuda profissional.

— Isso é muita pressão para colocar nos meus ombros, Judy. — Ela mudará sua opinião sobre mim, será menos amigável se eu não curar seu filho?

—Sem pressão, minha querida. Nenhuma mesmo. Porque mesmo que ele nunca esteja curado, eu ainda posso ver você trazer luz para o seu mundo sombrio. Sua felicidade, sua paz é tudo o que importa para mim.

A paz dele.

— Então ele não tentou terapia? — Eu digo, tentando obter uma resposta para a minha pergunta original.

— Terapia requer conversas. Você deve ter notado que meu filho não gosta de fazer isso.

O que ela quer dizer é que ele terá que conversar com um terapeuta, contar sua história para que um plano de tratamento possa ser planejado. Theo não fala sobre sua história. A terapia nunca vai acontecer. E daí? É para mim, então? Toda a responsabilidade de manter Theo calmo e feliz está nos meus ombros?

— Agora -a expressão de Judy muda significativamente, de triste para sorridente — conte-me sobre sua infância, Izzy. Vamos nos conhecer.

A escolha do tema por Judy tem os papéis invertidos. Eu olho para longe, brincando com o caule do meu copo. — Não há muito a dizer. — Minto. — Eu cresci em Highbury, fui para o King's College e trabalhei no Royal London desde então. — Mais mentiras, e eu faço careta para mim mesma, ouvindo o quão mecânica eu pareço. — Bem, *eu* trabalhei no Royal London. — *Até que seu filho entrou em fúria pela ala em que trabalhava*.

Como eu esperava, Judy ignora minha última declaração. — Por que uma enfermeira? — Ela pergunta, parecendo não pegar minha resposta robótica.

— Por mais que eu gostasse de ser médica, não podia pagar a faculdade de medicina.

— Seus pais? Eles não poderiam ajudar com o fardo financeiro?

Eu seguro minha língua por um segundo, mas não digo o que estou pensando, e é por isso que ela está perguntando quando eu aposto minha vida no fato de que Theo já disse a ela que meus pais morreram.

—Meu pai morreu quando eu era muito pequena, — explico por causa disso, decidindo que é mais fácil do que questionar por que ela me perguntaria quando sabe. — Minha mãe morreu há dez anos.

Seu rosto cai, assim como seu copo para a mesa.

— Oh, Izzy, eu sinto muito mesmo.

Eu sinto minha testa ficar pesada com minha carranca.

— Theo não te contou?

— Não. — Ela balança a cabeça, então vem para o meu lado da mesa e se senta ao meu lado. Eu olho para ela, um pouco perplexa. — Sinto muito por perguntar. Deve ser muito doloroso para você. O que você tinha, dezessete anos quando perdeu sua mãe? — Eu aceno, e ela fecha os olhos, claramente achando difícil de compreender. — Perdi a minha quando tinha trinta anos. Foi tão difícil, mesmo quando adulta, mas você era apenas uma garota. — Ela abre os braços e me oferece seu conforto. Naturalmente e surpreendentemente, eu vou com facilidade. — Você é ainda mais forte do que eu pensava. Nenhum pai e nenhuma mãe aos dezessete anos, e você encontrou seu caminho no mundo. Tornou-se uma enfermeira! — Ela se afasta e olha para mim, toda orgulhosa. Emocionada, mesmo.

Eu não vou manchar o momento com as peças mais desagradáveis da história, porque pela primeira vez, eu estou sendo brindada com elogios, elogios que eu sempre soube que minha mãe teria me sufocado se ela pudesse me ver agora. O fato de que a mãe

de Theo é quem os faz, e não minha mãe, acrescenta apenas um toque de tristeza ao meu momento.

— Você é incrível, Izzy. — Ela beija minha bochecha e me entrega minha bebida. — Que nem um chefe. — Apontando meu copo, ela pisca e eu rio, relaxando pela primeira vez desde que cheguei. — Porque não se enganem, menina querida. Você é o chefe onde Theo está preocupado. Do coração dele.

Suas palavras perfuram meu próprio coração e injetam a maior dose de felicidade. Eu estou supondo que agora não seria a hora de dizer a ela que seu querido filho uma vez me disse que me trataria como uma rainha e me foderia como uma prostituta.

— Obrigada, Judy. Pelo bate— papo e as bebidas. — Eu pareço sincera, e realmente sou, mas há aquela curiosidade duradoura trazida de um ponto anterior em nossa conversa. O que aconteceu com Theo? Ele me disse que está ligado para atacar quando é tocado. Eu não acredito nele. Eu acredito que algo aconteceu que o fez desse jeito. E, além disso, Judy me disse que ele nem sempre foi assim. Mas eu realmente preciso dos detalhes? E eu arriscaria empurrá-lo para descobrir?

— É o seu telefone, querida? — Judy pergunta, trazendo-me de volta para o bar, meus lábios pairando sobre o meu canudo. Eu pego minha bolsa e pesco meu celular, mas ele corta antes de eu responder. — É Theo. — Digo, discando-o de volta.

Judy ri um pouco exasperada.

— Ele provavelmente está checando para ver se eu te assustei.

Eu sorrio, ouvindo sua mensagem de voz entrar. Eu começo a deixar uma mensagem enquanto Judy pega sua própria bolsa, segurando seu telefone, que está tocando. O nome de Theo pisca para mim, e eu desligo minha ligação quando Judy o atende.

– Querido. — Ela o cumprimenta brilhantemente, mas então sua expressão feliz desaparece, sendo substituída por uma forma séria demais para o meu gosto. – Não. — Ela respira, olhando para mim. — Sim, ela está comigo.

Minhas costas se endireitam, meu pulso acelerando quando Judy olha para mim. Não tenho ideia de qual é a causa da preocupação dela, mas todas as suas vibrações ansiosas alimentam minha própria preocupação.

— Estou a caminho. — Ela fica de pé, sinalizando para eu fazer o mesmo. — Bem, é claro que estou trazendo-a — ela diz, mostrando uma rara demonstração de aborrecimento antes de desligar e pegar sua bolsa, jogando cinquenta na mesa.

— O que está acontecendo? — Eu pergunto, deixando-a me levar do bar, para a frente do hotel.

Ela não me responde, acenando para o motorista.

— Judy! — Eu grito, pânico levando a melhor sobre mim. — O que aconteceu? — O motorista estaciona e ela corre para me levar para o carro, em seguida, cai no banco ao meu lado. — Houve um incidente no playground. — Ela me diz. — Nos leve até lá o quanto antes, Gerard.

Seu motorista acena e sai rapidamente no tráfego. Mas não tão rápido quanto meu coração vai de zero a sessenta. — O que

aconteceu? Foi com Theo? Ele está bem? — Minha mente galopa com possíveis causas para a pressa e o pânico.

— Ele está bem.

O alívio navega em minhas veias a um ritmo épico.

— Então o que?

Judy descansa a palma da mão sobre a testa, parecendo acalmar a cabeça, e o telefone toca de novo. Ela o responde, em vez de a mim, escuta atentamente, assentindo e parecendo cada vez mais perturbada, talvez até com raiva. O que quer que tenha acontecido, não é bom.

CAPÍTULO
Vinte e Dois

O motorista de Judy entra na propriedade de Theo através de um portão diferente sob sua instrução, estacionando em um estacionamento que serve o Playground. Judy salta e corre pelo caminho alinhado com árvores do arbusto aparadas na entrada. Eu estou quente em seus calcanhares, procurando por Theo quando passo por uma área de recepção e entro no clube principal. A atmosfera contida me atinge como um tijolo. Não há música, nenhuma dançarina no palco, nenhum lutador na jaula e nenhum cliente. A equipe está pairando em volta do bar, seus sussurros abafados urgentes e temerosos. Um deles cutuca o outro enquanto Judy marcha através do clube, e um efeito dominó de novos cutucões segue até que eles estejam todos quietos.

— Onde? — Judy pergunta secamente.

— Vestiário. — Responde uma das dançarinas rapidamente. Ela está envolta em um manto fino, parecendo abalada.

Enquanto me aproximo dos saltos de Judy, o som dos gritos estrondosos de Theo soa através do clube, e o ritmo de Judy acelera, assim como o meu.

— Como diabos isso aconteceu? — ele ruge.

Eu quase colidi com as costas de Judy quando ela parou abruptamente na porta do camarim, e eu pego a cena por cima do ombro, lutando para compreender a visão. Penny está deitada no chão, inconsciente, seu corpo seminu sob um cobertor enquanto Callum se ajoelha ao lado dela, acariciando seu cabelo para trás de seu rosto.

— Oh meu Deus. — Eu exalo, chamando a atenção de Theo. Sua camisa está meio enfiada nas calças, a gravata solta no pescoço.

— Izzy.

Ele corre e Judy se move para lhe dar acesso claro. Minhas bochechas estão em concha em suas palmas, seu rosto preocupado nariz a nariz com o meu. Ele coloca um beijo longo e demorado nos meus lábios, inalando profundamente. Ele está tão aliviado em me ver, eu posso sentir seu coração martelando devagar quando ele me segura perto.

— O que aconteceu? — Eu pergunto, me afastando dele e correndo pela sala até onde Penny está deitada no chão. Callum olha para mim com um sorriso triste no rosto. — Bem? — Eu pergunto, começando a ficar um pouco abalada. — Alguém vai me dizer o que está acontecendo? — Eu me ajoelho ao lado de Penny e tomo seu pulso, sentindo seu pulso. Está lá e é forte, mas ela está fora para a contagem.

— Ela foi atacada. — Theo explica, ajoelhado ao meu lado. Um flash de violência percorre seu rosto enquanto ele fala.

— O que? Aqui? — Não. Não, isso não pode ser. As dançarinas estão seguras aqui. Protegidas. Theo certifica-se disso.

— Sim, aqui. — Ele praticamente rosna, parecendo insano de raiva.

Eu sinto a testa de Penny antes de abrir os olhos um por um. Suas pupilas são grandes e largas como pires.

— Ela foi drogada.

— Porra! — Theo bate no chão antes de se levantar e pisar na sala, chutando uma cadeira para fora do caminho enquanto vai. Eu o ignoro e me concentro em Penny, ouvindo Judy tentando acalmá-lo.

Eu puxo o cobertor para trás e procuro por qualquer evidência de força, observando uma dispersão de hematomas frescos em suas coxas e sua calcinha pendurada em um dos quadris, rasgada. Eu engulo repetidamente, forçando para longe tantas lembranças terríveis. Agora não é hora de ter um ataque. Eu preciso estar firme e junta. Callum assobia e eu olho para cima, meus lábios retos.

— Ele? — Pergunto, referindo-me à escória que nos atacou no beco.

Callum balança a cabeça.

— Ele está em prisão preventiva.

— Então quem?

— Eu não sei.

Eu cerro os dentes e volto para Penny, cobrindo seu corpo.

— Precisamos levá-la a uma cama.

— Eu não queria movê-la até você chegar aqui. — Explica Callum. — Eu não sabia se ela estava ferida. — Ele desliza seus braços sob ela e a levanta do chão, e eu me levanto com ele, mantendo os cobertores no lugar.

— Ela está ferida. — Resmungo, grudando no lado de Callum enquanto ele lidera o caminho de volta para a casa principal. Eu olho para Theo quando passo, incapaz de suavizar minha carranca. — Mas você não pode ver os ferimentos mais prejudiciais.

Theo estremece, a dor afiando as linhas de seu rosto enquanto ele abaixa a cabeça e olha para o teto. Não sinto prazer com a reação que meu frio e duro fato tira dele. Ele disse que ela estava segura aqui. Ele estava errado.

Eu sigo Callum pela casa, e uma vez que Penny se acomodou na mesma cama em que eu cuidei dela pela última vez há algumas semanas, eu vou esfregar minhas mãos. Callum desaparece e retorna apenas um minuto depois, carregando uma grande quantidade de suprimentos médicos. Vou até a cama e empurro o cobertor para trás das pernas com os cotovelos.

— Você precisa arranjar alguém para pegar algum contraceptivo de emergência como precaução. — Na falta de estribos, eu gentilmente levanto as pernas de Penny para trás. — Você pode ajudar, por favor? — Eu pergunto a Callum, olhando para ele. Ele está me observando espalhando as pernas de Penny, um pouco horrorizado. — Callum?

— Sim. — Ele se sacode para a vida e se apressa. — Onde você me quer?

—Segure as pernas dela pelos joelhos. — Eu instruo, deixando-o substituir minhas mãos pelas dele. – Consegue?

— Eu a tenho. — Ele confirma, olhando para o rosto de Penny e não o que está *olhando-o* no rosto. — O que você está fazendo? — ele pergunta.

— Um exame interno para verificar se há danos. — Eu inspeciono o hematoma em torno de sua parte interna das coxas, uma coleção de pequenos pontos dos dedos agarrando duramente. – Bastardo. — Eu respiro, coletando um espéculo da mesa e puxando-o da embalagem protetora. Agarrando a lanterna, eu a lanço enquanto avanço lentamente, tentando descobrir o melhor ângulo sem a ajuda de uma cadeira de exame adequada. — Penny, vou dar uma espiada em você. Eu não vou te machucar, eu prometo. Pode ser um pouco desconfortável. — Eu olho para o seu rosto inconsciente e adormecido. Ela está morta para o mundo, então eu continuo avaliando-a. — Não há sêmen. — Digo para mim mesma. — Ele provavelmente usou camisinha. Um pouco de sangue, mas nada muito importante. — Eu gentilmente puxo o espéculo livre e aceno para Callum para liberar suas pernas. Ele é rápido para cobrir a dignidade de Penny, arrumando o cobertor ao redor de sua metade inferior. Eu coloco meus instrumentos e tiro as luvas.

Como eu fui treinada, eu verifico sob as unhas por qualquer sinal de que ela poderia ter lutado contra seu agressor. Não há nada.

— Eu deveria sentar com ela e ficar de olho nela até que ela volte. — Sento-me na cadeira ao lado da cama para passar a noite. Pode levar horas até que ela recupere a consciência, mas ela não deve ficar sozinha quando o fizer.

Callum se move desajeitadamente em direção à mesa médica improvisada e começa a recolher meus suprimentos, provavelmente apenas tentando se ocupar com mais nada a dizer.

— Deixe-os. — Digo sem tirar os olhos de Penny. — Talvez eu precise deles novamente. E você ainda deve pegar aquela pílula de emergência. Não vi sinais de sêmen, mas é melhor estar em segurança. — Eu ouço um suspiro desanimado. É um som estranho de um homem tão grande.

— Izzy. — Ele começa, o som de seus pés se aproximando. – Ninguém...

A porta se abre e levanto a cabeça para encontrar Theo com a aparência não menos estressada do que quando o deixei no andar de baixo, com o resultado de meu olhar imundo.

— Como ela está? — ele pergunta.

— Viva. — Eu cuspo.

— Vou deixar vocês dois para isso. — Callum está fora da sala como um tiro, querendo evitar a atmosfera miserável. Eu vejo suas costas desaparecerem e a porta se fechar atrás dele, e então volto minha atenção para Penny.

— Izzy, eu nunca... — Theo começa.

— Não. — Interrompi-o, sem olhar para ele. — Não me diga o quanto você se sente mal, Theo. Este lugar deveria ser seguro. Ela deveria estar segura. A pobre mulher já passou por tudo.

— Ninguém nunca cruzou a linha aqui, Izzy. Ninguém se atreveu.

— Quem se atreveu agora? — Eu pergunto, deslocando meus olhos vazios para ele. — Quem se atreveria a entrar no clube de Theo Kane e fazer isso? — Minha mão dispara em direção a uma Penny inconsciente.

— Não vou descansar até descobrir. — Suas narinas se abrem, o perigo que eu sei que ele é capaz de piscar em seus olhos de cobalto.

— O homem no beco. — Começo.

— Ele está em prisão preventiva.

— Você pode ter certeza disso?

— Andy está checando.

— Vou tomar isso como um não.

Seus grandes ombros caem e seu olhar cai no chão. A culpa está consumindo-o, mas não consigo encontrar a graça para *tentar* aliviá-lo. Não importa que minhas tentativas sejam em vão. Ele se culpa, e com a falta de alguém para culpar no momento, eu não posso deixar de culpá-lo também.

— Ela deveria estar em um hospital. — Murmuro, sabendo que estou perdendo o fôlego. — E a polícia deveria ser chamada.

— Não posso chamar atenção para o meu clube, Izzy. Andy está do meu lado, mas existem poderes acima dele.

— Eu sei. — Eu rosno, suas palavras apenas construindo minha raiva. — Deus nos livre de a polícia aparecer. Deus nos livre que você seja preso e jogado na cadeia.

O barulho que emana de sua direção é uma combinação de um grunhido e um suspiro, seguido pelo som de seus pés batendo no chão quando ele vem até mim. Ele está no meu campo de visão um segundo depois, de joelhos.

— Não me afaste. — Ele implora, pegando minha mão e colocando-a em seu peito, uma lembrança silenciosa do que está gravado em sua pele sob a camisa amassada. — Eu posso aguentar muito, repelir tudo, mas não posso suportar a ideia de você me odiar. Não me odeie, Izzy. — Seu rosto cheio de dor mói minha raiva um pouco, nossos olhares se segurando. — Eu *vou* atrás de vingança. Não vou deixar quem fez isso com ela se safar.

— Como? — Eu pergunto categoricamente. — Tiro? Espancamento? Quebrando alguns ossos?

Seus olhos brilhantes me dizem que é exatamente o que ele tem em mente, assim como eu temia.

— O que for preciso para o fazer pagar.

— E como diabos isso vai ajudar Penny? — Eu grito.

Ele estremeceu com o volume da minha voz, fechando os olhos e passando alguns momentos respirando calmamente em seus pulmões.

— Eu tento fazer a coisa certa. — Ele diz, uma ponta de súplica em seu tom. Pedindo para eu entender. — Entrego à polícia ao invés de dar o que merece.

— Você os entrega à polícia como isca, Theo. Dê à polícia o que eles querem para mantê-los longe de você. — Eu olho para longe

dele e descanso na cadeira. — Não me diga que é completamente altruísta.

Sua expiração é alta e cansada.

— Izzy, baby, venha para a cama comigo. Deixe-me abraçar você.

— Preciso acompanhar Penny. Ela pode acordar e ficar mal ou desorientada. Ela não deveria estar sozinha.

— Então eu vou ter uma das meninas a sentar com ela.

— Elas têm algum conhecimento médico? — Eu pergunto, olhando para ele. — Elas sabem como monitorar as taxas de pulso e reconhecer os sinais de deterioração?

Theo olha para Penny, sua mandíbula pulsando.

— Não.

— Então não vou entregar os cuidados dela a uma stripper só porque *você* precisa de um abraço. — O despeito em mim vem para a superfície, imparável e cheio do ódio que estou sentindo. — Eu ficarei aqui. — Eu puxo minha mão da dele e me movo na cadeira, me afastando o máximo que posso.

Ele é picado. É aparente na ligeira retirada de seu grande corpo e a dor inala. Há silêncio por alguns momentos, mas praticamente posso ouvir sua mente correndo. E então ele deixa seus pensamentos se espalharem.

— Por que tenho a sensação de que há mais na sua raiva do que o que aconteceu com Penny, Izzy?

— Não. — Eu me recuso a olhar para ele, como se esconder meus olhos pudesse manter os segredos do meu passado dele. — Não mude isso.

— Certo. — Ele respira, sua voz trêmula quando ele se levanta. — Entendi. Guarde seus segredos.

— Como você mantém os seus.

Theo amaldiçoa em voz baixa, afastando-se de mim, derrotado. Não o impedir de sair tira tudo de mim. Eu não gosto da visão ou do som dele em desespero, e, realmente, é o meu próprio desespero que está alimentando isso. Minhas razões para estar com raiva. Meu passado ditando como eu lidei com isso. Mas Theo é um homem grande. Ele pode cuidar de si mesmo, como demonstrado em mais de uma ocasião. Penny não pode. Ela precisa de mim.

Quando a porta do quarto se fecha suavemente, olho para o outro lado da sala. Em minha mente, posso vê-lo do outro lado, provavelmente forçando o punho para trás de quebrar um buraco na parede. E então eu fecho meus olhos e me vejo. Estou inconsciente como Penny.

***

Horas passam. Subo e desço da cadeira como um ioiô, verificando o pulso, a pressão arterial e a temperatura de Penny pelo menos a cada vinte minutos. Não preciso fazer isso com tanta frequência, mas, se permanecer imóvel na cadeira, é provável que

eu cochile. Eu me pergunto constantemente se estou perdendo alguma coisa, algo importante. Ela não voltou, sua temperatura não mudou e suas pupilas ainda estão dilatadas.

Às onze horas, eu a examino novamente, começando a duvidar de meu julgamento e diagnósticos. Eu puxo sua pálpebra para cima, olhando de perto em seu olho. Estou tão focada na minha tarefa, procurando por mais sinais, eu pulo um pé da cama quando ela empurra.

— Vou vomitar. — Ela engasga, rolando para o lado da cama e arfando incontrolavelmente. — Oh Deus.

Eu corro para a tigela em volta da cama, fazendo isso a tempo de ela derramar suas entranhas. Seus cabelos caem, deslizando o conteúdo da tigela, e eu a puxo para trás com a mão sobressalente, afastando o cabelo do rosto enquanto ela continua a vomitar, exalando o mal cheiro. Mas, embora seja desagradável, não posso deixar de ser grata. Ela está com isso, e expulsar qualquer porcaria do estômago é uma coisa boa.

São cinco longos minutos até ela parar e eu abaixo a tigela até o chão antes de prender adequadamente o cabelo com uma fita.

-melhor? — Pergunto enquanto ela se ergue de volta no travesseiro, a testa brilhando de suor.

Ela vira ligeiramente, os olhos aturdidos em mim, sua expressão em branco.

— Você deve se sentir como minha médica particular.

Eu sorrio em minha felicidade crescendo. Ela me reconhece.

— Na verdade, sou enfermeira. — Eu começo a colocá-la de volta sob as cobertas. — Como você está se sentindo?

— Minha cabeça está latejando. — Ela coloca a palma da mão na testa. — Fiquei bêbada e não me lembro?

Eu mordo meu lábio, imaginando a melhor maneira de contar para ela. Eu tomo alguns analgésicos da mesa lateral, entregando-os para ela com um copo de água.

— Acho que você foi drogada, Penny. — Não há um caminho fácil. É o que é e ela tem que saber.

Seu rosto cai no pensamento; a batalha mental que ela está tendo que tentar lembrar é quase dolorosa de se ver.

— Drogada. — Ela murmura, olhando para as duas pílulas em sua mão. — Não me lembro.

— Tome-os. — Insisto, aplicando um pouco de pressão na parte de baixo da mão dela para que ela levasse as pílulas para a boca.

— Eles são seguros? — Ela me olha quando os inclina e os engole com um pouco de água.

Estou mordendo meu lábio, gostando da brincadeira dela, mas me perguntando se ela compreendeu completamente a gravidade do que eu disse a ela.

— Penny, você lembra de alguma coisa?

— Eu me lembro de pegar um copo de água. — Ela olha além de mim, apertando os olhos. — E lembro-me de ir ao vestiário para me preparar para a minha apresentação.

— E depois?

— Nada. — Ela sorri fracamente para mim, segurando o copo de água com as duas mãos, apoiando-o na barriga. — Mas eu estou supondo que é uma coisa boa, certo?

Eu coloco a mão em seu braço e aperto. Depois de tudo o que passou, essa mulher, que mal é adulta, ainda é muito forte.

— Arranjei para você tomar a pílula do dia seguinte. É só uma precaução.

— Obrigada. — Suas pálpebras já estão ficando pesadas.

— Você deveria dormir. Eu vou dizer a Theo que conversamos. Ele ficará ansioso para ouvir que você está bem. — Eu volto para a porta, e ela suspira, afundando em seu travesseiro, fechando os olhos.

— Obrigada por cuidar de mim novamente, Izzy.

Suas palavras ficam mais calmas no final, seu torpor e exaustão a levam rapidamente de volta ao sono.

Eu a observo por alguns momentos antes de sair, fechando a porta gentilmente atrás de mim.

— Jefferson! — Eu pulo, quase colidindo com ele quando me viro.

—Senhorita White. — Ele sorri, embora esteja tingido de preocupação.

— O que você está fazendo aqui a essa hora?

— Eu não queria ir embora até ter verificado a jovem. Como ela está?

— Ela está bem... Eu quero dizer bem... Bem, ela acordou, mas adormeceu novamente. — Eu aponto o polegar atrás de mim para a porta. — Alguém deveria sentar-se com ela. Eu estava a caminho para dizer a Theo que ela acordou.

— Ah, o senhor Kane deixou a propriedade.

Eu sinto minha testa ficar pesada. Para onde ele iria a essa hora da noite, além do Playground? Deixou a propriedade?

— Onde ele foi?

— Não tenho o hábito de questionar seus movimentos, Srta. White. Eu simplesmente sirvo a ele. — Ele passa por mim até a porta. — Vou arranjar alguém para subir e sentar com a garota.

— Jefferson. — Chamo, fazendo-o parar no meio da sala.

— Sim, senhorita White? — Ele não se vira, e eu sinto que é porque ele sabe que vou perguntar a ele algo que ele não vai responder.

— Há quanto tempo você é o mordomo de Theo?

Eu não posso ver seu rosto, mas espero que ele esteja sorrindo.

— Eu sirvo ao Sr. Kane desde que ele era um bebê de braços, embora ele fosse menos exigente comigo então.

— Então você conheceu o pai dele? — O interesse em minha voz é tão óbvio que eu poderia chutar minha própria bunda. Eu

deveria ter vergonha de mim mesma por tentar tirar os segredos de Theo de sua equipe, especialmente quando eu cortei Theo tão bruscamente. Mas, droga, eu não consigo me livrar da curiosidade.

Desta vez, Jefferson se vira.

— Mas claro, conheci o pai dele. Esta era a sua casa antes de ser de Theo.

— E o clube também era dele?

— Sim, e a propriedade rural no lado sul da cidade, onde a mãe de Theo agora mora.

— E o pai de Theo fez todas as suas fortunas para comprar essas magníficas propriedades, administrando um clube de strip— tease e organizando lutas de prêmios ilegais?

Jefferson sorri, voltando para o quarto de Penny.

— Boa noite, senhorita White.

— Boa noite, Jefferson. — Ele fecha a porta e me deixa contemplando o que devo fazer comigo mesma. Theo está fora. Eu não posso encarar Judy ou qualquer outra pessoa. Então, vou para os aposentos privados de Theo, tirando meu celular da bolsa no caminho para ligar para Jess. – Merda. — Eu xingo, descobrindo uma bateria descarregada.

Lembrando-me de uma estação de carregamento no aparador da sala, eu vou direto para lá e conecto meu telefone, depois vou trocar de roupa. Eu entro no closet de Theo e pego uma camisa para dormir, rapidamente me visto e puxando meu cabelo para trás enquanto faço o meu caminho para o banheiro dele. Eu lavo meu

rosto, escovo meus dentes e volto para o meu telefone. Cinco por cento. É suficiente. Eu o libero e ligo, as notificações de algumas chamadas perdidas de Jess aparecendo quando se trata de vida. Eu ligo para ela e me afundo no sofá.

— Finalmente. — Ela solta a linha. — Estou tentando ligar para você.

—Meu telefone morreu. — Explico. — Desculpa. As coisas foram...

— Sim, eu ouvi.

Eu olho para o meu celular.

— Você sabe? Como?

— Callum apareceu há algumas horas.

Minha espinha se desenrola rapidamente, trazendo-me para uma posição sentada reta.

— Por quê? — Estou pensando em muitas possíveis razões pelas quais Callum iria ver Jess.

— A pílula do dia seguinte.

Mas não isso.

— Hã?

— Ele explicou a situação. Imaginou que se eu era uma parteira, eu teria o que você havia instruído a ele. Eu lhe disse que faço parto de bebês, não os impeço.

Eu não posso evitar, eu rio.

— Deus o abençoe.

— O homem é um maldito mistério, Izzy. — Ela parece exausta com tudo isso. — Ele saiu em um grunhido e foi isso.

— Ele saiu?

— Sim! Eu estava ali de camiseta e calcinha, e ele foi embora. Desisto.

— Esteve aí...

— Deus, sim. Eu poderia ter explodido, e quase o fiz quando ele limpou um pouco de pasta de dente do canto da minha boca.

— E ele foi embora.

— Ele foi embora.

— Ouch.

-me fale sobre isso. Ele olha para mim como se quisesse me atacar e fala comigo como se quisesse me estrangular. Terminei. É exaustivo tentar descobri-lo. — Ela sopra um sopro de ar cansado. — Mas esqueça as minhas travessuras frustrantes com o Sr. Frio. O que diabos está acontecendo?

— Ela acordou e não se lembra de nada.

— Uau. Aposto que Theo está chateado.

Concordo com a minha cabeça, embora usasse uma palavra muito mais forte do que isso.

— Levemente.

— A pobre menina. Quem diabos teria coragem de entrar no clube de Theo e fazer isso? Eles devem ter um desejo de morte.

Eu olho através do quarto para a porta, ponderando a declaração de Jess. Um desejo de morte.

— De fato. — Digo baixinho, pensativa.

O clube impenetrável de Theo foi penetrado. O Playground não é intocável. Theo não é intocável. A ironia do meu pensamento silencioso não me escapa. O homem intocável não é intocável. Minha conclusão só me deixa mais preocupada, por quanto tempo Theo pode ficar fora do radar? Quanto tempo antes de ele ser cortado pela espada?

— Que turno você está amanhã? — Eu pergunto com um suspiro.

— Cedo. Eu realmente deveria ir para a cama.

— Eu te ligo amanhã. — Eu desligo e bato na lateral do meu celular na minha bochecha, incapaz de afastar meus pensamentos. Intocável. E eu me pergunto como Theo baixa suas defesas para mim, ele está se expondo em outros aspectos de seu estilo de vida? Em vez de sua força, sou realmente uma fraqueza?

CAPÍTULO

Vinte e Três

Há aquele momento entre o sono e a consciência, o momento em que você está acordada, você está quente e confortável em sua cama, e seu cérebro está vazio de tudo, exceto o delicioso trecho que você está construindo ou o suspiro de satisfação. enquanto você se aconchega de novo, desviando-se para a tranquila quietude do sono. É o momento antes de você ter a oportunidade de se lembrar de quem você é e do que está acontecendo em sua vida. E então tudo registra, gota a gota, e você gasta alguns momentos, seus olhos fechados, mantendo a escuridão, esperando que seja um sonho e você ainda esteja nele. Mas você não está. Seus olhos se abrem e os fragmentos são substituídos por um monte de lembranças.

Enquanto olho para o teto, lembro-me de que estou desempregada e absolutamente maluca por causa de um homem que deveria ser totalmente indigno de amor. Exceto que ele não é. Longe disso. Pelo menos para mim. Minha cabeça começa a doer e meu coração pesa no meu peito. É errado amar Theo tão profundamente, ficar e lutar por isso quando temo que isso possa me arruinar? E pior ainda, arruiná-lo. Por empurrá-lo sobre a linha que ele equilibra tão delicadamente. Ele me disse que sentiu que eu precisava de um aviso de que ele estava apaixonado por mim. Ele me deu esse aviso tarde demais. Estou presa agora. E temo que não haja saída.

Minha cabeça cai para o lado e meu desânimo se multiplica ao ver o espaço vazio onde Theo deveria estar. Não contente em ver o lugar vago em sua cama onde ele deveria estar, eu estendo a mão e sinto sua ausência, acariciando os lençóis frios ao meu lado enquanto eu me viro. A noção de que eu nunca poderia acordar e deitar ao lado dele, apenas observando-o em seu sono, traz lágrimas de desolação aos meus olhos. É irônico que, de todas as coisas que me sobrecarregam no momento, a falta de sua proximidade seja a pior.

Eu deveria ter ido para casa ontem à noite. Então eu teria uma coisa a menos para ser infeliz nesta manhã: descobrir que Theo não se juntou a mim na cama. Ele não veio até mim, me acariciou, me confortou. Não é muito justo que eu seja menosprezada, já que dei a ele todos os motivos para acreditar que o responsabilizava pelo ataque de Penny. E não é muito justo culpá-lo em primeiro lugar. Eu podia ver seu remorso, tão claro quanto o nariz no meu rosto. Ele não descansará até que o responsável seja identificado. Mas isso simplesmente aumenta minha crescente lista de preocupações. Até que ponto ele pode empurrar sua aparente imunidade com a polícia antes que tudo o alcance e ele seja jogado na prisão? Tirado de mim?

Suspirando pesadamente, eu deslizo para fora da cama e deslizo uma das camisas de Theo, apertando os botões enquanto faço o meu caminho para o salão em busca dele. Algo me diz para não segurar muita esperança de encontrá-lo, que ele provavelmente vai sair do seu caminho para evitar a minha língua rancorosa novamente. Eu olho para o relógio na lareira sobre a lareira. Nove, meu coração afunda. Ele não voltou a noite passada, ou já saiu.

Eu forço meus calcanhares para ir tomar um banho, tentando encontrar a vontade que preciso para continuar com o meu dia. Mas eu não tomo mais do que dois passos, o sofá do outro lado da sala chama minha atenção. Ou não tanto o sofá, mas a visão de um corpo comprido e seminu se estendia por toda a extensão. Seu braço está enrolado em volta da parte de trás da cabeça, seu rosto se acomoda em seu bíceps, e a outra palma da mão descansa levemente em seu estômago, subindo e descendo com a respiração calma.

O material preto de sua cueca boxer está esticado sobre as coxas, e seu rosto tem mil linhas de tormento gravadas, mesmo enquanto ele dorme. Embora ele ainda seja inconcebivelmente bonito. Ele é uma visão. Como a melhor obra de arte que você está encarando fascinada, um milhão de palavras maravilhadas fazem cócegas em seus lábios. Ou como algo tão lindo que você se sinta compelida a compartilhar com os outros, porque todos devem ter a visão dele pelo menos uma vez. Uma vez é suficiente para deixar uma imagem duradoura impressa na mente de qualquer pessoa. Mas eu não vou compartilhar. Eu vou manter essa visão para mim mesma. Egoisticamente, quero que Theo Kane seja minha própria exposição pessoal.

E além de seu apelo visual, quero que ele seja meu refúgio pessoal. Eu nunca poderia me afastar dele, não só porque eu preciso desse refúgio, tenho que almejar isso. Mas porque eu o amo com todas as fibras do meu ser perdido. E ele me ama. Sem amor, não somos nada. Sem ele, não me sinto nada. Eu sou apenas uma mulher contente em se esconder nas sombras da vida. Ou nas sombras de um lugar que ela disse que estava segura. Eu permiti que meus demônios internos ditassem onde eu fui e o que fiz. E é só desde que conheci Theo que consegui lutar com sucesso. Eu preciso fazer as

pazes com ele. Dói demais apenas saber que o mundo que está se movimentando ao nosso redor está começando a penetrar em nossa serenidade. Eu não posso permitir isso.

Eu dou alguns passos para o sofá onde ele está deitado e caio de joelhos, lutando contra o meu desejo de tocá-lo. Com o tempo, digo a mim mesma. Ele vale a pena suportar a espera pelo prêmio final.

— Theo? — Eu sussurro, tomando cuidado para não chegar muito perto, no caso de minha voz despertá-lo de repente e assustar ele. — Theo, acorde.

Eu sorrio quando ele murmura baixinho, seu rosto saindo de seu bíceps, seus olhos ainda fechados. Ele está naquele lugar entre o sono e a consciência, aquele lugar onde acabei de estar. Uma carranca está marcando sua testa, linhas profundas que se estendem de um lado para o outro. Quero que ele me veja quando abrir os olhos, ver que estou aqui e quero consertar as coisas.

— Theo, acorde. — Eu prendo a respiração quando suas pálpebras começam a piscar. Preciso que ele me veja, me registre e prepare-se para o meu toque. Seus olhos não se abrem lentamente. Eles se abrem de imediato, me fazendo desistir um pouco. Então ele pisca algumas vezes, esfregando profundamente nas órbitas antes de me encontrar novamente. Eu sorrio, descansando em minhas coxas e colocando minhas mãos no meu colo.

— Eu pensei que estava sonhando. — Sua voz é rouca e dura de sono. – Está tudo bem?

— Por que você está aqui fora? — Eu pergunto, olhando para o comprimento do seu corpo. — Por que você não veio para a cama?

Ele limpa a garganta e se levanta, balançando as pernas longas do lado do sofá e relaxando contra a almofada de trás.

— Eu precisava dormir. — Ele descansa a cabeça para trás e olha para o teto. — Eu não queria acordar você.

— Ou arriscar me espancar se eu tentasse te abraçar.

Sua cabeça permanece para trás, mas seus olhos abaixam e algumas batidas de silêncio caem.

— Eu nunca quero te machucar. — Ele diz, significando muito mais do que fisicamente.

Eu aceno enquanto levanto minha mão e alcanço-o.

-me desculpe por te culpar. Eu sei que não é sua culpa. É apenas...

Ele pega minha mão e a coloca de volta no meu colo, me rejeitando.

— Você tinha todo o direito. — As palmas das mãos dele empurram para dentro do sofá e ele levanta, subindo como uma torre acima de mim. — Foi minha culpa. — Ele se move cuidadosamente por mim para não me tocar e se dirige para seu quarto, deixando-me de joelhos, observando-o ir embora. A dor corta um pedaço do meu coração.

— Mas Penny está bem. — Grito para suas costas enquanto fico de pé. Eu não gosto do seu distanciamento ou da culpa que emana

de cada poro do seu corpo. Eu estava tão determinada que ele devesse sentir isso na noite passada.

Eu me consolava com os sinais disso. Agora... agora estou com medo disso. Eu deixei meus problemas pessoais me consumirem e ditar como eu lidava com isso, e eu me arrependo disso.

— Theo, não é sua culpa. Eu estava louca. Eu não quis dizer...

— É tudo minha culpa, Izzy. — Ele me interrompe, sem se incomodar em se virar. O desprezo continuando, combinado com suas palavras robóticas, me perseguem, movendo-me rapidamente para alcançá-lo antes que ele chegue ao banheiro e me cale.

Consigo considerar no tempo fugaz que preciso para chegar até ele o que farei quando chegar lá. Segurar ele? Interceptá-lo? Eu não tenho a chance de fazer a minha escolha. Ele se agita e agarra o topo dos meus braços, me fazendo parar. Minha respiração fica presa na parte de trás da minha garganta, e eu fecho minha boca quando ele aproxima seu rosto do meu. É apertado com linhas de frustração, mas seus olhos estão procurando suavemente os meus. Espero que ele fale, diga qualquer coisa que resolva minha crescente apreensão. Eu sinto que ele está propositadamente se distanciando de mim.

São alguns longos segundos antes de ele falar, e quando ele encontra suas palavras, meu medo sobe.

— Eu vou estar ocupado a maior parte do dia.

Eu engulo em seco, procurando em seus olhos. Eles são claros, mas sinto um tom mortal, e não gosto nem um pouco.

— Fazendo o que?

Ele me deixa e recua.

— Eu tenho alguns negócios para cuidar. — Outro passo para trás.

— Conte-me.

— Você não precisa saber.

Raiva explode no meu intestino, rapidamente se transformando em raiva fervente. Ele espera que eu aceite isso?

— Conte-me!

— Não. — Ele se afasta, não perturbado pela minha fúria.

Seu desprezo me surpreende, e antes que eu possa parar para dizer a mim mesma que é um movimento ruim, minha mão voa para fora, mirando seu grande ombro. Ele se move como uma gazela, rápido e graciosamente, pegando meu membro agitado com facilidade. Ele viu isso chegando antes de mim. Sua palma envolve meu pulso, segurando-o exatamente onde ele parou, a poucos centímetros de seu ombro. Eu suspiro e me liberto.

— Você sabe quem atacou Penny? — Eu pergunto.

Há um movimento momentâneo de seus olhos longe dos meus antes que ele responda.

— Não.

— Não minta para mim. — Eu assobio as palavras, me aproximando dele, me levantando em seu rosto. — Foi ele, não foi? Aquele idiota que a atacou no beco. Que me atacou também!

— Ele saiu em liberdade. — Theo praticamente cospe as palavras, desgosto encharcando-as.

Eu inalo, chocada, voltando e solto meu olhar no chão. Piscando em torno de nossos pés descalços.

— Eles o deixaram sair? — Eu não acredito nisso. Theo o entregou à polícia, em vez de quebrar as pernas, o deixaram sair, livre para aterrorizar Penny novamente, e sabe Deus quantas outras mulheres? É horrível — Como ele entrou no clube?

— Eu não sei. — Do jeito que ele fala eu vejo que ele está absolutamente furioso. Ele percebeu, como eu, que ele não é intocável?

— O que você vai fazer? — Eu olho para ele, agora me preocupando com suas intenções.

— Machucar ele. — Ele não se segura, não se incomoda em tentar puxar a lã sobre meus olhos. Eu posso ver a intenção em seu rosto, a sede de tirar sangue da baixa vida sem valor. O poder por trás de suas palavras combina com o poder físico que eu sei que ele tem. — Vou sair com Callum.

— Não. — Eu balancei minha cabeça, indo em direção a ele. — Theo, por favor, não.

— Você não acha que ele merece? — Sua pergunta me dá uma pausa. Há algo em seus olhos azuis me fazendo ler nas entrelinhas. Sua pergunta parece tática. Ele está abatido e não tenho certeza se posso culpá-lo.

— Eu sei do que você é capaz, Theo. — Eu vou em frente, desesperada por ele entender meu sofrimento. — Você será trancado. Você será tirado de mim.

— Isso não vai acontecer.

— Pode ser! Você pensou que poderia entregá-lo à polícia e eles fariam no trabalho deles. Eles falharam Theo. Você não. — Seu rosto torce em agonia. Isso me mata, porque eu sei que minhas palavras não estão afundando. Eu levanto meu braço e o deixo ver, seus olhos seguindo minha mão até o peito, para onde sua nova tatuagem ainda está avermelhada e brilhante de vaselina. — Por favor, prometa que não vai fazer nada estúpido.

Ele estuda minha mão descansando em sua pele, respirando fundo.

— Promessas não são nada além de palavras que evaporam no momento em que são ditas. — Olhando para mim, seu rosto está completamente vazio. Mas o tom de letalidade em seus olhos é mais aparente. — Elas desaparecem. Elas não significam nada. — Ele se vira e vai embora até o banheiro, deixando-me em estado de choque, com a palma da mão aquecida por causa das consequências da nossa conexão física.

É irônico. Eu acolhi o instinto protetor de Theo, ansiava por isso. Sua força e segurança. Sua capacidade de manter o perigo sob controle. Agora esse instinto significa que eu posso perdê-lo.

Eu não posso perdê-lo.

Ele não vê nada além de uma necessidade de vingança. Agora ele não está me vendo. Minha necessidade. Minha dor. Raiva borbulha dos meus pés, medo me engolfando.

— Seu porco idiota e egoísta! — Eu grito. — E nós? — Pego minha calça jeans da cadeira próxima e a puxo antes de pegar minha bolsa e ir para a porta. Eu bato atrás de mim e trabalho em bater uma tampa em minha mente também.

***

Meu dia é gasto fazendo qualquer coisa para me impedir de pensar. Fui para casa, tomei banho e me preparei, depois saí com uma lista de coisas para fazer. Demorei mais para escrever a lista do que provavelmente levaria a fazer tudo. Eu digo *tudo*. Todas as duas coisas, O supermercado é minha primeira parada. Recolho tudo, e aproveito o tempo fazendo isso, vagando para cima e para baixo em todos os corredores, quer eu precise de comida para cachorro ou de suprimentos para assar, ou não. Escolho a fila de caixa mais longa e recuso a oferta de ajuda para arrumar meus pacotes. Eu não pego um café no Starbucks no supermercado; eu ando as cinco ruas para outro, em vez disso. E eu não uso as lojas próximas para finalmente obter minhas fotografias de Vegas reveladas; eu ando alguns quilômetros até a próxima.

Enquanto sento em um banquinho no estande, meu telefone ligado por um cabo USB à máquina, eu folheio as imagens das minhas primeiras férias de menina nos meus vinte e sete anos. Eu

sorrio, selecionando e imprimindo enquanto vou revivendo o tempo que parecem anos atrás através das imagens. Depois de coletar minhas impressões, penso em outra coisa para adicionar à minha lista cada vez menor de coisas para fazer. Eu preciso de um quadro. Mas não desta loja. Coletando minhas sacolas, eu vou a uma loja de casa.

***

Horas depois, estou no chão da minha sala, ajeitando as fotografias e arrumando-as em uma moldura enorme, composta de uma dezena de outras menores. Quando termino, estou cercada de cortes de fotografias, e cada um dos quadros contém uma foto de mim, de Jess ou de ambas. Eu a sustento no sofá e fico para trás, olhando cada imagem. Jess era minha única família. Agora eu tenho Theo. Ele deveria estar nessas fotos. Mas não há nenhuma existência de Theo e eu. Eu deveria consertar isso.

Eu ouço a porta da frente fechar e olho para cima para encontrar Jess entrando, seguido de perto por Callum. Minhas sobrancelhas sobem em surpresa, depois abaixam tão rapidamente quando Jess se aproxima, largando a bolsa no chão.

— Ei, você está bem? — ela pergunta.

Sinto uma preocupação que só pode significar que Theo deu a Callum a informação, e Callum transmitiu tudo a minha amiga. Eu agacho e começo a recolher minha bagunça.

— O que você quer? — Eu pergunto, sacudindo Callum um olhar condenatório. — Ele mandou você?

Callum franze a testa, seus olhos passando rapidamente para Jess.

— Ele não está com você? Eu pensei que ele estivesse.

Minhas mãos vacilam e eu congelo.

— Ele disse que ia sair com você. — falei, imediatamente entrando em pânico.

— Parece que sim? — Sua carranca se transforma em preocupação. Preocupação profunda. — Porra.

— Eu o deixei horas atrás. — Eu sou incapaz de controlar a crescente trepidação. Então, onde ele está?

— O que aconteceu? Entre vocês dois? — Callum pergunta, puxando o celular do bolso da calça e olhando para a tela.

— Nós tivemos um desentendimento. Você não falou com ele? — Pergunto enquanto Jess fica atrás de Callum, observador silencioso e pensativo.

— Não desde ontem. E agora o telefone dele está desligado. O que você discutiu?

— Ele me disse que o agressor de Penny foi libertado sob fiança. — Minha voz sobe algumas oitavas, e os olhos arregalados de Callum são a causa. — Oh meu Deus. — Eu sussurro. — Você não sabia.

— Não, eu não sabia, porra.

As notícias de Callum levam meu pânico a outro nível.

— Theo disse que ia machucá-lo. Eu pedi a ele para prometer que ele não iria, mas ele recusou. Ele disse que estava saindo com você. Eu deixei. —Meus olhos caem e disparam. — Pensei que você soubesse. Eu pensei que você estaria com ele. Você está sempre lá quando ele precisa fazer negócios. Sempre lá para impedi-lo de ultrapassar o limite.

A boca de Callum se torce, seus olhos se fecham para reunir paciência.

— Entre no carro. — Sua preocupação, e agora a minha também, é a única razão pela qual não protesto. Sem Callum ao seu lado, quem sabe o que Theo fará. Ele não vai machucar o homem que ele está caçando. Jesus, ele estará pronto para assassinato.

***

Callum está obviamente nervoso no caminho para Theo, não que eu espere conversa fiada dele, mas qualquer conversa seria bem-vinda. O silêncio está deixando o espaço vazio livre para eu preencher com pensamentos de pavor.

Quando paramos sob a garagem coberta, Jefferson está esperando e parecendo tão preocupado quanto Callum.

—Senhorita White. — Ele diz, puxando o braço para fora, me dando o espaço que eu não preciso quando Theo não está comigo.

Eu sorrio meu agradecimento quando Callum se junta a mim, e nos movemos para o grande hall de entrada vazio.

— Fique à vontade. — diz ele. — Eu tenho algumas coisas para ver no Playground.

Eu paro devagar, observando Callum seguir em frente, abrindo a porta para o corredor que leva até o clube de Theo.

— O que? Eu deveria ficar doente de preocupação, esperando que ele volte para casa?

Ele para, a maçaneta da porta em suas mãos e se vira para mim.

— Sim. — Ele diz simplesmente. Um rosto estoico é o último que vejo antes de Callum desaparecer pela porta.

— Ótimo. — Resmungo, tirando meu celular da bolsa e ligando para Theo. Ele vai direto para o correio de voz, e eu fecho meus olhos, levando o telefone aos meus lábios enquanto rezo para que, sem Callum, ele não encontre quem ele estava procurando. Por que ele iria sozinho? Por quê?

— Gostaria de uma bebida? — Jefferson pergunta, me assustando dos meus pensamentos. — Ou talvez algo para comer? — Suas mãos se juntam na frente dele, esperando pela minha resposta.

— Estou bem, obrigada, Jefferson.

— Muito bem. — Ele inclina a cabeça e se afasta, e então eu estou sozinha na grande casa com nada para fazer além de esperar e me preocupar.

— Izzy, querida. — Judy sai do escritório de Theo, aparentemente aliviada por me ver. Ela se apressa, estendendo os braços e me dando um abraço. — Onde está Theo? Ele está aqui? No clube? — Ela se afasta, olhando para mim por uma resposta.

Eu balancei minha cabeça em sua bolsa vermelha.

— Eu não o vejo desde hoje de manhã. — Explico. — Nós tivemos um... desentendimento.

Sua cabeça se inclina uma fração, fazendo as camadas perfeitas de seu cabelo cair fora do lugar.

— Sobre o quê?

— Penny.

Seus lábios vermelhos franzidos torcem em desdém.

— Então o que tem ela?

Eu suspiro, construindo-me para explicar tudo de novo. Por que sou a única pessoa que sabe tudo isso?

— Seu atacante. Ele foi libertado sob fiança. — Ela se retira, uma mistura de confusão e pura irritação salpicando seu lindo rosto. — Pensei que Callum estaria com Theo... — continuo, apressando minhas palavras para tirá-las de lá e talvez até mesmo para me defender. — Eu não deveria ter deixado ele ir.

— Droga. — Ela sussurra, se afastando, andando de um lado para o outro, pensativa. — Essa vadiazinha será a morte dele. — Ela começa a brincar com as mãos, os saltos estalando no chão enquanto ela caminha de um lado para o outro.

Minha cabeça se retrai em meus ombros, sua aspereza cortando através de mim.

— O que você quer dizer com ela será a morte dele?

Um sorriso exagerado está estampado em seu rosto em um piscar de olhos. Isso é um insulto.

— Nada querida. A garota é uma encrenqueira. Isso é tudo. — Ela vem para a frente para me reivindicar novamente, mas eu me afasto, cautelosa, fazendo-a puxar para uma parada culpada.

— Judy, não me trate como se eu fosse idiota. — Eu a aviso, encarando a formidável mãe de Theo. — Theo me disse que ela é filha de um amigo que morreu.

Ela ri, baixo e afiado. Está frio e sem coração.

—Se ao menos fosse. — Ela diz.

— Theo mentiu para mim? — Eu pergunto baixinho, me sentindo magoada e confusa. — Por que ele mentiria? — Minha imaginação entra em ação, recuperando as possibilidades. Que mulher seria digna de tal proteção de Theo? Uma ex-amante? Amiga? — Judy, me diga quem ela é. — Eu estou lentamente saindo da minha mente, minha respiração ficando tensa e errática.

Seus olhos se fecham e ela inala profundamente, a derrota saindo em um sopro prolongado de ar.

— Irmã dele.

Eu recuo chocada.

— O quê? Sua filha?

— Não. — Ela refuta violentamente. — Ela é a filha bastarda do meu marido morto e de sua amante prostituta. — Judy cambaleia para trás, a cabeça chicoteando de um lado para o outro. Ela está checando que a costa está limpa, certificando-se de que ninguém está ouvindo.

— Uma criança de amor? — Eu sussurro, começando a juntar tudo.

— Amor? — Judy ri, o som tingido de uma dor que sou incapaz de compreender. — Ela é o produto de uma aventura, só isso. Nada mais.

Meus olhos redondos absorvem a mulher desolada diante de mim.

— Você a odeia.

Eu afirmo isso como o fato. Há veneno saindo do traje Chanel da Judy, envenenando o ar.

Ela cai em uma cadeira decorativa, a conversa já cobrando seu preço.

— Theo tem um senso de responsabilidade irracional em relação a ela. — Ela acena a mão no ar. — Há muito tempo desisti de tentar dissuadi-lo de sua obrigação equivocada.

— Onde está a mãe dela? — Eu pergunto, já que ela mencionou a responsabilidade.

Ela bufou sua repulsa.

— No momento em que a vontade do meu querido marido foi satisfeita e ela soube que não estava ganhando um centavo de sua propriedade. Ela desapareceu. Deixou Penny para cuidar de si mesma quando criança.

— Isso é horrível.

— Isso é vida, querida. — Ela revira os olhos da maneira mais cruel. Estou chocada com a frieza dela.

— Penny não pediu para ser trazida a este mundo de maneira ilegítima. — Indico. — Isso não é culpa dela. Por que você a odeia tanto?

— Porque, minha querida. — Ela diz com um suspiro, —Meu marido tratou sua filha bastarda melhor do que ele tratou *meu* filho. *Nosso* menino. — Ela cai no pensamento, sorrindo um pouco. — Nosso doce e plácido pequeno Theo.

Eu não posso afastar minha carranca. Doce e plácido? Nunca descreveria Theo como doce e plácido. Não agora, de qualquer maneira. Mas, a julgar pela expressão suave e reflexiva de Judy, houve uma época em que essas palavras podiam ser aplicadas ao homem formidável e mortal. Ela está cheia até a borda com ressentimento e amargura. Eu estou no meio do caminho entre compaixão e desdém por ela.

— Theo nem sempre foi assim.. — Ela pensa por alguns segundos, olhando para mim. — Inacessível. Ele era uma criança adorável, sem traços de seu pai implacável nele. Eu amei isso. Eu amava que ele não era nada como meu marido. Mas, claro, meu marido odiava isso. Theo frustrou-o. Ele viu seu filho como um

bobalhão. Ele queria um herdeiro para assumir seu império. — Ela joga os braços para o ar na direção geral do luxo que nos rodeia. — Ele era um valentão. Dizia a Theo diariamente quanto de decepção ele era e como sua irmãzinha bastarda tinha bolas maiores do que ele. Ele queria um menino tão impiedoso quanto ele para continuar seu legado, e Theo não estava mostrando nenhum sinal de ser aquele menino. — Suas mãos pousam em seu colo com um leve baque. — Mas ele conseguiu seu desejo no final, mesmo que o bastardo insensível não esteja aqui para apreciá-lo. Theo é mais formidável do que seu pai era *e* mais respeitado. — Judy engole em seco. — E temido. — Ela olha para mim. — Como Bernard queria que ele fosse. Oco. Frio. Impiedoso. Mas há uma coisa que meu Theo tem que seu pai não tirou. Algo mais precioso do que dinheiro ou símbolos de status ou respeito. — Ela se levanta e se aproxima de mim, me observando enquanto passo de um pé para o outro, desconfortável, tentando absorver as infindáveis bombas. Ela pega minhas bochechas, me segurando no lugar. —Meu menino tem um coração, Izzy. E você possui isso.

Eu engasgo, não gosto da conclusão que estou desenhando.

— Seu pai o fez se sentir indesejado? — Eu questiono.

Eu vejo lágrimas se formando em seus olhos, e ela balança a cabeça.

— Confie em mim, querida. Onde seu pai faltava, eu compensava.

— Eu sinto muito. — Eu deixo cair a cabeça, tristeza me consumindo. E apesar do que ele passou, ele ainda demonstra

compaixão por sua meia— irmã. Escolheu cuidar dela em vez de deserdá-la. — Você não pode condená-lo por querer ajudá-la.

— Não, mas posso condená-la por continuar a dificultar sua vida. Por tê-lo trancado, porque é o que vai acontecer. Ele foi lá para caçar quem a atacou porque sente algum senso de responsabilidade deslocado.

Eu olho para ela.

— Ele faria o mesmo por mim. — Afirmo, sabendo que é verdade. — Você também me odiaria?

Judy sorri, entendendo.

— A responsabilidade de Theo em relação a você não é equivocada, querida menina.

Eu abro minha boca para discutir, mas rapidamente chupo minhas palavras. Vai ser inútil. Judy foi desprezada, e não importa o quanto eu ou qualquer outra pessoa tente convencê-la do contrário, ela nunca verá sua neblina de ressentimento. Theo é seu filho. Penny não é.

— Venha. — Ela desliza um braço em volta do meu ombro e me vira para as escadas. — Vá deitar. Vou ver o que posso descobrir de Andy.

Judy me leva ao espaço privado de Theo, meu corpo não é meu, minha mente tentando processar as revelações sobre Penny, Theo e seu pai, minha preocupação por Theo crescendo rapidamente. Ela abre a porta para mim. Encoraja-me por dentro. E então me deixa com um sorriso suave. E eu a deixei. Não resisti e logo me vi

franzindo a testa à porta fechada, o silêncio alto. Ela espera que eu mate o tempo aqui enquanto eles tentam encontrá-lo? Espera que eu não faça nada?

Eu puxo o nome de Theo e ligo para ele, andando pela sala enquanto eu mentalmente exijo que ele responda, mas eu recebo sua mensagem novamente.

— Droga, Theo. — Grito, marchando até a porta e abrindo-a. Eu também vou encontrar Andy. Obter respostas para mim mesma.

Eu faço o meu caminho através dos aposentos privados de Theo, meus passos e pernas fortes, minha determinação inabalável. Ao chegar ao patamar, algo no fundo da escada me chama a atenção e me faz parar.

— Theo. — Eu exalo seu nome, tentando avaliar sua condição rapidamente. Ele parece... perfeito. Suas roupas são retas, sem sujeira e não há sinais de desalinho. Eu me odeio por isso, mas eu também procuro por sangue. Não há nada. Nenhum sinal, sugestão ou fragmento de evidência de que ele está ensinando alguma lição ou quebrando qualquer membro. Embora seu rosto esteja cansado. Drenado. Parece que ele não conseguiu dormir por um ano.

— Ei. — Ele enfia as mãos nos bolsos, olhando para mim no patamar.

— Onde você esteve? — Eu pergunto, seguindo meu caminho até o topo da escada, sem ousar soltar o trilho por medo de cair de alívio. — Todo mundo está preocupado. — Eu dou um passo para baixo.

— Procurando por alguém. — Ele diz. Seu desânimo me dizendo que ele não os encontrou.

Eu mordo os dentes, nervosa para dizer o que estou prestes a dizer.

— Eu sei quem é Penny.

Ele não mostra surpresa. Ele nem sequer pisca.

—Meu pai era tudo o que ela tinha. Sua mãe não estava interessada nela, apenas o dinheiro e o status de meu pai. Quando papai morreu, tudo o que sobrou a ela era eu. Tem sido uma batalha constante para mantê-la na linha reta e estreita.

— Eu te admiro por ajudá-la. — Digo em voz baixa, precisando que ele saiba disso. Judy provavelmente teria algo a dizer sobre isso, mas eu não me importo. Ele merece alguns elogios, apesar de eu não concordar com o que ele se propôs a fazer hoje. Mas ele está de volta e não encontrou quem estava procurando. Eu posso fazer algum sentido nele. Eu sei que posso.

— Não me admire, Izzy. — Theo balança a cabeça e olha para os pés. — Não há nada para admirar.

Meus ombros caem, o desespero me segurando.

— Não tente me impedir. — Eu aviso.

Ele sorri suavemente, olhando para cima enquanto ele dá um passo em direção às escadas.

— Admiração é mais do que eu mereço. Eu também não mereço você.

— Por quê? — Eu pergunto, irritada. — Por que você não me merece? Porque você foi forçado a suportar o desdém do seu pai? Porque você não era o filho que ele queria? — Percebo que falei demais quando os olhos dele brilham.

— Porque eu me tornei um homem que não quero ser. — ele grita. — Então. Não. Admire. — Ele disse lentamente, meus punhos cerrados ao meu lado.

— Não é assim tão simples?

— É tarde demais. O dano está feito.

— Dano? — Eu recuo, não gostando de sua determinação. — Que dano?

— Eu, Izzy. — Ele diz, balançando a cabeça. — Estou estragado e você, sua linda mulher *normal*, de alguma forma me ama. — Sua voz se quebra. — Eu não entendo isso.

A visão dele parecendo tão confuso e oprimido me rasga em duas. Positivamente me mata.

— Você não precisa entender. Eu te amo. É isso aí.

— Mas isso não faz sentido para mim.

Se houvesse uma parede próxima, eu estaria jogando meu punho nisso. Mas não há, então eu pego as escadas, fechando o espaço entre nós. Meu rosto implora a ele todo o caminho, querendo que ele me aceite. Para aceitar meu amor. E quando seus braços se levantam lentamente, eu praticamente me jogo dentro deles e agarro-me a ele com todas as minhas forças. A junção de nossos corpos parece centrar-se no meu mundo fora de ordem e, por

enquanto, não há nada de errado, preocupações ou problemas, apenas nós.

— Sinto muito. — Ele murmura em meu pescoço, acariciando profundamente. — Sinto muito por fazer você se preocupar.

— Sinto muito também.

— Por quê? — Ele começa a subir as escadas, segurando minha bunda e puxando-a para que eu envolva minhas pernas ao redor de sua cintura.

— Por te atacar. Para não impedir você de sair. Por que você não levou Callum?

— Porque eu não queria que ele me segurasse.

É como eu pensava. Eu não posso nem perceber que o conheço tão bem.

— E agora? — Eu pergunto me afastando do seu pescoço quando ele alcança o topo da escada. — E agora? — Ele não encontrou quem ele estava procurando. Eu não posso suportar o pensamento dele indo em direção a sumir novamente. A preocupação. O estresse.

Ele me carrega em seu quarto e me abaixa para a cama, acariciando o cabelo do meu rosto e olhando para mim, uma sugestão de um sorriso no rosto.

— Agora eu te amo.

Eu prendo a respiração quando sua mão viaja sobre o meu peito, até a bainha da minha camiseta.

— Eu sei que você me ama. — Eu sussurro minha coluna se curvando em seu toque.

— Eu preciso te mostrar o quanto.

— Eu sei o quanto.

Ele balança a cabeça, me dizendo que estou errada.

— Confie em mim, Izzy. Você não tem ideia.

Ele me puxa para a posição sentada e levanta minha camiseta sobre a minha cabeça. Meus mamilos endurecem prontos e esperando por sua devoção, enquanto ele solta meu sutiã e puxa-o para baixo em meus braços. Sua cabeça abaixa e ele beija cada mamilo delicadamente, olhando para mim com um pequeno sorriso. Eu caio de volta para meus cotovelos, felicidade substituindo o medo persistente que foi rapidamente afugentado por seu retorno.

Ele lambe delicadamente, e eu suspiro, meus olhos bem fechados, minha cabeça caindo no meu pescoço. A onda de formigamentos me invadindo é demais para suportar, e começo a me contorcer na cama, murmurando orações incoerentes para o teto.

— Ela está começando a ver. — ele sussurra contra o meu peito, beijando seu caminho até o centro do meu peito até o meu pescoço. Ele enterra o rosto lá, arrebatando minha carne com uma língua afiada e gananciosa.

— Theo. — Eu arqueio, caindo dos meus cotovelos nas minhas costas, forçando minhas mãos a permanecerem ao meu lado. Ele vai ter que me conter em breve. Eu não posso ser responsabilizada por

minhas mãos, que estão se contorcendo, desesperadas para ir a um frenesi de sentimento.

Ele morde meu pescoço e se afasta, puxando minha calça jeans e calcinha pelas minhas pernas enquanto ele vai. Ele fica ao lado da cama e pega sua gravata. Fica solto, com a expressão reta, mas com fome.

— Amarre-me. — exijo, começando a entrar em pânico. Estou desesperada, tão feliz por tê-lo de volta. Está fazendo o meu controle cair.

Ele faz beicinho, balançando a cabeça.

— Hoje não.

Minha forma zumbindo continua enquanto ele desce, expondo seu corpo em fases lentas e torturantes. O peito dele primeiro, depois os braços enquanto ele deixa a camisa cair no chão. Então suas coxas, puxando as calças lentamente para baixo. Então seus boxers, liberando seu pênis, a cabeça visivelmente pingando de necessidade.

— Por favor. — Eu imploro, virando a cabeça e olhando para longe.

Sua mão rapidamente agarra meu queixo e vira meu rosto para ele.

— Eu quero sua atenção total; você me ouve?

— Você precisa me amarrar. — Insisto, batendo os punhos no colchão ao meu lado com um temperamento. É isso ou agarrá-lo. Eu não posso fazer isso. Eu sei que não posso fazer isso.

— Eu *não* preciso amarrar você. — Ele pega minha mão e bate em seu peito, liberando uma leve expiração. A força por trás de suas palavras não me faz sentir melhor. Ele estava dizendo a si mesmo. Não a mim. — Isso é seu. Você toca, sente, beija. Você faz o que diabos você quer com isso.

Meus olhos arregalados caem na minha palma achatada no centro do seu peito.

— Theo, não seja um herói, — eu digo, imaginando o que diabos deu nele.

— Eu não sou herói, Izzy. Sou um homem estragado. — Ele começa a mover minha mão em círculos lentos e precisos, seus músculos tensos sob o meu toque. Mas você pode me consertar. — Ele cai de joelhos na cama, segurando minha mão no lugar. — Eu preciso de você, Izzy. Por favor.

Ele se abaixa e reclama meus lábios suavemente, a sensação de sua boca quente e úmida me relaxando, limpando minha mente de todos os protestos. Eu mantenho minha mão onde está, mas não a movo. Nem mesmo quando ele espalha seu corpo em cima de mim, deslizando a mão pelo meu braço e ligando seus dedos aos meus, apertando confiança em mim.

Seu corpo em cima de mim me força a mover minha mão de seu peito, mas vai direto para a cama, e Theo circunda sua virilha, empurrando seu pênis em minha coxa. Eu sacudo embaixo dele, a dureza contra a minha carne macia me fazendo sentir tão bem. Tão certo. Mas minhas mãos livres parecem tão erradas. Eu não estou acostumada a isso. Eu pensei que seria incapaz de me conter, estaria sentindo cada pedaço exposto dele, mas agora que eu tenho a

oportunidade, estou com muito medo. Eu tento me concentrar em Theo, sua boca na minha, sua língua explorando suavemente. Seu corpo contra mim, seu calor misturando com o meu, seus músculos duros empurrando em minhas curvas suaves. Minha necessidade por tudo isso está lá, mas está sendo distorcida pela cautela e por um medo que não tenho quando sou contida.

— Toque-me. — ele exige. — Sinta-me. Izzy. Me conserte. — Ele empurra a testa na minha, olhando para mim com tanta esperança, quase me despedaço sob a pressão dela. Soltando minha mão gentilmente, ele mantém seus olhos nos meus, deixando-me com duas mãos livres que o quer tanto quanto ele. Então, me preparando para o pior, eu relutantemente trago minhas mãos para a parte inferior das costas, observando-o com cuidado, mantendo-se atento a quaisquer sinais. Ele está esperando meu toque. Este não é o problema. O problema é quando ele estiver engolido em mim, distraído de tudo, exceto o prazer que ele está recebendo. Eu flexione meus dedos.

Ele não recua. Em vez disso, ele sorri orgulhosamente e mergulha com um beijo de fome, apaixonado e exigente. Estou absolutamente perdida a partir do segundo em que nossos lábios se conectam, minhas mãos indo direto para o cabelo dele e apertando com força. Ele geme, ele se desloca, esfregando-se em mim e, em seguida, seus quadris levantam e ele cai para a minha abertura. Eu mordo seu lábio, mantendo-o em meu aperto enquanto ele se afasta para olhar nos meus olhos. Ele exala, gira seus quadris e mergulha profundamente em mim com um gemido. Meus músculos se fecham e eu grito, minha espinha se curvando, minha cabeça jogada para trás em êxtase. Ele está profundo, tão profundo, me estendendo além da compreensão.

— Respire, Izzy. — Ele ordena gentilmente, acalmando, dando-me tempo para me acostumar com ele. — OK?

Eu aceno, intimidando meus pulmões em conformidade.

— OK.

Eu destravo meus músculos e me derreto de volta na cama, flexionando meus quadris um pouco em aceitação.

Ele assobia. Sua cabeça cai.

— Porra, mulher, você se sente bem demais para ser verdade.

Um experiente giro de seus quadris o leva a fundo, derrubando minha respiração de novo. Eu movo minhas mãos para seus ombros e o agarro. Ele recua. Ele definitivamente recua. Mas ele continua a balançar em mim, seu corpo duro, tenso e pesado. Eu ronrono, encontrando cada um de seus avanços, cavando minhas unhas na pele úmida de seus ombros. Ele começa a gemer, acelerando seu ritmo. Não posso deixar de pensar que ele está tentando terminar com isso o mais rápido possível, como se ele estivesse em agonia e êxtase e estivesse lutando com os sentimentos conflitantes... que eu sei que ele está. Eu deslizo minhas mãos para sua bunda e agarro-a com força. Ele pula, tanto que ele quase se solta de mim.

Não. Chega disso.

— Eu não estou fazendo isso. — Eu me contorço debaixo dele, removendo meu aperto, tendo certeza de não o tocar. — Theo, saia.

Ele se move como um raio, saindo abruptamente. Isso me faz estremecer e fechar minhas pernas enquanto o vejo se levantar de joelhos. Eu me sento, tirando meu cabelo do rosto.

— Eu posso fazer isso. — Ele insiste. Seu estômago está vincado com ondulações tensas que nada têm a ver com a falta de gordura nele. Ele está amarrado como um animal ameaçado.

— Você não está pronto. — Estou falando a verdade e ele sabe disso. Se ele ousar...

— Você sempre diz que não está com medo de mim. — Uma mão passa pelo cabelo dele. — Prove. — Ele está ficando agitado, colocando-se sob pressão desnecessária. — Deixe-me mostrar a você que posso fazer isso.

Eu não sei se é o estresse de hoje, ou apenas o estresse deste momento, mas eu saio do controle.

— Eu não tenho medo de você! — Eu grito e ele se retira chocado. — Você poderia me bater, Theo. Bata-me ou me dê um soco de força total no rosto. E eu vou superar isso. Eu vou me curar e perdoar. Porque sei que não é sua culpa. — Eu bati na minha testa com o meu punho fechado, tão fodidamente frustrada. Ele está quieto, chocado em silêncio pela minha explosão. Eu nunca o vi parecendo totalmente sem esperança. Eu respiro um pouco de calma e engulo. — Mas você nunca vai se perdoar se você me acertar. Por favor, não se coloque nessa situação quando você não precisa. Chegará o tempo.

Ele olha para longe, envergonhado, e eu me odeio por fazê-lo se sentir assim.

— Eu não quero que você desista de mim.

Eu pressiono meus lábios, sentindo uma onda de emoção subindo pela minha garganta.

— Eu nunca vou desistir de você. — Eu ando de joelhos e seguro minhas mãos para ele. Ele os leva, olhando para mim através dos olhos vidrados. — Eu te amo. — Eu sussurro, incentivando-o a instigar o posicionamento de mim em seu colo. E ele suspira quando eu envolvo meus braços ao redor de seus ombros. — Eu posso fazer *isso*. — Eu murmuro em seu pescoço, apertando-o para reforçar o meu ponto. — Posso te abraçar. — Então eu beijo seu pescoço, uma vez, duas vezes, três vezes. — E isto. É suficiente para mim. — Eu não estou mentindo. Estou falando sinceramente e de todo o coração. Espero que um dia possamos ter mais, mas minha decisão de estar com ele não é andar sobre ele. Eu o amo demais.

— Não parece justo. — Ele cobre minha bochecha, seus olhos correndo pelas minhas ondas escuras. — Eu tenho que controlar livremente você, e você não pode fazer o mesmo comigo.

Eu sorrio com tristeza.

— Eu vou um dia, mas até então, nunca perca sua super consciência de mim.

— Não tem jeito. — Ele me beija e cai de volta na cama, segurando-me firmemente em seus braços, o lugar que eu mais amo.

— Nós vamos consertar isso. — Eu juro. — Um dia.

— E eu vou te amar *todos os* dias. — Ele beija o topo da minha cabeça e me puxa para ele. — Proteger você, te adorar, te tratar como uma rainha e...

— Foder-me como uma prostituta. — Eu sorrio em seu peito. — Eu não quero chover no seu desfile, mas meio que perdeu o impacto.

Ele ri baixinho, me cutucando.

— Eu nunca disse isso para impactar. Eu disse isso porque quis dizer isso.

— Bom. — Levanto o dedo no ar e espero que ele o pegue e coloque em seu peito.

Então eu começo a traçar as linhas no texto em seu peitoral lentamente, pacificamente... e felizmente ficamos em silêncio por uma eternidade, meus pensamentos não estão mais torcendo meu cérebro, mas sim desenrolando. Estou pensando de forma realista e sensata. É a única maneira de abordar isso. Para me aproximar de Theo. Sua vulnerabilidade é um conforto, mas também é um fardo. Um pesado fardo que esteja disposta a arcar, porque ele me ama tão profundamente. Ele quer ser melhor para mim. Qualquer homem que queira mudar tão desesperadamente vale a devoção. Theo vale cada pedacinho da minha devoção e muito mais.

— Você poderia tentar algo para mim. — Digo, tentando morder o lábio nervosamente.

— Qualquer coisa.

Tenho a sensação de que ele pode se arrepender disso. Eu olho para ele, nervosa.

— Terapia.

Embora seu rosto permaneça reto, sinto seu corpo enrijecer debaixo de mim.

— Tudo bem. — Ele diz em um simples sopro, me surpreendendo. — Contanto que você venha comigo.

— Você quer que eu vá?

Ele balança a cabeça e minha mente roda. Se eu for com ele, isso significa que vou ouvir tudo o que ele diz ao terapeuta.

— Sim. — Ele diz baixinho, claramente lendo minha mente.

Eu deveria estar feliz. Eu deveria ser grata. Mas eu não sou. Porque sinto que Theo espera a mesma abertura de mim em troca. Eu deito minha cabeça em seu peito, escapando de seu olhar, e me pergunto se eu poderia fazer isso. Contar— lhe tudo. O pulsar do meu coração me dá a minha resposta. Não, nunca. Silêncio cai de novo, e eu olho para a parede, hipnotizada pela sensação de sua mão acariciando círculos nas minhas costas. Mas então o celular de Theo soa, perfurando nossa paz, e ele geme.

— Eu deveria entender isso. Eu disse a Callum que me juntaria a ele no Playground há meia hora. — Ele levanta, trazendo-me com ele. — Eu vou levar uma hora, no máximo. — Ele manipula meu corpo na cama e começa a me enfiar em tudo apertado e aconchegante antes de dar um beijo na testa. — Vá dormir.

Eu me aconchego, feliz por estar aqui e dormir enquanto ele se vai.

— Prometa-me que você não vai ficar no sofá se eu estiver dormindo quando você voltar. — Murmuro cansada.

— Eu prometo. — Ele se levanta e rapidamente e se veste.

— Mas as promessas são apenas palavras que evaporam no ar no momento em que são ditas. — Gracejo, contendo meu sorriso quando ele faz uma pausa no meio das calças.

Ele se vira lentamente e olha para mim com os olhos tão claros.

— Não mais.

CAPÍTULO
Vinte e Quatro

Quando acordo, estou naquele lugar novamente, aquele entre o sono e a consciência, mas agora meu contentamento transita do meu mundo dos sonhos para o meu mundo real. Eu sorrio e me sento, piscando na luz nebulosa. O relógio diz que são onze horas, três horas inteiras desde que Theo me deixou na cama. O que aconteceu com ele levando uma hora? Meu telefone brilha na mesinha de cabeceira e eu pego, vendo um texto de Theo.

Me ligue se você acordar.

Eu puxo o seu número e vou discar, mas um som do lado de fora do seu quarto me para. Arrastando-me para o lado da cama, eu rapidamente coloco alguns jeans e uma camiseta grande e vou para a sala. Eu a encontro vazia. Franzindo a testa, eu corro para a porta e a abro, pulando um pouco quando quase bato em Penny.

Ela me dá um pequeno sorriso.

— Desculpe, eu não queria te acordar.

— Tudo bem. — Eu digo a olhando. Ela parece bem. Bem para uma mulher que foi violada tão terrivelmente. — Você está bem?

— Estou com uma dor de cabeça que não passa. — Ela chega até a cabeça e segura o lado. — Você tem algum analgésico?

— Na minha bolsa. — Eu recuo e pego minha bolsa, pegando as pílulas do bolso interno. — Quando foi a última vez que você tomou um pouco?

— Pouco antes de adormecer. Cerca de quatro.

Eu os entrego, satisfeita que foi há muito tempo desde sua última dose.

— Aqui.

— Obrigada. — Ela os segura com um pequeno sorriso e volta para seu quarto enquanto deslizo meus pés em alguns sapatos e a sigo.

— Estou aqui, se você precisar de alguma coisa, Penny. — Digo a ela de volta. — Só para conversar.

Ela balança a cabeça, pegando a maçaneta da porta, olhando para mim com um sorriso que eu sei que é apreciativo.

— Obrigada. Mesmo.

Eu aceno sua gratidão com uma mão desconsiderada.

— Callum lhe deu a pílula que pedi para ele pegar?

Outro aceno de cabeça.

— Eu tomei de imediato. Theo está bem? — Sua pergunta me faz parar uma batida.

— Sim. — Respondo tranquilizadoramente. — Ele está bem.

— Isso é bom. — Ela se desloca desajeitadamente, empurrando a porta, e eu penso em dizer o que sei. Ela se importa? — Eu sei que você sabe. — Ela diz antes de eu ter a chance de decidir.

Eu sorrio suavemente, se um pouco desajeitadamente.

— Faz sentido agora.

— Eu não o mereço, realmente. Eu dei a ele trabalho por anos. Ele só queria me fazer sentir querida.

— Você *é* querida.

— Eu sei. — Ela admite, parecendo pensativa. — Tenho sorte de tê-lo. E ele tem sorte de ter você. — Ela entra no quarto e fecha a porta, e eu olho para ela por um momento. Tenho sorte de tê-lo também.

Enfiando meu celular no bolso de trás, desço as escadas para Theo, agora ansiosa para encontrá-lo, não apenas para vê-lo, mas para mostrar a ele como tenho sorte. Ele percebe?

Depois que eu passei pelos corredores e pelo escritório sem ver uma alma, eu invadi o clube, achando-o movimentado, tocando música, dançarinas dançando... lutadores lutando. A multidão de homens ao redor da arena é densa, todos eles aplaudindo os dois machos bem formados no recinto. O suor está voando enquanto eles se balançam ambos se conectando em cada golpe. Eu faço uma careta, olhando para o palco, onde as dançarinas estão seduzindo os

bastões para ninguém, todos no clube mais interessados no banho de sangue que acontece na gaiola.

Eu examino o espaço, procurando por Theo, mas encontro Jess, sentada no bar.

— Ei. — Eu digo quando puxo um banquinho e me junto a ela. — O que você está fazendo aqui?

— Pensei em vir ver você.

— Só que eu não estava aqui e você não me ligou para dizer que *você* estava. —Meu sorriso é provocativo e ela o ignora completamente.

— Callum me pegou.

— Legal dele. — respondo desajeitadamente, sinalizando ao barman para tomar uma bebida. — Onde está Theo?

— Com a mãe dele.

— Pensei isso. — Eu aceito minha bebida quando ela desliza em minha direção. — Eu aposto que ela está distribuindo uma completa denúncia. Eu não posso ajudar, mas sinto muito pelo meu namorado mortal.

— Eles são como rottweilers. — Reflete Jess, olhando para a gaiola com um estremecimento. Eu não olho, com certeza não quero ver a carnificina. Mas me vejo girando no banquinho por instinto quando um rugido de torcida irrompe, vendo um homem cair em um borrifado de sangue e suor. Ele bate no chão com um baque ensurdecedor, e Jess pega meu braço enquanto eu me encolho e rapidamente me afasto do massacre.

— Tudo bem? — Ela pergunta um pouco timidamente, a simpatia estampada em seu rosto.

Eu sorrio minha tranquilidade.

— Está tudo bem.

Jess franze a testa e meu copo faz uma pausa em meus lábios.

— Então, por que Theo parecia prestes a matar alguém quando chegou aqui?

— O quê?

— Quando ele chegou, parecia possesso. Dois dos seguranças estavam conversando com ele.

Eu abaixei meu copo, rebobinando de volta algumas horas para quando Theo me deixou em sua cama. Seu telefone estava tocando. Quem estava chamando-o e o que eles disserem a ele?

— O que está acontecendo? — Eu digo em voz baixa, lentamente abaixando meu copo para a mesa.

— Judy fez a mesma pergunta, assim como Callum e Andy. — Ela se vira e aponta para o vestiário. — Todos eles foram para lá.

Eu estou fora do meu banquinho antes que ela termine, indo direto para o camarim das dançarinas. Eu não quero pensar no que estou pensando, mas a aparente raiva de Theo é tornar esses pensamentos impossíveis de serem contidos. Seus homens de segurança estavam conversando com ele quando ele chegou. Foram eles que ligaram para ele? Eles aconselharam Theo onde encontrar o agressor de Penny?

Minha mente gira. O grito e a agitação das multidões em torno da luta desaparecem, meu entorno embaçou enquanto eu faço o meu caminho através do clube, empurrando as pessoas, ao redor das mesas, e contornando o palco. Eu tenho um propósito: encontrar Theo e obter uma explicação para sua aparente fúria. Fazê-lo parar de quebrar sua promessa para mim. É só agora que percebo que ele não me prometeu que deixaria passar. Ele estava me apaziguando? Me dizendo o que eu queria ouvir? Deus, eu sou tão idiota por acreditar que Theo poderia deixar isso passar. Meu ritmo acelera, e eu saio em meio a um aglomerado de homens, me desculpando quando pego o braço de um deles, muito focado em onde estou indo, em vez de realmente chegar lá.

— Desculpe. — Eu digo, olhando para ele.

Olhos familiares encontram os meus.

Meus pulmões encolhem.

Eu cambaleio para trás e rebato o peito de outro homem atrás de mim.

— Ei, cuidado, amor.

Ele me estabiliza, e eu o escaneio, observando como o rosto do homem diante de mim, um rosto maligno, muda de mostrar choque para deleite.

O homem que me arruinou, que me espancou brutalmente, não mudou nada. Trystan. Seu cabelo despenteado ainda está pendurado sobre as orelhas, e seu rosto ainda está gasto, um sinal de que ele ainda está bebendo demais. Náusea me subjuga. Ele não se encaixa aqui. Sua camisa de seda preta parece barata e velha, e

suas calças pretas mal ajustadas. Ele parece um homem que está tentando se esforçar para se encaixar e não conseguiu. O que ele está fazendo aqui?

— Bem, isso não é uma surpresa? — Ele zomba, tomando meu braço com força. — Eu senti saudade de você. — O som de sua voz parece uma agulha perfurando meu tímpano, a dor queimando minha cabeça. — Você está abaixo de uma junta elegante como esta. Tentando subir no mundo, não é?

Estou paralisada, o chão chegando e me engolindo inteira, não me dando nenhuma saída do meu passado miserável. Minha forma congelada só faz com que seja fácil para ele me pegar, e ele começa a me arrastar através do clube, meus pés tropeçando em si mesmos enquanto eu tento arrancar seus dedos com garras do meu pulso. Eu espero que alguém o pare, intervenha, mas todo mundo está extasiado pela violência acontecendo além das grades da gaiola. Eu luto em vão para me libertar, mas ele é forte demais. Eu estou indo a lugar nenhum.

Eu olho para trás, vendo a distância entre mim e os camarins crescendo. Então eu procuro por Jess onde a deixei no bar. Ela está conversando com o barman, apenas visível através da multidão.

— Jess! — Eu grito, mas minha voz nem sequer danifica o barulho do clube.

Eu grito quando sou puxada com uma sacudida dolorosa para o meu ombro em direção à porta. Eu não posso deixá-lo me tirar daqui. Eu não posso deixá-lo me pegar sozinha, não posso voltar para aqueles dias sombrios. Eu localizo dois homens na entrada e a esperança me enche. Eles vão me ver. Estou prestes a gritar para

eles, para chamar sua atenção, quando ouço Trystan xingar. Sou empurrada para uma alcova escondida na área do saguão, sua mão sobre a minha boca, o fedor de colônia barata invadindo meu olfato. O cheiro é familiar e está me dominando, encorajando os flashbacks insuportáveis. Desdenhando, ele puxa a mão para trás e eu fecho os olhos, me encolhendo, esperando o golpe. O som da palma da sua mão se conectando com o meu rosto explode na minha cabeça, e meu rosto explode em chamas, a dor irradiando através de mim, a dor familiar. Imagens atormentadoras bombardeiam minha mente, me levando de volta dez anos para uma época que eu lutei para esquecer.

Um ataque de lembranças força meus olhos a se abrirem e eu fico cara a cara com ele. Olhos fechados, olhos abertos. Neste momento, não há como escapar. Sua mão cobre meu jeans, e eu choramingo. Então ele agarra meu peito.

— Eles cresceram.

Eu engasgo com o meu soluço, vibrando contra seu corpo empurrado perto do meu, sacudindo minha cabeça freneticamente. Ele sorri. Isso desperta a repulsa no meu estômago, me faz engasgar na palma da mão.

— Diga-me, você aprendeu algum novo movimento?

Deixando meus olhos fecharem novamente, faço o que não tenho que fazer há tantos anos. Me soltar. Em branco, minha mente e sentimentos. E o rosto de Theo é subitamente tudo o que vejo na minha escuridão. Seu rosto duro, cortado, irritado e bonito. Eu respiro quando sinto a mão de Trystan se movendo para a parte

interna da minha coxa. Poluída. Eu vou ser poluída novamente. Vou levar anos para me limpar, me sentir limpa e normal novamente.

Não.

Eu não serei aquela garota novamente. Eu *não posso* ser aquela garota novamente.

Eu não sei como, mas eu encontro força no meu medo, meu joelho chegando e encontrando sua virilha com força. Eu me solto, empurrando-o para longe e corro tão rápido quanto minhas pernas me levam de volta ao clube principal.

Dois dos seguranças de Theo estão trovejando em minha direção, com os dois olhos me encarando quando se aproximam. Passei por eles, meu rosto para baixo, para que eles não pudessem ver minha expressão assustada, e então, sem rumo, luto entre as multidões, vendo os banheiros das senhoras à frente. Eu empurro meu caminho e bato a porta atrás de mim, imediatamente me arrependendo de vir desse jeito. Se ele vier atrás de mim. Eu ficarei presa aqui. Eu olho para a porta, esperando, meus batimentos cardíacos batendo nos meus ouvidos. Eu dou uma rápida olhada no espelho, vendo uma garota que pensei nunca mais ver. Uma garota assustada, pálida, com olhos cautelosos e um corpo instável. Marcas no rosto dela. Marcas... em toda parte. Minhas mãos entram no meu cabelo e aperto duramente, minha respiração ficando mais carregada e em pânico. Não. Não, eu não devo me deixar ir àqueles lugares de terror novamente. Ele não tem mais esse poder sobre mim. Meu corpo discorda, tremendo terrivelmente, meu coração doendo do golpe violento. *Pense. Pense. Pense.*

Eu alcanço meu bolso de trás e pego meu telefone, atrapalhando e jogando no chão de ladrilhos. E quando me inclino para pegá-lo, a porta se abre e solto um grito abafado, fechando os olhos e cambaleando para trás, preparando-me para ele.

— Izzy?

A voz ansiosa de Judy faz meu colapso apenas o suficiente para me fazer abrir os olhos para verificar que não estou ouvindo coisas. Minha bunda bate na bancada de pias atrás de mim, assim como o rosto dela cai em foco, e o alívio que traz, ver que na verdade é ela e não Trystan, faz minhas pernas se dobrarem. Eu caio no chão em um monte de membros tremendo, incapaz de falar.

—Senhor tenha misericórdia, o que é isso? — O som de seus saltos correndo sobre ecos ao redor do banheiro, os joelhos de suas calças Chanel encontrando o chão à minha frente. — Izzy, oh meu Deus, você está queimando. — Ela sente minha testa. — E você está suando. — Ela mergulha para um dos panos de rosto dobrados que estão empilhados na pia em cima de mim e corre sob uma torneira fria, trazendo o material frio para o meu rosto e dando um tapinha preocupada. Eu assobio quando a queimadura da minha bochecha queima sob o pano. Deus, a dor.

Judy olha por cima do ombro quando a porta se abre novamente, assim como eu, meus tremores se intensificando. Jess observa a cena, olhos arregalados.

— O que aconteceu?

— Eu não sei. — diz Judy, voltando sua atenção para mim. — Eu a encontrei aqui. Acho que ela está tendo um ataque de pânico.

— Izzy? — Jess diz como ela se apressa, seu instinto médico assumindo. — Izzy, você pode me ouvir? — Ela pega meu pulso e sente. — Jesus, seu pulso está no telhado. E o que diabos aconteceu com o seu rosto?

— Traga Theo. — Ordena Judy duramente. — Ele foi para o escritório. Segunda porta à esquerda daqui.

A bílis queima minha garganta e eu me liberto das mãos agitadas de Judy e jogo minha cabeça sobre a pia, vomitando dolorosamente.

— Não. — Imploro enquanto Jess se dirige para a porta. — Estou bem. — Theo vai exigir saber o que está errado. Eu não posso dizer a ele. Vai ser uma cena de assassinato lá fora.

Eu sinto uma palma esfregando minhas costas e ouço palavras suaves e calmas de Judy. Minha cabeça está cheia de lembranças atormentadoras, as contusões, a mão do bastardo navegando pelo ar e se conectando com o meu rosto. Sua mão na minha perna. A faca segurou minha garganta enquanto ele me avisou para não se mexer. E então os cortes no meu estômago quando eu era estúpida o suficiente para fazê-lo lutar comigo, a faca se agitando descontroladamente. Eu vomito novamente, vendo Jess ao lado da porta no reflexo do espelho. Eu balancei minha cabeça o melhor que pude, silenciosamente dizendo a ela para não pegar Theo.

— Vai! — Judy grita. Jess olha para mim, rasgada. Mas ela não tem a chance de obedecer a demanda de Judy.

O som da porta batendo na parede me alerta para a presença de Theo, seguida por uma série de linguagem explícita. Ele está me

pegando um segundo depois, seus braços ao redor da minha cintura, seu corpo curvado sobre o meu onde eu estou apoiada contra a pia. Ele sacode atrás de mim a tempo de meus suspiros contínuos.

— Eu a encontrei aqui. — Explica Judy. — Em uma bagunça, suando, tremendo.

— Izzy. — diz Theo baixinho, puxando meu cabelo para trás. — Qual é o problema, amor? Fale comigo.

Eu só posso balançar a cabeça, tentando me segurar enquanto minha mente trabalha duro, lutando para construir uma explicação para o meu colapso épico.

— Leve o seu tempo. — Ele sussurra, a palma da mão espalmada no meu estômago, sua frente empurrada nas minhas costas. – Respire.

Leva alguns minutos para eu ganhar algum tipo de compostura, mas quando olho para o espelho, vejo que meu rosto ainda está sem cor. Meus olhos verdes aguados encontram os irritantes azuis de Theo. E sua preocupação se transforma em raiva quando ele pega a marca na minha bochecha.

— Sinto muito. — Resmungo, procurando a torneira para espirrar meu rosto. — De repente me senti indisposta. Tropecei na pressa de ir ao banheiro.

Sua mão pousa na minha sobre a torneira, impedindo-me de ligá-la, e eu olho para ele no reflexo do espelho, sentindo seu corpo inteiro preso ao meu.

— Deixe-nos. — Ele diz por cima do ombro, seus lábios mal se movendo, seus olhos me segurando em cativeiro.

Eu detecto Judy e Jess saindo do banheiro enquanto o pavor me enche. Minha desculpa era manca. Foi um insulto, e Theo parece completamente insultado. Quando ouço a porta fechar, eu engulo, observando seus olhos cobalto se tornarem mais escuros e mais escuros, a fúria os preenchendo. Ele começa a girar lentamente meu corpo até que eu esteja de frente para ele, minha cabeça abaixando para evitar sua ira.

O que posso dizer? O que ele fará? Talvez, se eu o mantiver aqui por tempo suficiente, o bastardo que me quebrou vá embora quando Theo sair do banheiro. Dedos firmes seguram meu queixo e levantam. As bordas afiadas de seu belo rosto são tão assustadoras quanto podem ser.

— Diga-me porque você está nesse estado. E me diga o que diabos aconteceu com o seu rosto.

Meus olhos inundam e eu olho para longe, evitando a raiva da construção.

— Eu sinto...

— Com Deus... como minha testemunha, Izzy, vou rasgar meu clube em pedaços até encontrar a resposta.

Eu encolho, sinceramente acreditando nele.

— Por favor. — Eu imploro, sem outro propósito além de prendê-lo.

Ele está indo lá, quer eu diga ou não, e não duvido por um momento que ele vai caçar o que me pegou em tal estado.

Ele puxa meu rosto para cima, seus lábios retos com impaciência.

— O homem de camisa preta brega. — Ele diz. — Já o vi antes. Na loja de tatuagem de Stan, na sala de espera. Quem é ele?

Eu perco o fôlego, me entregando.

— Ele não é ninguém.

— Não minta para mim, Izzy. Eu pedi a Stan que desse um passe livre para o Playground.

— Você o convidou para cá? — Eu suspiro. — Você me expôs a ele conscientemente? — Não posso devotar um segundo ao fato de ter falhado completamente em minha tentativa de manter Theo no escuro. Estou muito chocada.

—Meus homens o têm observado desde que ele chegou. Eu precisava saber se foi ele que deixou você toda ansiosa naquele dia no Stan. Agora eu faço.

— Observando-o? — Eu questiono em descrença. — Ele acabou de me arrastar pelo seu clube e acertar meu rosto!

Sua mandíbula corre freneticamente, e sei que seus homens vão pagar por seu fracasso.

— Quem é ele? — Theo pergunta, com mais calma do que eu sei que ele está sentindo. — Diga-me quem diabos ele é.

— Trystan. — Eu engasgo, desviando o olhar. — Ele era um cliente no clube de strip que eu...

Ele suga o ar e me solta de seu aperto, recuando. Seu corpo está vibrando e sei que isso é apenas o começo de sua raiva. Apenas as faíscas antes da explosão.

— O que ele fez para você?

Meus olhos se fecham, ar queimando meus pulmões vazios. Eu me sinto derrotada.

— Ele...

Minhas palavras estão perdidas em um soluço.

Theo alcança e toca minha bochecha, e eu recuo, não porque dói, mas porque posso sentir sua raiva ardente.

— Conte-me.

— Ele me estuprou. — Respondo baixinho, as palavras fracas e carregadas de vergonha.

Faíscas de raiva saltam pela sala.

— Não. — Sussurra Theo. – Não, não, não.

Eu aceno, me sentindo tão desesperada, fraca e suja. Eu vejo em minha mente o jeito que ele olhou para mim; eu sinto os toques suaves que se transformaram em socos duros quando me atrevi a recuar. A faca que ele não tinha controle. Eu lutei contra suas intenções. E eu tenho cicatrizes no meu estômago para provar isso.

— Ele costumava me assistir todos os dias no clube. Então uma noite ele me seguiu depois do trabalho. Eu acordei em um hospital.

Eu ouço Theo inalar. Praticamente ouço sua mente trabalhando rápido para entender tudo.

— A polícia?

— O médico ligou para eles.

— E?

— E eu não falei. Recusei o exame interno.

Seu rosto se agrupa, como se ele não entendesse. Não entende porque eu não falo e aceito ajuda.

— Eu era uma stripper, Theo. O clube não era nada parecido com o Playground. Os clientes não eram nada como os seus. Eu estava com vergonha de mim mesma o suficiente, sem ter outros me julgando e me dizendo que eu pedi por isso. Eu só precisava fugir. Eu precisava deixar para trás e seguir em frente, não ser arrastada por questionamentos e interrogatórios. — Eu respiro para terminar. — E também não tive alguém como você para me proteger.

Ele engole e é um movimento duro.

— O hospital era o seu lugar seguro. E quando perdeu seu emprego, tirei isso de você.

— Você não sabia. — Eu registro sua forma cada vez mais trêmula. – Theo. — Eu vou em frente, pronta para argumentar com ele, para impedi-lo de fazer o que ele já está planejando em sua mente. Mas ele se afasta de mim, fora de alcance. Ele não confia em

si mesmo. Seu controle está sendo prejudicado pela raiva. E neste momento, algo me ocorre. Algo que eu odeio — Onde está Trystan agora? — Eu questiono. Os homens de Theo estavam observando-o. Eles estavam a caminho do saguão quando passei por eles.

—Sendo segurado pela segurança. — Ele não se conteve. — E agora, depois do que você me contou, o que ele fez com você, ele é um homem morto, porra. — Ele sai rápido demais para eu me recompor e agarrar ele.

E fico ali por um momento, olhando para a porta se fechando atrás dele. *Ele é um homem morto, porra.*

— Theo! — Eu venho à vida, correndo atrás dele. — Theo, não! — Eu grito, minha angústia incapacitante.

Ele começa a tirar o paletó enquanto anda pelo clube, jogando-o em uma cabine enquanto passa. Callum pega de puro reflexo.

— Que porra é essa? — Ele pergunta, saindo de seu assento, deixando Jess olhando perplexa.

— O que está acontecendo? — Judy pergunta, se aproximando, seus olhos nas costas do filho. As pessoas estão correndo para fora do caminho de Theo enquanto ele caminha pelo clube, com um assassinato gravado em seu rosto.

Eu continuo depois dele.

— Ele está aqui.

— O quê? — Callum grita, me agarrando, me puxando para uma parada. — Quem está aqui?

— Trystan. — Eu falo sem pensar, tentando afastá-lo para que eu possa ir atrás de Theo.

Callum não me deixa. Ele me segura no lugar com uma mão punitiva em volta do meu braço, seu rosto chegando perto, apertado com desconforto.

— Quem é Trystan, Izzy? E o que diabos ele fez com você?

Eu engulo, meus lábios tremendo, não preparada para dizer as palavras.

Eu não preciso.

— Foda-se. — Callum assobia, me soltando e correndo pelo clube em busca de seu amigo.

— O que está acontecendo? — Judy sussurra, pegando meu braço enquanto ela observa Callum ir. Virando-se para mim, ela me segura no lugar com um olhar feroz. — Izzy, me diga.

— Eu fui estuprada. — Eu sussurro, minha garganta entupida com apreensão tão crua. Os olhos de Judy se arregalam. — E ele está aqui. — Em desespero, eu me liberto do aperto de Judy e vou atrás de Callum, parando bruscamente perto da jaula, onde ele está parado ao lado de Theo, olhando além das grades.

Trystan está dentro, sendo mantido pelos dois homens de Theo. Eu me torno uma estátua, meus pés grudados no chão, meu coração desacelerando.

— Theo, não faça isso. — Callum implora, mantendo os olhos em um Trystan de aparência desnorteada.

Theo não diz nada, juntando as mãos na frente da virilha, ficando confortável em sua posição de pé. Eu não gosto disso. De repente ele está calmo demais enquanto olha para o bastardo que me destruiu. Passam longos e dolorosos segundos, enquanto espero com a respiração suspensa, implorando silenciosamente a Callum para colocar algum sentido em Theo.

— Theo, vá embora. — Callum se vira para o amigo. — Por Izzy, apenas fodidamente saia daqui.

— Nunca. — Ele alcança a frente de sua camisa e a abre, sem se incomodar com a tarefa de desabotoá-la, e o material cai de seu torso como uma bandeira em chamas. Então ele se afasta. E meu coração despenca.

— Callum, faça alguma coisa. — Eu agarro o braço dele, sacudindo-o. Theo entra na gaiola e indica que seus homens saiam, trancando a porta de metal atrás deles. Eu quase desmaio com a visão do meu homem na gaiola, apenas com o jeans, os músculos pulsando, os punhos cerrados. Seu torso está rolando, e ele está estalando o pescoço, seu lábio enrolado. Eu olho em volta do clube, observando todos olhando desconfiados, mas também sinto excitação doentia, na multidão se aproximando.

Lembro-me de como Stan disse que sentia falta do derramamento de sangue e, como uma espécie de convocação espiritual fodida, vejo Stan no meio da multidão, sorrindo para a jaula, seu rosto tatuado parecendo mais ameaçador do que nunca. Ele ajudou a configurar isso. Ele deu a Trystan o passe para o Playground. Ele o trouxe aqui. A fúria de Theo quando ele chegou ao clube mais cedo foi porque seus homens disseram que Trystan estava aqui. Faz sentido agora.

Eu salto para frente quando alguém colide com as minhas costas, e me viro para encontrar Judy segurando o braço de Andy, olhando para a gaiola.

— Andy, você tem que pará-lo. — ela implora, virando-se para ele, implorando.

— Como, Judy? -o marido pergunta. — Como você sugere que eu faça isso?

— Eu não sei. — Ela grita. Ela está tão chateada, a mulher legal se tornando enlouquecida de preocupação.

Meu rosto aturdido se volta devagar para Theo e depois para Trystan.

— O que é isso? — Trystan pergunta com cautela.

— Nós vamos lutar. — Theo rosna.

— Acho que não. — Trystan ri nervosamente. É a primeira vez que o vejo ameaçado.

— Eu sei. — diz Theo, vagando por ele, revirando os grandes ombros. — Eu prometo que não vou matar você. — Ele promete ameaçadoramente, mas tudo dentro de mim me diz que ele fez uma promessa que se evaporou no ar. — Reconhece essa mulher? — Theo pergunta, apontando para mim. Judy pega minha mão enquanto todo mundo se vira para mim. — Essa é a *minha* garota. — diz Theo em voz baixa. — Minha *porra de* garota! — Seu rugido é ensurdecedor, seu corpo repentinamente tremendo antes de se recompor e respirar profundamente, seu enorme peito se expandindo enquanto seus punhos se apertam em preparação.

Eu encolho, procurando algum lugar para me esconder quando Trystan olha para mim, percebendo seu rosto desagradável. Ele zomba.

— Você armou para mim?

Theo dá de ombros casualmente.

— Vou te dar o primeiro soco. — diz ele, afastando-se dele. — Eu sou um lutador justo.

O lugar todo irrompe no caos, mas Theo... Theo apenas sorri um sorriso cheio de má intenção. Trystan está prestes a sentir dor como nada mais. Eu sei disso no momento em que os olhos de Theo encontram os meus antes que ele os feche.

— Oh meu Deus. — Judy ofega. — Não, seu homem estúpido!

Ela se vira para Andy, apertando a frente da camisa e escondendo o rosto. Eu olho para o marido, encontrando-o olhando com olhos assombrados por cima do meu ombro para Theo. Seu braço envolve as costas de Judy, confortando-a.

— Eu posso passar por cima de lutas ilegais, Judy. Mantenho a polícia longe — ele murmura. — Mas nunca vou me safar de esconder assassinato. — Seus olhos se fecham como um milhão de más lembranças estão atacando-o. — De novo não.

Meu rosto em branco olha para o casal, minha mente tentando processar o que foi dito. *Assassinato. De novo não.* Oh meu Deus.

— Judy! — Eu grito, puxando-a do aperto de Andy, forçando-a a me encarar. Há lágrimas escorrendo pelo rosto perfeitamente maquiado.

— Ele... ele... — Ela sorri, e eu olho nos olhos dela, frenética por mais do que isso.

Eu a sacudo, meu desespero levando a melhor sobre mim.

— O que, Judy? Diga-me, por favor.

Verificando em torno de nós, ela se aproxima, sua voz caindo.

— O pai dele. Ele usou para socar Theo quando não estava olhando, disse que iria construir a resiliência e consciência. Disse que o endureceria. — Suas palavras desaparecem e ela olha para a gaiola, vacilando. — Isso durou anos. —Meu medo aumenta. — Até que Theo o matou.

Eu pulo para trás como se tivesse sido eletrocutado.

— Não. — O gelo se espalha como fogo pelas minhas veias, e eu me viro, assim como Trystan se lança nas costas de Theo.

Aplausos explodem.

A carnificina irrompe.

E Theo se transforma na máquina de matar que eu sei que ele realmente é.

Todo o seu corpo se envolve, seus músculos, sua mente, seus punhos, e ele se vira, quebrando Trystan no queixo com um soco sólido como pedra, fazendo-o navegar pelo ar com um grito horripilante. Eu vejo uma mandíbula quebrada antes de ver alguns dentes espirrarem no ar. Trystan cai de costas com um baque surdo, a multidão aplaudindo como um bando de doentes sanguinários. É feio. No entanto, os movimentos animalescos de Theo são quase

artísticos em seus desdobramentos. Não há nada descontrolado sobre eles. Nada não planejado ou selvagem. Eu posso ver o olhar de intenção em seu rosto. Ele sabe exatamente o que está fazendo, e isso é muito mais assustador do que as ações frenéticas do homem descontrolado que eu testemunhei antes. Ele tem um plano. A partir do momento em que perdi a compostura naquele estúdio de tatuagem e me recusei a alimentar sua necessidade de uma explicação, ele estava em uma missão. Eu deveria saber que ele chegaria ao fundo disso.

E agora ele vai eliminar isso.

Meu lábio inferior começa a tremer, o resultado dessa bagunça incrustada, a história se escreveu antes de ser escrita. Não há nada que alguém possa fazer para salvar Trystan. Ele está preso nessa gaiola com um monstro que não vai parar até que ele termine. Temo que Theo nunca acabe. Ele matou o próprio pai. Virou-se para ele. Punindo por machucá-lo. Trystan é realmente um homem morto.

Eu me viro ao som de um soluço quieto, o soluço de Judy, e encontro Andy olhando cheio de pavor enquanto ele tenta consolar sua esposa. Os olhos de Judy se voltam para os meus, cheios de lágrimas.

— Havia apenas tanto tempo que ele levaria o tormento de seu pai antes de ele estourar. — diz ela, fungando sobre suas palavras. — Eu não culpo meu garoto. Seu pai conseguiu o que estava vindo para ele. Ele era um homem frio e cruel.

A ironia de tudo isso não me escapa, mesmo no meio da destruição. O pai de Theo ansiava que seu filho fosse seu formidável sucessor. Foi a atitudes extremas para garantir que isso

acontecesse. E se tornou uma vítima da brutalidade que ele forçou em Theo. A razão da desvantagem de Theo está brilhando como um diamante brilhante à minha frente, cortada e recém polida. Theo nunca quis ser assim. O pai dele o fez, e uma parte de mim, uma parte irracional, porque tem que ser irracional, não pode deixar de sentir que seu pai conseguiu o que merecia.

Olhando inexpressivamente para o ringue, vejo como o inferno sagrado e doloroso chove todo Trystan. Punindo golpes no rosto, golpes duros de seu corpo no chão e chutes sem fim em seu estômago. E o tempo todo, há um meio sorriso perturbador no rosto de Theo. Ele evitou ser trancado antes, fugiu com o assassinato. Isso acabará com sua liberdade. Todas essas pessoas assistindo. Ele vai ser mantido na prisão por toda a vida. E eu vou perdê-lo.

Quando Trystan começa a tossir sangue, minhas pernas encontram vida, e eu corro até a borda da gaiola, segurando o metal até minhas juntas ficarem brancas, gritando para que Theo pare. Ele não precisa matá-lo. Ele não precisa ser preso por assassinato. Ele fez o suficiente.

— Theo! — Eu grito seu nome, de novo e de novo, ignorando a secura da minha garganta.

Ele continua, pairando sobre o corpo machucado de Trystan com o punho puxado para trás, pronto para soltar outro golpe prejudicial. Não que Trystan iria sentir isso agora. Ele está inconsciente, mole e sem vida no chão. Theo se vira, seus olhos selvagens, e eu aperto minhas barras ao redor, trazendo meu rosto o mais perto que posso.

— Pare. — Eu imploro em voz baixa, embora ele nunca seria capaz de ouvir acima da multidão que ruge, então eu confio na súplica em meus olhos. — Por favor.

Ele se endireita, olhando em volta para as massas de pessoas em seu clube, delirando de excitação. Porque Theo está na gaiola. Ele é o lutador final. Invicto. Um animal. Mortal. Seu peito grande inchava, suor escorrendo dele. E depois de alguns momentos nervosos, ele abaixa os olhos para Trystan, com o lábio enrolado. Então ele se vira e sai da gaiola, batendo a porta de metal atrás dele. Um caminho se apaga, as pessoas pulando para fora do caminho antes de correr para o pé do recinto para ver quanto dano Theo fez. Eu posso ver daqui. Trystan está deitado imóvel em uma poça de sangue, nem mesmo o som da multidão o agitando. Mas ele está respirando. Eu me afasto das barras e viro, procurando por Theo. Eu o vejo desaparecendo pela porta em direção ao escritório e fazendo rastros urgentes, indo atrás dele.

— Izzy, não. — Judy me intercepta, lutando para me manter no lugar. — Deixe-o, querida. Deixe-o esfriar.

— Não. — Eu luto contra ela, escapando pouco antes de Andy me agarrar. Eu preciso ver ele. Acalmar ele. Eu corro pelo clube como uma mulher possuída, pessoas se movendo do meu caminho.

Eu tropeço no escritório, meus pés derrapando até parar. Theo está do outro lado, com a testa apoiada na porta que o levará de volta à sua casa. Eu espero, forçando minha respiração a ficar quieta. Ele eventualmente levanta a cabeça e abre a porta, passando por ela. Eu estou em busca rápida. Não posso ter certeza de que ele esteja ciente de que estou aqui, mas isso não me impede. Eu preciso ter certeza de que ele não faça nada estúpido. Ou qualquer coisa *mais* idiota.

Ele não deveria estar sozinho.

Estamos em seus aposentos particulares, Theo a dez passos de mim, e quando ele entra, só pego a porta antes que ela se feche na minha cara. Ele se dirige direto para a lareira, descansando a mão na borda, deixando cair a cabeça e respirando profundamente. Ele está tentando se acalmar. Suas costas estão ondulando perigosamente, pingando de suor. Eu me aproximo com cautela, mantendo um olhar atento a cada movimento dele.

— Theo. — Eu pego seu ombro, instinto me guiando, dizendo-me para consolá-lo em sua escuridão. — Theo, sou eu. —Meus dedos roçam levemente sua pele machucada.

Ele se move rápido demais para eu reagir.

O impacto no meu rosto é explosivo. A dor indescritível.

Embora eu não tenha que sofrer por muito tempo.

Meu mundo fica negro.

CAPÍTULO

Vinte e Cinco

A dor. Jesus a dor. Meu rosto parece estar em chamas enquanto eu pisco, tentando me recompor. Agitando as mãos, as vozes em pânico são um borrão de movimento e sons enquanto eu tento descobrir onde estou.

— Izzy, abra os olhos.

A voz está estressada, e eu tento dar um zoom na silhueta de um corpo inclinado sobre mim, gemendo quando levanto a minha mão para o meu rosto, o latejar piorando. Minha órbita está macia e eu estremeço.

— Espere.

Uma mão pega a minha e a empurra de volta para o chão gentilmente. O rosto de Callum entra em foco, mas apenas no meu olho direito, linhas horrorizadas estragando sua boa aparência habitual. Meu pescoço racha dolorosamente quando viro a cabeça para estabelecer quem mais está no chão comigo.

— Amor. — O batom vermelho de Judy está totalmente borrado, deixando seus lábios retos manchados e sem brilho. Seus olhos cheios de medo passam rapidamente para o meu olho esquerdo, e ela recua, rapidamente olhando para longe. — Eu te disse para deixá-lo se acalmar, querida. Por que você não o deixou se acalmar?

— Oh, Izzy. — Jess sussurra desesperada e chocada.

Eu luto através da dor insuportável para tentar localizar qualquer lembrança, meu cérebro doendo com o esforço. Mas uma vez que eu encontro as memórias, não há como impedi-las de avançar, implacavelmente me lembrando do por que eu estou de costas no chão com Judy, Jess e Callum mexendo em volta de mim.

— Não. — Eu balancei minha cabeça, sibilando com a dor. Na minha escuridão, vejo as costas de Theo, percorrendo os corredores até o apartamento dele. Eu vejo seu rosto, cheio de uma raiva muito potente para compreender. Os movimentos de seu corpo enquanto facilitavam o trabalho de Trystan naquela gaiola, e o minúsculo esforço que levou para infligir tanto dano. E depois de volta aqui, quando tentei acalmá-lo. Por que eu o segui? Por que achei que poderia tirá-lo de seu instinto destrutivo? A visão da minha mão se movendo lentamente em direção ao seu ombro, soa um gemido de desespero, minha mente gritando para eu parar. Como eu gostaria de poder voltar e parar meu eu estúpido de tocá-lo. E, finalmente, a metade de cima de seu corpo girou, e sua grande mão colidiu com o meu rosto. Tudo aconteceu rápido demais.

— Eu sinto muito. — Eu soluço, enrolando em uma bola, me fazendo pequena. — Eu pensei que poderia ajudar.

Palavras calmantes soam perto do meu ouvido, e eu sinto a suavidade da bochecha de Callum contra a minha enquanto me embala em seu colo, me segurando com força. Eu posso sentir seu coração batendo contra o meu braço que está contra ele, sua cabeça tremendo acima da minha.

— Onde ele está? — Eu choraminguei me empurrando dos braços de Callum. Theo estará devastado. Eu preciso ver ele. Eu olho em volta da sala, em pânico enquanto tento ficar de pé. — Eu preciso encontrá-lo.

Callum me ajuda, segurando meu braço. Eu gostaria de não precisar do apoio, mas eu preciso. Minha cabeça começa a girar e eu dou alguns passos para trás, lutando para me concentrar.

— Devagar, — ele respira, estabilizando-me. — Você precisa se deitar.

— Estou bem. — Insisto, desejando um pouco de vida nas minhas pernas para que eu possa sair em busca de Theo. Eu olho para cima, escovando meu cabelo do meu rosto.

E eu o vejo. Ele parece em estado de choque, branco pálido, a sombra de um homem enquanto ele fica do outro lado da sala em silêncio olhando. Minha boca seca, tirando qualquer chance que eu tenha de falar, de chamá-lo, então eu forço minha mão para cima, estendendo-me para ele, silenciosamente implorando para que ele venha até mim. Ele não faz.

Em vez disso, ele começa a recuar a cabeça tremendo, os olhos fixos nos meus.

— Eu fiz isso. — Ele murmura sem pensar, com o ombro pegando o batente da porta e sacudindo-o. Mas ele continua se afastando.

— Theo. — Eu chamo, vendo sua intenção muito claramente.

— Eu te magoei. — Seus olhos se arregalam, como se encontrasse a realização, sua mente chocada se abrindo para o horror. — Eu machuquei meu amor. — Seu olhar cai e eu luto com Callum para me libertar, mas seu aperto é firme demais, seguro demais.

-me solta! — Eu grito, vendo Judy entrar e ficar na minha frente, bloqueando meu caminho para seu filho. Ela está de frente para mim, suas mãos juntando as de Callum e me segurando no lugar. — Pare! — Eu choro, meus olhos cheios de lágrimas desesperadas. — Por favor, deixe-me ir até ele. — As lágrimas rolam e através do borrão da minha visão, vejo Theo se virar, suas costas ficando cada vez mais distantes. — Por favor. — Eu soluço, lutando freneticamente para de seus braços.

— Izzy, não!

Eu me liberto e corro para frente, um pouco desorientada.

— Theo, espere. — Ele continua, seu ritmo aumentando enquanto ele atravessa sua casa. — Theo! — Eu corro atrás dele, meu corpo fraco e ferido me atrasa e eu grito, querendo que meus membros cooperem.

Quando volto ao clube, o espaço está vazio e silencioso, todo mundo se foi, e vejo Theo, ainda sem camisa, com o torso manchado de sangue e suor. Eu paro gradualmente quando eu me registro onde ele está indo. A gaiola.

— Não. — Eu olho além das barras, vendo Trystan sendo ajudado a sair do recinto por dois dos homens de Theo. O fato de que ele está consciente, vivo mesmo, não alivia a minha

preocupação. – Theo. — Eu grito, e ele para, mas ele não recua. Ele fica parado por alguns momentos, revirando os ombros, a cabeça baixa. Então, lentamente, levanta e eu sei que ele viu Trystan. Ele se aproxima, pega-o dos dois homens e praticamente o joga de volta na gaiola. Ele não fechou a porta atrás dele desta vez. Olhando para mim, seus olhos enraizados no meu olho inchado, eu sei o que ele está pensando. Ele culpa Trystan por isso. Ele se culpa, mas também culpa Trystan. Nossos olhos se encontram. Eu balancei minha cabeça, silenciosamente implorando para ele não fazer isso. Embora, no fundo, eu saiba que estou implorando em vão.

Theo move seus olhos dos meus para os pés, onde sua presa está esparramada, olhando para ele, assustada. E em um movimento rápido como um raio, Theo ruge e joga seu punho na garganta de Trystan com tanto poder, seu pescoço esmaga visivelmente, destruindo sua traqueia e sua capacidade de respirar.

Morte instantânea.

Meu corpo se dobra na cintura e eu vomito aos meus pés, sufocando e vomitando incontrolavelmente.

— Izzy.

Braços me agarram, Judy me puxando para cima e em seus braços, segurando-me nas minhas pernas trêmulas.

Eu olho por cima do ombro dela e vejo Theo me observando. Ele ainda está em transe.

Então ele sai calmamente da gaiola e eu sei exatamente o que vai acontecer a seguir. Ele está partindo. Ele terminou com Trystan

para se certificar de que ele não pode me machucar novamente. Para ter certeza de que, quando Theo se for, não estou em perigo.

Ele sai do clube, e suas costas desaparecem enquanto eu lentamente caio nos braços de Judy. Eu falhei. Eu não o consertei. Eu o arruinei além do reparo, e a realidade é muito dolorosa.

Porque ele se foi.

E eu sei que nunca mais o verei.

CAPÍTULO
Vinte e Seis

As horas se transformam em dias. Os dias se transformam em semanas. Semanas escuras e sombrias. Semanas vazias. Porque Theo se foi. Ele me deixou ferida e quebrada, embora eu saiba que minha desolação não vai afetar o nível de miséria que ele estará sentindo.

Onde quer que ele esteja.

Não passa um minuto quando não penso nele. Quando não me pergunto onde ele está. Eu ligo para o telefone dele todos os dias, esperando que hoje seja o dia em que tocará. Quatro semanas depois e ainda nada. Judy e Callum passaram a primeira semana de sua ausência procurando em todos os lugares em que pudessem pensar. Suas contas bancárias e cartões não mostravam nada. Ainda não. Andy fez o que pôde, procurou em todos os lugares óbvios e não óbvios e não conseguiu nada. Nenhum relatório de pessoas desaparecidas poderia ser apresentado. Theo partiu por vontade própria. E Andy justamente apontou que, se alguém não quer ser encontrado, não será. Se alguém pode entender isso, eu entendo. Cada dia eu me tornei menos esperançosa. Agora eu mal estou sobrevivendo.

Ele matou um homem. Bateu até a morte naquela gaiola. Andy me sentou e me perguntou se havia alguém que sentiria falta de

Trystan. Como eu iria saber? Eu não o vejo há dez anos. Se havia alguém em sua vida agora, como eu naquela época, acho que eles não sentiriam a falta do idiota malévolo. Eu não sei o que eles fizeram com o corpo dele. Ou se alguma vez será descoberto. Não que isso importe. Você não pode trancar um homem por assassinato se ele não puder ser encontrado.

A única coisa que me mantém no momento é o trabalho. Consegui me colocar no banco das enfermeiras e trabalhei o máximo que pude, temendo meus dias de folga. Hoje é o meu dia de folga. Andei até a cafeteria mais próxima e sentei-me na janela, observando a chuva cair, a água escorrendo pelo vidro, distorcendo minha visão. Não que eu esteja procurando. Mais olhando fixamente através dos obstáculos, as pessoas, os edifícios, a chuva, em nada.

Quando a cadeira ao meu lado raspa, um sinal de alguém a puxando para fora, eu olho para cima e Judy sorri para mim, acenando para a mesa. Não digo nada, voltando minha atenção para a janela, minha mão enrolada na minha xícara de café onde repousa sobre a mesa. Ela se senta, suspira e coloca a mão na minha.

— Como você me achou? — Eu pergunto.

— Realmente, Izzy? Se você não está em casa, você está aqui ou no trabalho. — Eu olho para ela e ela encolhe os ombros. — E Jess me ligou.

— Estou bem.

— Você não está bem. Você ainda não está comendo direito, está pálida e tenho certeza de que está a... — Um vidro de

comprimidos de ferro é colocado na mesa diante de mim. — Eu quero que você leve isso.

Eu olho para o recipiente, me perguntando quando se tornou o trabalho de Judy se fazer de minha mãe. Então eu internamente me repreendi por ter um pensamento tão doloroso. De qualquer forma, não é como se eu tivesse mais alguém para fazer o trabalho. Essas últimas quatro semanas desoladas me fizeram constantemente imaginar o que eu fiz em uma vida anterior para merecer um tempo tão difícil.

Eu pego as pílulas e as coloco na minha bolsa, espero acalmá-la. Eu não sou anêmica. Eu estou de luto

— Obrigada. — Murmuro, voltando para a janela.

— Oh, Izzy. — Ela suspira. — Amor.

— O quê? — Eu pergunto. — Você vai me dizer para seguir em frente? Esquecê-lo?

— Eu...

— Você vai?

O desespero total invade suas feições suaves. Não sei mais o que dizer.

Eu empurro minha cadeira para longe e me levanto, levando meu café, precisando escapar antes que eu a sobrecarregue com mais lágrimas. Mas elas vêm muito rápidas, escorrendo pelo meu rosto implacavelmente, levando Judy a se levantar da cadeira e me abraçar.

— Sinto muito. — Choramingo lamentavelmente nos fios caros de seu paletó.

Ela deve estar doente de me ver, mas ela ainda insiste em manter nosso contato. Eu sou um dreno emocional para ela, uma criança abandonada. Por que ela está insistindo em se sobrecarregar comigo?

— Querida, eu só sei que Theo não gostaria que você tivesse sua vida em espera por ele.

— Então ele deve voltar para mim para que eu possa continuar com isso. Com ele. Onde ele está, Judy? — Minha voz se quebra e meus ombros começam a tremer violentamente. — Por que ele não está voltando para mim?

— Eu não sei. — Ela admite com um suspiro. Mas eu faço e isso está me matando. Eu sabia que ele nunca se perdoaria se ele me machucasse. Foi justamente por isso que interrompi sua intenção de me levar sem as restrições que me mantinham segura uma vez ele precisava desesperadamente me mostrar o quanto ele me amava. Que ele poderia fazer isso. Pará-lo foi uma jogada inteligente. O que eu fiz depois que ele espancou Trystan não foi. E eu nunca vou me perdoar por colocá-lo nessa situação. Por expor ele. Por empurrá-lo para matar.

Mas o que mais me preocupa é o que Theo fará a si mesmo, se vai se punir. Relutantemente, eu aceito que esta é sua punição. Se privando de mim. E ao mesmo tempo, ele também está me punindo. Se eu pudesse apenas vê-lo ou falar com ele, eu poderia dizer isso a ele. Estou uma bagunça, quebrada.

Meu coração não está mostrando sinais de cura. A rachadura está ficando maior a cada dia que ele está ausente. Estou morrendo lentamente por dentro e temo que nada me traga de volta à vida, exceto ele. Mas minha cura, minha esperança, não quer ser encontrada.

***

Eu sou sempre muito grata quando estou ocupada no turno. Os dias em que meus pés não tocam o chão porque eu sou completamente agitada e não tenho a chance de parar por um momento para respirar, quanto mais pensar. Se tiver sorte, estou tão cansada no final que só posso me concentrar em ir para casa e cair na cama.

Hoje é um daqueles dias. Na verdade, hoje foi a troca de turno mais movimentada em toda a minha carreira, e passei três horas durante o meu tempo oficial de desistência. Isso também é uma benção hoje em dia. A chegada inesperada de pacientes, o gerente da cama pedindo camas que não temos pacientes com recaídas inesperadas. Eu acolhi o caos.

Enquanto ponho meu casaco e pego minha bolsa, passo pelo posto das enfermeiras e me despeço, ouvindo os sons de conversas estressadas. Eu sorrio suavemente por dentro. Elas têm a noite toda para passar. Eu envolvo meu cachecol em volta do meu pescoço enquanto ando, verificando meu telefone para a ligação ou mensagem que eu sei que não vai estar lá. É hábito, uma parte da

minha vida cotidiana agora. Assim é a decepção quando não vejo nada de Theo.

Abro caminho através das portas duplas sem fim, indo em direção à A & E, e à saída mais próxima. É sábado à noite, então não me surpreendo quando encontro uma confusão de médicos apressados, enfermeiras estressadas e muitos pacientes nas enfermarias, a maioria deles bêbados. Segurando minha bolsa no meu ombro, eu atravesso as pessoas espalhadas, espiando pelas baias enquanto vou. Bêbado. Bêbado. Bêbado vomitando.

Passo pela área de recepção, onde um amontoado de pessoas espera para ser visto, conferido ou dado informações, e atravesso as portas para o ar frio da noite. Apesar da política de não fumar nos terrenos do hospital, há dezenas de pessoas fumando do lado de fora da porta, em vez de caminhar os vinte metros que tecnicamente vão tirá-los da propriedade. Eu tusso meu caminho através das cortinas de ar infestado de nicotina, meu nariz se enruga e atravesso a passarela em direção à rua principal.

Eu pego o meu ritmo, mas percebo alguns paramédicos na frente descarregando uma cama de sua ambulância, parecendo urgente e apressado. Eu diminuo meu passo para deixá-los passar. O homem bêbado me seguindo, no entanto, não, e cambaleia bem em frente à cama, fazendo as rodas pegarem seus tornozelos e baterem em sua bunda, bem como fazer a cama parar. Minha mão cobre minha boca, e os paramédicos começam a gritar seu aborrecimento para o idiota bêbado por impedi-los. O paramédico que conduz a cama está fazendo isso com uma mão, a outra segurando um gotejamento. Seu rosto está vermelho.

— Mova-se, seu idiota. — Ele grita, tentando acertar a cama em volta do corpo do bêbado no chão.

Eu corro para tirar o idiota embriagado do caminho deles.

—Senhor, você precisa se levantar. — Eu digo, enganchando meus braços sob as axilas e me esforçando para levantar o peso morto. Meu nariz é invadido pelo fedor pútrido de álcool velho e por semanas de má higiene pessoal. — Ele não vai ceder. — Eu bufo, perdendo o controle. Ele cai de volta ao chão como um saco de batatas, rolando e batendo ao redor. Eu olho para os paramédicos, o paciente inconsciente na cama me chama a atenção.

O tempo para.

Meu coração para.

O mundo para de girar.

Eu cambaleio para trás e meu corpo bate na parede atrás de mim, meus pulmões explodindo do impacto.

— Theo. — Eu sussurro, meus olhos chocados tentando entender à imagem do homem quebrado diante de mim. Sangue. Há sangue por todo lado. — Oh meu Deus. — Eu respiro, meu corpo preso entre me levar até ele e ficar longe, *muito para* trás, com medo de me aproximar e ver a extensão total da falta de visão, sua pele pálida e grisalha, suas bochechas magras e sua barba por fazer, agora há uma barba. Eu mal o reconheço.

O instinto assume o controle e eu corro para a cama.

—Senhorita, por favor. — O paramédico intervém, me afastando. — Você o conhece? Você pode nos dizer o nome dele?

— Ele é meu namorado. — Sufoco, examinando seu rosto em busca de qualquer sinal de vida. Não há nenhum. Ele está parado. Parece morto. — O nome dele é Theo. Theo Kane. — Eu passo o paramédico e vou para frente, olhando Theo de cima a baixo, vendo seu peito nu sob os cobertores finos. Mais sangue. — O que aconteceu com ele? —Meu coração se parte em dois, a visão do meu homem grande e forte tão completamente quebrado, colocando muita tensão na rachadura que me causou agonia desde que ele partiu.

Os dois paramédicos negociam a cama ao redor do homem bêbado, deixando-o no chão.

— Ele foi encontrado nas docas. Inconsciente, sem resposta, baixa pulsação. Ele não está no bom caminho, querida.

Eles irromperam pelas portas da unidade de emergência e uma enxurrada de enfermeiras corre em nossa direção, obviamente esperando a chegada de Theo. O paramédico envia um para o homem bêbado, e eu mal consigo parar de gritar minha indignação. Theo precisa de toda enfermeira que ele puder obter. Eles começam a trabalhar nele imediatamente, enquanto os paramédicos continuam conduzindo-o pelo corredor, recobrando tudo, desde seu nome até a pressão sanguínea, de onde o encontraram em seus ferimentos.

Estou atordoada de tudo isso, correndo ao lado da cama, ouvindo e observando a loucura se desdobrar. Eu ouço a palavra *crítica*. Eu os ouço dizer às enfermeiras que ele tem uma suspeita de pulmão perfurado resultante de costelas quebradas. Mas o que mais me chama a atenção é a repentina visão do corpo de Theo se

sacudindo. Parece estar em espasmo, constantemente se contraindo na cama. No entanto, quando olho para o rosto dele, nada.

Todos os meus instintos de enfermagem saem pela janela. Eu não estou calma, não estou controlada, e não estou pensando direito. Se esses profissionais médicos não estivessem aqui, eu não saberia o que fazer. Meu coração está batendo tão rápido que é uma vibração no meu peito, meus ouvidos batendo com a pressão do sangue bombeando ao redor do meu corpo.

Theo virou para um cubículo e eu estou parada no limiar, a enfermeira me empurrando um pouco para deixar espaço para as muitas pessoas que trabalham nele. É preciso tudo em mim para obedecer. Para dar— lhes espaço e não avançar e agarrar Theo em meus braços. Observando como uma enfermeira tenta inserir uma cânula em seu braço me dói. Seu corpo se contorcendo a mantém fora do alvo, e ela apunhala repetidamente sua carne, nunca atingindo a veia que ela precisa.

Almofadas são colocadas em seu torso e fios presos no lugar, levando a um monitor cardíaco. O segundo vem à vida, meu próprio coração quase diminui a velocidade. Sua frequência cardíaca é completamente irregular. Ele está inconsciente, mas seu corpo continua a tremer. Não importa o quanto eu procure o meu cérebro médico por uma razão para esses sintomas, estou em branco. Ele está tendo uma convulsão? Então todas as mãos estão fora dele, apenas por uma fração de segundo, mas nessa fração de segundo seu corpo se cala. E percebo por que quando as mãos voltam a trabalhar nele e sua contração errática recomeça.

Ele não gosta que eles o toquem. A compreensão me dá um pequeno vislumbre de esperança. Seu corpo está tentando reagir,

mas ele não tem força. Ele está ciente. Ele sabe o que está acontecendo, mas não pode pará-lo. E nem eu, porque se eu tirar essas pessoas dele, ele vai morrer. Sua cabeça é puxada para trás e um tubo de respiração alimenta sua garganta. Eu estremeço com outro sinal de preparação. Eles acham que ele poderia entrar em parada a qualquer momento.

Eu silenciosamente imploro a eles que trabalhem mais rápido, para dar ao seu coração o choque que precisa para reiniciar e encontrar uma batida organizada antes que ele pare completamente. Uma das enfermeiras puxa as almofadas para fora, pronta para dar aquele choque.

Mas então acontece. Ele entra em parada cardíaca, e as almofadas são deixadas de lado pela enfermeira com uma pequena maldição. É tarde demais para as almofadas agora. Os alarmes enlouquecem, o alarme estridente do monitor cardíaco perfura meus ouvidos e sou forçada a cobri-los com as palmas das mãos até que o monitor seja desligado rapidamente. Eu não posso assistir. Mas também não posso sair. Eu sinto que estou no limbo, dependendo dessas pessoas para salvá-lo. Eu olho para a tela da máquina e vejo a linha plana. Eu posso sentir meu coração lentamente parando também.

— Não. — Murmuro meus olhos cheios de lágrimas devastadas. — Não, Theo, não. — Eu recuo, sentindo tudo dentro de mim começando a desistir completamente.

Todo mundo começa a correr em volta da cama, a urgência das enfermeiras subindo ao mais alto nível. Um time cardíaco aparece, me empurrando para o lado, e Theo está rapidamente ligado a vários monitores. Estou congelada, apenas observando ele se

afastar de mim. Ele não está mais sacudindo. As mãos estão em cima dele e ele não está se movendo. Um soluço quebrado explode pelos meus lábios, minha mão subindo para cobrir minha boca enquanto eu me afasto. A fala calma das enfermeiras fica distante, os movimentos lentos. Um enfermeiro está bombeando freneticamente no peito de Theo, enquanto outro corre para pegar um gotejamento no braço de Theo. Olhando para o monitor cardíaco novamente envia tremores na minha espinha. Ainda sem batida. CPR não está funcionando

— Oh meu Deus. — Eu sussurro meu mundo desmoronando debaixo dos meus pés.

— Preciso de alguém para assumir. — diz o enfermeiro que bombeia o peito de Theo, com tanta calma que o suor escorre da testa.

Outro enfermeiro assume e o alivia, o corpo de Theo começa a tremer de novo, mas agora é por causa das compressões constantes que estão sendo entregues.

Eu olho para o monitor novamente. Nada.

As enfermeiras lançam constantes olhares preocupados, a atmosfera cada vez mais tensa. Algumas drogas são bombeadas para ele enquanto continuam a trabalhar freneticamente, mas com calma, tentando estabelecer por que seu coração parou. Eu vejo como o farmacêutico prepara a próxima combinação de drogas, qualquer coisa para tentar encorajar a atividade elétrica de seu coração. É um processo de eliminação, uma corrida para descobrir por que seu coração parou antes que seja tarde demais.

— Troca. — O enfermeiro fazendo chamadas de RCP, afastando-se para deixar seu colega assumir novamente. Ele olha para o relógio. Ele respira. Ele mostra uma expressão desesperada para o enfermeiro que acaba de aceitar a próxima rodada de drogas do farmacêutico. Ele os administra e fica para trás, com o rosto sério.

Eles vão desistir em breve. Eu posso sentir a derrota. Eu espio o monitor. E mais uma vez não há mudança na linha plana.

— Vamos, grande homem. — O enfermeiro rosna, suando enquanto ele implacavelmente empurra o peito de Theo.

— Mais um? -o outro enfermeiro pergunta a seu colega enquanto olha para ele. Eu seguro minha respiração.

— Mais uma vez. — Ele concorda, retirando as mãos e deixando-o assumir novamente.

Todos olham para a tela, esperando que a linha comece a pular.

Mas isso não acontece. Permanece um brilho verde contínuo, como a água parada. A linha mais reta e perfeita que você pode imaginar. Os enfermeiros estão olhando uns para os outros novamente, todas pensando a mesma coisa, mas ninguém querendo ser o único a interromper seu trabalho. E então um deles acena com a cabeça e o outro afasta as mãos do peito de Theo. É isso aí. Eles desistiram. Eu balanço minha cabeça enquanto a agonia rasga meu corpo como ácido, queimando qualquer esperança que possa ter permanecido.

— Por favor. — Eu imploro.

— Sinto muito, senhorita. — Uma mão descansa no meu ombro, e eu olho inexpressivamente até o paramédico que trouxe Theo para dentro. — Fizemos tudo o que podíamos.

Minha cabeça se volta para a cama enquanto todos se afastam. Meu grande homem agora está livre de sentir as mãos, seu corpo ainda parado, seu rosto calmo. Eu inspiro um suspiro instável, meus lábios tremendo, meus olhos se juntando, enquanto eu passo com cuidado em direção a ele, tão silenciosamente quanto possível, como se eu estivesse com medo de acordá-lo. Meus dentes estão batendo. Meus olhos derramando lágrimas. E meu coração acabou de morrer junto com ele.

Minha dor jorra dos meus olhos em gotas rápidas e gordas, pingando por todo o seu rosto enquanto eu me inclino sobre ele, ficando o mais perto que posso, perdendo completamente. Eu choro como se nunca tivesse chorado antes, em soluços altos e estridentes.

— Onde você estava? — Eu choro, minha respiração descendo pelas minhas palavras. — Onde você estava todo esse tempo, Theo? Por que você não voltou para mim? — Minha testa encontra seu ombro, a dor, a devastação, atingindo meu coração como uma bala, fazendo com que a rachadura se desprenda como vidro quebrado, garantindo que esteja completamente quebrado.

Destruído.

Morto.

Eu posso sentir a dor me segurando, segurando-me prisioneira em suas garras, e sei que isso nunca me deixará ir. Ele se foi. Eu o

perdi. Eu estou rapidamente escorregando na escuridão, meu corpo fisicamente rolando de dor.

Rolando.

Meu corpo está rolando. Ele ondulou, e não foi meu soluço implacável que fez isso. Eu espero, engolindo meu próximo soluço, esperando que isso aconteça novamente. Mas isso não acontece. Eu me afasto da forma sem vida de Theo, esfregando meus olhos e olhando para o monitor cardíaco. A linha ainda está plana e um médico começou a desconectar os fios.

— Espere. — Murmuro. Eu o vejo olhar para a cama com o canto do olho, mas mantenho meus olhos treinados na tela, esperando, esperando, rezando.

—Senhorita?

— Apenas espere — digo os segundos passando devagar. Nada acontece. Não há sinais de vida. Eu cerro os dentes, o movimento de vontade da linha, mesmo que apenas um pouco de pulso.

— Vamos. — Eu respiro, agarrando a mão de Theo. Ele empurra e eu pulo de susto. — Tente de novo. — Grito, com urgência percorrendo minhas veias. — Você tem que tentar de novo.

—Senhorita, ele se foi. — O enfermeiro diz gentilmente, com as mãos paradas nos fios.

— Ele se mexeu.

— Isso não é incomum.

— Ele se mexeu. — Grito, apertando a mão de Theo, mentalmente encorajando outra.

—Senhorita, sabemos sobre os reflexos da coluna vertebral. Acontece frequentemente depois de uma passagem.

— Não era um reflexo da coluna vertebral. — Grito freneticamente, virando-me para um dos enfermeiros que estava dando compressões no peito de Theo. — Ele se mexeu porque eu toquei nele. Todos os seus movimentos quando você o trouxe eram porque você estava tocando nele. Ele não gosta de ser tocado. — Solto a mão de Theo e corro para o enfermeiro, agarrando a frente do uniforme. Estou ciente de que isso poderia ser considerado uma agressão a um membro da equipe, mas não me importo se eles me jogarem na cadeia por dez anos. Ele se mexeu. — Por favor, tente de novo. – Exijo, meu comportamento demente deixando a sala silenciosa. — Por favor, eu te imploro. Ele ainda tem vida nele.

O enfermeiro passa os olhos para o colega, depois para Theo na cama enquanto espero o que parece ser uma vida inteira para ele ceder à minha demanda. Sim ou não, Theo receberá mais CPR. Eu mesma farei isso se for preciso. Segundos passam e eu desisto de esperar que ele decida se vai tentar. Eu corro para fazer isso sozinha, minhas mãos parecendo tão pequenas contra o peito de Theo quando começo a bombear. Eu estou sem fôlego depois de alguns segundos, minha força lamentável enquanto eu choro com minhas tentativas fracas.

-mexa-se. — diz o enfermeiro, passando por mim. — Precisamos de um pouco de peso por trás das compressões.

Tanto ar deixa meus pulmões, eles doem. Ele olha para o monitor enquanto coloca suas mãos em posição, e eu posso ver a dúvida em seus olhos. Mas ele começa a bombear de qualquer maneira, sua mandíbula apertada. Ele está exausto; há um brilho de suor cobrindo seu rosto. Ele não pede para alguém assumir. Ele continua pequenos grunhidos escapando com cada compressão.

— Vamos. — Ele sussurra. A pele cinzenta do rosto de Theo e a escuridão de suas órbitas parecem escurecer diante dos meus olhos enquanto eu espero um caroço que parece uma bola de tênis na minha garganta. Todos nós três olhamos para a linha reta, sem ver nenhuma mudança, e começo a construir meu apelo por mais uma rodada de compressões. Para mais drogas. Qualquer coisa. Minhas mãos unidas vêm até meu rosto, rezando.

E então acontece. O que eu tenho orado realmente acontece.

A linha salta.

Minhas mãos caem do meu rosto, meus olhos queimando, recusando-se a piscar no caso de eu sentir falta.

Outro salto.

— Oh meu Deus. — Eu respiro, tropeçando nos meus pés para chegar à cama. Meu mundo escuro recebe uma injeção de vida. Outro salto. Eu pego a mão de Theo, acariciando suas bochechas pálidas. – Theo.

— Maldito inferno. — O enfermeiro respira, e eu olho para ele, meus olhos se revirando. Ele parece um fantasma. — Eu não posso acreditar. — Ele cambaleia para trás, esfregando as mãos pelo rosto.

— Eu lhe disse. — Digo, tentando não me afastar muito de mim. Eu apenas sabia disso. Eu sabia que ele era forte. Há uma explosão de atividade atrás de mim, e olho para trás para ver a maior parte da equipe retornando, todos eles observando a cena antes de olhar para o monitor cardíaco. Eu sigo seus olhares e vejo uma batida regular e fortalecida. Eu tusso com um soluço, chorando quando coloco a palma da mão sobre o coração e a tatuagem dele, e sinto as batidas também.

Urgência entra nas enfermeiras e todas elas se aglomeram, puxando maquinário daqui e dali, e carrinhos carregados de equipamentos médicos. Quando alguém agarra o braço de Theo, ele empurra violentamente, e ela amaldiçoa, largando a agulha que ela está tentando colocar nas costas da mão dele. Ela nunca vai conseguir essa linha.

— Ele não gosta de ser tocado. — Digo, vendo-a jogar a agulha em um caixote do lixo médico e pegar outra num novo pacote esterilizado. Ela olha para a minha mão no peito de Theo. — Exceto por mim -acrescento minha euforia levantando mais. Ele está inconsciente, mas ainda sabe que sou eu. Seus movimentos quando o toquei antes não eram apenas porque eu estava tocando nele. Ele estava falando comigo quando ele não podia falar. — Sou enfermeira. — Explico, tirando uma das mãos de Theo e indicando minha frente para o uniforme. — Eu trabalho aqui. Eu posso fazer isso.

Ela me espia antes de voltar para a mão de Theo e tentar novamente.

— Obrigada, mas eu tenho. — Ela empurra de novo, e ela amaldiçoa, jogando ainda outra agulha desperdiçada na lixeira amarela depois que ela pegou do chão.

Eu me recomponho, tentando não perder a paciência, e circulando a cama, coletando uma agulha.

— Nós não temos tempo para o seu ego ferido. — Murmuro, pegando algumas luvas e puxando-as rapidamente. Eu pego o braço de Theo e ele nem sequer recua. Eu deslizo a agulha nas costas da mão dele, batendo no local pela primeira vez. O sangue jorra no frasco tampado, e eu expiro, segurando minha mão para o gesso.

— Obrigada. — Eu digo, colocando-o sobre a cânula e descansando o braço ao seu lado. — Quando você conectar a linha, não toque nele. — Eu faço meu caminho ao redor da cama novamente, para outra enfermeira, que acabou de puxar um carrinho carregado com tudo o que ela precisa para levar seus sinais vitais.

Ela sorri para mim, embora esteja tingida de tristeza.

— O médico está a caminho. Tenho certeza de que você não precisa deles para dizer que há uma grande chance de danos cerebrais.

Devolvo seu pequeno sorriso, voltando-se para Theo.

— Ele vai ficar bem. — Eu digo, porque não há dúvida em minha mente de que ele ficará. Ele sabe que estou aqui. Ele sentiu meu toque. Ele lutou mais por mim. Ele vai ficar bem.

A enfermeira entra e abre a pálpebra, segurando a luz. E como eu sabia que ele iria, ele se move, dificultando-a. Ela bufa e tenta novamente, obtendo o mesmo resultado.

— Ele é inquieto, não é?

Eu sorrio e assumo seus deveres, avaliando e anotando todos os sinais vitais de Theo sem a interferência de qualquer funcionário de plantão, nem de Theo. Ele continua imóvel. Ele ainda está frio. Mas eu sei que ele está comigo.

***

Deixando a equipe para organizar os exames, radiografias e transferência de Theo para a UTI, saio do cubículo com um pouco de torpor, minha adrenalina desaparecendo. Eu me sinto exausta. Pressionando minhas costas contra a parede do lado de fora da unidade de reanimação, olho para as brilhantes luzes tubulares e dou um tempo para me recompor. Para tentar compreender o que acaba de acontecer. Mas apesar do meu enorme alívio e felicidade, eu ainda desmorono. Rios de lágrimas escorrem pelo meu rosto enquanto tento processar tudo. Vai levar algum tempo. Eu estava destinada a trabalhar naquelas três horas incomumente longas no meu turno. Eu estava destinada a sair do hospital. Eu estava destinada a estar lá quando a ambulância chegou com o corpo de morte de Theo.

Os sons de protesto me atingiram de lado, e eu olho para o corredor, vendo uma equipe de enfermeiras lutando com o homem

bêbado que me obrigou a entrar, para me aproximar da cama em que Theo estava sendo carregado para que eu pudesse ajudar a limpar o caminho dos paramédicos. Eu nunca teria chegado perto o suficiente da cama para ver que Theo estava, se o bêbado não cambaleasse sem rumo na frente deles. Aquele homem embriagado deveria estar lá. Ele deveria causar estragos.

Eu respiro para fora, sentindo minhas costas se moldarem na parede atrás de mim enquanto meu telefone toca, e eu vasculho minha bolsa, fungando minhas lágrimas, até que eu coloco minhas mãos sobre ele, vendo Callum chamando. Eu franzo a testa. Ele não tem estado em contato desde que eu peguei minhas coisas da casa de Theo há duas semanas. O brilho do seu nome bate algum propósito em mim.

— Callum. — Digo em saudação, empurrando as costas da parede e espiando a esquina até a cama de Theo. Eu mal posso vê-lo por causa do equipamento médico.

— Alguém viu Theo. — Ele diz rapidamente. — Lá no cais, entrando em um clube de luta menos respeitável.

Minha boca se abre para dizer a ele que encontrei Theo, mas nenhuma palavra vem. Minha mente está ocupada demais absorvendo o que me disseram e o que isso significa. Um clube de luta?

— Izzy, só há uma razão para ele ir lá. — Continua Callum. — Um lutador. Ele odeia Theo. Ele está tentando pegá-lo na jaula há anos. — Callum está soprando sobre suas palavras, e eu concluo que é porque ele está correndo.

— Por que ele odeia Theo?

— Porque Theo bateu seu irmão até ele ficar em coma. — Ele diz gravemente, e eu inalo. — Foi há anos. Estou indo para lá agora. Eu só queria que você estivesse preparada para o pior.

Preparada para o pior? Eu olho novamente na esquina, vendo fios, maquinaria e o corpo machucado de Theo. Eu estou *olhando* para o pior. Ele foi lutar com alguém? Eu fecho meus olhos, odiando o que sei ser verdade. Ele estava se punindo. Ele se permitiu ser espancado. Penitência.

— Izzy, você está me ouvindo? — A voz impaciente de Callum me desperta de meus pensamentos, me puxando de volta para o hospital onde Theo está deitado, mal vivo, e onde seu amigo está ao telefone me dizendo que ele poderia tê-lo encontrado.

Eu me agito para a vida, me afastando de Theo e caminhando pelo corredor.

— Callum, eu estou com Theo.

— O que?

— No Hospital. Theo foi trazido como uma emergência. Ele foi encontrado nas docas meio morto.

Há silêncio, não mais sopros ou sons de esforço. Apenas um longo silêncio demorado e chocado.

— Callum? Você está aí?

-meio morto? — ele finalmente sussurra.

Eu posso sentir que minha voz vai tremer se eu falar, então eu espero alguns momentos antes de eu tentar, engolindo repetidamente enquanto eu encontro a força que eu preciso para dar a Callum os detalhes sem desmoronar.

— É ruim, Callum. — Explico. Engulo novamente. — Costelas quebradas, pulmão perfurado. Seus ferimentos são extensos. E hemorragia interna é suspeita. Ele se foi... — Eu fecho meus olhos e tento não reviver o horror daquele momento. —...Eles o trouxeram de volta, mas ele está em coma. Ele está estabilizado e está sendo enviado para radiografias e exames antes de ser transferido para a UTI.

— Jesus. — Ele suspira. — Que porra é essa?

— Castigo. — Digo— lhe categoricamente, não vejo sentido em esconder o que sei. — Ele estava se punindo.

Callum não se incomoda em rebater minha reclamação. Ele também sabe.

— O bastardo estúpido. — Há emoção em sua voz que eu posso apreciar e ter empatia. — Você está aí sozinha?

— Eu não tive tempo para ligar para ninguém. — Eu me sinto terrível agora, mas o pensamento nem entrou na minha cabeça. — Foi tudo um pouco... frenético. Então, quando ele voltou, ele continuou se movendo toda vez que uma enfermeira tentava entrar. Eu tive que fazer tudo sozinha.

Ele ri levemente em compreensão.

— Inacreditável.

Eu sorrio.

– É realmente. Ele sabia que eu estava aqui, Callum. Ele se foi, mas sabia que eu estava aqui.

— Não tenho dúvidas, Izzy. — Ele responde baixinho. — Eu não tenho dúvidas. Estou a caminho.

— Ligue para a Judy. — Digo, pensando que seria melhor me preparar para mais lágrimas. Judy vai ver a condição de seu filho e perder de vista o fato de que ele realmente foi encontrado.

— Eu vou buscá-la no caminho.

Ele desliga, e eu seguro o telefone no meu peito, me preparando para ligar para Jess e repassar tudo de novo.

CAPÍTULO
Vinte e Sete

Eu sabia que não seria permitida nas salas de radiografia e tomografia, mas ainda seguia os carregadores enquanto eles empurravam a cama de Theo pelos corredores do hospital, uma enfermeira marcando junto com seus arquivos. Esperei do lado de fora enquanto ele foi radiografado e escaneado, e então os segui até a UTI, onde as enfermeiras aguardavam sua chegada.

Depois que eu enviei a Callum uma mensagem dizendo onde nos encontrar, eu me sento no canto da sala privada e vejo como eles ligam todas as máquinas de volta, a enfermeira de Triagem fazendo a entrega para a colega da ala. Eu sorrio quando ela os avisa sobre o hábito de se mover de Theo, e a outra ri, como a enfermeira que atualmente entrega a papelada está brincando. Ela pode rir agora. Ele está inconsciente e incapaz de atacar. Ela não estaria rindo se ele estivesse em forma, saudável e acordado com as palmas das mãos em volta da sua garganta.

Eu olho para a porta ao som de uma voz urgente de fora da sala e pulo, encontrando Jess está na mesa perguntando onde estou.

— Ei. — Eu digo.

Ela gira em torno, com muito ar saindo de sua boca.

— Izzy! — Ela corre para a sala e joga os braços em volta de mim. — Eu tenho estado tão preocupada. O que aconteceu com ele?

A firmeza de seu abraço é feliz. Tão necessário.

— Acho que ele se pôs em uma luta para perder.

— Por que ele faria isso? — Ela me solta e me guia até uma cadeira, me deixando sentar. Ela deve sentir meu esgotamento. Aproximando-se de Theo em silêncio, certificando-se de não entrar no caminho da enfermeira, ela paira sobre a cama, sacudindo a cabeça em desespero ao vê-lo.

— Culpa. — Eu respiro. Descansando, apoiei meu cotovelo no braço da cadeira e deixei minha cabeça usá-la como apoio.

— Ele parece terrível. — Ela afirma o óbvio, provavelmente sem saber mais o que dizer. — O que os médicos disseram?

— É crítico o estado dele. Eles fizeram o raio— X e o examinaram. Estamos aguardando os resultados.

A porta se abre e Judy aparece, enlouquecida de preocupação.

— Oh meu Deus, Theo. — Ela se joga do outro lado da sala para a cama, e Callum segue, seus passos hesitando quando ele consegue seu primeiro vislumbre de seu amigo. Um olhar assombrado atravessa seu rosto, seguido rapidamente por um de raiva. Ele para no meio da sala e olha, absorvendo a bagunça que é o corpo de Theo.

A mão de Judy aperta sua boca em choque antes de chegar e se retrair algumas vezes, seus lábios vermelhos tremendo.

— Olhe para ele. — Ela murmura, arrasada. — O que aquele bastardo fez com ele?

— Nada que Theo não pediu. — diz Callum, apontando para os pulsos de Theo. — Ele se conteve.

Eu saí da cadeira em um instante, me aproximando para dar uma olhada melhor. Ele tem razão. Os pulsos de Theo são uma visão horrível de vergões e lacerações, evidência de estar preso. Eu esqueci de notá-los entre os infindáveis outros ferimentos.

— Por quê?

Eu pergunto sem pensar. É claro que sei por que, mas minha mente está lutando para compreender a extensão das ações de Theo.

O bastardo estúpido facilitou a sua surra. Ele precisava parar sua capacidade de reagir quando fosse tocado.

Eu decido aqui e agora que assim que Theo estiver de volta à saúde, vou chutar o traseiro dele. Eu cerro meus dentes e viro para Judy, seus soluços não mostram sinais de recuar.

— Ele vai ficar bem. — Digo a ela, pegando as mãos dela e fazendo o que ela está fazendo por mim desde que Theo saiu.

— Como ele pode se recuperar? — Ela pergunta, olhando para o corpo mutilado e estremecendo. — Todo esse dano.

Eu deslizo minha mão na dela e aperto.

— Vou consertá-lo. -asseguro a ela. — Eu prometo. — Eu nunca fiz um voto mais sincero. Eu já decidi que estou saindo do meu trabalho. A recuperação de Theo será longa e cansativa, e eu planejo

estar lá a cada passo do caminho. Eu não vou sair do lado dele. Nunca mais.

— Você está com sede? — Jess pergunta. Ela parece levemente desconfortável. Ela quer algo para fazer, ser ocupada e útil.

— O chá seria bom. — Respondo, levando Judy para longe da cama e sentando-a na cadeira. — Pegue para Judy também, por favor.

— Feito. — Jess se dirige para a porta e Callum segue.

— Eu ajudo. — Ele não encontra o rosto assustado de Jess enquanto eles vão embora, deixando-me sozinha com Judy.

Eu puxo uma cadeira para me juntar a ela, suas mãos mexendo no colo, seus olhos nunca deixando seu filho. Mas minha bunda não chega ao assento, porque um leve som gorgolejante estilhaça o silêncio, fazendo-me voltar para a posição vertical, Judy se juntando a mim um segundo depois. Theo geme dolorosamente e tenta se mover, puxando os fios presos a ele.

— Theo. — Eu pego sua mão em meu aperto, minha palma vai para sua testa pegajosa e escovar seus longos cabelos. — Theo, você pode me ouvir? — Eu volto para Judy. — Chame o médico. — Eu poderia pressionar o botão de chamada, mas ela precisa de algo para fazer, e Theo não está em perigo médico imediato. Ele está apenas agitado. Ela se foi como um foguete e eu volto para a forma contorcida de Theo. — Você precisa ficar parado. Você quebrou as costelas.

Os gemidos vêm seus olhos agora se forçam fecham em vez de descansar fechados.

— Demais. — Ele murmura aquelas duas palavras simples me deixando tão feliz.

— Você está viciado em morfina. — Explico. — Você precisa de mais alguma coisa?

— Izzy. — Sua cabeça se agita algumas vezes, seus movimentos se tornando perigosamente erráticos. — Izzy.

— Theo, eu estou aqui.

Seus olhos se abrem, largos e selvagens, o azul tão sem graça e sem vida.

— Onde? Onde ela está?

— Theo, olhe para mim.

São horríveis longos segundos diante dele, mas quando nossos olhos se encontram, ele me vê e me conhece.

— Izzy. — Ele suspira, relaxando na cama. Há uma leve flexão da mão dele na minha. — Você vai me consertar. — Ele afirma isso como um fato, e eu sorrio e aproximo meu rosto, deixando-o se acomodar na curva de seu pescoço.

Eu tento não pensar em quanto mais há para consertar agora.

— Vou consertar você. — Beijo seu pescoço e aprecio o conforto que sinto ao sentir seu corpo se aquecendo.

Ele usa muito esforço para levantar o braço para que ele possa sentir meu cabelo, sibilando algumas vezes no caminho. Seus dedos

tecem os fios suavemente, seus movimentos um pouco bruscos, embora a sensação ainda seja tão reconfortante.

— Você salvou minha vida. — Ele sussurra.

Eu sorrio entendendo, fecho meus olhos e desfruto de nossa proximidade enquanto agradeço a cada deus da história por poupá-lo. Ele não está falando sobre salvar sua vida hoje. Ele está falando desde o momento em que nos tocamos.

CAPÍTULO

Vinte e Oito

Ele é tão lento. Quase como um homem velho enquanto ele começa a se debater em pequenas explosões antes de se exaurir e ter que descansar. Eu estou no sofá em sua sala, fingindo ler, mas estou espiando discretamente por cima do meu livro, mantendo um olho nele enquanto ele volta do banheiro. Ele para no aparador e descansa a mão no topo, dando um tempo. Faz apenas quatro semanas. O médico disse que é hora de começar a se levantar e se movimentar, mas só um pouco para começar. Isso foi há uma semana e posso ver um pequeno progresso a cada dia.

Esses pequenos passos nunca são suficientes para Theo. Ele estava de cama por três semanas e teve duas operações, uma para reparar uma artéria cortada que estava causando o sangramento interno e outra para colocar o ombro no lugar. Ele está esperando muito de si mesmo.

Eu não insisti nos detalhes sórdidos de sua acrobacia estúpida. Ele me disse que ele estava no seu juízo final, precisava de alguém para tirar a culpa dele. Eu ainda não consigo me curvar com tal auto ódio. Callum, no entanto, queria detalhes.

Eu não consegui ouvir, então saí do quarto com Jess, decidindo que preferia ouvir o que estava acontecendo entre ela e Callum. Aparentemente, nada, e ela parece aceitar isso. Eles se entendem,

assim me disseram. Pessoalmente, acho que são ambos idiotas delirantes, mas, egoisticamente, não tenho intenção de ajudá-los a alcançar a realização. Theo é minha prioridade. Apenas Theo. Meu velho homem. Ele passou pelo espremedor de roupas, e o preço que foi dado a ele é muito caro. Seus músculos encolheram, ele é um pouco pálido e mal consegue se mexer sem ficar sem fôlego. Mas ele ainda olha para mim com aquela familiar adoração em seus olhos. Ele ainda lê minha mente e meus movimentos. E essa covinha que eu amo tanto está aparecendo mais e mais a cada dia. Ele ainda é minha paz e estou mais feliz agora do que nunca. Nossos segredos não estão mais nos impedindo ou ditando o caminho do nosso amor.

Eu rapidamente volto meus olhos para o meu livro quando a cabeça dele lentamente se ergue em minha direção.

— Eu sei que você está me observando. — Ele murmura, voltando para mim novamente. — Aposto que você está se perguntando no que você se inscreveu. — Ele abaixa para o sofá aos meus pés e solta um suspiro longo e exausto.

Eu fecho meu livro e o jogo no chão.

— Vai levar tempo, Theo. — Lembro— lhe pela milionésima vez. — Você estava tecnicamente morto. — Eu cutuco sua coxa nua com o meu dedo do pé, sorrindo quando ele olha para os meus dedos pintados de rosa pensativo.

Reclamando meu pé, ele o levanta para a coxa, fazendo um trabalho terrível de esconder o esforço que está tomando, e começa a massagear.

—Me diga de novo.

— O quê?

— A história de como você salvou minha vida. — Ele sorri através do sofá, seus olhos brilham com vida. — É a minha história favorita.

— Eu não salvei sua vida. O homem que deu CPR salvou sua vida.

— Porque você o ameaçou. — Ele sorri um pouco, orgulhoso e convencido. — Eu gostaria de ter visto sua voz atrevida sendo jogada ao redor daquele quarto.

Eu reviro meus olhos, mas posso sorrir agora.

— Eu sabia que você ainda estava comigo.

— Eu podia ouvir você. — Ele deixa a cabeça descansar nas costas do sofá, olhando para mim enquanto massageia meu pé. — Foi estranho.

— Eu aposto que seu nível de estranheza não correspondia ao meu nível de medo.

Seus lábios pressionam um pouco juntos, pensativos, seus olhos caindo para as mãos que trabalham no meu pé.

— Eu sinto muito.

— Por me assustar?

— Claro que por isso, mas mais por deixar você.

Ele olha para o meu rosto. Theo não chegou a ver o escurecimento do meu olho ou como ficou tão inchado que fechou

completamente. Estou feliz. Isso só teria levado sua culpa a outro nível, se isso fosse possível. O que eu não acho que seja.

Enquanto o silêncio se prolonga, me preparo para perguntar o que tenho medo de perguntar desde que o encontrei novamente. Eu não quero saber como ou por que ele acabou no clube de luta nas docas. *Isso* não acho que eu poderia ouvir. Ver o resultado é algo que nunca vou apagar da minha memória. Mas e quanto ao tempo anterior a isso? Eu não perguntei. Eu esperei semanas para Theo encontrar a força que ele precisa para compartilhar o que aconteceu depois daquele dia horrível, mas ele não fez, e apesar de prometer a mim mesma que eu não o pressionaria a falar sobre isso uma vez que eu o conheço, eu cheguei a um ponto em que sinto que ele deve. Como terapia, eu acho. Ele não pode seguir em frente até que ele esteja aliviado do fardo, e nem eu. É a última peça do quebra-cabeça que eu preciso.

Onde você foi? — Eu sussurro, quase alto o suficiente para ser ouvido. O volume propositadamente baixo da minha voz talvez seja uma indicação de que eu realmente não quero saber.

Mas Theo ouve, suspirando e segurando meu tornozelo, dando um pequeno puxão.

— Venha aqui. Eu quero te abraçar.

— Você precisa me segurar? — Eu pergunto, virando meu corpo e arrastando o sofá, colocando minha cabeça em seu colo.

— Eu sempre preciso segurar você.

Eu sei que a resposta dele é verdadeira, mas não me dá segurança neste momento específico no tempo. Arrumando minhas

pernas, ele acaricia minha coxa em direção a barriga e circula a palma da mão lá por alguns instantes, e então de forma tão lenta e delicada sobre meu peito. Minha respiração engata. E ele sorri para sua mão conscientemente.

— Isso é bom. — Ele murmura, olhando para o meu rosto carrancudo. Ele agita meu mamilo suavemente. — Você ainda está excitada por mim, mesmo quando eu pareço assim.

Eu me contorço com uma risadinha de menina quando ele flexiona seus quadris para cima, empurrando um pênis surpreendentemente duro em minha testa, que repousa em seu colo. Eu poderia apenas virar minha cabeça, puxar seu short, e...

— Pare com isso. — Minha mão voa e acalma a sua no meu peito. — Você está muito fraco. — Isso é algo que eu nunca pensei que diria.

Ele faz uma exibição exagerada de sua exasperação, sua cabeça caindo para trás com um gemido.

— Você está me bombeando com analgésicos quando tudo que preciso é te foder bem e de verdade. Isso vai me arrumar.

Eu rio um pouco.

— Você mal consegue se mexer.

— Então você terá que fazer todo o trabalho. — Ele me diz com naturalidade, deixando cair os olhos, mas não a cabeça. — Por uma vez.

Eu lancei— lhe um olhar indignado.

— É difícil fazer qualquer coisa quando você está contido.

— Então essa é a sua desculpa? — Ele arqueou uma sobrancelha brincalhona e eu estreitei os olhos sem graça nele. Eu sei o que ele está fazendo. Ele está me provocando, tentando me forçar a provar que ele está errado.

— Talvez na próxima semana.

Outro Puff de descontentamento.

— Minhas bolas vão explodir. Elas precisam de libertação.

Arrastando-me para o lado, fico confortável, colocando as mãos em oração sob o lado da minha cabeça em seu colo.

— Você ia me dizer onde você estava. — Eu levo-nos de volta aos trilhos, e a luxúria que estava construindo em seus olhos cobalto desaparece, como se nunca tivesse existido. — Diga-me. — eu empurro baixinho.

Ele sorri um pouco, embora seja um sorriso nervoso.

— Você vai pensar que sou louco.

— Eu já acho que você é louco.

Eu alcanço e acaricio seu rosto barbudo. Agora estou super curiosa.

— Há uma aldeia a poucos quilômetros daqui. Nós morávamos lá antes que papai comprasse esse lugar e o renovasse. Era silencioso. Uma vida simples.

— Sua casa de infância? Mas Judy olhou por lá. Ela me disse isso. Foi um dos últimos lugares que ela procurou, já que tinha certeza de que Theo nunca iria querer ser lembrado de sua infância antes de tudo mudasse.

— Eu sei. — Theo encolhe os ombros timidamente.

Eu recuo.

— Você se escondeu dela?

— Eu estava uma bagunça. Eu não queria que ela me visse assim.

Eu mordo minha língua, sabendo que será inútil discutir sobre isso. O que está feito está feito. Ele olha ao redor da sala, caindo em pensamentos.

— Gostava de lá. Fui à escola, joguei no campo e fui para a escola dominical como um bom menino católico. — Ele sorri. — O padre Byron me fez recitar a oração do Senhor sempre que ele me via, na loja, na rua, brincando com meus amigos. Não me deixaria seguir em frente até que eu a desenrolasse perfeitamente. Sem erros. Ele disse que Deus estava orgulhoso de seus filhos, especialmente daqueles que conheciam sua oração. — Olhando para mim, ele inclina a cabeça um pouco, penteando meu cabelo com os dedos. Seus lábios torcem, sentindo-se tristes. Ele está falando com carinho. Porque esta é a parte legal do seu conto. Há mais por vir, algumas das quais eu sei e não gosto, e algumas das quais eu não sei. E eu sei que não vou gostar dessas partes também.

— As coisas mudaram quando nos mudamos. — Ele continua, perdido em um devaneio, agora falando livre e facilmente. — Papai

precisava estar mais perto dos negócios e tirou o clube da luta de uma antiga fábrica abandonada e colocou aqui. Ele estava arrumando. Prosperando com dinheiro e poder. — Ele ri levemente, quando eu acredito que ele deveria estar rindo friamente. — Ele *realmente* prosperou no poder. Minha infância despreocupada foi perdida no segundo em que ele nos tirou da aldeia. Ele nunca prestou muita atenção em mim, mas de repente eu tive muita atenção. E não foi boa atenção. Ele costumava bater em minha cabeça quando ele passava e me dizia que eu deveria estar preparado para o inesperado. Disse que eu era um covarde. Uma pobre desculpa para um homem. Assim que tive idade suficiente, ele me jogou na gaiola. Eu tinha dezesseis anos. Apenas um garoto magro.

— Não... — Eu inalo meu choque, enojado.

— Eu tomei alguns golpes demais. Eu não tinha escolha a não ser endurecer ou ser usado como saco de pancadas todo final de semana. Ele continuou me batendo e eu continuei me encolhendo.

Eu enterro meu rosto em seu colo, querendo me esconder dos horrores. Covarde? Uma pobre desculpa para um homem? Agora as palavras de seu pai são risíveis. Theo é o exemplo mais importante de masculinidade. Um espécime perfeito. Um guerreiro. Porque foi a sobrevivência. Me deixa doente pensar que seu pai bastardo ficaria orgulhoso dele.

— Sua mãe?

Ele olha para mim e eu entendo. Ele também bateu em Judy. Theo acena com a cabeça, vendo onde está minha mente.

— Ele tinha punhos à mão. Eu me treinei para estar sempre preparado para os seus golpes traiçoeiros ou golpes inesperados. Eu estava constantemente em guarda. Então um dia ganhei minha primeira luta. Papai perdeu um monte de dinheiro e enlouqueceu. Ninguém pensou que eu ganharia. Ele marcou outra briga imediatamente com um lutador notório. Eu ganhei essa também. Comecei a ganhar muito mais dinheiro com o papai. Eu era seu ganso de ovos de ouro. Não é ridículo que eu estivesse feliz porque pela primeira vez ele parecia orgulhoso de mim? — Ele balança a cabeça, desanimado. — Então um dia eu me recusei a lutar. Eu estava cansado. Exausto. Ele ficou bravo e ordenou que seus homens me arrastassem para a jaula. Eu os agredi e saí, e papai me seguiu. Não percebi, e quando entrei em seu escritório para voltar para casa, ele me deu um soco nas costas. — Theo estremece e eu aperto sua mão em apoio. — Foi muito difícil. Eu não estava esperando por isso. EU...

Meu instinto me diz para pará-lo, então eu faço. Eu levanto minha mão e coloco sobre sua boca, impedindo-o de terminar. Entendi. Eu não preciso ouvir o resto.

— O suficiente.

Theo tem outras ideias.

— Eu ataquei. — Ele murmura contra a minha mão antes de retirá-la. — Cada vez que ele me deu socos e em mamãe, eu retornei dez vezes mais naquele momento de loucura, alguns minutos até ele ficar inconsciente. Mas eu continuei. Eu não pude parar. Não queria. Eu não voltaria àqueles dias novamente. Nunca. Então me assegurei de terminar o trabalho. — Ele deixa cair o olhar, envergonhado. — Mamãe nos encontrou. — A mandíbula de Theo rola. — A partir

daquele dia, toda vez que alguém me tocou, eu pulei. Eu reagi. Eu tive flashbacks e vi meu pai me algemando, tentando me preparar para ser um lutador. As pessoas estavam cautelosas comigo. Tornou-se instintivo reagir, como um mecanismo de defesa que não consegui conter. — Seu rosto torce em agonia, seus olhos se fechando. — Mas sinceramente, gostei. Se as pessoas me temessem, elas não chegavam perto. Elas não ousavam me tocar. — Piscinas azuis cheias de admiração me olham. — Mas *você* fez. *Você se* atreveu.

Eu posso sentir sua dor. É potente, me penetrando nos meus ossos.

— Eu sabia que você não era um cara mau. — Ele foi forçado a ser assim. Ele não pode evitar. Mas sob o corpo de ferro e rosto duro está um coração suave e amoroso. Eu tenho esse coração. É meu. — Não houve perguntas sobre o seu pai? Da polícia?

Theo balança a cabeça.

— Andy cobriu para mim. Ou provavelmente mais para minha mãe. Eu sabia que ela estava envolvida com ele há algum tempo. Quando fiquei mais velho, os socos do papai pareciam ficar mais difíceis de esconder. Andy o odiava. Uma ligação para ele da minha mãe e ele tratou de tudo. Papai tinha muitos inimigos. Não foi difícil.

Minha mente vai para outro crime que Andy cuidou. Trystan. Faz meses que ele *desapareceu*, e nenhuma pessoa se apresentou para informar que ele estava desaparecido. Fiz com que Andy verificasse os registros em Manchester também. Nada. E ele me assegurou, não pela primeira vez, que o corpo de Trystan nunca será

encontrado. Mais uma vez, ele está acobertando Theo. E eu nunca serei capaz de agradecer o suficiente.

Levantando meu dedo, eu rastreio as contas do rosário em cascata pelo ombro dele.

— Você tem isso como um lembrete.

Theo cantarola, relaxando sob o meu toque.

— Eu acreditava em Deus quando menino. Uma vez que parei de ir à escola dominical, coisas ruins aconteceram. Minha vida não era mais boa. Eu ainda disse o Pai Nosso, todos os dias, mas não acho que tenha sido suficiente para ele.

— Você voltou para a aldeia em que cresceu. — Digo, trazendo a conversa de volta para seu sumiço. — É onde você estava.

Ele balança a cabeça suavemente.

— Eu fui à igreja todas as manhãs. E confessei meus pecados todas as noites. E ainda a culpa estava lá. Era tarde demais para mim. Eu o abandonei por muito tempo. — Ele pisca e ri um pouco em voz baixa. — Então fui ao clube. Eu queria sentir uma dor tão intensa que não pudesse sentir mais nada. Não funcionou.

Eu corto por dentro por causa ele. Seu desespero, sua dor, sua culpa incapacitante. Nada no mundo poderia me fazer sentir mais triste. Empurrando-me para cima, eu escalo o colo dele e dou— lhe as mãos para os ombros. Eu me agarro a eles firmemente, propositadamente, enquanto ele me observa com cuidado. E eu olho para ele, determinada.

— Eu te amo. — Eu digo, rapidamente colocando meu dedo sobre os lábios dele quando eles se separam. — Se Deus pensou que era tarde demais para você, eu não estaria aqui. Ele não teria me enviado para você. — Eu pego sua mão e coloco na minha barriga, decidindo que agora é a hora. Eu me prendi por semanas, principalmente para envolver minha mente em torno disso, mas também porque eu estava preocupada com a gravidade de tudo isso. Bebês são imprevisíveis. Eles têm membros frágeis e eles crescem em crianças que gostam de subir em cima de você.

Theo olha para a minha barriga com uma careta e eu continuo, puxando o ar para me ajudar.

—Se Deus pensou que era tarde demais para você, ele não lhe daria uma nova vida para cuidar.

Suas sobrancelhas apertam no meio.

— O quê?

— Estou grávida. — Digo alto e claro, enquanto empurro sua mão em minha barriga. Os olhos de Theo se tornam progressivamente mais largos, sua boca se abre, e eu prendo a respiração, sentando-me para trás e esperando que ela penetre. Enquanto ele olha para o meu estômago, eu vejo fascinado, enquanto sua expressão muda cem vezes, através de inúmeras emoções. Há maravilha, há choque, definitivamente há felicidade e um milhão de outros, mas o mais aguçado de todos, o que eu mais considerei e me preparei, é o medo.

— Izzy, você precisa sair de cima de mim. — Theo empurra as costas para o sofá, distanciando-se de mim. — Por favor, você precisa se levantar.

Faço o que ele me diz rapidamente e pulo de seu colo, e Theo segue devagar depois com alguns assobios desconfortáveis, começando a andar pelo carpete, meio mancando ao redor da sala.

— Mas eu não toquei em você em meses. — Suas mãos se aproximam de seus cabelos e dão um pequeno puxão. —Meses, Izzy.

— Nove semanas, se você quiser detalhes. — Eu me empoleirei na beira do sofá, minhas mãos nervosas encravadas entre meus joelhos. Eu sabia que ele ficaria chocado, mas ele está sugerindo algo aqui? — Theo, espero que você não esteja pensando o que acho que está pensando.

— Eu não sei o que diabos eu estou pensando. — Ele gira agressivamente e paga pelo movimento agudo, sibilando e apertando as costelas. — Droga. — Ele começa a respirar profundamente, endireitando-se de volta. — Izzy, pensei que você estivesse tomando pílula.

— Eu estou. Estava. — Eu me corrijo.

— Então como?

— Eu não sei. Talvez você tenha esperma ácido. Pelo amor de todas as coisas santas. Aconteceu. Não adianta repassar o *como* e *porquê* de tudo. Não vai mudar nada. — Eu corto, tentando não deixar minha frustração crescente tirar o melhor de mim. — Venha e sente-se. — Ordeno, dando tapinhas no assento ao meu lado.

— Não, obrigado. — Ele começa com a metade do passo, meio manco novamente, subindo e descendo a sala, parando de vez em quando, abrindo a boca para falar, depois a fechando novamente e começando a meio passo, meio manco. Ele está me deixando tonta.

— Eu sei do que você está com medo. — Eu digo, finalmente parando seu irritante circuito da sala. Ele olha para mim em questão, embora não pergunte. — Mas você não precisa ficar. — Asseguro— lhe. — Vai ficar tudo bem.

— Izzy, estou longe de ser curado. Esse reflexo está enraizado em mim. — Sua desesperança é abundante e sua dúvida é forte. — Olha o que eu fiz para você. — Ele suspira, trazendo as palmas das mãos para as têmporas e arrastando-as pela barba. — Eu vou ser um pai terrível. O pior.

O ressentimento inflama meu intestino e borbulha na superfície, explodindo.

— Não diga isso. — Eu pulo e aponto para ele, tão fodidamente louca.

— Não é verdade? — ele pergunta. — Você nunca vai confiar em mim com seu bebê. Você estará à beira do seu assento a cada momento do dia e eu serei pior.

— *Nosso* bebê. — Eu o corrijo. — É *nosso* bebê, não meu. — E eu tenho um plano claro. Pensei muito sobre isso, sobre terapia, psiquiatras e conselheiros, todos alinhados para ajudar Theo com sua aceitação surpreendentemente fácil. Mas eu tive outra ideia semana passada quando estava assistindo o Miami Open. Estou disposta a tentar qualquer coisa. Eu levanto meu dedo em indicação

para ele esperar, correndo para o quarto e coletando meu plano. Volto em segundos, inclinando o conteúdo da bolsa aos meus pés, um sorriso esperançoso no rosto.

Theo olha para o chão e depois para mim, confuso.

— Vamos jogar tênis?

Eu não posso rolar meus olhos. Eu acho que as bolas sugeririam isso.

— Não, eu vou jogá-los em você.

Ele olha para mim como se eu tivesse perdido totalmente a cabeça, e questionei algumas vezes se o fiz. Eu mergulho e recolho uma bola antes de puxar meu braço para trás e arremessá-lo pela sala sem aviso, apontando para seu peito. Sua mão vem e pega com facilidade.

— Então você quer brincar de pegar?

— Você não deveria pegá-lo. — Eu pego outra bola e a lanço com o máximo de força possível. E ele pega isso. — Theo!

Ele ri.

— Izzy, se eu não pegar, vai me acertar.

— Exatamente. — Eu bato minhas mãos, deliciada.

— Por que diabos eu deixaria isso acontecer?

— Porque depois do tempo, você vai se acostumar com isso. Toques inesperados quero dizer. Vou jogar bolas em você o tempo todo e você aprenderá a ignorá-las. Eu tenho lido sobre terapia de

exposição, e acho que isso pode realmente ajudar você. — Eu coleciono outra bola e a jogo em seu peito, e apesar de suas duas mãos segurando uma bola, ele ainda pega a maldita coisa.

Eu rosno e sua boca forma um pouco —O. —

— Opa! — Ele deixa cair as três bolas a seus pés. — Pode demorar um pouco para pegar o jeito disso.

— No mínimo, podemos conversar com seu conselheiro sobre isso na sua próxima consulta?

— O que, sobre você jogando bolas de tênis em mim para a próxima... — Ele chega a parar, pensando. — Sete meses? Espera que eu me acostume e não mate nosso filho se ele ou ela me tocar?

Eu recuo, magoada.

— Você não precisa ser tão brutal.

— Você realmente estudou muito sobre isso, não foi?

Eu olho para longe, um pouco envergonhada.

— Izzy?

— Hmmm? — Eu não olho para cima.

— Eu te amo.

Eu sorrio para o chão, levantando lentamente a cabeça para encontrar que ele está combinando com o meu brilho.

— Eu também te amo.

— Isso é bom, porque eu seria fodido imediatamente se eu estivesse fazendo essa merda louca por qualquer coisa menos que seu amor.

— Então você vai tentar?

— Qualquer coisa.

Eu solto um grito de alegria e corro para ele, dando— lhe bastante tempo para se preparar para o meu ataque.

— Obrigada. — Eu bato nele e imediatamente me desculpo por isso. Eu joguei bolas nele e tudo, e ele nem está totalmente recuperado ainda.

Ele me acalma e tolera seu desconforto.

— Quantas bolas de tênis você comprou?

— Um pouco... cem.

Ele ri e me levanta dos pés, ignorando meus protestos.

— Theo, me abaixe.

— Fique quieta.

Seu progresso para a cama é lento, e meu rosto continua apertado com preocupação por todo o caminho, mas ele está determinado, e seu sorriso através da dor óbvia que ele sente é uma alegria para ver.

— Lá. — diz ele, colocando-me no final e acenando para o topo da cama. Eu começo a escalar cegamente, seguindo seu pedido,

meus olhos afiados concentrados em suas mãos, que lentamente empurram seu short para baixo de suas coxas.

— Você não está em condições. — Murmuro, minha voz cheia de luxúria, minhas mãos alcançando a bainha da minha camiseta sem pensar e levantando-a sobre a minha cabeça. Então eu removo meu sutiã. Minha declaração é inútil, disse através de um senso tolo de responsabilidade, em vez de objeção. Meu sangue está se aquecendo rapidamente, correndo pelas minhas veias. Meu corpo está chamando por ele. Meus mamilos estão formigando docemente. Meus olhos estão pesados, meus lábios entreabertos. Eu empurro meu jeans pelas minhas pernas e me contorço para tirá-las.

Se ele retirar sua oferta, eu posso perder a cabeça. Já faz meses. *Meses* desde que eu o senti. Meses desde que ele me fodeu ao limite. Meses desde que nos conectamos, e agora ele está olhando para mim como se estivesse memorizado cada parte minha, seus olhos azuis preguiçosos e um deslizar de sua língua brilhando em seus lábios molhados. E esse corpo. Aquele corpo grande e forte. Ele não está em plena força, à massa visivelmente faltando, mas ele ainda é uma montanha. Ele ainda é maravilhosamente perfeito, e ele ainda parece uma força a ser reconhecida. Nada disso deve importar. No fundo, eu sei que não deveria estar encorajando isso, mas eu preciso tanto dele dentro de mim, mergulhando as chamas dentro.

Theo estalou os dedos, tirando minha admiração.

— Parece...

Ele sussurra, descansando o joelho no final da cama, seguido por sua mão, e então seu outro joelho e sua outra mão. Ele rasteja lentamente para cima, tomando meu tornozelo e me puxando para

ele. Meu grito de felicidade abafa seu silvo de dor. Ele me enjaulou embaixo dele, seu torso descansando no antebraço de seu braço bom. Ele sorri para mim. Eu sorrio de volta, puxando o ar e segurando-o enquanto ele aproxima seu rosto do meu.

— Parece que *você* é quem não está em condição.

Ele olha para o pequeno espaço entre nossas frentes, seu sorriso crescendo.

— Então eu vou ter que ser gentil com você.

Soltando um beijo no meu queixo, ele desce pelo meu corpo e acaricia minha barriga com a língua, lambendo meu umbigo com certeza, rotações cuidadosas. Eu sorrio por dentro, ciente de que ele está usando minha condição como uma desculpa para sua própria necessidade de ter cuidado consigo mesmo. Eu não posso tirar isso dele. Meu corpo fica relaxado, minha mente limpa, e eu ronrono de contentamento, levando minhas mãos até a cabeceira da cama e me segurando nas barras.

— Isso é bom. — Eu suspiro, sentindo o dedo dele se agarrar ao lado da minha calcinha e puxá-las para baixo, seus lábios seguindo seu caminho e beijando o caminho das minhas pernas.

— Tão bom. — Ele concorda, subindo, provocando ao redor da minha parte interna das coxas. — Cheira bem também. — Sua língua encontra minha abertura escorregadia e bate direto no meio. Meu aperto nas barras aumenta meu corpo arqueando gradualmente enquanto eu gemo. — Deus, eu esqueci o quão doce você é. — Beijos suaves são derramados sobre cada minúsculo pedaço de mim, e eu

começo a me contorcer na cama, me contorcendo e gemendo e puxando as barras acima de mim.

— Theo. — Eu ofego, meu clitóris chutando consistentemente. — Theo, por favor. — Sentando-se, ele chega à mesa de cabeceira e abre a gaveta, tirando as algemas, e eu observo de perto enquanto ele gesticula para as minhas mãos.

Ele leva séculos, seu corpo dolorido se move lentamente enquanto ele me restringe, e quando ele termina, ele se espalha em cima de mim, cutucando minhas pernas com o joelho.

— Onde você deveria estar. — Ele sussurra, levantando seus quadris e caindo para a minha abertura, lentamente empurrando seu caminho para dentro de mim.

— Oh... meu... Deus.

Eu me rendo ao sentimento e me derreto no colchão, a sensação gradual dele me enchendo, me levando a um estado de apreciação. Ele me dá tempo, deixa-me gradualmente me acostumar a sua circunferência novamente, circulando e facilitando o seu caminho para me encher completamente. Nossos olhos estão colados juntos, sua boca quase tocando a minha. O amor e a necessidade que passam entre nós são potentes. Tão poderoso. Tão necessário.

— Tudo bem? — ele sussurra.

— Perfeito. — Eu respondo, absorvendo seu primeiro mergulho em uma inspiração. — Você?

— Melhor que perfeito. — Sua testa encontra a minha, escorregadia na minha pele. — Você é uma cura milagrosa, querida.

Ele começa um movimento terno em mim, seu movimento lento e seu impulso firme. O prazer está lambendo minha espinha, meu corpo rolando em ondas para combinar com os movimentos de Theo sem falhas. O atrito é divino. A pressão é deliciosa. Tê-lo me levando com tanta adoração e amor é necessário. Minha *condição* não tem nada a ver com o seu ritmo e manipulação de mim. E não posso deixar de pensar que a condição de Theo também não é, embora seja uma desvantagem óbvia. Esta é uma união, não apenas de nossos corpos mais frágeis, mas de nossas almas também. É lento, é cuidadoso e é delicado. Ele está se recusando a quebrar o contato visual, enquanto ele trabalha em uma febre calma. Ele está crescendo dentro de mim e a pressão está crescendo no meu núcleo. Ele acena para mim, empurrando seus lábios nos meus e me beijando dolorosamente devagar, levando-nos ao auge do prazer. Meu mundo fica nebuloso quando meu clímax se agita através de mim, e Theo começa a gemer, aumentando a pressão de sua boca sobre a minha quando ele se junta a mim. Nossos corpos molhados se esfregam e escorregam, endurecendo em uníssono enquanto nos esforçamos juntos para manter nosso beijo.

E o fluxo de prazer desaparece apenas quando o corpo de Theo se suaviza, sua língua rolante abre caminho e diminui a velocidade até parar.

— Uau. — Ele sussurra contra meus lábios, escovando de um lado para o outro.

Eu suspiro minha resposta, sentindo-me totalmente repleta.

— Você está sofrendo?

— Nunca me senti mais vivo. — seus olhos se fecham e seu rosto desaparece no meu pescoço. — Obrigado.

— Pelo quê?

— Por não desistir da esperança. Por nunca me abandonar, mesmo quando eu não estava aqui. — Ele beija o meu caminho até o meu nariz, puxando para trás uma fração para ter certeza de que ele tem meus olhos. Eu gostaria de poder impedi-los de crescer, mas é uma batalha que eu nunca venceria se tentasse então não me incomodo em tentar. Ele sorri, pegando a ponta do dedo e limpando gentilmente o meu olho. — Você é mais forte que eu, Izzy.

Eu franzo a testa, não entendo como ele chegou a essa conclusão. Ele é uma fera.

— Mas...

Os lábios pressionam para minar rapidamente, me acalmando.

— Deixe-me terminar. — Ele murmura, mordendo meu lábio inferior com um leve aviso. — Eu não estou falando de força física; eu te esmagaria.

— Por favor, não. — Eu imploro brincando, encorajando um feixe de proporções épicas a sair, sua covinha furiosa. Seus olhos azuis escuros brilham lindamente.

— Sou homem o suficiente para admitir que não seja nada sem você. Sou homem o bastante para admitir que esteja com tanto medo que magoarei você de novo. — Ele levanta os olhos para as minhas restrições, a miséria substituindo a felicidade de um momento atrás. — Eu superarei isso. — Ele promete. — *Haverá* um

dia em que você pode ter controle completo sobre mim. — Seus olhos descem para os meus, implorando-me desnecessariamente. — Para você e nosso bebê, eu posso fazer isso.

— Eu acredito em você. — Desejo agora mais do que nunca que eu possa jogar meus braços ao redor de seus ombros. — Liberte-me. — ordeno, puxando as algemas. Ele obedece ao meu comando, trabalhando rapidamente, e alguns momentos depois, estou enrolada em torno dele com força, apertando meu amor e fé nele. Eu sei que ele pode fazer isso. Nós vamos descobrir juntos.

— Eu tenho um presente para você. — Ele me diz, me forçando para longe dele. Deixando-me imensamente curiosa, ele se levanta da cama e caminha lentamente nu pela sala até a cômoda. Ele puxa um arquivo e vira de volta, segurando-o. — Embora você tenha estragado um pouco a minha surpresa com a sua bomba. — Ele acena com a minha barriga.

Eu o observo com cuidado, enquanto ele me apresenta o arquivo, e tomo isso timidamente.

— O que é isso?

Ele se senta na beira da cama.

— Você está cuidando de mim. — Ele diz, e eu franzo o cenho um pouco mais porque não tenho ideia de qual relevância isso tem para esse arquivo. — Você deixou o seu emprego e gostaria de poder dizer que não queria que você fizesse isso, mas não posso. Eu queria você aqui comigo e queria que você cuidasse de mim. — Ele encolhe os ombros. — É egoísta, mas eu não mudaria isso.

— Nem eu. — Respondo, ainda não entendi o que é isso. — Eu queria cuidar de você. — O fato de que ele não pode suportar alguém que o toque, e eu sei como lidar com sua condição delicada, é irrelevante. Eu teria feito isso independentemente.

Seus lábios esquentam.

— Vê? Minha própria Florence Nightingale.

Eu rio alto.

— Eu sou uma enfermeira. Apenas uma enfermeira.

— Fique quieta e abra o arquivo.

Eu olho para ele com desconfiança, fazendo beicinho enquanto sigo seu pedido.

— O que é isso? — Eu pergunto, puxando a primeira folha. Eu olho para o papel. — Um formulário de candidatura? — Eu pergunto, confusão desenfreada no meu tom. Está preenchido também, com todos os meus dados nos espaços. Então quase engasgo quando percebo o rumo da folha. Meus olhos voam aos dele. — Theo?

— É a sua candidatura para estudar medicina.

— O quê?

— Você foi aceita. As taxas estão pagas e todos os seus documentos estão lá. Você deixou o seu sonho de ser uma médica. E eu quero que você tenha de volta. É a única coisa que posso fazer por você. Você não precisa se preocupar com suporte financeiro. Eu vou te apoiar. Eu quero que você tenha o seu sonho.

—Meu sonho é você. —Meu lábio começa a tremer e eu solto o lençol, minhas mãos trêmulas não ajudam. Eu não posso acreditar que ele fez isso.

Ele pega minhas mãos e aperta.

— Você já me tem. Eu quero que você tenha isso também. Assim como eu. — Ele descansa a mão na minha barriga. — E isto. Assim que estiver feito, quero que você o siga. Eu quero que você seja uma médica. É apenas mais uma razão para eu estar admirado por você. Mais uma razão, além das centenas, que já tenho para amá-la e ter orgulho de você.

Eu coloco minha mão sobre a dele e a pressiono contra mim, emoção quebrando meu corpo.

— E sobre isso? — Tornar-me uma médica leva anos de estudo, estresse e trabalho duro. E ser mãe?

Seus olhos caem para as nossas mãos. E ele sorri. Ele sorri tão amplamente e tão brilhantemente que quase caio da cama.

— Nunca me imaginei como um pai que fica em casa.

Uma felicidade tão rica espirala através de mim.

— Você será um pai que fica em casa? — Eu pergunto, imaginando-o agora, meu grande homem assustador... com um bebê amarrado ao peito colossal em uma dessas coisas de transporte. A imagem mental me encanta mais do que posso descrever. Isso também me excita.

— Sim. — Ele responde simplesmente, acenando para si mesmo em concordância.

Meu sorriso deve estar quebrando recordes na categoria mais brilhante. Theo olha para mim com firmeza e determinação estampadas em todo o seu belo rosto. Ele lê meus pensamentos, abrindo os braços e eu mergulho neles. Escondendo sua dor com uma risada de pura alegria, ele me segura o mais forte que ele já teve. Ele está determinado a se consertar. Não que eu sonhasse em contar a ele, mas eu não poderia me importar menos se eu nunca fosse capaz de tocá-lo livremente. Se fosse só eu e ele, eu encontraria uma maneira de administrá-lo. Eu encontraria uma maneira de aceitar isso. Porque eu já o toquei de uma maneira diferente, e que é muito mais significativa do que qualquer toque físico. Nossa conexão é aterradora mesmo quando estou amarrada e incapaz de retribuir naquela pequena área de nosso relacionamento.

Porque eu toco sua alma.

A cada momento do dia, eu o toco lá. É profundo. *Tão* profundo. Eu tenho o amor dele, o que significa tudo e mais. Mas não será apenas nós. Vai ter uma terceira pessoa, então farei o que for preciso para ajudar Theo. No entanto, embora a minha determinação seja feroz, não é um arranhão no propósito que eu possa sentir me penetrando da força do seu abraço.

Ele fará isso, não tenho dúvidas. Nosso bebê já o tocou. Na parte mais profunda de Theo, a mão de nosso bebê em crescimento está descansando ao lado da minha na alma de seu pai.

EPÍLOGO

Theo

Eu sou um homem inteligente. Eu sou bem informado, e gosto de pensar que posso virar minha mão para a maioria das coisas. Não há muito na vida me fazendo coçar a cabeça e pensando em buscar conselhos, mas essa coisa aqui me deixa perplexo. Eu puxo as várias correias, minha mente doendo. As instruções não fazem sentido. As almofadas e clipes estão por toda parte.

— Isso vai manter meu bebê seguro? — Eu me pergunto, jogando a engenhoca de lado e desmoronando de volta na cadeira em completa exasperação. Minhas orelhas levantam quando ouço um ruído abafado que emana do monitor do bebê, e olho para a mesa onde ele está vendo algumas luzes piscando para mim.

Eu não fico esperando um sinal de acompanhamento de que minha garota está acordada. Estou levantando da cadeira como um raio e correndo para o berçário. O som dela gorgolejante traz um sorriso instantâneo para o meu rosto. Enquanto ando até o berço, meu sorriso se estica mais, meus olhos captam um vislumbre de seus cobertores subindo e descendo onde ela está se contorcendo. E no momento em que seu rosto está na minha visão, faíscas de felicidade me dominam. Seus impressionantes olhos verdes me encontram em um piscar de olhos, e ela continua por um segundo, me levando para dentro. Então ela sorri, um sorriso suave e adorável, seus pequenos membros começando a se debater animadamente. Deus, ela é a coisa mais linda que eu já vi.

— Ei, princesa. — Minhas mãos estão no berço e pegando-a rapidamente, minhas palmas cobrindo todo o seu umbigo e depois um pouco mais. Ela continua a chutar o meu aperto enquanto afundo meu rosto em seu pescoço e a respiro em mim. Ela cheira fodidamente divina. – Hummm. — Eu murmuro, apertando-a, saboreando a pura beleza de sua pele e cheiro de bebê. — Eu poderia comer você. — Eu digo, querendo dizer isso. Ela ri... a risada que ela tem inalando e prendendo a respiração. Eu amo essa risada.

Libertando-a do meu rosto barbudo, eu a seguro na minha frente.

— Como você dormiu? — Eu pergunto, rindo quando suas mãos agarradas atiram no meu rosto e começam a bater e puxar. — Bem?

Sua resposta é um grito de bebê ofegante.

— Vamos. — Eu a trago para o meu peito e a seguro lá com uma palma nas costas, pegando o cobertor com a outra. — Você pode ajudar o papai a descobrir essa coisa.

Eu saio do berçário e vou para a sala, me sentando no sofá e a sentando no meu joelho. Ela começa a pular e saltar, gritando para o grande quadrado de penugem rosa que eu estou segurando na frente dela. Eu dou a ela o cobertor e puxo a bagunça emaranhada de correias. Instruções fáceis de seguir, dizia.

Estou consciente de que Lola vai gritar por um pouco de leite logo, então eu a sento no canto do sofá e a envolvo com travesseiros, deixando-a confortável e segura, antes de cair de joelhos no chão e espalhar o material e correias para uma última tentativa.

Após cinco minutos de tentar desembaraçar, puxar e amarrar acho que posso estar no meio do caminho. — Está bem, Lola — digo, pegando-a do sofá e colocando-a no meio da engenhoca. Ela sorri para mim, pernas chutando para fora e tudo. — Você está rindo de mim, não está? — Eu guio cada uma de suas pernas através do que eu estou supondo que são buracos nas pernas, e eu franzo a testa quando encontro uma alça estranha pendurada para baixo, segurando-a enquanto tento descobrir o que esta faz.

Os risos de Lola de repente se transformam em gritos impacientes. Porra, ela está com fome. Eu olho para o meu relógio e percebo que já se passaram quinze minutos do horário de alimentação dela.

— Está bem, está bem. — A porta atrás de mim se abre e olho para trás para encontrar Callum entrando. – Ei. — Eu digo, voltando minha atenção para a minha princesa. Suas botas pesadas aproximam-se até que ele está em pé acima de nós, olhando para a bagunça do bebê e correias diante de mim. Os olhos de Lola se acendem e os gritos famintos se transformam em risadas de novo, a visão de tio Callum fazendo-a esquecer momentaneamente que está morrendo de fome.

— Noite, princesa. — Callum afunda e sopra sua bochecha, sorrindo brilhantemente para minha filha. — O que o papai está fazendo com você?

— Tentando montar essa coisa idiota.

Eu deixo cair a alça frustrado. A outra que temos, a que manteve Lola ao meu peito nos últimos dez meses e que ela está grande demais para ficar, não foi tão complicada.

— O que é isso? — Callum olha a engenhoca com sobrancelhas franzidas.

— Um portador de bebê.

— Isto é?

— Supostamente. — Resmungo, alimentando as pernas rechonchudas de Lola pelos buracos e pegando-a. — Nós não gostamos desse aqui, não é, princesa? — Eu beijo sua bochecha e fico em pé.

Callum pega a pilha de correias e se junta a mim, virando de um jeito, depois do outro.

— Eu acho que eu entendi. — Ele levanta e gesticula para eu lhe dar um braço, então eu troco Lola pelo meu peito. – Lá. — Ele diz uma vez que eu passei meu braço pelo buraco. – Outro. — Ele ordena, me levando a trocar Lola para o meu outro lado.

Sua pequena mão dispara na minha bochecha e agarra minha barba. — Ai!

— Você precisa tirar essa bagunça. — Grita Callum.

— Izzy não me deixa.

— Buceta. — Ele resmunga, e eu sorrio, meus olhos cerrados enquanto Lola continua a abusar do meu rosto. Dando a Callum meu outro braço, eu o sinto puxando as alças nas minhas costas, resmungando baixinho. — Você comprou um XXXL?

— Um tamanho serve para todos. — Eu me viro por cima do ombro.

— Exceto Theo Kane.

— Fo...— Eu acabei de chupar minha maldição pretendida. — Cale-se. É seguro?

Callum puxa as alças, me empurrando um pouco para trás.

—Seguro como casas. — Ele me rodeia e coloca os braços para eu passar por ele, Lola. — Venha ver o tio Callum. — Ele diz, perdendo tudo de masculino. Eu não deveria comentar. Desde que Izzy invadiu minha vida, minha masculinidade diminuiu um pouco a cada dia. Então Lola chegou e qualquer testosterona que permanecesse se desintegrou à simples vista dela.

— Você parece uma menina. — Eu digo por causa disso quando passo por ela, ignorando suas sobrancelhas altas. — Tenha cuidado com ela.

— Foda-se. — É uma tentativa fraca de ganhar um pouco de masculinidade de volta. Ele levanta Lola e sopra uma rajada de ar em sua barriga coberta, e ela ri. Eu franzo a testa, levando as palmas das mãos aos ouvidos e cobrindo-os, olhando para Callum. — Desculpa. — Ele encolhe os ombros e volta sua atenção para minha filha rindo, enquanto eu olho para baixo para a engenhoca que agora está amarrada ao meu peito. Pego um bloco de material, concluindo que é onde Lola deveria entrar. Ela está de repente pendurada diante de mim, Callum a segurando para fora.

— Aqui? — Eu aponto para o lugar mais óbvio e Callum acena, trazendo Lola para frente e apontando as pernas para os buracos. — Não, ela olha para fora. — Digo a ele. — Então ela pode ver por aí.

Callum a vira em seus braços com um revirar de olhos e começa de novo. Eu pego seus tornozelos minúsculos e ajudo a guiá-los até que ela esteja em posição. Então ela começa a gritar de novo, claramente perdendo a paciência com os dois imbecis coçando a cabeça sobre um simples transporte de bebê.

— Ok, princesa -acalmo-a, sacudindo-a um pouco, assegurando-me de que esteja segura enquanto Callum encontra duas tiras de velcro e as fixa no lugar. — Confortável? — Eu pergunto a ela, largando meus lábios na parte de trás de sua cabeça e inalando. — Droga, nunca vou ficar farto desse cheiro. — É como uma potente injeção de vida em mim cada vez que eu faço isso. Levantando a cabeça, eu vejo Callum sorrindo para mim. — O quê?

— Nada. — Ele pega a cabeça de Lola e acaricia sua fina cobertura de cabelo escuro e macio. — Ela está crescendo a cada dia.

Eu olho para baixo com orgulho, sentindo seu peso reconfortante no meu peito.

— E ela tem o apetite do pai.

— Só espero que ela não herde a constituição de seu pai.

Eu lanço— lhe um olhar sujo.

— Ela é Izzy por completo.

Eu estou sorrindo de novo quando Lola começa a chutar suas perninhas contra mim, cada golpe aumentando a sensação de contentamento residindo dentro de mim. Eu não tinha nada a temer quando se trata de tocar. Não com minha filha. Ela puxa e se agarra

em mim e isso não me incomoda nem um pouco. Parece certo, de alguma forma. Natural.

A partir do momento em que ela chegou, as coisas mudaram. Ela era como uma cura instantânea. Um milagre. Ela é meu pequeno milagre. Minha deficiência desapareceu como se nunca tivesse existido, e o peso que desapareceu dos meus ombros era quase insuportável demais para suportar. As pessoas podem me tocar e, pela primeira vez desde aquele dia terrível em que acertei meu pai, não reajo. Nem mesmo quando não estou esperando isso. Meu cérebro está sempre ligado, e Lola está sempre na vanguarda disso. Minha única desvantagem agora é meu amor incapacitante por ela.

Com um sorriso de admiração, eu solto mais um beijo na parte de trás de sua cabeça e ela grita, se debatendo novamente, lembrando-me que está com fome.

Uma mão pousa no meu braço, e eu olho para cima para encontrar Callum me olhando com um pequeno sorriso no rosto. Ele sabe o que estou pensando. Ele aprecia a maravilha que me faz fazer um balanço na maioria dos dias. Depois que eu retornei seu sorriso, ele solta o braço e limpa a garganta, localizando sua testosterona perdida.

— Vamos, sua buceta gigante. — Ele se vira e caminha até a porta, abrindo-a e desaparecendo por ela. Eu limpo minha garganta também, caminhando atrás dele... com Lola amarrada ao meu peito.

Enquanto desço as escadas até o hall de entrada, Jefferson aparece, segurando uma bandeja com a garrafa de Lola no centro.

— E como está a dona da casa esta noite? — Ele pergunta seus olhos brilhando por trás de suas armações redondas com a visão da minha filha. Na hora, Lola começa a lutar contra a minha frente, suas mãos se dobrando e flexionando enquanto Jefferson se aproxima com o leite. — Ooh, alguém está com fome. — Ele ri, parando na minha frente e me oferecendo a bandeja. Eu pego a garrafa e agito-a, sacudindo a tampa e esguichando um pouco no meu pulso enquanto Lola fica mais vocal. — Temperatura perfeita. — me informa Jefferson. Eu sei que será, mas o hábito me impede de acreditar em sua palavra.

— Obrigado, Jefferson. — Eu me viro e sigo Callum até o corredor que leva ao Playground. Eu aumentei o ritmo quando os gritos de fome de Lola se tornaram mais penetrantes, aterrissando no escritório rapidamente e correndo para tirá-la das alças do meu peito. — Ok, princesa. – Eu a acalmo, odeio o som de seus soluços angustiados. Encontrando minha cadeira, eu a embrulho em meus braços e levo a garrafa para sua boca. Ela se agarra e bebe vorazmente, ficando suave e imóvel em meus braços. Eu respiro e relaxo enquanto Callum se senta em frente a mim. — O que você tem para me dizer?

— Sua mãe tem chateado Penny novamente. — Ele revira os olhos, seguindo minha liderança.

— O que foi desta vez? — Penny se encarregou das meninas há mais de um ano e minha mãe não ficou muito satisfeita. É como administrar duas colegiais putas, pelo amor de Deus.

— Eu não sei. Se Penny diz preto, Judy diz branco.

— Eu vou ter uma palavra com ela. — Eu suspiro, rapidamente verificando Lola em meus braços. Suas pequenas mãos gordinhas estão segurando a garrafa sobre a minha, seus olhos fixos em mim. — E o cronograma de luta? — Eu pergunto, rasgando meus olhos para longe dela. É sempre um desafio.

— Tudo pronto, sendo o primeiro sexta-feira. — Callum bate um arquivo na mesa e abre a primeira página, revelando as estatísticas de apostas para o confronto antecipado entre um garoto local e um dos melhores lutadores do clube. – Merda. — Eu digo, e imediatamente me repreendi por isso, olhando para Lola. Ela está alheia, claro. — Eles são algumas figuras seriamente pesadas.

— Está dividido. De qualquer forma, estamos lucrando aqui. Penny elaborou o programa de dança e quer sua aprovação.

Lola começa a tossir e eu tiro a garrafa de sua boca, coloco na mesa e a sento no meu colo.

— Quantas dançarinas ela tem alinhadas? — Começo gentilmente a acariciar as costas de Lola, sentindo sua barriga inflada sob a outra palma da mão.

— Oito.

— Oito? — Eu questiono. — Geralmente são seis.

—Será uma noite proveitosa para as meninas. Penny queria que elas compartilhassem as possíveis gorjetas.

— Porque, elas já não ganham o suficiente? — Eu rio quando Lola solta um poderoso arroto e literalmente se esvazia no meu aperto.

— Maldito inferno. — Exclama Callum. Eu rosno para ele e ele imediatamente pede desculpas por sua linguagem ruim. — Desculpa. Mas, maldito, Theo. Como esse barulho saiu mesmo de uma coisa tão pequena?

— Ela é uma garota gananciosa. — Eu sorrio, tão orgulhoso. Mas eu tenho que admitir, para uma coisa tão pequena e adorável, ela produz alguns barulhos horríveis. E não me faça lembrar o que ela libera de seu corpo. Com esse pensamento, seu rostinho fica vermelho e ela se esforça. Eu sento de volta, cauteloso, enquanto ela olha para mim. Então os sons ondulantes de um fundo explodindo ecoam pelo meu escritório.

— Bom Deus. — Murmura Callum, o que me levou a olhar para ele. — Você vai me dizer que ela é sua mãe de novo?

Eu rio baixinho enquanto Lola fica flácida em minhas mãos.

— Essa é minha garota. — Eu olho para cima quando a porta do meu escritório se abre e minha irmã aparece, um pedaço de papel na mão dela. Ela parece toda negócios... até que ela percebe quem está sentada no meu colo.

— Bebê! — Ela joga o papel que está segurando na minha mesa e pega Lola dos meus braços. — Venha para a tia Penny.

Eu olho para minha irmã, irritado.

— Tenha cuidado com ela. — Murmuro, meus braços se sentindo perdidos sem minha filha neles.

— Oh, fique quieto. — Ela retruca, sem perder o sorriso.

É tão bom vê-la tão bem. Ela finalmente se recompôs, começou a cuidar de si mesma. Fiquei chocado quando ela me pediu uma mudança de posição no Playground. Atordoado, mas feliz. E, claro, mais do que disposto a fazer o que pudesse para ajudar. E fazia sentido, desde que eu passei mais da metade deste lugar para ela. Meu tempo aqui está chegando ao fim. Penny resolveu administrar as meninas perfeitamente, sua experiência no trabalho lhe dando uma vantagem. Ela as entende. Entre ela, mamãe e Callum, este lugar vai ficar bem.

Eu pego o papel como algo para me ocupar, conferindo a fila de dançarinas para sexta— feira. Tudo parece bem. Isso é dez segundos morto. Eu jogo na minha mesa e procuro outra coisa para fazer, lutando para encontrar qualquer coisa. Tudo está sempre em ordem de ponta nos dias de hoje, mamãe, Penny e Callum cuidando das coisas sem problemas, me liberando para cuidar da minha garota. Eu não faria de outra maneira. Lola e eu estamos ocupados supervisionando a nova construção na vila onde cresci. Apenas mais algumas semanas e eu vou levar minhas garotas daqui para os pastos verdes tranquilos do campo. Eu tenho meu futuro perfeitamente mapeado pela primeira vez na minha vida. Uma pitoresca escola de aldeia, a minha igreja de infância, um jardim que se estende por acres sem vizinhos num raio de 1,6 km. Perfeito. Eu sorrio, caindo em um devaneio. Um devaneio que em breve não será um sonho.

Eu vejo quando Penny se agita em Lola, andando pela sala jogando meu bebê em seus braços.

— O que está acontecendo com você e Judy?

Eu pergunto, desesperado para colocar aquela última queixa para descansar. Penny me dá um olhar cansado.

— Ela precisa lembrar que as meninas são minha responsabilidade. Seu trabalho é o lado financeiro das coisas. Diga a ela para manter o nariz afastado.

— Por que vocês não podem se dar bem? — Eu pergunto, pela milionésima vez. Minha vida seria realmente completa se as duas parassem com o gato e rato.

— Porque, querido irmão, eu sou a filha bastarda do nosso querido pai bastardo. — Ela coloca Lola de lado e me dá um olhar conhecedor. — Ela me odeia.

Eu suspiro, exasperado. Minha irmã tem uma pele grossa e eu sou grato. Não muitos ficariam por perto para enfrentar a ira diária de minha mãe.

— Eu vou falar com ela.

— Novamente? — Penny pergunta, uma curva em seus lábios. Ela está certa. Não fará diferença. — Não se preocupe. Eu posso lidar com ela. Nós temos uma coisa de amor e ódio acontecendo. Mantém as duas nos próprios pés. — Ela pisca para mim e eu sorrio de volta. Eu sei que elas toleram uma a outra por mim. Poderia ser pior, suponho. O nariz de Penny de repente enruga e ela olha para a sobrinha desconfiada. — Acho que alguém encheu sua fralda.

— A bolsa dela está ali. — Eu aponto através do escritório, sem fé que minha sugestão será tomada.

— Isso é bom. — Graceja Penny. — Você é um especialista nos dias de hoje. — Ela se dirige para me devolver o que é meu, mas é interrompida no meio do caminho quando mamãe vem como um furacão. Meus braços estão suspensos no ar.

— Ah, aí está ela! — Mamãe se apressa para Penny. — Dê-me ela aqui. — Ela reclama sua neta e sufoca seu rosto gordinho com beijos.

Meus braços caem pesadamente.

— Como passar a porra do pacote. — Murmuro.

— Ewww! — Mamãe segura Lola à distância, espelhando o nariz de Penny de um minuto atrás. Lola não está perturbada. Ela ri e chuta com entusiasmo nos braços de mamãe. —Menina fedida! Sim você é!

Penny pega sua programação de dança e sai.

— A bolsa dela está lá. — Ela diz por cima do ombro.

Mamãe não responde, mas corre para a esquina e pega a bolsa de Lola.

— Eu vou cuidar dela. — Ela diz, levando minha garota.

— Traga-a de volta. — Eu grito quando a porta bate atrás dela. E me sinto perdido de novo. Eu olho para o meu relógio, contando os minutos até conseguir pegar Izzy.

— Quer vir e conferir a nova gaiola? — Callum pergunta, sentindo que preciso de algo para me manter ocupado até que mamãe devolva Lola.

Eu saio da minha cadeira rapidamente, dando a minha resposta. Nós vagamos juntos até o clube, encontrando algumas garotas praticando rotinas no palco.

— Eu não sinto falta, você sabe. — Eu penso, absorvendo o espaço. Eu só me aventuro no Playground quando preciso, e realmente não mais necessito nesses dias.

— Bem, isso é porque você tem coisas melhores para se ocupar. — Callum lidera o caminho até a nova gaiola, que fica proeminentemente do outro lado do clube. O metal é brilhante, o chão impecável. Não por muito tempo. Suor e sangue logo cuidarão disso. — Como vai a casa?

A menção do nosso novo refúgio no campo me eleva.

— Ótimo. Deveríamos nos preparar para mudar daqui a algumas semanas.

— E você está pronto para uma vida no meio do nada? — Callum pergunta, olhando para mim.

Eu só tenho que pensar na minha infância feliz na aldeia para saber que estou fazendo a coisa certa.

— Este não é um lugar para criar uma criança.

Callum abre a porta da gaiola e gesticula para eu entrar, e eu passo e ando pelo meio, olhando em volta.

— Legal. — Eu penso, e Callum ri.

— O quê?

Suas risadas continuam enquanto ele olha para mim em pé no meio da gaiola, seu dedo apontando para o meu torso.

— Você é um filho da puta tão mau.

Eu olho para baixo com uma careta, lembrei que meu peito ainda está enrolado em um carrinho de bebê. Eu me junto a ele em sua diversão, a ironia não me escapando.

— Ei, como vai a Jess?

— Irritante. — Ele responde secamente. — Como sempre.

Eu rio, profundo e baixo, fazendo a saída. Há outro relacionamento de amor e ódio. Os dois nunca conseguiram ajeitar as coisas. É frustrante para todos que compartilham a história com eles. A química é tão forte hoje como quando eles se conheceram, mas ambos se recusam a agir. Eu não tenho ideia do por que.

— Conte-me...

Sua mão surge rapidamente e me silencia.

— Eu já te disse, não sei se quero transar com ela ou estrangulá-la. Está demorando um pouco para descobrir.

— Ambos?

Ele se vira e se afasta de mim, cansado da conversa novamente.

— Ela me pressiona do jeito errado.

— Você e Jess são padrinhos de Lola. Vocês têm a obrigação de se darem bem.

Ele zomba e sai da gaiola.

— Eu me dou bem com ela. — Ele se vira e segura a porta aberta para mim. — Desde que eu não olhe para ela.

Eu sorrio para ele quando saio, dando outra olhada rápida no meu relógio. Seis horas. Hora de ir buscar Izzy.

— Eu vou pegá-la, até mais tarde. — Eu volto para a casa em busca da minha garota, meu ritmo acelerando quanto mais eu fico. Eu posso senti-la em meus ossos.

Eu vejo mamãe saltando Lola em seu quadril enquanto Jefferson cuida da minha filha. Eu juro, a garota transformou toda a casa em um instituto de maricas. Lola deve me farejar, porque sua cabecinha se aproxima de mim quando eu faço o meu caminho, pronto para reivindicar o que é meu. Ela sorri para mim, tão satisfeita em me ver de novo.

— Venha para o Papai. — Eu a levo do aperto de mamãe. — Hora de pegar a mamãe.

Jefferson estende o cobertor e o casaco rosa.

— Há um frio no ar hoje à noite.

— Assento? — Eu pergunto, sendo imediatamente apresentado com o assento de carro de Lola pela mamãe. Agachando-me, coloco Lola na cadeira e amarro-a.

— Eu não sei como você pensa que vai conseguir quando se mudar. — Pensa mamãe, colocando o cobertor de Lola no colo e colocando-o dentro. Eu a pego com um olhar cansado pelo canto do olho. É uma declaração que ela faz diariamente. Ela sabe que vou

administrar bem. Ela está apenas de mau humor porque não terá acesso constante a Lola quando estiver no trabalho.

— Nós vamos ficar bem.

— E não é saudável tê-la permanentemente amarrada ao seu peito. Ela vai começar a ter ansiedade de separação. — Ela pega o suporte ainda preso a mim e puxa um pouco. — Você vai tirar isso?

— Não. — Eu pego a maçaneta do assento de Lola e me levanto. Eu não sei se vou voltar a ligá-lo. — Até logo. — Eu saio e encontro meu carro esperando, a porta do passageiro aberta, pronta para eu carregar Lola. Ela está segura no banco da frente em alguns segundos fáceis, e depois de beijar sua testa, eu faço o meu caminho.

***

— Vamos esperar aqui, ou vamos encontrá-la? — Pergunto a Lola quando paramos do lado de fora da faculdade. Ela começa a se debater em seu assento, braços e pernas, e eu concordo com a cabeça. — Boa escolha.

Eu pulo para fora e contorno o carro, soltando-a de seu assento e passo suas pernas através dos buracos em sua transportadora, que ainda está presa à minha frente. Uma vez que ela está em segurança na posição, nós seguimos nosso caminho, a atração invisível me levando até Izzy, ficando mais forte quanto mais próximo da faculdade vamos. As mãozinhas de Lola estão enroladas em cada um dos meus dedos indicadores, apertando, sua excitação crescendo.

Cada pessoa que passa por nós enquanto atravessamos os corredores para a sala de aula tem olhos estúpidos, todos eles arrulhando e suspirando quando nos veem. Meu peito incha com um orgulho tão rico, me faz pensar como eu passei sem esse sentimento inacreditável de contentamento na minha vida. Eu me sinto tão completo. Tão satisfeito e sortudo. Eu sorrio de volta em todos eles, mas eu não paro para eles desmaiarem toda a minha garotinha. Eu caminho, ansioso para encontrar minha outra garota.

Chegamos ao auditório e eu me sinto um pouco triste ao ver a porta ainda fechada. Uma rápida checagem do meu relógio me diz que estamos cinco minutos adiantados. Incapaz de resistir, espio através do vidro da porta, encontrando-a imediatamente entre as dezenas de estudantes de medicina. Ela está relaxada em sua cadeira, uma almofada no colo, uma caneta na boca, mastigando enquanto escuta atentamente. Meu coração dispara um pouco e uma onda de calor imprevisível corre para o sul.

— Droga, sua mamãe é uma visão. — Eu suspiro, e Lola grita seu acordo. – Shhh. — Eu me calo. — Precisamos ficar quietos. Ela não terminou.

Lola grita sua objeção, saltando na minha frente. Eu rio baixinho e vejo Izzy se concentrar no cara na frente apontando para fotos de bolas e linhas no quadro. Genes e células do sangue, acho que Izzy me contou, ou algo complexo como isso. Ela parecia saber exatamente do que estava falando. Eu, no entanto, não tinha a menor ideia do que todo o jargão médico que derramou da boca dela significava. Embora eu tenha prestado atenção e expressado meu interesse.

— Sua mãe também é esperta. — Digo a Lola. — Linda e inteligente. — Eu descanso meu ombro no batente da porta, tendo que mergulhar um pouco a cabeça para manter a minha visão dela. Os dedos de Izzy repetidamente vão até o cabelo dela e o empurram para trás sobre as orelhas, as ondas escuras de meio comprimento se recusam a ficar no lugar. Eu olho para a parte de trás da cabeça da minha menina e dou um beijo lá. — Você tem o cabelo da sua mamãe. — Eu ri, provavelmente muito alto, quando Lola sopra um enorme borbulho molhado.

— Shhh, você nos trará problemas. — Eu olho para cima, e bem na hora, Izzy olha por cima do ombro e nos vê através do vidro. Seu rosto, fresco e livre de maquiagem, brilha no momento em que ela bate os olhos em nós.

Eu pego a mão de Lola e a seguro, direcionando sua pequena onda.

— Diga: Oi, mamãe. — Eu sussurro, fazendo Izzy rir. Ela lança um aceno rápido e discreto em retorno e se volta para o palestrante.

São cinco longos minutos até que todos na sala finalmente parem e guardem seus livros e bolsas, e Izzy é a primeira a se libertar da multidão, correndo para a porta. Eu me movo de volta e ela entra no corredor, largando a bolsa no chão e indo direto para o meu peito para reivindicar Lola. Nossa filha está se contorcendo como um verme contra mim, tão animada por vê-la.

— Oh meu Deus, senti sua falta hoje. — Ela solta Lola com facilidade e a levanta do suporte em meu peito, puxando-a para um aperto, fechando os olhos em contentamento. Eu olho para a engenhoca amarrada ao meu peito, imaginando como diabos ela

descobriu isso tão rapidamente. — Brinquedo novo? — Ela pergunta, e eu olho para cima para encontrá-la sorrindo para o portador de bebê.

Eu aceno uma mão desdenhosa, meu coração se transformando em poça enquanto assisto a reunião de minhas garotas, meu cérebro forçando meu corpo a permanecer onde está até que estejam prontas. Eu preciso de um abraço também. Izzy tira o rosto do pescoço de Lola e sorri para mim.

— Tenho certeza de que você só vem me buscar porque ama a atenção que Lola recebe para você. — Ela se aproxima e chega em suas pontas dos pés, empurrando os lábios para a minha bochecha desalinhada.

Eu zombo sem entusiasmo e deslizo um braço ao redor de sua cintura, puxando-a para mim.

— Bobagem. — Eu minto. Ela me pegou. Durante a maior parte da minha vida adulta, as pessoas me deram uma boa distância. E eu gostei. Eu amei o fato de que a maioria era muito cautelosa para se aproximar. Engraçado como ter um bebê preso ao peito resolve isso. — Você está pronta? — Eu pergunto, renunciando ao meu controle, mas só porque sei que quanto mais cedo eu as levar para casa, mais feliz serei e mais devotado ao tempo que posso passar com elas. Izzy acena com a cabeça e eu mergulho para pegar sua bolsa, como sempre, desconcertado pelo peso que ela carregada de livros de medicina. Enfiando-a ao meu lado, começo a levá-las para o carro.

—Meus seios vão explodir. — Ela resmunga, mudando um pouco para aliviar a pressão.

Eu estremeço em solidariedade, sabendo o quanto ela sofre. Ela me ligou algumas vezes em lágrimas, seus seios doloridos aumentando sua emoção, dizendo que não tinha certeza se poderia continuar estudando. Eu falei com ela calmo e rapidamente antes que ela fizesse algo que ela iria se arrepender. Como sair do curso.

— Dia bom? — Eu pergunto, tentando distraí-la de seus seios doloridos.

—Longo. — Ela responde, parecendo um pouco desanimada para compartilhar mais do que isso. Eu entendo então eu não empurro por mais, apenas abraço ela no meu lado mais duro, tomando cuidado com os peitos. Ela expressou seu desejo de deixar os estudos no momento em que ela está livre da faculdade e de volta com sua família. O pensamento me fez abrir um sorriso. Família. Eu tenho meu amor e tenho minha filha. O bom para neutralizar toda a maldade da minha vida. O puro para ofuscar o contaminado. A paz para afogar meus demônios.

***

Como é rotina agora, Izzy toma banho com Lola quando chegamos em casa antes de deixá-la pronta para dormir e se enroscar no sofá para o seu alimento na hora de dormir. E como é rotineiro para mim, eu me sento na extremidade oposta, observando silenciosamente a bela visão da minha filha mamando no seio de Izzy. Hoje em dia não há muitas coisas que me dê mais paz ou prazer do que a visão de minhas duas garotas conectadas tão

intimamente. A cabeça de Izzy está descansando para trás, os olhos fechados de leve, e Lola está entrando e saindo do sono, sua boca parando e começando com o cansaço.

Uma vez que tenho certeza de que Lola está satisfeita, sua sucção parou e não recomeçou eu me levantei do sofá e me movimentei silenciosamente na direção delas. Os olhos de Izzy se abrem quando eu gentilmente recolho Lola de seus braços, seu sorriso sonolento apreciativo. Ela se cobre e suspira, deixando-me para deitar nossa filha durante a noite.

Eu não removo meus olhos maravilhados do rosto angelical de Lola, navegando para o berçário sem precisar olhar para cima. Suavemente, deitando-a para baixo, eu a abraço com força e passo alguns momentos observando-a dormindo, mais uma vez silenciosamente tentando aceitar o fato de que ela é minha.

— Boa noite, princesa. — Eu sussurro, abaixando-me para beijar sua pele de bebê.

Fazendo meu caminho de volta para a sala, eu me dirijo para Izzy. Ela deve ouvir meus passos, porque sua cabeça gira em seu pescoço delicado para me encontrar, seus olhos me levam para a cama me batendo com força. Meu pau se arremessa por trás da minha calça jeans, praticamente me tirando o fôlego. Não digo nada e tiro-a do sofá. Seus braços vão ao redor do meu pescoço e me agarra enquanto ando em direção ao nosso quarto e a coloco gentilmente na cama.

— Hora de você relaxar. — Eu declaro, puxando minha camiseta por cima da cabeça e jogando-a de lado.

Seus olhos me absorvem seu esgotamento desaparecendo e sendo substituído por uma saudade que eu aprecio todos os dias. A reação do meu corpo a ela é tão forte agora quanto no momento em que a encontrei. O sangue corre para o meu pau que pulsa em sua presença, e eu gemo em resposta, deslizando meus polegares no cós do meu jeans e os puxando lentamente para baixo. Suas respirações ofegantes se tornam mais rasas com cada centímetro de mim que revelo, até que seus olhos brilham com luxúria.

— Tire suas roupas, Izzy. — Ordeno, saindo do meu jeans e chutando-as para o lado.

Seus olhos se arrastam sobre meu torso, até os meus olhos, uma lasca de sua língua molhada deslizando através de seu lábio inferior. Empurrando-se de joelhos, ela segura meus olhos enquanto lentamente, propositadamente devagar, desabotoa a frente de sua blusa. A batalha física que eu estou tendo que me impedir de balançar para frente e rasgá-la é dolorosa. Não há sutiã por baixo. Isso é descartado no momento em que ela passa pela porta, e embora a razão para ela se aliviar do material que mantém seus seios inchados durante o dia seja puro alívio, para mim, é como uma bandeira vermelha para um touro. Isso aumenta a tortura de ter que esperar por este tempo no final do nosso dia para nos reunirmos. Está claro... porra... agonia, se torna suportável pelo conhecimento e razão que minha filha precisa de Izzy mais do que eu. Simples, mas ela precisa.

Esperando ansiosamente por Izzy me tirar da minha miséria, eu engulo um pouco e ela sorri, sabendo que a força de vontade está me levando. Então ela desliza a blusa de um ombro, me dando uma

espiada dolorosa de um seio inchado. Gotas de suor se formam na minha testa, minhas mãos se contorcendo ao meu lado.

— Pare de brincar comigo, Izzy -avisto, dando um passo à frente.

Seus lábios se curvam e ela desliza do ombro do outro lado. Deixo escapar um gemido audível, falando alguma razão em meus ossos desesperados. Eu não devo agarrá-los. Suavemente, se faz assim com as mamas.

— Diga-me. — ela sussurra, livrando os braços da camisa e lentamente empurrando o jeans para baixo de suas pernas. Jogando-os do outro lado do quarto, ela se recosta de costas e abre as pernas, empurrando os dedos para o topo de sua calcinha. — Você vai me foder como uma prostituta?

Eu sorrio, estendo a mão para frente e agarro sua calcinha, puxando-as pelas pernas. Ela grita e se contorce, rindo, enquanto eu separo seus joelhos para abrir espaço para mim. Eu me estabeleço entre as pernas dela, segurando seus braços acima da cabeça, mas tenho certeza que não vou descansar muito do meu peso em seus seios macios, embora eu tenha certeza de que meu pau está empurrando em seu núcleo. Sua respiração engata no contato, então eu circulo antes de levantar meus quadris e deixar meu pau sólido cair em sua abertura. A suavidade dela combinada com a cabeça gotejante da minha ereção a faz gritar desesperadamente.

— Como as mesas se viraram. — Eu sussurro, inclinando-me e mordendo o lábio, puxando a carne inchada através dos meus dentes.

— Solte minhas mãos. — Ela implora, lutando contra o meu aperto.

— Não. — Eu giro e dirijo profundamente dentro dela, nossa conexão enviando meu mundo em uma volta.

— Theo! — Seus quadris empurraram para cima, encontrando os meus, me tocando tão profundamente. — Liberte-me.

Eu sorrio através da minha paralisia e forço minhas mãos a entregar seus pulsos, dando a ela o que ela quer.

E, mais significativamente, o que eu preciso.

O toque dela.

Deslizando sobre a minha pele, agarrando violentamente e forçando meu corpo mais perto do dela. A sensação dela em mim está fora deste mundo.

As mãos da mulher que me tocou e se recusou a me deixar ir.

As mãos da mulher que me curou.

Fim

AGRADECIMENTOS

Como sempre, um milhão de agradecimentos a todos que tornam possível cada livro que escrevo. Sinto que estou ficando sem maneiras de expressar minha gratidão, mas espero que todos saibam agora o quanto cada um de vocês significa para mim. E uma menção especial ao meu homem da vida real, Jamie. Eu sei que sou impossível quando estou perdida em meus mundos fictícios, mas sempre volto para você. Obrigada por não só me apoiar, mas também validar meus sonhos. E por amar e me proteger tão ferozmente.

SOBRE A *Autora*

Jodi Ellen Malpas nasceu e cresceu na cidade de Northampton, na Inglaterra, onde mora com seus dois filhos e um beagle. Ela é uma autodidata sonhadora, viciada em Converse e mojito, e tem um terrível ponto fraco para machos alfa. Escrever histórias de amor poderosas e criar personagens viciantes tornou-se sua paixão, uma paixão que ela agora compartilha com seus leitores dedicados.

Seus romances atingiram as listas de best-sellers do *New York Times*, do *USA Today*, do *Sunday Times* e de várias outras publicações internacionais, e podem ser lidas em mais de vinte e quatro idiomas em todo o mundo.

Você pode aprender mais em:

JodiEllenMalpas.co.uk

Twitter @ JodiEllenMalpas

Facebook.com/JodiEllenMalpas